

REMINISCÊNCIAS DA ÍNDIA

Do original: MEMORIES OF INDIA: RECOLLECTIONS OF SOLDIERING AND SPORT. Philadelphia: David McKay Publisher, 1915.

Robert Stephenson Smyth Baden-Powell

Versão para o português (Brasil) de Fernando Antônio Lucas Camargo

ESTA É UMA OBRA INDEPENDENTE; NÃO É UMA OBRA OFICIAL DA UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL OU POR ELA AUTORIZADA. ESTA TRADUÇÃO LIVRE FOI FEITA COMO EXERCÍCIO INTELECTUAL DE MANUTENÇÃO DA PROFICIÊNCIA NO IDIOMA, SEM FINS LUCRATIVOS DE QUALQUER NATUREZA.

Os velhos esquecem; mas aquele que tudo tiver esquecido há de lembrar-se com vantagens das proezas que praticou neste dia. (...) O homem bom contará esta história ao seu filho. E o dia de São Crispim jamais passará, de hoje até o fim do mundo, sem que nele sejamos lembrados – nós poucos, nós poucos felizardos, nós bando de irmãos, pois aquele que verter seu sangue comigo hoje será meu irmão. Por vil que seja, este dia há de enobrecê-lo. E os cavalheiros na Inglaterra, que agora dormem, julgar-se-ão malditos por não terem estado aqui, e menosprezarão sua própria virilidade enquanto falar alguém que lutou conosco no dia de São Crispim.

(William Shakespeare, *Henrique V*, ato IV, cena III, tradução livre)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos Soldados Desconhecidos de todas as épocas e nações.

O TRADUTOR

Fernando Antônio Lucas Camargo ingressou no Movimento Escoteiro, como membro juvenil, em 1983. Conquistou o Nível Avançado como Escotista (Ramo Pioneiro) em 1991, como Dirigente de Formação em 2007 e como Dirigente Institucional em 2012. Atua na Equipe Regional de Formação de Minas Gerais desde 1991, com direção e participação em cursos, elaboração e revisão de manuais de treinamento de recursos adultos. É graduado em Pedagogia (Universidade Federal de Minas Gerais), pós-graduado em Gestão de Recursos Humanos e Mestre em Educação. Credenciado no Exército Brasileiro como proficiente nos idiomas inglês e italiano. Habilitado pelo Exército Brasileiro como gestor de Comunicações militares, montanhista (11º Batalhão de Infantaria de Montanha) e Assessoria ao Comando e Estado-Maior (U.S. Army Sergeants Major Academy). Integrou o 2º contingente do Batalhão Brasileiro (fevereiro a agosto de 1996) na Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola (UNAVEM III). Verteu para a língua portuguesa *The left handshake: the Boy Scout Movement during the War, 1939-1945*, de Hilary St. George Saunders; *The Scouts' book of heroes: a record of Scouts' work in the Great War*, de F. Haydn Dimmock; *The Chief: the life story of Robert Baden-Powell*, de Eileen Wade; e *Adventures and accidents*, de Robert Baden-Powell.

Obras publicadas:

- **Um romancista em campanha:** Taunay na Guerra do Paraguai. São Paulo: Baraúna, 2010.
- **Jogando para a segurança:** jogos para treinamento em segurança do trabalho. São Paulo: Nelpa, 2010 (coautoria com Miguel Augusto Najar de Moraes).
- **Comida de aventura:** alimentação em atividades de campo. Rio de Janeiro: Livre expressão, 2012.

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Certo dia, em uma mistura de surpresa e alegria, recebi de meu querido Mestre Pioneiro, Fernando Antônio Lucas Camargo, o convite para prefaciar a obra que acabara de traduzir: *Memories of India: Recollections of soldiering and sport* (Reminiscências da Índia).

Fernando Camargo é um dos maiores estudiosos do Movimento Escoteiro, conhecendo, como poucos, detalhes da nossa história e o receio de não atender, a contento, a missão dada, durou pouco tempo, talvez segundos, aceitando o desafio e dando início imediato ao trabalho.

Durante a leitura da obra, leitura esta que esperava que não terminasse tão cedo, diante da riqueza do texto, inúmeros foram os contatos mantidos entre este e o tradutor da obra, sempre comentando trechos da vida de Baden-Powell.

A obra retrata a vida do nosso querido B-P no período em que, como oficial do Exército Britânico, serviu na Índia.

É possível constatar como foi a formação daquele que, anos mais tarde, teria dado o pontapé inicial para a criação do maior movimento educacional não-formal do Mundo.

A relação entre B-P e os demais militares, fossem ou não subordinados, além daqueles que estavam ao seu redor, demonstra a importância que ele dava ao trabalho em equipe, importância esta que foi importada para o Movimento Escoteiro.

O espírito jovial do nosso fundador, ora realizando brincadeiras com aqueles que o rodeavam, ora sendo alvo destas brincadeiras, demonstra, de forma cristalina, a alegria e o espírito de camaradagem próprios do Escotismo, sendo mais fácil de se entender quando Baden-Powell afirma que o Chefe escoteiro deve ser um irmão mais velho do jovem.

A obra relata ainda várias aventuras vividas por B-P, as suas caçadas, viagens, jornadas, acampamentos, bem como o amor pela vida ao ar livre e pela observação de tudo aquilo que o cercava.

O estudo da História nos permite conhecer aquilo que foi pensado e realizado pelo homem, ajudando na compreensão da evolução das instituições, possibilitando que o futuro seja mais previsível.

Assim, se você se propõe a praticar o “Escotismo” de verdade, a compreensão da formação do nosso fundador, os seus valores, princípios e forma de pensar e agir são fundamentais, pois daí será mais fácil agir quando, diante de uma situação de dúvida, não souber qual será o próximo passo a ser dado.

Enfim, sem maiores delongas, vamos à leitura de mais uma obra do nosso querido “Toalha de Banho”.

Neanderson Martins Ramos

Chefe Escoteiro – Grupo Escoteiro Major Anatólio Alves de Assis
(146°/MG)

REMINISCÊNCIAS DA ÍNDIA

INTRODUÇÃO À VERSÃO BRASILEIRA

Uma vez mais, lanço-me ao desafio de traduzir uma “antiguidade literária Escoteira”, novamente, do próprio “Toalha de Banho¹”. Esta obra do Fundador do Movimento Escoteiro traz as suas recordações dos dois períodos em que serviu no Subcontinente Indiano e Afeganistão: o primeiro, como Tenente e Capitão; e o segundo, depois de um intervalo de uns dez anos, quando lá retornou como Tenente-Coronel, comandando um regimento.

Vários trechos deste livro já terão sido vistos por quem leu outras obras de Baden-Powell, como *Caminho para o sucesso*, *Escotismo para rapazes*, *Lições da escola da vida*, *Aventuras e peripécias*, ou sobre ele, como *O Chapelão* ou *O Chefe*. Mas aqui busquei trazer a fonte primeira, o próprio relato que ele foi acumulando ao longo dos anos e que levou à publicação quando já era General, famoso e na Reserva.

Do mesmo modo que aconteceu com as obras que já me aventurei a verter para o português (*The left handshake*, *The Scouts' book of heroes*, *The Chief* e *Adventures and accidents*), conheci *Memories of India* ao garimpar na página *The Dump*, da Associação Escoteira do Canadá (www.thedump.scoutscan.com). Seria um novo desafio, especialmente considerando a extensão do livro, com 180 páginas no original. Para dar um adjetivo a este trabalho, eu poderia dizê-lo exótico.

Procurei marcar cada um dos meus trabalhos de tradução com datas significativas de início e término. Aí já é um caso de mania pessoal, de ressaltar as datas históricas.

Minha primeira tradução foi *The left handshake*, uma obra de maior porte (135 páginas no original), que tratou não apenas de Escoteiros que se fizeram notórios, mas também do trabalho anônimo,

¹ Apelido de Baden-Powell em Charterhouse School, pela semelhança fonética (Baden-Powell/Bathing-Towel).

ou quase anônimo, de muitos outros que “fizeram o seu bocadinho²” para evitar que o mundo afundasse numa “nova Idade das Trevas, tornada mais sinistra e talvez mais prolongada pelas luzes da ciência pervertida³”. Foi um trabalho emocionante, que fiz entre 1º de dezembro de 2015 e 24 de maio de 2016. O ano de 2015 foi o do 70º aniversário do término da Segunda Guerra Mundial, e terminei a tradução no 150º aniversário da Batalha de Tuiuti.

The Scouts’ book of heroes conta sobre Escoteiros que se destacaram por ações na Grande Guerra⁴ e receberam condecorações. Posso dizer que é uma obra de exaltação, como os *exempla* das vidas dos santos. Foi um trabalho interessante, que fiz entre 4 de outubro de 2016 e 22 de junho de 2017. 2016 foi o centenário do Ramo Lobinho (e da Batalha do Somme), e marquei o início da tradução no Dia do Lobinho, terminando no 76º aniversário da Operação Barbarossa (invasão da União Soviética pelos alemães, na Segunda Guerra Mundial).

Em *The Chief*, edição revista de *The Piper of Pax*, a Sra Wade, secretária de Baden-Powell, trouxe a percepção de uma observadora muito próxima, complementando a autobiografia do Fundador, enriquecendo-a com extratos de outros livros e anotações pessoais de B-P. Traduzi-lo foi um trabalho divertido, feito entre 1º de agosto de 2017 (aniversário da abertura do acampamento de Brownsea) e 8 de janeiro de 2018 (aniversário de morte de B-P).

Em *Aventuras e peripécias*, B-P conta vinte episódios vividos, em família e no serviço, em diferentes momentos e lugares do mundo. Foi um trabalho curioso, que iniciei em 22 de fevereiro de 2018, 161º aniversário de nascimento de B-P, e dei por terminado em 22 de junho de 2018, 77º aniversário do desencadeamento da Operação Barbarossa, na Segunda Guerra Mundial.

² Ideia-força do tempo da Primeira Guerra Mundial, usada em diversos veículos de propaganda para a frente doméstica britânica.

³ Winston Churchill, em seu memorável discurso de 18 de junho de 1940 (“Esta foi sua mais bela hora”).

⁴ Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Nestas *Reminiscências*, B-P revisita seus tempos de juventude, nos diários e nas cartas à mãe – o livro é dedicado à memória de dona Henrietta, “que julgou valer a pena preservar minhas cartas” –, com os desenhos e pinturas por meio dos quais ele procurava “dar uma ideia de como eram as coisas” por lá. E completa com suas peripécias da idade madura – se bem que “maduro” pode ser um termo meio difícil de aplicar a um sujeito que, Comandante de um Regimento de Cavalaria, se disfarçou para participar como “penetra” num jantar do qual supostamente era o anfitrião.

Conquanto fale de belas paisagens, de tipos humanos e de brincadeiras, não se pense que a vida de B-P foi um passeio: ele teve treinamento para a guerra, e viveu ações de combate, expondo-se a matar e ser morto. Viveu as pressões do comando, como responsável pelas vidas de seus subordinados e pelo patrimônio sob sua responsabilidade. Sobreviveu por suas habilidades e, também, por seu espírito alegre, que o levou a não apenas viver com gosto a carreira das Armas, mas até a encontrar nela diversão.

Verter uma obra de um idioma para outro exige mais que substituir uma palavra por outra: é preciso entender toda a mensagem, o “espírito” de uma frase, ou até de um parágrafo inteiro, para, então, expor essa ideia no nosso vernáculo.

Há expressões idiomáticas, jogos de palavras e trocadilhos que por vezes podem ser perdidos, ou ficar sem graça fora do seu contexto original, ou que sejam peculiares à época, a uma categoria profissional ou a um tipo de esporte. Além disso, pode haver expressões que representem uma visão de mundo que hoje poderia ser considerada “incorreta⁵”, mas que à época era considerada “normal”. Assim, antes de jogar pedras em B-P ou em seus contemporâneos, é preciso entender o contexto de um homem do período vitoriano (apogeu do Império Britânico, dos discursos do “fardo civilizador do homem branco”, das teorias raciais e da eugenia) e que viveu a carreira das Armas.

⁵ Como quando B-P se refere aos *niggers* (negros, em tom de inferiorização) nativos.

Iniciei este trabalho em 11 de novembro de 2018, centenário do Armistício que pôs fim à Primeira Guerra Mundial. Dei-o por terminado em 26 de janeiro de 2020, aniversário da instauração da República da Índia, com a entrada em vigor de sua Constituição. Começar esta tradução no Dia do Armistício foi a maneira de homenagear meus irmãos de armas de todos os tempos; obscuro e anônimo soldado também eu, com este trabalho presto a eles minha continência.

Vamos à leitura?

INTRODUÇÃO, PELO AUTOR

Robert Baden-Powell

Talvez o único ponto que desculpe estas “Reminiscências” é que elas foram, em larga medida, extraídas de diários e cartas que foram escritos sem a ideia de qualquer outra pessoa os ver, a não ser minha mãe.

Em certa medida, elas são relatos diretamente contra mim mesmo, uma vez que me mostram tendo sido nada mais que um tolo e comum asno juvenil que curti passar trotes, era louco por cães e cavalos e que passou pelas experiências do cotidiano de um oficial subalterno na Índia.

Não há nada de muito romântico ou excitante nisso, e há muita bobagem, mas ao mesmo tempo penso que esse tipo de coisas raramente é posto por escrito da forma como ocorreram a alguém nesse tempo. De qualquer modo, elas podem servir para recordar a outros oficiais idosos além de mim que eles próprios, em seu tempo, sentiram e fizeram coisas que os oficiais subalternos de hoje pensam e fazem. À medida que caranguejamos para a velhice, tendemos a esquecer que já fomos jovens, do mesmo modo que eu próprio quase esqueci quanto gostava de ter todo meu rosto, exceto uma pequena área, esfolado numa gloriosa luta-livre.

Com muito poucas exceções, as ilustrações reproduzem esboços que mandei para casa para mostrar com que a Índia se parecia, e têm a virtude de terem sido feitas no próprio local.

Estas Reminiscências estavam para ser impressas em julho de 1914, mas a publicação foi postergada em virtude da deflagração da Grande Guerra⁶. Os resultados da campanha até agora⁷ de forma alguma modificam as opiniões aqui trazidas quanto ao caráter e treinamento do oficial e soldado britânico atuais.

Ewhurst, East Sussex.

⁶ Primeira Guerra Mundial (1914-18).

⁷ 1915.

CAPÍTULO I

ENTREI NO EXÉRCITO

Minha primeira lição de tática foi aprendida sob a direção daquele famoso educador de rapazes, o Dr Haig-Brown⁸, na velha escola de Charterhouse⁹, em Londres. A rixa entre os valentões do Mercado de Smithfield e os garotos de Charterhouse tornara-se uma instituição perene, e com frequência os combates feriam-se por dias sucessivos. Nesta ocasião em particular, os garotos de Smithfield haviam tomado posse de um terreno baldio vizinho ao nosso campo de futebol, de onde nos atacavam com chuvas de pedras e pedaços de tijolo sempre que tentávamos jogar lá. Nosso lado respondia na mesma moeda, com ocasionais sortidas dos mais fortes por sobre o muro. Com quatro ou cinco outros meninos, pequeno demais para tomar parte na luta real, eu estava assistindo à batalha quando, de repente, percebemos que o diretor estava ao nosso lado, ansiosamente assistindo o desenrolar da luta. Ele então nos fez uma observação: “Acho que se alguns de vocês passassem por aquela porta lateral poderiam atacá-los pelo flanco”.

“Sim, senhor”, replicou um de nós, mas a porta está trancada”.

Então o mestre afundou a mão em sua beca e disse: “De fato, mas aqui está a chave”.

Ele nos liberou jubilantes, e nosso ataque foi um pleno sucesso.

Trinta anos depois eu voltaria a me referir a esse incidente, num jantar que me foi oferecido pelos velhos colegas de escola depois da Guerra Sul-africana¹⁰, ao qual o próprio Dr Haig-Brown estava presente.

⁸ William Haig-Brown (1823-1907) foi diretor de Charterhouse de 1863 a 1897, continuando lá como professor até sua morte em janeiro de 1907. Considerado um dos quatro grandes reformadores das escolas públicas da era vitoriana.

⁹ As antigas instalações de Charterhouse eram no centro da cidade, em Londres. No tempo de B-P foi feita a mudança para Godalming, uma área muito maior e onde B-P conheceria o Bosque.

¹⁰ A Segunda Guerra Anglo-Bôer, que ficou conhecida como a Guerra dos Bôeres ou do Transvaal, durou de 11 de outubro de 1899 a 31 de maio de 1902; B-P participou dela comandando o setor junto à fronteira da Bechuanalândia, ganhando fama pela resistência no cerco de Mafeking. Ao seu término, a África do Sul foi absorvida pelo Império Britânico. A Primeira Guerra Anglo-Bôer foi de dezembro de

Ele, então, corroborou minha história e ainda foi além, recordando os nomes dos outros garotos que formaram a equipe do ataque de flanco.

Foi por ocasião desse combate que o Doutor deu uma de suas respostas características. Um cidadão irado veio até ele e queixou-se que quando estava inocentemente passando junto ao local da cena da luta na parte de cima de um ônibus¹¹, um dos seus olhos quase foi avariado por uma pedra. O Doutor manifestou sua lástima pelo imprevisto evento, mas assegurou ao homem que ele era muito sortudo por não ter perdido os dois olhos sendo tão descuidoso com sua própria proteção, ao passar em um ônibus enquanto a batalha rugia entre os garotos de Charterhouse e os de Smithfield.

De Charterhouse candidatei-me para cursar Oxford, mas meu aprendizado aparentemente não foi considerado suficientemente meritório para fazer-me admitido em Balliol de Christchurch, onde eu almejava ir. O autor de *Alice no país das maravilhas*¹² foi meu examinador em Matemática, e descobriu o que eu já lhe poderia ter dito de início: que Matemática era um assunto do qual eu sabia muito pouco ou nada. Eu tinha vaga esperança de que a reputação de meu pai como professor saviliano¹³ de Geometria pudesse levar-me através do portão para a universidade. Mas minha esperança era fútil e, para essa ocasião, eu tinha então que posicionar-me como um membro desvinculado.

A poucos dias da possível matrícula, prestei o concurso para o Exército, para testar minhas possibilidades nessa direção, mas sem quaisquer esperanças de passar nessa primeira tentativa. Algumas semanas depois, aconteceu de eu estar no iate do Dr Acland no rio Solent,

1880 a março de 1881; por sua brevidade e por ter findado com vitória bôer, anulando a tentativa de anexação do Transvaal pelos britânicos, é menos conhecida; seu principal combate foi a batalha de Majuba Hill, 27/02/1881.

¹¹ Ônibus londrinos de dois andares.

¹² Prof Charles Lutwidge Dodgson, mais conhecido pelo pseudônimo Lewis Carroll.

¹³ A cátedra saviliana de Oxford foi estabelecida em 1619 por Henry Savile, para elevar o nível dos estudos de Matemática. O Prof Baden Powell (pai de B-P) foi catedrático saviliano de 1827 a 1860.

onde estava também o Deão¹⁴ Liddell, de Christchurch. Ao ler o seu jornal matinal, ele me relatou que na lista dos aprovados para o Exército ele achou um com o meu nome, e para meu espanto descobri que eu tinha passado; não apenas havia passado, mas estava também muito próximo do topo da relação. Eu havia feito ambos os exames, para a Cavalaria e para a Infantaria, e havia aparecido bem alto em ambas as listas¹⁵. Eu não sabia nesse tempo, e desde então não fui capaz de imaginar como isso veio a acontecer. Posso apenas supor que os examinadores devem ter lido errado meu número de inscrição na prova, e que algum outro camarada realmente inteligente está agora atravessando uma precária existência como escritor ou ator de teatro, quando deveria estar na posição por mim ocupada. Mas essa é a vida, e não me arrependo dela.

Os candidatos bem-sucedidos eram todos selecionados para Sandhurst¹⁶ para um curso de formação de dois anos antes de serem de fato incorporados ao Exército, mas por alguma estranha sorte os seis primeiros classificados foram dispensados dessa etapa preliminar e poderiam ser diretamente designados para regimentos¹⁷. Assim, apesar

¹⁴ Líder de um órgão colegiado da Igreja.

¹⁵ B-P foi segundo colocado para Cavalaria, e quarto para Infantaria.

¹⁶ Academia Militar de Sandhurst, onde se formam os oficiais do Exército Britânico. Alguns contemporâneos de B-P ganhariam fama, como Horace Smith-Dorrien (1858-1930) e Herbert Plumer (1857-1932). Smith-Dorrien ingressou em Sandhurst em fevereiro de 1876; foi um dos poucos sobreviventes da batalha de Isandlwana (Guerra Anglo-Zulu, 1879); combateu na batalha de Omdurman contra os dervixes (1898); combateu na Guerra Anglo-Bôer (1899-1902), na qual foi, como B-P (porém um pouco antes), promovido a Major-General em 1900. Na primeira década do século, propôs importantes mudanças no treinamento individual dos soldados e na dotação de metralhadoras para as unidades. Na Primeira Guerra Mundial, comandou o II Corpo de Exército, conduzindo eficazmente os movimentos retrógrados em Mons e Le Cateau (agosto de 1914), e depois o II Exército, até ser substituído em maio de 1915. Herbert Plumer entrou para o Exército na mesma ocasião que B-P (setembro de 1876), mas foi para Sandhurst. Combateu junto com B-P na Rebelião Matabele (1896-7) e na Guerra Anglo-Bôer. Na Primeira Guerra Mundial, comandou o V Corpo de Exército e, logo após a Segunda Batalha de Ypres, substituiu Smith-Dorrien no comando do II Exército. Sob seu comando os britânicos foram bem-sucedidos na batalha de Messines (junho de 1917) e em Polygon Wood (setembro de 1917). Terminou a guerra comandando o II Exército.

¹⁷ Nesse tempo, como o Exército tinha uma grande carência de quadros para o serviço nas possessões imperiais, abriu-se esse tipo de recrutamento emergencial, no qual os oficiais seriam treinados no próprio local em que estivessem servindo – nosso conhecido *on-the-job training*. B-P foi beneficiado por essa “estranha sorte” ao ser designado para servir na Índia, pois não teria como custear a cara vida de

de eu só ter deixado Charterhouse em junho, eu setembro eu recebera minha comissão como oficial e em novembro estava na Índia, lotado no 13º Regimento de Hussardos¹⁸. Foi aí que a minha sorte para promoções começou, e ela nunca me abandonou em cada posto a que ascendi pelo resto da carreira.

Durante a Campanha Sul-africana, um general bastante conhecido expôs como sua opinião, em termos mais duros que polidos, que a nova geração deveria ser provida pela natureza com almofadas de veludo para se sentar. Ele havia passado por tempos mais difíceis como oficial subalterno do que aquilo que a maioria dos oficiais de hoje passa. Os incidentes da minha primeira viagem para a Índia, mesmo que pareça terem sido um ou dois anos atrás, lembram-me que os tempos de fato mudaram. O velho *Serapis*, que considerávamos um navio maravilhoso naquele tempo, tinha deslocamento inferior a 5.000 toneladas, e era dotado de mastros e velas para ajudarem seu pequeno motor a dar-lhe propulsão, com uma velocidade média de uns nove nós¹⁹.

oficial na metrópole. Foi um período muito peculiar quanto ao processo de admissão, treinamento e progressão na carreira, mesclando os “tropeiros” com os que cursavam a Academia em Sandhurst – um progresso notável, se comparado ao que ocorria ao tempo da Guerra da Crimeia: as comissões como oficial eram compradas, e podia-se chegar (como se chegou) ao absurdo de um sujeito totalmente incapaz para o comando, como Lord Raglan, ser comissionado no comando de uma Brigada de Cavalaria (era ele o comandante da Brigada Ligeira, na batalha de Balaclava). Essa formação paralela permitiu que tanto “acadêmicos”, como Herbert Plumer, quanto “tropeiros”, como Baden-Powell, comandassem unidades e, mesmo, chegassem ao generalato. Detalhe: ambos ingressaram no Exército no mesmo concurso, em setembro de 1876, e B-P era mais antigo que Plumer.

¹⁸ Hussardo: Cavalaria ligeira, destinada a missões de reconhecimento. Ao tempo de B-P, os hussardos usualmente se armavam com carabina, sabre e, segundo a situação o exigisse, lança. O 13º foi constituído em 1715. Entre as principais ações em que tomou parte estão a Campanha Peninsular de 1810, a batalha de Waterloo, a Guerra da Crimeia, a Guerra dos Bôeres e a Primeira Guerra Mundial. Em 1922, foi juntado ao 18º, tornando-se o 13º/18º Regimento Real de Hussardos. Na Segunda Guerra Mundial, combateu na Batalha da França (1940) e na Normandia (1944). Atuou na Irlanda do Norte, fez parte das forças da OTAN na Alemanha Ocidental, forneceu esquadrões para a Força de Paz das Nações Unidas em Chipre. Em dezembro de 1992, o regimento foi fundido com o 15º/19º Real de Hussardos, constituindo os Dragões Ligeiros (*Light Dragoons*). Atualmente, os *Light Dragoons* são o único Regimento de Cavalaria Ligeira do Reino Unido.

¹⁹ Nó: 1 milha náutica (1852 m) por hora. 9 nós, pouco mais de 16,5 km/h.

Deixamos Queenstown em 3 de novembro de 1876. Meu alojamento era numa espécie de covil abaixo da linha d'água²⁰, acompanhando a quilha do navio e próximo do leme e do hélice²¹; era chamado “Pandemônio” porque era um lugar escuro, profundo e subterrâneo, e, por falta de ventilação, quase tão abafado e quente quanto o seu apelido. Aqui estávamos amontoados em pequenos compartimentos para três ou quatro ocupantes; mas o lugar era tão desagradável que as misericordiosas autoridades nos permitiram dormir nas escadas ou nos corredores, onde desejássemos. Frequentemente, durante a noite, éramos acordados pelos oficiais e chefes de serviço do navio ao fazerem suas rondas, para perguntarem por que estávamos dormindo ali. Se a resposta era “Pandemônio”, a razão era considerada suficiente e nada mais era dito; se não fosse esse o caso, os que eram apanhados dormindo fora recebiam determinação para retornar às suas cabines.

Nós, entretanto, não nos fazíamos de coitados com relação ao que havia ao nosso redor, e, usando o “Pandemônio” como meramente depósito de material e lugar de refúgio em caso de ataque por forças mais poderosas, fazíamos incursões contra os mortais mais felizardos que habitavam os conveses acima, em relativo conforto nas “estrebarias”, como eram apelidadas as cabines.

O *Serapis* mal havia entrado no Golfo de Biscaia quando fomos acometidos por um tremendo vendaval vindo do ocidente. Já tendo ouvido falar dos terrores da Biscaia, esperávamos por isso como um mal necessário ao cruzar essa conhecida parte do oceano, e tratávamos isso como parte dos trabalhos do dia-a-dia. Já tendo passado por lá umas vinte vezes desde então, entendo hoje que aquela foi uma tempestade excepcional. Naquele tempo, levava uns três ou quatro dias para cruzar o golfo, e nessa ocasião a travessia foi prolongada pela dura condição de

²⁰ Marcação pintada no casco de uma embarcação, a indicar até onde ela cala (submerge) sob condições normais de carga.

²¹ Em marinharia, “hélice” é substantivo masculino.

navegação, o que por resultou em um retardo de mais meio dia devido ao mar pesado. A tempestade encravou dois escaleres em seus turcos²² e levou embora as escadas que conduziam do convés superior à cintura do navio²³.

A tripulação do navio de transporte era pequena nessa ocasião, porque cada marinheiro tinha uma meia dúzia de soldados para ajudá-lo em suas várias tarefas; mas, como seria de se esperar, neste momento, quando seu auxílio era mais necessário, todos os soldados estavam mais ou menos desamparados devido ao enjoo, e conseqüentemente os marinheiros ficaram consideravelmente sobrecarregados. Num certo momento do vendaval, nosso gurupés²⁴ foi golpeado e arrancado, mas ficou pendurado pelos cabos, batendo contra o costado. Alguns homens saíram para a rede a fim de recolher os destroços, quando outra massa de água veio e levantou-os todos de lá, lançando-os de volta sobre o castelo de proa, onde aterrissaram mais ou menos avariados, mas felizmente sem ninguém ter sido carregado para o mar.

Devido a ser treinado desde criança e a ser chacoalhado em pequenas embarcações no mar²⁵, eu até que era um bom marinheiro, então não tive dificuldade em lidar com a situação. Encaixei-me entre o mastro e uma mesa no salão, sentado numa confortável poltrona, e me ajeitei com um bom livro, sem me incomodar com os rangidos do navio e os gemidos nas cabines ao meu redor. Na cabine das damas, onde algumas das esposas dos oficiais tinham seu alojamento, o capelão do navio esforçava-se para confortar algumas das passageiras mais

²² Roldanas, geralmente em braços articulados, por meio das quais se içam ou arriam os escaleres de um navio.

²³ Posição usualmente à meia-nau, ligando o convés superior ao de embarque/desembarque.

²⁴ Mastro que se projeta horizontalmente adiante da proa do navio. Para segurança de quem manobra a vela que a ele se prende, geralmente há uma rede por baixo dele.

²⁵ A família tinha um pequeno veleiro, e B-P com os irmãos, capitaneados por Warington (o mais velho e já com experiência de marinharia), volta e meia faziam excursões nessa embarcação. Warington Baden-Powell, em 1909, escreveria o primeiro manual para Escoteiros do Mar. Sob o comando de Warington é que B-P teria sua primeira (e malsucedida) experiência como cozinheiro de bordo.

nervosas. No meio das suas exortações, um jogo mais forte do navio escancarou as portas dos guarda-louças do refeitório e uma avalanche de coberturas metálicas e pratos desceu ruidosamente pelo salão. Parte da mesma onda atingiu a claraboia acima do convés e quebrou parte do vidro, produzindo um derrame de água que mais ou menos alagou o local. As damas interpretaram esse contratempo como um sinal de que o fim estava próximo e, saindo de suas cabines em todos os graus de *toilette* de quarto, vieram gritando por ajuda e conforto. Uma delas correu para mim, perguntando se havia algum perigo. Eu respondi: “Por certo que não, se a senhora se sentar nesta poltrona e ler este ótimo livro”, entregando-lhe o romance que eu estava lendo. Certamente isso a reconfortou, mas depois eu me arrependi do meu autossacrifício, pois não pude encontrar outro lugar tão confortável, nem outro livro, e a dama em questão me evitou pelo resto da viagem, por vergonha de sua mostra de fraqueza. Assim, dei uma rata em todos os campos!

Ficamos felizes em sair do vendaval para a calma do Mediterrâneo, e quando chegamos a Malta tivemos de deixar lá uns vinte marinheiros, para que se recobrassem dos seus vários graus de ferimentos, fraturas e contusões, e embarcar outros em seu lugar. Tal como os detalhes de um sonho, os incidentes de uma viagem normal são de pouco interesse para os outros, mas que eles eram importantes para alguém mostra-se pelo fato de eu tê-los registrado cuidadosamente em meu diário ou em cartas para casa; e, apesar de eles dificilmente resultarem em crédito para mim, de todo modo lançam uma luz sobre a natureza irresponsável do animal humano aos dezoito anos de idade. Um exemplo: “Passei a noite visitando oficiais que dormiam em redes, balançando-as até que eles enjoassem”.

Quando estávamos prestes a fundear em Suez, onde recolheríamos correspondência, um dos tenentes navais estava ausente, e descobriu-se que ele havia descido a terra com muitos outros oficiais, mas não retornara com eles. Algumas pessoas ficaram ansiosas, porque, não muito tempo antes, um oficial do 12º de Lanceiros tinha sido assassinado por nativos no cais. Entretanto, olhando por lunetas, terminamos por vê-lo num pequeno veleiro com dois nativos, e ele estava remando; então

esperamos por cerca de uma hora até que chegasse junto ao navio. Os barqueiros tinham partido desde a praia com tempo suficiente para alcançar o navio, mas após um quarto do trajeto eles se recusaram a ir mais adiante sem pagamento extra, e continuaram a parar e exigir mais dinheiro. No entanto, afinal nós o pusemos a bordo, e enquanto ele estava lá embaixo em sua cabine pegando dinheiro para pagar os barqueiros, o navio partiu e deixou-os de mãos abanando.

Port Said marcou-me como um lugar dos mais desgraçados, fedorentos, imundos, pitorescos e arenosos que já vi. Todas as pessoas pareciam-se muito com aquelas mostradas em fotos do Egito – europeus, turcos, núbios e funcionários egípcios todos misturados. Não havia nada para fazer em terra, exceto andar e olhar as mesas de roleta, das quais há umas duas ou três na cidade. Descobri que o meio para ganhar dinheiro era escolher a cor que ia perder a menor soma na banca. Por alguma maravilhosa coincidência, a roda sempre parava a favor da banca e, por esse modo, conseguia-se alguns francos, mas isso não era muito excitante. Eu gostava mais de observar as pessoas de fora do que de jogar dentro dos barracos.

No Mar Vermelho, tivemos um calor horrendo por três dias, com o termômetro marcando 36°C na hora do jantar; essa temperatura no ar úmido equivale a uns 6° a mais em clima seco. Quatro ou cinco crianças morreram e algumas senhoras estavam passando mal, desmaiando incessantemente. Pior ainda, todos os cozinheiros ficaram tão mal que tiveram de baixar ao hospital; um deles enlouqueceu, saltou pela borda e nunca mais foi visto. Os militares então assumiram a cozinha sob a direção de um camareiro, e a sensação, em consequência, não era exatamente a de algo refinado. O “Pandemônio” era insuportável à noite, mas muitos de nós pusemos nossos locais de dormir junto às janelas de ré do convés principal. As escotilhas metálicas dessas janelas eram baixadas até ficarem horizontalmente penduradas do costado do navio, com correntes a sustentá-las. Essas janelas eram bem juntas umas das outras, com uns 15 a 20 centímetros apenas entre elas, então alguns dos colegas punham seus colchões em cima das escotilhas e deitavam-se na

fresca lateral externa do navio. Sempre havia algum risco, pois, se você se mexesse durante o sono, poderia rolar para fora do seu leito e cair ao mar. Isso aconteceu com um oficial do 109º Regimento, cujo colchão foi encontrado pela manhã vazio e dobrado ao meio, e o regimento ficou com um lugar vago no seu refeitório de oficiais.

Certa manhã, avistamos um navio a vapor no horizonte, atrás de nós, e pela minha luneta vi que ele tinha uma chaminé azul. Agora que deixávamos Suez, três dias antes eu tinha visto esse vapor com chaminé azul saindo do Canal e fundeando na Baía de Suez, e reparei que seu nome era *Diomed*. Ao ver sua chaminé aparecendo no horizonte, eu sabia qual seria seu nome, apesar de ainda estar muito longe para poder ser lido. Então, cheguei para um camarada que tinha muito orgulho de sua luneta e considerava a minha muito inferior à dele, e desafiei-o a ler o nome do navio daquela distância. Ele olhou pela luneta e confessou que não conseguia. Eu, então, olhando pela minha, fui soletrando, letra por letra e disse-lhe que era o *Diomed*, e quando o navio chegou perto, ele pode constatar pelos próprios olhos que assim era. Isso o fez baixar um pouco a bola.

Num dia tremendamente quente, quando eu estava sentado no convés tentando me refrescar, o Contramestre apareceu correndo e anunciando: “Homem ao mar”! Instantaneamente todos no convés acordaram. Eu olhei para a sentinela vigiando a boia salva-vidas e vi o sujeito meramente apoiado à amurada olhando para a água lá embaixo com muita tranquilidade, então fui até ele e disse-lhe para liberar a boia, mas ele disse que já o fizera, e que estava mais ou menos uns cem metros distante, mas sem ninguém perto. Olhamos em todas as direções em busca do homem a afogar-se, mas não pudemos enxergá-lo. Então, subitamente um bote salva-vidas apareceu, remado com toda a pressa.

Os motores foram postos à plena força à ré, mas o navio já ia com tal ímpeto, que levou quase três minutos para parar. O bote alcançou a boia e sua equipagem começou a rodear, procurando o homem. Porém, foi levantado um sinal mandando-os regressarem ao navio, e então ficamos sabendo que não tinha sido um caso real de homem ao mar. O

alarme tinha sido dado apenas para exercício. O bote recolheu a boia, trouxe-a de volta e foi içado nos turcos exatamente quinze minutos após o primeiro alarme. O que foi divertido foi que assim que o alarme foi dado, alguns dos oficiais sentados pelo convés tiraram os casacos e estavam junto à amurada, apenas esperando para ver onde estaria o homem para pular n'água.

Nesta idade da pressa, na qual navios cumprem escalas de horário como trens, eles baixam os botes apenas quando atracados ou em rios, e com isso perdem a eficiência adquirida por meio da prática no mar. Os caminhos do mar são um livro fechado para o homem terrestre médio, e capazes de confundir-lhe a mente. A sentinela postada junto à boia salva-vidas era um caso desses. Um dia o oficial de serviço lhe perguntou o que faria se fosse dado o alarme de homem ao mar. De um lado dele estava a boia salva-vidas, no outro o painel que registrava o grau de inclinação do navio. O homem, desconcertado, e confundindo o aparelho com os alarmes de rua contra incêndio lá na Inglaterra, respondeu: “Eu quebro o vidro e puxo a alavanca, senhor”!

CAPÍTULO II

CHEGADA À ÍNDIA

Lembro-me até hoje do cheiro da Índia que invadiu nossas narinas antes mesmo de pormos o pé em terra no Armazém Apollo, e, apesar de já terem decorrido muitos anos, consigo lembrar-me muito bem do aborrecimento que meu parceiro e eu tivemos para desembarcar nossa bagagem em segurança, colocá-la em um carro de boi e levá-la das docas até o Hotel Watson. Tínhamos vestido nosso melhor uniforme²⁶ e estávamos um bocado orgulhosos de nós mesmos na primeira parte do dia; mas à medida que as horas passavam naquele calor úmido, parecíamos derreter dentro daquela roupa apertada, e desejávamos ter algo mais adequado ao clima para vestir. Ao cair da noite, estávamos mortos de cansados e nosso orgulho já se desvanecera e, sob a cobertura da escuridão, nós animosamente encarapitamo-nos no topo de nossa pilha de bagagem no carro de boi e nos permitimos ser ignominiosamente transportados pelas ruas secundárias de Bombaim até o grande hotel.

Seguiu-se, então, uma longa viagem de trem subindo pelo país, via Jubbulpore até Lucknow, onde o regimento estava estacionado. Em Jubbulpore paramos para pernoitar no Dak Bungalow, um alojamento pequeno, nu e escassamente mobiliado, onde você conseguia uma refeição magra e más acomodações. Vinte anos haviam decorrido desde o Motim²⁷, mas nosso conhecimento da Índia provinha principalmente da leitura de relatos daquele episódio; portanto, quando fomos deixados sozinhos para a noite nessa casa de aparência vazia, com portas e janelas abertas para a noite, naturalmente imaginamos a possibilidade de termos nossas gargantas cortadas a qualquer momento, e portanto dormimos com os revólveres à mão, quando, na realidade, estávamos tão seguros ali como se estivéssemos num hotel em Londres, mas acrescentava um

²⁶ Geralmente, os uniformes de passeio ou de cerimônia não primam pelo conforto e liberdade de movimentos. Continua valendo no século XXI.

²⁷ Revolta dos Sipaiois, 1857-58.

toque de aventura à nossa viagem, e cada pequena experiência era para nós um grande momento, naquela época.

Os Rochedos de Mármore em Jubbulpore [Jabalpur] eram a grande atração do local. Eram penhascos rochosos que emergiam de um lago onde as pessoas podiam ir de barco para fazer piqueniques e admirar sua beleza; mas fomos avisados quanto ao perigo de nos aproximarmos demais dos penhascos, pois uma tragédia ocorrera ali alguns dias antes, devido às abelhas que fazem suas moradas nas cavidades dos rochedos. Um enxame delas atacou em massa alguns turistas, e eles precisaram mergulhar na água para escapar. As abelhas pareceram concentrar-se em um dos homens, e ficaram tão junto dele que a cada vez que sua cabeça vinha à tona elas o picavam, e ele acabou por afogar-se em seu esforço para escapar-lhes.

Lucknow ainda mostrava as marcas do Motim de vinte anos antes. O palácio em Dikoosha, perto dos acantonamentos, e a própria Residência [do representante governamental] na própria Lucknow ainda permaneciam em ruínas como haviam ficado após o combate, feitas em pedaços pelo fogo de artilharia e densamente pontilhadas por marcas de bala. Naturalmente, eram intensamente interessantes para nós, como lembranças visíveis da luta que tivera lugar ali pela manutenção da supremacia britânica na Índia.

Minha primeira noite em Lucknow foi passada no hotel, pois havíamos chegado já umas onze da noite e foi-nos dito que os acantonamentos distavam ainda uns oito quilômetros. Na manhã seguinte, partimos e descobrimos onde era o refeitório dos oficiais e a cabana do Ajudante²⁸, mas todos estavam fora. Mais tarde, encontramos o Ajudante cavalgando pela estrada. Era esquisito ver um camarada e seu cavalo totalmente revestidos das coisas que eu bem conhecia de vista, mas não entendia a forma certa de colocar²⁹. Ele logo nos indicou um

²⁸ Encarregado da seção de pessoal da unidade.

²⁹ Itens do fardamento, equipamento e distintivos. É preciso lembrar que B-P era, a esse tempo, totalmente “pata-tenra”, bisonho, sem traquejo com as peculiaridades da vida militar.

bangalô desocupado. Enviamos um carro de boi para buscar nossa bagagem na estação e retornamos ao hotel para buscar nossa equipagem de mão. Quando retornamos ao bangalô, encontramos-lo cheio de nativos. De início, pensamos que eles quisessem impedir-nos de entrar, mas logo descobrimos que se tratava de serviçais em busca de colocação. Um homenzinho veio até mim e disse que tinha sido o ordenança de Wilson, então eu peguei suas cartas de recomendação e achei uma boa de Wilson, uma do ajudante-de-campo do General Havelock dizendo que ele havia sido ordenança de Havelock, e umas cinquenta outras. Contratei o homenzinho e ele imediatamente convocou um grupo de outros negros³⁰, e disse que eram todos meus serviçais, falou-me das características de cada um e disse que eu poderia livrar-me de qualquer um que eu não quisesse. Entretanto, mantive-os todos, e no momento em que os contratei eles se puseram ao trabalho, chutando para fora a multidão de candidatos recusados. À noite, todos os meus pertences tinham sido desencaixotados e uma pequena mobília, na forma de mesas, cadeiras, armação de cama, etc., estava em seus devidos lugares.

Minha primeira impressão dos nativos parece não ter sido das mais favoráveis. Em uma carta para casa, escrita pouco após minha chegada, encontrei o seguinte trecho: “Gosto de meus criados nativos, mas via de regra estes negros parecem-me uns vagabundos. Quando você cavalga ou caminha pelo meio da estrada, toda charrete ou carroça tem que parar e sair do seu caminho e todo nativo, ao passar por você, tem que saudar. Se ele estiver com um guarda-chuva aberto, ele o abaixa; se estiver a cavalo, ele desmonta e cumprimenta. Mais ainda, eles fazem qualquer coisa que você mandar. Se você encontrar um homem na estrada e o mandar tirar o pó das suas botas, ele o fará”.

É bem diferente hoje em dia [1915], quando os nativos são colocados em posições mais altas perante os europeus. Em alguns lugares há queixas de que lhes foi permitido familiarizar-se demais: num Estado nativo, sob um governante nativo, eles ainda mantêm o costume

³⁰ No original, *niggers*; não-brancos, nativos.

de saudar seu próprio rajá e qualquer homem branco que ali vá, mas na Índia Britânica eles agora tratam um homem branco meramente como um igual. Teoricamente é como deveria ser, mas na prática, até que eles estejam prontos para se autogovernarem, é um perigo – para eles próprios³¹.

É noção comum que, para estar apto a governar, um homem deve primeiro ter aprendido a obedecer. No treinamento do garoto indiano médio, não se vê até o presente momento nenhuma disciplina nem tentativa de inculcar nele algum senso de honra, de jogo honesto, de honestidade, lealdade, autodisciplina e outros atributos que se juntam para constituir um homem de caráter confiável. Sem um alicerce saudável nesses jovens, uma educação escolástica tenderá a desenvolver nada mais que o micróbio da prepotência e da presunção.

Eu gostava de sentar-me na varanda do meu bangalô, assistindo ao que acontecia no meu jardim. Havia um esquilo bem em frente, e três deles haviam feito seu ninho no telhado da varanda; um pássaro bulbul³² cuja crista fazia parecer que o bico estava amplamente aberto; e uma poupa com sua bela crista que tinha seu ninho no telhado de sapé da casa. Havia ainda um corvo e um gavião, sempre de olho para apanhar alguma coisa – você não podia deixar cair sequer um pedaço de papel sem que algum deles se apresentasse para pegá-lo. Havia também um pássaro caçador de moscas, que parecia uma andorinha das grandes. No jardim, havia cinco mangustos³³, que viviam em diferentes buracos e cantos. Um grande amigo meu era um pintarroxo branco-e-preto. Nos cantos da varanda havia dois ninhos de pombas. Havia uma espécie de pisco e um mainá, espécie de melro grande. O mainá é na Índia tão comum quanto o pardal, e é um tagarela. Havia também um pequeno pássaro azul, parecendo um beija-flor, que pousava com a cabecinha

³¹ Lembrando, B-P publicou este livro mais de trinta anos antes de a Índia se tornar independente.

³² Aves da família *Pycnonotidae*.

³³ O mangusto é um pequeno mamífero, parente das lontras e arminhos, que se alimenta de serpentes. Um conto de Kipling no *Livro da jângal* tem um deles como protagonista (*Rikki-tiki-tavi*).

virada para cima, falando consigo mesmo o dia todo, e um papagaio verde que vinha roubar as ameixas da nossa árvore – tivemos que atirar nele. Por fim, havia um velho gavião branco com a cabeça amarela, muito semelhante em caráter ao gavião marrom.

Meu Capitão³⁴ tinha dois cães, e quando ele estava fora em licença eu cuidava deles. E quando ele voltou, deu-me um deles, que ele chamava “Filho do Deserto Árido [*Child of the Arid Desert*]”, que eu encurtei para “Crib”. Então Mansell, outro confrade oficial, me deu um filhote muito novo que batizei “*Boswell’s Life of Johnson*”, mas ele faleceu ainda na inocência da infância, por ter comido demais no jantar certo dia. Crib era um excelente bull terrier. Um dia, ele matou um chacal que tinha umas quatro vezes o seu tamanho e que lutou desesperadamente, mas o pobre Crib precisou ficar na minha cama por uns dois ou três dias depois disso, uma vez que todas as suas patas, assim como a cauda, o focinho, etc., estavam bem avariados. Crib era maravilhosamente ativo e matava quaisquer pardais ou ratos que entrassem no meu quarto. Ele tinha uma tremenda força nas mandíbulas, e prendia coisas na boca tão firmemente que você podia carregá-lo pendurado pela boca e rodá-lo pelo cômodo. Era notável vê-lo pela manhã, quando eu saía em meus preparativos para descer montado para a escola. Ele corria para mim, prendia meu dedão do pé em sua boca e balançava, daí corria para o pônei, dava-lhe uma abocanhada e lambia seu focinho, e daí corria para meu cavaliço e lambia-lhe as pernas nuas. Por fim, assim que eu estava montado, ele corria para os degraus e esperava que eu o chamasse, e então saíamos todos tão rápido quanto podíamos para a escola de equitação, onde, tão logo eu desmontava, ele fazia meia-volta e disparava direto de volta para casa.

Por sorte minha, eu não fui sozinho juntar-me ao regimento, mas tinha comigo um companheiro que também era pata-tenra, “Tommy” Dimond. Passamos juntos por todas as durezas iniciais da escola de equitação, instrução de guarnição, ordem unida e as primeiras

³⁴ Provavelmente o comandante do esquadrão a que B-P pertencia.

experiências de corpo de tropa. Tudo isso criou um forte laço de camaradagem entre nós, que durou uns bons anos, até que a temida praga da cólera-morbo o levou.

Em Lucknow, eu tinha de suprir o período de treinamento militar de Sandhurst do qual tinha sido isentado, por meio da frequência a oito meses de curso na escola da guarnição³⁵. Teria sido uma carga de trabalho absurda, se meus colegas não fossem pessoas de caráter animado, o que aliviou em muito o peso das horas de estudo, com uma leveza de espírito que talvez não fosse muito atraente para aqueles encarregados de nossa educação. Se eu pudesse escapar do enquadramento legal por difamação ao não mencionar nomes, eu diria que o atual [1915] Diretor das Forças Territoriais era o líder espiritual daquela linha de ação mais leve adotada em nossa formação. Ele compôs um oratório muito dramático e musical, que a turma inteira executava quando ele se dava por farto com uma palestra.

Ele também escreveu um ótimo livro sobre os assuntos do curso em geral, e sobre os diversos instrutores em particular. Era um documento confidencial, para ser lido somente pelos alunos. Ele havia deixado lacunas nas quais se poderiam pôr ilustrações para completar o ensaio, e encaminhou o livro a mim para que completasse essa parte. Depois que terminei as ilustrações, que na maioria eram retratos um pouco mais carregados dos vários oficiais e nem sempre muito laudatórios quanto a eles ou aos seus feitos, mandei de volta o volume por um mensageiro nativo. Como os nativos nunca aprendem direito os nomes ingleses, eu simplesmente disse ao portador que levasse o material ao cavalheiro que morava na casa vermelha – a grande maioria das casas em Lucknow era branca. Como não poderia deixar de acontecer, havia duas casas vermelhas, um fato que no momento eu esquecera, numa das

³⁵ Mais ou menos como se fosse o curso do CPOR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva) no Brasil, com a diferença que nesse caso ele era considerado oficial de carreira, podendo percorrer (como acabaria fazendo) praticamente todos os postos da carreira. Como mencionado noutra nota, ao tempo de B-P o Exército britânico operou dois sistemas paralelos de formação para seus oficiais: na Academia Militar de Sandhurst e no corpo de tropa, no Império.

quais Bethune morava, e a outra onde nosso instrutor-chefe morava. Obviamente, de acordo com a lei natural da perversidade³⁶, o nativo foi para a casa vermelha errada; aí entornou o caldo, e no dia seguinte vários de nós estávamos sob prisão disciplinar e fomos levados à presença do General. Por sorte, ele tinha algum senso de humor e conseguimos sair dessa com não mais que uma espinafração.

Tempos depois, descobri que eu não merecia ter escapado tão tranquilamente, pois eu frequentemente desenhava caricaturas do próprio General e as jogava fora. Mas quando eu estava deixando Lucknow uns dois anos depois, fui apresentar ao General minhas despedidas, conforme manda o regulamento. Ele me convidou a entrar em seu escritório e lá apresentou-me um portfólio contendo, ao que me pareceu, todos os rascunhos e desenhos que eu já fizera. Ele explicou que o encarregado da limpeza da sala de instrução tinha ordens para sempre guardar quaisquer desenhos que encontrasse e trazer ao General para sua coleção. Apesar de as pessoas rirem das minhas caricaturas, ninguém riu mais sinceramente que o próprio General, mas ele me alertou que a caricatura nem sempre era uma brincadeira lá muito segura. Seguindo seu conselho, desde então eu raramente me dediquei a ela; pois sei que a maioria das pessoas, não importa quão mente-aberta e bem-humoradas sejam, têm grandes chances de se sentirem ofendidas até mesmo por pequenas e inofensivas exagerações de seus defeitos.

Durante meu primeiro ano na Índia, parecia-me que eu estava sendo entupido de remédios quase diariamente, às vezes para o fígado, às vezes para febre, às vezes para outros órgãos. Quando eu tinha febre, tratava dela de uma forma que fazia muitos sorrirem. Meu jeito era comer bem pouco no jantar, beber um bom champanhe, e antes de ir para a cama tomar um banho bem quente de vinte minutos com um fluxo de água fria na cabeça, depois uma dose de óleo de rícino e deitar-me em

³⁶ Hoje, mais conhecida como Lei de Murphy: “Se alguma coisa pode dar errado, dará”. Na época relatada por B-P, faltavam uns 80 anos para o Cap Edward Murphy, USAF, emitir seu primeiro postulado.

roupas de flanela. No dia seguinte eu ficaria deitado e tomaria quinino³⁷, e assim a febre ia embora. Mas às vezes meu fígado reclamava, especialmente após o treinamento físico na escola de equitação, e eu emagreci tanto que precisei apertar minhas calças, e conseguia colocar três dedos entre minha perna e o cano da bota, que antes encaixava justinho.

Sir Baker Russell, que era Major no 13º de Hussardos quando me incorporei, e que depois veio a ser nosso Comandante, construíra para si um grande nome como combatente: desde o Motim, quando começou como clarim nos *Carabiniers* [6º de Dragões da Guarda], e depois no Canadá, em Ashanti [Gana] e na campanha egípcia. Era uma figura marcante e dominadora, com um rosto com expressão determinada e um tremendo vozeirão, correspondia ao ideal de um líder de combate. Pessoalmente, sei que se ele me ordenasse passar a borda de um precipício ou entrar numa fogueira, eu o faria sem hesitação, e acredito que oficiais e praças o seguiriam a qualquer lugar. Ele tinha um magnetismo pessoal que levaria os homens a fazer qualquer coisa que ele comandasse. Tinha um exterior feroz, mas sob a carapaça havia um coração caloroso e gentil, e nunca soube de um amigo melhor que ele. Ele costumava dizer sobre si mesmo que até o meio-dia era um demônio, depois dessa hora era um anjo. Isso era bem verdadeiro, exceto que as iras do demônio eram breves, rápidas e sem intenção maléfica.

Certa ocasião, chegamos molhados e cansados a um local de acampamento, no qual o oficial intendente do distrito deveria ter providenciado para que já houvesse um acampamento devidamente construído para nós, inclusive com rações e forragem já preparadas. Mas quando chegamos ao local não encontramos nenhum tipo de preparação para nossa chegada, e tivemos que nos arranjar da melhor forma, dadas as circunstâncias. No dia seguinte, enquanto tomávamos providências possíveis para alimentar os homens e dar pasto aos cavalos, dependendo da chegada de suprimentos, um dos nossos homens caiu morto por uma

³⁷ Medicação usada para tratar de malária.

síncope. O Coronel não demorou em capitalizar esse fato, e telegrafou para o General do distrito expressando sua opinião sobre a falta de organização no local, e aludindo às durezas que homens e cavalos estavam aguentando, ele ressaltou que já havia um homem morto por exposição ao calor.

Em poucas horas, um jovem cavalheiro em trajes civis entrou no acampamento, com ar confiante, foi até o Coronel, perguntou como ele estava passando e então disse que era um oficial de intendência, que viera para ver como estávamos nos saindo. O Coronel replicou que ele estava indo muito bem, obrigado, assim como o regimento, e estava muito grato pelas gentis perguntas. “O senhor é apenas um civil, como fica evidente pelos seus trajes, mas, por Deus!, se o oficial intendente ousasse dar as caras num raio de uma milha deste meu acampamento, eu lhe daria voz de prisão e o enfiaria no Corpo da Guarda³⁸, não apenas por ser incompetente e inadequado para ser um oficial, mas também por não ser muito melhor que um assassino. Agora, se você é, como diz, um oficial intendente, volte ao seu alojamento, vista seu uniforme imediatamente³⁹, considere-se preso e volte aqui e me explique por que diabos as coisas estão assim, etc., etc.”

Quando em formaturas, se o Coronel se deixava levar pelo emocional sobre algum erro ou estupidez cometida por algum oficial, ele lhe daria por um instante um olhar reprovador, e então invariavelmente baixaria o capacete na cabeça e galoparia para cima daquele oficial com tudo que tinha. Se a colisão ocorresse, os resultados seriam desastrosos para o homem atingido. Portanto, era costume tê-lo pela frente ou evitá-lo. Certa ocasião, recordo-me de sua carga repentina sobre meu camarada “Ding” McDougal, a todo galope. Quando o atacante estava a mais ou menos um metro do desafortunado alvo, McDougal enfiou uma

³⁸ Lugar onde normalmente fica a Guarda do Quartel. Geralmente, junto ao Corpo da Guarda fica também o xadrez, para os presos disciplinares.

³⁹ O militar em serviço, ou quando vai a uma organização militar que não a sua, tem a obrigação de estar uniformizado.

das esporas em sua montaria, fazendo-a pular para um lado, o que resultou em o Coronel errá-lo e abater-se sobre as fileiras logo atrás. Aí ele abalroou um dos homens, o Cabo Bower, e seu cavalo, pondo-os abaixo. Num átimo o Coronel estava desmontado, apoiando o cabo em seu joelho e dizendo: “Meu amigo, coitado de você, desculpe-me, lamento muitíssimo por isto, eu não pretendia atingir você”. Apesar disso, relativamente satisfeito por sua carga não ter caído no vazio, sua ira diminuiu e, virando-se (posso vê-lo neste momento fazendo isso), sacudiu galhofeiramente o punho para McDougal, dizendo: “Ding, seu demônio, por que saiu do caminho”?

Ding explicou-lhe mais tarde, durante o almoço, que ele tinha ficado tão acostumado a ver um javali correndo para ele dessa maneira (e Sir Baker, com seu bigodão e animoso ataque, não era muito diferente da visão de um javali com suas presas vindo para cima de alguém), que manobrou para esquivar-se por ato reflexo decorrente do hábito, para salvar a si mesmo e ao seu cavalo.

Sir Baker Russel não era um comandante ortodoxo. De maneira alguma poderíamos dizer que ele se guiava pelo manual, e sabia pouco e se preocupava menos ainda com as prescrições sobre formaturas e vozes de comando; mas tinha um agudo olhar de soldado para o campo e para onde seus homens deveriam estar num combate, e guiava-os por suas próprias diretrizes antes que pelas rígidas formações determinadas pelo manual.

Certa feita, fomos inspecionados por um General que passara a vida em missões típicas da Infantaria. Ao fazer o regimento desfilar, Sir Baker esperava impressionar a autoridade pela sua firmeza. Por isso, quando nos cabia galopar em esquadrões sucessivos, ele pretendia que fôssemos num trote vivo e constante, cada esquadrão em rígida formação. Então, ele se virou para o corneteiro e ordenou: “Toque *trote vivo*”. Bem, não há um toque de corneta específico para essa andadura, então o corneteiro tocou o mais próximo disso, que era *galope*. Nós, em forma, ansiosos por fazermos uma boa apresentação, avançamos num galope apertado. O Coronel, vendo isso de sua posição junto ao General, gritou

para o corneteiro, “Toque *trote vivo*”! E o corneteiro, novamente, tocou *galope*. Ouvindo o toque repetido, imaginamos que isso significasse que não estávamos indo rápido o suficiente, então simplesmente nos largamos a todo impulso, e quando alcançamos o local da continência em frente ao General e a Sir Baker, o regimento inteiro era um tornado de homens e cavalos num redemoinho de poeira, e passamos por eles disparados, numa densa e confusa multidão. O Coronel, contudo, não se deu por achado, e virou-se para o General com seu melhor sorriso e, de peito estufado, disse: “Eis aí, General! Vossa Excelência certamente nunca viu um regimento desfilar a galope desse jeito⁴⁰”. O General, sendo completamente ignorante no assunto, pegou a deixa do Coronel e disse: “Não, de fato, foi simplesmente esplêndido; nunca vi algo tão bem feito em minha vida”, e fez um relatório muito positivo em conformidade com essa impressão.

Os homens adoravam Sir Baker. O regimento, sendo o 13º de Hussardos, era apelidado “a Dúzia de Baker⁴¹”. Ele praticava muitas coisas que naquele tempo eram vistas como heresias, mas que hoje são reconhecidas como produtoras da maior eficiência, a saber, cuidado e desenvolvimento do lado humano e da individualidade dos combatentes. Assim, quando entrávamos em forma para um dia de exercício de campanha, geralmente o fazíamos numa zona de reunião distante uns três a cinco quilômetros do quartelamento, devendo cada homem fazer seu caminho para o local individualmente, em lugar de ser conduzido para lá em forma, e uma das ordens vigentes era: “É tão vergonhoso para um hussardo chegar antes quanto depois da hora”. Isso instilou um senso de estrita pontualidade nos homens para estar no local indicado, na hora indicada. Eles tinham de julgar por si mesmos quanto tempo levaria para chegarem lá sem exaurirem os cavalos, e selecionar seu

⁴⁰ Realmente, é singular. Em lugar de desfilar em continência, o regimento fez uma “carga em continência”.

⁴¹ Trocadilho de difícil tradução. “Baker”, em inglês, é “padeiro”, então “a dúzia de Baker (sobrenome)” faz um jogo de palavras com “a dúzia do padeiro”, ou “a dúzia de pães”; outra faceta do jogo de palavras é que, sendo o regimento o 13º, era o Coronel Baker mais 12.

próprio caminho no terreno, e usar sua própria percepção para chegar ao local a tempo e em condições adequadas.

Certa ocasião, o Coronel teve de passar um sermão em um de seus homens por alguma infração menor. O homem era um tipo esplêndido de veterano, um excelente boxeador, espadachim, cavaleiro e atirador, mas gostava demais da sua caneca de cerveja. Quando trazido ao comandante por ter tomado mais do que a conta, o Coronel fez-lhe a seguinte observação: “Meu caro, eu desejaria ser capaz de beber tanto quanto você e manter tanta estabilidade. Se me contar como consegue isso, eu o libero”. Ben Hagan (esse era o nome do sujeito) contou seu segredo. Era encher uma bacia de cerveja toda noite antes de dormir e colocá-la debaixo da cama. Então sua primeira ação ao acordar pela manhã era despejá-la garganta abaixo. Ele acreditava que a única maneira de preservar a saúde e o equilíbrio era tomar grandes doses de cerveja realmente envelhecida como a primeira coisa pela manhã.

Recordando aqueles dias, é curioso ver quão grande foi a mudança que se operou nos homens no que respeita à temperança e sobriedade. Era natural para qualquer praça ir para a cama “calibrado”, como se dizia, e isso não era estranho mesmo entre os oficiais! Quando um regimento partia da Inglaterra para o serviço no ultramar⁴², era comum alguns dos homens serem retidos ou emprestados de outro regimento para arrebanhar todos os que estavam bêbados a fim de serem colocados no trem ou no navio na manhã do embarque. Mesmo assim, ainda havia um número considerável de desertores que não apareciam para embarcar. Atualmente, um regimento parte para o serviço no ultramar da mesma maneira que se estivesse indo para uma revista ou para manobras: nenhum ausente, nenhum homem doente por causa de bebida. Os praças são de melhor origem social e educação, e são-lhes proporcionadas facilidades para manter seus hábitos de sobriedade. Nos

⁴²As unidades do Exército Britânico, ao tempo do Império, faziam rodízio em suas localidades de parada; o 13º Regimento de Hussardos passaria alguns anos na Índia, depois passaria uma temporada na Metrópole, depois poderia ir para a África do Sul ou para a África Oriental... Em 1937, quando aposentou os cavalos e passou a ser mecanizado, estava na Índia.

aquartelamentos, eles têm refeitórios adequados onde podem obter refrescos moderados de todo tipo por preços módicos. Antes não lhes era autorizado tomar cerveja no jantar, e eles naturalmente corriam para a cantina assim que o jantar⁴³ terminava para tomar sua cerveja, permanecendo lá, tratando-se com ela pelo resto da tarde até estarem cheios.

Mais tarde, em meu próprio regimento, o 5º de Dragões da Guarda, tive de presentear um par de luvas brancas ao cantineiro porque nem um único homem havia visitado a cantina em vinte e quatro horas; e eles não são piores, pois são dignos de confiança quando fora das vistas de seus oficiais ou graduados.

A ideia de Sir Baker Russell de deixar os homens fazerem seu próprio caminho para a formatura e outras atividades foi continuada por mim em anos posteriores. Instituí como obrigatório para todo soldado fazer uma expedição de mais ou menos 190 km, estando por sua própria conta, levando nisso uma semana. Isso tendia a tornar os homens mais seguros de si, confiáveis, inteligentes e atentos. De início temeu-se que muitos deles, achando-se fora do alcance de todas as restrições regimentais, se largassem e fizessem da coisa uma orgia de autoindulgência; mas nunca ouvi uma única queixa quanto aos homens nesse sentido. Eles sabiam que estava sendo depositada confiança neles para cumprirem sua missão de sair para relatar sobre algum objeto distante, fosse uma estação ferroviária, uma ponte ou um trecho de terreno, e eles tinham muito orgulho de si mesmos e de seus cavalos quando fora na missão, porque sabiam que o bom nome do regimento dependia deles. Descobrimos na prática que essa era a melhor forma possível de consertar um moco⁴⁴. Ele não tinha ninguém em quem se apoiar para conselho ou direção; tinha apenas suas ordens simples e diretas, para cujo cumprimento ele tinha de usar sua inteligência.

⁴³ Por volta das 16h.

⁴⁴ Soldado com dificuldade de aprendizagem ou pouco instruído.

Levei a efeito essa mesma prática com a Força Policial Sul-africana, após a Guerra Bôer. Os homens eram geralmente enviados em duplas em longas patrulhas de 300 a 480 km; mas se um sujeito se mostrava realmente mocosongo, ele era mandado sozinho. Lembro-me muito bem, quando guiei o Sr Joseph Chamberlain⁴⁵ em viagem pelo Transvaal, de uma ocasião em que vimos um policial solitário cavalgando através do *veldt*. O Sr Chamberlain perguntou-me qual seria a missão atribuída a tal homem, e eu respondi que provavelmente ele era um soldado com dificuldade de aprendizagem posto em campo para desenvolver sua própria inteligência. Sinalizamos ao homem para que viesse a nós e, inquirindo-o, constatamos que era isso mesmo. Ele havia sido destacado para uma patrulha de 480 km para coletar informações em diversos lugares, mas com estritas ordens para não obter ajuda de nenhum outro policial.

⁴⁵ Joseph Chamberlain (1836-1914), estadista inglês, foi de 1895 a 1903 Ministro das Colônias. Foi pai de Neville Chamberlain (1869-1940), que foi Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha de maio de 1937 a maio de 1940, um dos principais nomes da política de “apaziguamento” em relação à Alemanha nazista.

CAPÍTULO III

O ESPORTE DOS REIS E O REI DOS ESPORTES

Uma vez, fui convidado pelo Imperador alemão⁴⁶ a expressar minha opinião sobre a lança usada pela Cavalaria⁴⁷ de Sua Majestade. Respondi, com toda a deferência, que a considerava um tanto longa demais para ser de uso prático. Ele perguntou de onde eu obtivera minha experiência, e eu respondi que da caça ao javali, na Índia. Naquele país, usávamos tanto a lança longa quanto a curta, mas a nossa lança longa não tinha nem termo de comparação com o comprimento das dele, e mesmo assim já era considerada desajeitada por alguns⁴⁸.

O Imperador concordou que bem poderia ser assim, mas que um de seus motivos para usar uma lança longa, de todo modo em tempo de paz, era dar aos seus homens o adequado espírito de autoconfiança. Ele disse: “Descobri que para cada polegada que você acrescenta na lança de um soldado, você aumenta em meio metro sua autoestima”, e há certa pertinência nisso.

Entretanto, não há dúvida que na caça ao javali e no polo, assim como nas caçadas na metrópole, o oficial britânico se beneficia de uma escola excepcionalmente prática para desenvolver as habilidades equestres e de destreza no uso das armas quando montado, e é uma forma de treinamento atraente para todo jovem oficial, ainda mais que ele aprende por si mesmo, em lugar de ter o conhecimento empurrado em sua cachola. Conseqüentemente, é para ele uma forma genuína e permanente de educação, mais do que qualquer forma efêmera de instrução.

⁴⁶ O *kaiser* Guilherme II.

⁴⁷ Armas típicas da Cavalaria hipomóvel: lança, sabre, carabina, revólver.

⁴⁸ A Cavalaria hipomóvel teria atuação limitada na guerra que se seguiu; havia pouco (se é que havia) espaço para as explorações a cavalo quando se instaurou o impasse das trincheiras, ao final da “corrida para o mar” – a mútua tentativa de flanqueamento entre anglo-franceses e alemães, em 1914. Por esse tempo, belgas e britânicos começaram também os primeiros experimentos de esquadrões de reconhecimento com autometralhadoras.

Acredito que nossos oficiais de Cavalaria, confrontados com os de qualquer outra nação, apresentariam muita eficiência⁴⁹, e tenho convicção de que muito disso se deve a esta autoeducação no lado prático de sua profissão.

Se o polo e a caça ao porco não alteraram a história da Índia Britânica, de todo modo trouxeram mudanças à vida e à carreira de muitos jovens oficiais.

Além do treinamento naturalmente envolvido, esses esportes afastaram do oficial subalterno britânico os hábitos de bebida e aposta da geração anterior, e em lugar deles deram-lhe um exercício salutar que também desenvolve atributos morais, por jogar o jogo sem pensar apenas em si; e, acima de tudo, a prática da decisão calma e rápida e da ousadia que são essenciais a um bem-sucedido líder de homens.

Quando pela primeira vez me juntei ao 13º de Hussardos, John Watson, posteriormente famoso jogador de polo e Mestre dos Cães de Caça de Meath, era Primeiro-Tenente. E ele fez bem a sua parte, pois, com uma vontade férrea, uma mão de ferro e uma verborragia além da média ele nos colocava em linha com precisão. Pela manhã, ele saía a cavalo e montava um percurso de “caça ao tesouro” do qual todos nós participávamos à tarde. Ele não montava o trajeto à toa: geralmente percorria um trecho de terreno bem cheio de “surpresas”, com *gridirons* – isto é, alguns cursos d’água paralelos que podiam fazer seu cavalo tropeçar, ou “saltos de Absalão”, onde você encarava uma cerca sob ramos baixos⁵⁰. O próprio John Watson estava sempre ali atrás do grupo, rebenque em punho, para ver se ninguém perdia alguma dessas oportunidades, e isso nos fez um bem imenso.

⁴⁹ Nota do autor: “O texto acima foi escrito antes de romper a guerra contra a Alemanha. O relatório de Sir Philip Chetwode dizendo que nossa Cavalaria pode agora passar pelos ulanos [lanceiros alemães] “como se fossem papel de embrulho”, destaca a eficácia do treinamento prático sobre a idealização teórica do *Kaiser*”.

⁵⁰ Referência bíblica a Absalão, filho de Davi, que se rebelou contra o pai. Derrotado em combate, quando fugia a cavalo ficou preso entre os galhos de uma árvore, sendo alcançado e morto por seus perseguidores.

Um dos principais prazeres da vida do jovem oficial na Índia é o polo. O jogo é nativo do país, e vem sendo jogado por séculos também na Pérsia. O primeiro registro de sua introdução entre os britânicos data de 1862, quando um time de manipuris⁵¹ fez um jogo de demonstração no hipódromo de Calcutá. Foi, então, adotado pelo 11º de Lanceiros de Bengala⁵², depois pelo 9º de Lanceiros e pelo 10º de Hussardos. Fez sua primeira aparição na Inglaterra em 1874, quando o 5º de Lanceiros adotou o jogo. Era particularmente popular entre as tribos manipuri, em Bengala Superior. Lá, o campo de polo é a praça da aldeia, os pôneis são umas criaturinhas de doze palmos de altura, e os jogadores jogam com macetes curtos, que usam indiscriminadamente com qualquer mão. Quando joguei pela primeira vez, um grande número de participantes jogava de cada lado, e as regras não eram muito estritas quanto ao tamanho das montarias, ou quanto a atravessar o campo, bolas fora e outras coisinhas. Mas à medida que começaram a jogar regimento contra regimento, e por fim desenvolveram-se torneios, as regras foram se cristalizando e o jogo foi se tornando cada vez mais um que envolvia habilidade e disciplina.

O polo é, sem dúvida, o melhor jogo que já se inventou. Chegou a levar um entusiástico esportista do 9º de Lanceiros a se arriscar na poesia. Eis o que ele escreveu:

“Num campo de trezentas jardas por duzentas,
POLO é o melhor jogo para mim – é o melhor jogo para você?”
“On a ground three hundred yards by two
POLO is the game for me – is it the game for you?”

⁵¹ Também conhecidos como meiteis, são os membros de um grupo étnico que habita o Estado de Manipur, nordeste da Índia. Presentes também no Assam, Meghalaia, Tripura, Myanmar e Bangladesh. Tinham o jogo de polo como um esporte de treinamento para a guerra. Eles têm também um jogo de contato semelhante ao *rugby*, no qual um coco escorregadio (envolto em alguma substância graxa) faz as vezes da bola.

⁵² Província de Bengala; com a independência da Índia, virou Paquistão Oriental e, ao conquistar a própria independência em 1971, é o que hoje se chama Bangladesh.

A partir daí sua musa o abandonou, mas o que ele escreveu, escrito estava. Nessas breves linhas ele registra na memória de alguém o tamanho regulamentar de um campo de polo, e propõe uma grande questão para qualquer um pensar a respeito. Desenvolve habilidade de montar e precisão do olhar e da mão, assim como as qualidades morais de coragem e paciência e jogo altruísta para a equipe, e não para si mesmo. De fato, o moral no polo tem muito maior valor do que observadores externos poderiam pensar. Joguei em times nos quais um jogador de moral fraco valia tanto quanto dois ou três gols contra nós, porque, se o jogo começasse por ir mal para o nosso lado, ele perderia totalmente o ânimo e não se engajaria em buscar reverter nossa sorte.

Um time contra o qual frequentemente jogávamos tinha um beque com um mau gênio infernal, e uma vez exaltado ele se tornava de pouco proveito como jogador; assim, visávamos abalroá-lo ou bater em seu bastão tão cedo quanto possível no jogo, já que isso o punha descontrolado consigo mesmo e com todos os demais.

Parte do prazer ligado ao polo era aquele que envolvia pegar um pônei “cru” e treiná-lo para o jogo. Era uma satisfação para um sujeito pobre recolher cavalos em todo tipo de fim-de-mundo, como aldeias e feiras, e então domá-los, torná-los manejáveis, equilibrá-los e educá-los para o jogo. Este tipo de treinamento não era apenas um passatempo, mas também uma educação para o próprio cavaleiro. Sentiamo-nos quase inclinados a ter dó do milionário que comprava seus cavalos de polo já prontos, uma vez que não podia conhecer a felicidade de usar as ferramentas moldadas por suas próprias mãos para a tarefa.

Os próprios cavalos pareciam também entrar plenamente no jogo e verdadeiramente ter gosto nele. Meus cavalos sempre foram animais de estimação e companheiros; de fato, meus dois últimos na Índia, belos cavalos árabes cinzentos, eram tão dóceis quanto cães, e costumavam sair para caminhadas comigo, correndo comigo, parando e virando quando eu o fazia, e vindo pôr-se à mão quando eu assobiava para isso, tão sensíveis e alegres quanto poderiam ser. Eu tive motivos para julgar sobre o entusiasmo dos cavalos pelo jogo quando, certa feita, eu corria

disputando com outro jogador para alcançar a bola. Com o meu cavalo, polegada a polegada eu ia ultrapassando o dele, quando de repente o outro cavalo virou a cabeça de lado e, agarrando meu antebraço, arrancou-me da sela e continuou a segurar-me firme, recusando-se a me largar a despeito dos esforços de seu ginete, e só um murro no nariz fez que ele relaxasse a pressão e me largasse. Meu braço ficou com marcas roxas durante uma semana.

Robert Watson, o valoroso pai de nosso subalterno mais antigo, cuja fama ainda perdura em Kildare, ainda jogava polo bem depois dos setenta anos de idade. Lembro-me de que nós, tenentada, lemos com entusiasmo como, quando o incrível veterano levou uma queda num jogo e quebrou a perna, John Watson quase se matou ao derrubar do cavalo o sujeito que fizera aquilo. As cortesias do polo naquele tempo não eram tão polidas como são atualmente.

O torneio inter-regimental de polo é o grande evento do ano para todos os regimentos na Índia, e houve uma ocasião em que ele aconteceu em Meerut, quando meu regimento⁵³ teve parada⁵⁴ lá. Todas as equipes visitando a localidade para essa ocasião naturalmente fizeram uso do nosso *mess*⁵⁵, e constituíamos uma família muito grande e alegre. Na noite que se seguiu à partida final, tivemos um grande jantar para marcar o evento. Bebeu-se coletiva e individualmente à saúde da equipe vencedora com todas as honras, e cada um de seus integrantes, por sua vez, emitiu seus agradecimentos aos convivas. Então o time vencedor brindou à saúde do que perdeu, e eles naturalmente fizeram seus agradecimentos de maneira semelhante, e brindaram à saúde dos concorrentes das outras fases, e assim a coisa continuou pela maior parte da noite, até que cada time presente foi brindado, e inumeráveis discursos foram pronunciados, todos sobre o tema do polo.

⁵³ Isso foi, portanto, por volta de 1897-98, quando B-P comandou o 5º Regimento de Dragões da Guarda.

⁵⁴ Ter parada: estar sediado em algum lugar.

⁵⁵ Refeitório e sala de descanso dos oficiais.

Quando terminou a rodada e já se ouviam suspiros de alívio, subitamente pôs-se de pé um dos membros da equipe do 4º de Hussardos, que disse: “Agora, cavalheiros, os senhores provavelmente gostariam que eu lhes tecesse algumas considerações sobre o polo”! Era o Tenente Winston Churchill. Naturalmente, houve gritos de “Não queremos, não! Senta aí!”, e por aí vai. Mas, desconsiderando todas as objeções, com um sorriso genial ele começou a discursar sobre o tema, e não demorou para que toda a oposição desmoronasse, à medida que suas palavras melífluas escorriam para dentro dos ouvidos, e em pouco tempo ele estava veementemente expondo as belezas e possibilidades desse maravilhoso esporte. Ele prosseguiu, demonstrando que não era apenas o melhor jogo do mundo, mas também o mais nobre e inspirador tipo de competição em todo o universo, e, tendo firmado seu argumento, ele arrematou com uma peroração que nos pôs todos a aplaudir de pé. Quando os aplausos e vivas esmoreceram, um personagem com autoridade ergueu-se e deu voz aos sentimentos de todos quando disse: “Muito bem, já tivemos o suficiente de Winston por esta noite”, e o orador foi agarrado por alguns animados tenentes e enfiado debaixo de um sofá virado, sobre o qual sentaram-se dois dos mais pesados colegas, com ordens de não o deixar sair de lá pelo resto da noite. Mas não demorou muito para que ele emergisse do ângulo entre o braço e o encosto do sofá, explicando: “Não adianta sentar em cima de mim, sou de borracha da Índia”, e assim surgiu ele serenamente e voltou a tomar seu lugar no mundo, com a admiração e a diversão ao seu redor. Frequentemente recordei esse incidente desde então, quando na política ou em outras situações ele deu provas dessa afirmação⁵⁶.

⁵⁶ Pouco depois desses eventos, Churchill fez parte da força comandada por Lord Kitchener, que foi para o Sudão, e teve seu batismo de fogo na batalha de Omdurman, decisiva na repressão da Rebelião dos Dervixes. Em 1899, participou da Guerra Anglo-Bôer na dúbia condição de oficial e correspondente de guerra. Foi feito prisioneiro numa incursão mal-sucedida com um trem artilhado, mas conseguiu evadir-se. Em 1900, ingressou na vida política ao eleger-se para o Parlamento. Em 1915, foi nomeado Primeiro Lorde do Almirantado, e foi o maior defensor do ataque Aliado nos Dardanelos. Com o fracasso da operação, perdeu o cargo e foi servir como Tenente-Coronel comandando um batalhão (6th Royal Scots Fusiliers) na frente de Flandres, de janeiro a junho de 1916. Voltou depois ao Parlamento, e assumiu a pasta das Munições. Nos anos 1930, no “limbo político”, foi uma das poucas vozes que combatiam

Outros incidentes ocorreram nessa noite festiva, tais como corridas com saltos de cavalos de polo por sobre obstáculos feitos com mobília da sala de jogos, e uma cavalgada musical em camelos na antessala, mas nenhum deles causou tanta impressão em minha memória como o fez esse primeiro grande discurso do futuro Primeiro Lorde⁵⁷.

O território indiano tem atrativos para quase qualquer tipo de visitante, seja do ponto de vista da história, romance, religião, atividade militar, paisagens ou etnologia, mas tenho certeza que a área que mais chama a atenção de qualquer jovem britânico que vá para lá é o esporte que pode ser praticado até pelos homens pobres nas diversas especialidades. Há a caça com arma de fogo de animais de grande porte e de aves aquáticas, corrida, polo, mas

“O esporte que os agarra sempre e sempre
É aquele em que caçamos o javali”.

Para os não iniciados, a expressão “espetar o porco” dá uma ideia muito fraca do que realmente é. Se a natureza desse esporte fosse mais amplamente conhecida, seguramente ele se mostraria atraente para um grupo muito maior de esportistas. Sem dúvida, espetar o porco é um esporte que ultrapassa qualquer outro de longe. Pratica-se com um grupo de três ou quatro esportistas montados a cavalo e armados com lanças, que cavalgam atrás do javali selvagem nativo e o combatem. O javali tem pouca semelhança com o porco comum ou doméstico da Inglaterra, pois é uma bela fera, íntegra, ativa e corajosa. Ele é capaz de galopar tão rápido quanto um cavalo, e saltar por sobre qualquer coisa que lhe apareça no caminho. Quando se cansa de correr, e às vezes antes disso,

Hitler. Em maio de 1940, tornou-se Primeiro-Ministro. Mostrou, de fato, ao longo de sua vida, ser “feito de borracha da Índia”: apesar dos reveses, conseguia “sair de sob o sofá”, e o talento oratório referido por B-P foi uma inspiração para os britânicos entre 1940 e 1945.

⁵⁷ À época da publicação deste livro, Churchill era Primeiro Lorde do Almirantado, algo mais ou menos como um Ministro da Marinha. Churchill publicou várias obras, dedicando-se especialmente à História. Em seu livro de biografias *Grandes homens do meu tempo* (*Great contemporaries*), B-P é um desses “grandes contemporâneos”.

ele se vira e parte para cima de seu perseguidor, usando suas presas com terrível força e precisão no cavalo ou no homem. Os caçadores, ao segui-lo, têm todo seu trabalho limitado a alcançá-lo na corrida. Daí ser uma excitante corrida entre eles para ver quem consegue alcançá-lo primeiro e feri-lo com a lança. As honras da disputa vão para quem primeiro o fizer. Mas isso envolve, além de galopar em alta velocidade, muitas curvas e voltas, já que o porco dá suas “quebras de asa” para a direita e a esquerda para livrar-se do perseguidor. Exige-se muita habilidade para lidar com obstáculos, que, se não se comparam às cercas dos terrenos de caça ingleses, são de todo modo formidáveis em sua natureza, trazendo a chance de uma queda pesada em solo que costuma ser mais duro que a média dos crânios.

Quando o porco resolve lutar, há muito que fazer para todos do grupo: buscar lanceá-lo enquanto protege seu próprio cavalo, proteger os outros homens e ajudá-los a sair de situações perigosas. É um esporte duro e selvagem, com talvez uma pitada de barbarismo se examinado criticamente e do conforto da sua poltrona. Mas na vida real, não é nem tão cruel nem tão unilateral como se poderia pensar. Em algum lugar eu afirmei que este é um bom esporte porque agrada à maioria dos que nele se envolvem. Sem dúvida, é a atividade mais excitante que um homem pode praticar. Ao mesmo tempo, o cavalo certamente se entusiasma com isso tanto quanto o cavaleiro, e o javali, também, sendo dotado de uma natureza combativa e sanguinária, bem como de um sistema nervoso particularmente resistente e pouco sensível, parece revelar-se na luta até o amargo fim.

Vejo, numa das cartas enviadas à minha mãe, na qual dediquei espaço a tratar destes assuntos, que escrevi: “A senhora pode pensar que é um tipo cruel de esporte, sentada em sua poltrona em casa, mas tenho bastante certeza de que se a senhora estivesse cavalgando comigo e visse um desses demônios peludos vindo em minha direção, seria a primeira a gritar: ‘Espeta esse, Robert, espeta esse’!”

A caça ao javali e a caça à raposa vêm continuamente sendo comparadas, mas em verdade não há como fazer-se uma real comparação

entre elas, já que há uma importante diferença: em uma, um homem pode ficar apartado da caçada e divertir-se com o galope e os saltos, enquanto que na outra, toda a diversão está em efetivamente você mesmo caçar o bicho. Para brilhar como caçador de javali, é essencial que o sujeito seja capaz de matar seu porco sozinho. Requer-se um bocado de habilidade mateira para encontrar o animal, e de capacidade de cavalgar em condições exigentes, e de um olhar treinado, sem falar no conhecimento da maneira de proceder do javali para estar suficientemente capacitado a segui-lo sem assistência, e por fim uma certa quantidade de destreza, rapidez e determinação para lançar e atacar o javali em combate com sucesso. A diversão e a excitação que se obtém desta caçada solitária são ainda melhores que as que vêm da caçada em equipe. Quanto há um grupo de quatro homens atrás de um porco, todos os quais já tenham passado por esse aprendizado, você pode estar certo de ter uma disputa palmo a palmo pelas honras da corrida e um fim limpo e misericordioso para o javali.

A andadura em que um javali pode se mover é, talvez, para um estranho, um dos aspectos mais surpreendentes sobre o bicho. A velocidade real e sua duração dependem, em grande parte, do tipo e da condição do porco, a condição do terreno, e como ele está sendo caçado; mas, de forma geral, um cavaleiro sozinho terá dificuldade em superar sua andadura nos primeiros três quartos de milha, e se ele tentar poupar o cavalo na primeira corrida, usando apenas velocidade suficiente para manter o javali à vista, descobrirá que quando pretender ultrapassar o porco, ele terá tomado fôlego e estará pronto para continuar por quilômetros num trote firme e constante.

O javali tinha uma grande reputação entre os antigos por sua coragem brutal e sem vacilações. Dizem que a história de Adônis⁵⁸ sendo morto por um javali é puramente alegórica, descrevendo o belo verão a

⁵⁸ Mitologia grega. Mortal, amante de Afrodite. Ares, enciumado, enviou um javali para matá-lo.

Descendo ao mundo dos mortos, Perséfone também o quis. Zeus, então, mediou o problema: ele passaria quatro meses com uma, quatro meses com a outra e teria quatro meses seus. Uma das formas de explicar o ciclo das estações.

ser terminado pela dureza do inverno, com Adônis a significar o sol e o javali sendo típico do tempo difícil e tempestuoso. Plutarco, ao escrever sobre Sertório, descreve como o frígio Átis e outro homem na Arcádia foram mortos por javalis. Átis teria atraído o mal sobre si; ele era um pastor frígio que gostava de ficar cantando canções de louvor à mãe dos deuses; isso cansou Zeus de tal modo que ele enviou um javali como o agente mais confiável para dar fim àquele pastor frígio.

Topsell, em sua *História natural*, homenageia o javali desta forma: “O porco, sendo a discussão sobre este animal. Apesar de suas variedades não serem tantas como de outros, o javali tem algumas peculiaridades significativas, portanto merece um relato específico por si mesmo”.

O javali tem o temperamento mais intratável de todos os bichos vivos. No momento em que ele sofre qualquer pequeno incômodo, é possível que ponha em uso suas presas, geralmente de forma indiscriminada. Ele atacará qualquer coisa, desde o seu filhote mais novo até um elefante. Quando eu galopava atrás de uma malta de javalis, vi o bicho correndo no meio de sua família, lançando-os à direita e à esquerda para fora de seu caminho. Via de regra, é muito difícil fazer elefantes enfrentarem um javali na selva. Eles conhecem o perigo. Certa ocasião, uma aliá particularmente confiável foi usada para bater um trecho de selva, e ao encontrar um javali, ela não arredou pé. O javali prontamente atacou-a, e ela recebeu um rasgo tão severo na perna que jamais foi capaz de encarar um javali novamente. Também os camelos, cuja aparência em si mesma basta para assustar a maioria dos animais, já foram em mais de uma ocasião vítimas de ataques selvagens de javalis.

Uma vez, em 1885, durante um grande dia de treinamento de campo em Délhi, na presença de representantes estrangeiros, um javali apareceu repentinamente, e atacou os cavalos de uma peça da Real Artilharia a Cavalos, derrubando dois deles e fazendo cessar a movimentação. O Estado-Maior e os oficiais estrangeiros, que foram espectadores desse feito, pegaram lanças com seus ordenanças e, ansiosos por puxar o crédito para seus respectivos exércitos, saíram em

disparada no encalço do javali, que saiu trotando em busca de mais canhões para tirar de ação. Entretanto, seus perseguidores foram rápidos demais para ele, e logo o tiraram de ação em meio a um coro de *vivas*, *sacrés* e *houplas*. As honras da corrida couberam ao Coronel Bushman, Vice-Ajudante-Geral, que era um crente fanático na lança como “rainha das armas”.

Hans Breitmann conta como, quando serviu como ulano⁵⁹ na Guerra Franco-Prussiana⁶⁰, porcos constantemente mantinham as sentinelas inquietas a lançar “quem vem lá?”. Com sua costumeira originalidade, ele falou da quantidade de porcas nas Ardenas nas seguintes linhas:

“E todas estas porcas
Que se vê correndo pelo campo,
É uma grande metempsicose⁶¹
Do baixo mundo francês”.

Com sua peculiar audácia e agressividade, o javali selvagem é, sem dúvida, o Rei da Selva, sem excetuar heróis mais populares como o leão, o tigre ou o búfalo.

O Sr Inglis descreve uma disputada batalha entre um tigre e um javali, que ele assistiu de um esconderijo perto de um bebedouro, onde os animais selvagens vinham tomar água. “Quando o javali viu o tigre, este rugiu. Mas o velho javali pareceu não dar a menor bola para o rugido, como se poderia esperar. Ele apenas repetiu seu “Huff! Huff!”, de uma forma, se possível, mais agressiva, insultuosa e desafiadora. Agora, mais ainda, tal era sua temeridade que ele decididamente avançou, numa curta e rápida corrida, contra o intruso listrado. Espiando atentamente na luz indistinta, assistíamos ansiosos o desenvolvimento desse estranho recontro. Agora o tigre se agachou, bem baixo, rastejando

⁵⁹ Lanceiro da cavalaria alemã.

⁶⁰ 1870-71.

⁶¹ Transmigração das almas.

silenciosamente ao redor do javali, que mudava de frente acompanhando cada movimento de seu flexível e resistente adversário, mantendo sua determinada cabeça e suas presas afiadas e mortíferas sempre fazendo frente ao seu furtivo e traiçoeiro inimigo. Os pelos das costas do javali estavam eriçados, em ângulo reto em relação à sua forte espinha dorsal. A cabeça em forma de cunha, emergindo do pescoço forte e da grossa antepara da musculatura dos ombros, estava baixa, e toda a atitude corporal demonstrava total alerta e feroz resolução. Ao rodearem-se, os dois brutos estavam cada vez mais próximos um do outro e também próximos de nós, de modo que podíamos acompanhar cada movimento com a maior precisão. O tigre agora estava rosnando e mostrando os dentes; e tudo isso, que está levando este tempo para ser contado, não levou mais que uns curtos minutos. Agachando-se cada vez mais baixo, e juntando seus fortes membros debaixo de seu corpo ágil e esbelto, ele subitamente rompeu o impasse com um rugido alto, e rápido como um relâmpago lançou-se sobre o javali. Por um breve minuto, a luta era de arrepiar pela intensa excitação. Com um rápido e destro movimento de varredura da forte e precisa pata, o tigre acertou um manotaço cruzando a mandíbula do javali, fazendo o bichão cambalear; mas com um grunhido rouco de resolute desafio, com dois ou três movimentos mergulhantes da cabeça e do pescoço e rápidos golpes cortantes das afiadas presas, o javali pareceu fazer um ou dois buracos na pele do tigre, marcando-a com mais listras do que aquelas que a Natureza já havia pintado ali; e por fim, ambos os combatentes estavam com o sangue a jorrar. A tremenda bofetada das garras afiadas havia arrancado pele e carne da bochecha e testa do javali, deixando uma feia máscara pendurada por cima da cara e quase cegando-o. O porco agora estava com a coragem aguçada. Com outro grunhido rouco, ele partiu direto para cima do tigre, que com muita destreza esquivou-se da carga e, ágil e rápido como um gato perseguindo um rato, saltou de volta, enfiando os dentes acima dos ombros do javali, rasgando com as garras e arrancando a dentadas grandes bocados de carne da trêmula carcaça de seu enlouquecido antagonista. Parecia que ele estava levando a melhor

definitivamente, tanto que o javali discretamente tropeçou e caiu para a frente, não sei se por acidente ou se de propósito, mas o efeito foi fazer o tigre voar por sobre sua cabeça, caindo desajeitadamente no chão. Quase gritei: “Ahá, agora você o pegou!”, pois havia virado a mesa. Apoiando suas patas dianteiras no corpo caído do tigre, o javali agora deu dois ou três golpes cortantes com suas fortes presas brancas, quase estripando seu oponente, e, parecendo estar exausto pelo esforço, tonto e enfraquecido, ele cambaleou para o lado e deitou-se, bufando e ruminando com as presas, mas ainda desafiante, com a cabeça voltada para seu inimigo. Mas o tigre também estava mal – sim, mal para morrer. A perda de sangue tinha sido demais para ele. E agora, considerando que estava na hora da interferência de um terceiro partido na contenda, deixei que os dois combatentes mutuamente destruídos recebessem o conteúdo de ambos os canos de minha arma, e no fim das contas tivemos a satisfação de ver os fortes membros aquietarem-se e de saber que ambos eram nossos”.

Deitando-se junto a um olho-d’água numa noite de luar, pode-se ver os veados descendo timidamente, com as orelhas em pé e movimentando-se para captar o mais leve ruído e as delicadas narinas farejando a brisa em todas as direções. É um momento de muita hesitação quando eles se aproximam da água, e quando eles chegam a ela apenas bebericam, dum modo nervoso e apressado, prontos a disparar para longe ao menor sinal de alarme. Os chacais, apesar de insolentes, são tremendamente tímidos, e estão constantemente em alerta para algum perigo; o leopardo se movimenta com uma furtividade rastejante e uma vigilante olhar ao redor, como se tivesse alguém na sua pista o tempo todo. O único animal que não se importa com nada é o javali selvagem. Ele vem arrogantemente descendo a trilha e todos os outros arrepiam caminho e se afastam da água quando ele chega para beber. E isso ele faz de forma entusiasticamente ofensiva. Se é dado algum alarme, ele meramente olha para cima e fica todo eriçado, bravo e ansioso por brigar quando outros fugiriam correndo ou esgueirando-se para longe. É um fato bem conhecido que, dentre todos os animais, o

javali não teme beber no mesmo lugar que o tigre; há até um caso registrado de um javali bebendo com um tigre de cada lado.

Uma noite, tive a sorte de ver toda uma malta de javalis descendo para beber. Desenfatiando-se perto da água, eles reviravam o solo e ocasionalmente cutucavam-se com as presas. Havia-os de todo tipo, jovens e velhos. Em dado momento, dois javalis jovens se desentenderam e começaram numa brusca correria entre si, dando cortes um no outro com suas presas ainda imaturas. Os outros imediatamente suspenderam suas operações de escavação e formaram uma espécie de semicírculo ao redor deles para assistir enquanto os dois combatentes se posicionavam, exatamente como se fossem um par de garotos brigando a socos diante dos mais velhos. Foi um combate interessante, e eles se lançaram a ele com a maior energia e raiva, cada qual tentando arrancar o olho do outro ou dar-lhe um corte no pescoço. Eles ainda não eram capazes de produzir dano real um ao outro, mas não demorou muito para que suas cabeças e pescoços estivessem reluzindo ao luar com filetes de sangue, que suas pequenas presas cortantes haviam conseguido fazer com os frequentes golpes e arranhões. Assim é a criação de um jovem javali.

Em certa ocasião que presenciei, um esportista recém-chegado da Inglaterra estava quietinho, parado, montado em sua égua do lado de fora de uma macega durante uma batida de javali⁶² (naturalmente, nem sequer se dando ao cuidado de se ocultar), observando com o que até poderia ser um certo ar de desdém todos aqueles preparativos só para matar um mísero porco, quando um velho javali, olhando para fora da macega, enxergou-o e, sem pensar duas vezes, partiu direto para cima dele. O esportista alegremente avançou no trote ao seu encontro, apesar de todos os avisos de seus companheiros para não lhe fazer frente. O javali, porém, não tinha a menor intenção de deixar que alguém lhe fizesse frente, e dando uma explosão de velocidade a mais, carregou diretamente contra as patas dianteiras da égua, tirando-lhe a

⁶² Quando o javali entra na cobertura da vegetação densa (capões de mato ou macegas), vem uma equipe de homens batendo o mato para fazê-lo sair.

sustentação. A queda que se seguiu foi “majestosa”, e o cavaleiro, que tinha aterrissado de cabeça, só recobrou os sentidos uns vinte minutos mais tarde, tendo sido transformada sua forma de pensar a respeito do javali indiano.

Doutra feita, um javali, ouvindo os *coolies* batendo a selva em direção ao seu esconderijo, espiou para ver se a barra estava limpa para um *sprint* atravessando um trecho de terreno aberto. Nada se via, exceto um cavalheiro nativo caminhando pela estrada elevada a uns 800 metros lá adiante. Ainda assim, isso não agradava ao javali, e ele partiu para cima do coitado do sujeito, dando-lhe um golpe cortante que o pôs no chão com a coxa rasgada, e seguiu seu caminho bem satisfeito da vida.

O Major Gough (vulgo “Goffy”) relata que uma vez um javali o atacou desde uma distância de quase cinco quilômetros. Ele viu o bruto vindo como uma mera figurinha no horizonte distante; veio vindo, veio vindo, cada vez mais perto, cada vez mais rápido, até que acabou correndo bem para cima de sua lança bem apontada.

O Major Hogg escreveu: “Lembro-me de uma ocasião em que os batedores fizeram uma pausa na margem de um grande *nullah*⁶³ coberto de arbustos e capim, e me indicaram uma coisa escura distante mais de cem metros, que disseram se tratar de um javali e do qual eles estavam com medo. Tendo eu cavalgado até uns sessenta metros dele, o javali sentou-se sobre os quartos traseiros tal qual um cachorro, e quando estávamos a uns trinta metros, ele atacou, direto como uma flecha e tão rápido quanto podia. Foi, é claro, barrado por uma lança, mas devido à vegetação densa levamos uma boa meia hora para matá-lo, e não antes de ele rasgar três cavalos. Noutra ocasião, eu estava cavalgando sozinho no encalço de um javali que os batedores tinham levado três horas para desalojar de uma colina íngreme coberta de mata. Então ele percebeu que eu o estava alcançando, e quando eu ainda estava a uns cinquenta metros dele, ele parou, fez meia-volta e disparou contra mim. Lanceei-o nas costas e forcei-o a ajoelhar-se, mas ele rompeu o tendão do tornozelo

⁶³ Leito seco de rio temporário, aquilo que os árabes chamam *wadi*.

traseiro do meu cavalo com suas presas. Então ele derrubou um dos *shikarees* e quase o matou, rasgando-o em cinco lugares e seccionando uma artéria de seu braço antes que eu conseguisse chegar e lanceá-lo a pé.

Sir Samuel Baker, que tem tanta experiência quanto a maioria das pessoas na caça ao javali selvagem na Europa, Ásia e África, já mostrou sua elevada opinião sobre esse animal em seus escritos. Ele afirma que a maioria dos animais selvagens não tem inclinação para atacar um ser humano, a menos que estejam feridos ou sejam provocados. “O búfalo”, diz ele, “é um oponente teimoso e poderoso, mas, se se tratar de um combatente realmente firme e determinado, que luta por gosto, o javali se destaca sobre todos os outros animais. Há uma dose imensa de caráter no javali. Ele não é apenas um antagonista feroz, mas uma criatura inteligente e perspicaz. Tudo bem que exista o termo ‘mentalidade de porco [*pig-headedness* no original: teimosia, obstinação, cabeça-dura]’, mas há algo nessa expressão que exige respeito. Um javali conhece sua própria forma de pensar, o que já é mais do que fazem muitos humanos. E quando ele toma uma decisão, ele age sem qualquer traço de hesitação para levá-la até o fim, e nisso ele dá um brilhante exemplo para muitos dos nossos generais e dos ditos estadistas”.

Essa citação foi escrita muitos anos atrás, bem antes da política britânica de “esperar e observar⁶⁴”, e bem antes de eu me tornar general, então tais alusões evidentemente não são pessoais. Quando Sir Samuel Baker esteve em Khartoum, ele ficou com o Vice-Cônsul, Mr Petherick, que tinha um verdadeiro criadouro de animais em sua propriedade. Num espaço murado ele guardava dois grandes javalis selvagens. Certa noite, um deles deu jeito de escapar e, encontrando um dos homens de Sir Samuel dormindo em sua esteira, atacou-o e feriu-o tão gravemente que ele passou várias semanas sem poder sair da cama. “Poucos dias depois desta ocorrência”, escreve Sir Samuel, “eu estava sentado com Lady

⁶⁴ Conduta adotada com relação à política europeia ao longo da segunda metade do século XIX e primeira década do XX.

Baker num caramanchão elevado, ao qual se chegava por um lance de degraus largos, quando ouvi um grande ruído no outro extremo do jardim, e vi tijolos caindo do topo do muro, mostrando que os javalis estavam novamente tentando fugir. Antes que os homens tivessem tempo de intervir, o javali maior havia feito uma brecha e apareceu no quintal. As pessoas imediatamente retraíram para locais abrigados, mas o bicho, tendo observado todo o cenário, percebeu-nos sentados no topo dos degraus. Sem hesitar um momento, ele efetuou sua carga a toda velocidade através do jardim, desde uma distância de uns noventa metros. A plataforma tinha uns cinco metros de lado e, como tínhamos chegado recentemente da Abissínia, havia vários troféus de caça distribuídos no seu piso. Entre estes, havia alguns chifres de rinoceronte. Para minha sorte, um chifre longo, pesando uns cinco quilos, estava logo à mão. Imediatamente agarrei-o com ambas as mãos; foi o tempo exato de, quando o javali estava mais ou menos na metade dos degraus, jogá-lo nele com toda a minha força. Foi um golpe de sorte, o chifre acertou exatamente na testa, entre os olhos, e nocauteou nosso assaltante escada abaixo, ao pé da qual ele ficou, chutando convulsivamente, mas totalmente atordoado e inconsciente. Meus homens agora avançaram correndo e prendemos suas patas dianteiras e traseiras com cordas, e o arrastamos até uma cabana próxima e o trancamos lá dentro. Na manhã seguinte, quando a porta foi cautelosamente aberta, meus homens, que estavam preparados para um ataque, encontraram-no morto. Eu fiquei bem orgulhoso do meu golpe nessa ocasião, pois eu raramente lanço uma pedra contra um inimigo sem acertar por engano em um amigo. Algumas pessoas são boas em um esporte, algumas em outro, mas atirar pedra para atingir algum alvo nunca foi o meu forte. Mas esse javali estava a menos de dois metros, que é bem a minha distância de precisão”.

Provavelmente seria um choque para o caçador de javali profissional ver Tommy Atkins⁶⁵ juntar-se à diversão armado apenas com

⁶⁵ Nome genérico pelo qual se designa o soldado inglês (*tommy*). B-P usou-o também para referir-se ao que as edições brasileiras de *Escotismo para rapazes* chamaram “Joãozinho Pata-tenra” – “*Tommy Tenderfoot*”.

um sabre. Lembro-me de terem aparecido nas ordens regimentais uma noite, uma nota informando que o regimento deveria entrar em forma na manhã seguinte, ao alvorecer, montados, com cantis cheios e dez cartuchos de munição de festim⁶⁶ por homem. As rações iriam de carroça, e “oficiais e sargentos-adjuntos poderiam levar lanças para javali em lugar das espadas”. Resultou disso um dia único, cheio de acontecimentos.

O trecho de selva, com denso capim e arbustos de *jhow* (espécie de cedro) foi atacado com toda a precaução e completude militares. O regimento avançou através do terreno em linha, em colunas meio abertas; patrulhas, cada uma com quatro oficiais ou graduados foram posicionadas ou avançavam bem adiante do grosso da tropa, de tal modo que quando um javali fosse afugentado pelo ruído da linha, a patrulha mais próxima poderia persegui-lo e esforçar-se para trazê-lo ao quadro de abates.

A operação foi tão bem-sucedida que em pouco tempo cada uma das equipes estava no encalço de seu próprio javali. Entretanto, ainda se viam porcos correndo adiante da linha sem ninguém para caçá-los. O Coronel, que até então dirigira as operações, deu ordem aos sargentos para levarem consigo patrulhas de soldados e ver o que conseguiam fazer com os sabres contra os javalis, e as equipes partiram percorrendo o terreno com o maior entusiasmo e alegria.

“Eles galoparam para cá, eles galoparam para lá,
Eles lutaram, eles xingaram, eles suaram”

Até hoje consigo ouvir os estridentes comandos do Sargento Fray à sua seção: “Aí vai ele! Girem para a direita, seus trevas⁶⁷ – PARA A DIREITA!”

⁶⁶ Cartucho que não tem projétil, apenas uma pequena carga de pólvora, vedado com cera, para, pelo ruído, simular disparo. Usado na instrução preparatória para o tiro (para habituar o atirador ao ruído antes de usar munição real) e em exercícios de campo com simulação de combate.

⁶⁷ Treva: mocorongo, lerdo ou de pouca aptidão física.

Quando tocou “Reunir”, a coleta de javalis, além daqueles mortos pelas equipes com lanças, não era tão grande; ainda assim, naquela noite, a babel das conversas no bivaque era quase risível. Cada um queria contar a história de suas próprias aventuras com o javali indiano; um, de como sua égua, C-16, deu as costas ao inimigo e com um belo coice mandou seus dentes frontais chocalhando para dentro da garganta; outro esforçava-se para contar como sustentou o ataque de “não apenas um, mas quatro malditos porcos, todos de uma vez”, e como, sozinho, havia conseguido dar conta deles. Algumas lorotas bem contadas encheram os ares naquela noite, e por meses ainda depois disso, aquele foi “o melhor dos dias” do regimento, para cada homem que teve a oportunidade de ir à caça do javali.

CAPÍTULO IV

O REI DA SELVA

Uma das características do javali que costuma espantar o neófito é sua aparente habilidade de num momento estar distante vários metros e no seguinte estar bem debaixo de seu cavalo; e outra é a força e precisão com que, num rápido meneio de cabeça, ele inflige seus cortes mortais. Essa rapidez e a habilidade com as presas são aprendidas e praticadas desde a mais tenra juventude, e postas em uso nos combates com os rivais à medida que ele amadurece.

Diferentemente do que pensa a maioria das pessoas, os javalis não usam suas presas superiores para fazer cortes num inimigo. Elas são muito grossas e bôtas para isso, e servem apenas para afiar e proteger as presas inferiores. Uma vez, um javali velho, com as presas superiores em bom estado e as inferiores quebradas, pôs-se debaixo de meu cavalo e, apesar de marcá-lo com listras de espuma de suas mandíbulas, não conseguiu infligir nem o mais leve arranhão. Já um outro javali velho, que tinha suas duas presas inferiores em bom estado e, das superiores, uma quebrada e a outra bem embotada, estava seguindo raivosamente seu caminho atravessando um campo, já tendo sido lanceado duas vezes, quando avistou dois nativos trabalhando. Ele atacou um deles e infligiu-lhe vários ferimentos severos. O outro, vindo em socorro de seu camarada, também foi lançado de costas no chão, e o javali pôs-se em cima dele com a intenção de escavar seu peito com as presas. O homem agarrou o maxilar inferior do javali com as duas mãos e fez força para mantê-lo distante, até ser socorrido. Mas apesar disso, ele ainda foi lanhado seriamente nuns quinze lugares.

Não há ocasião em que se demonstre melhor a coragem do javali do que quando ele está prejudicado por ferimentos e incapaz de continuar correndo. Ele para a fim de abrir caminho combatendo em busca de alguma cobertura, onde possa ficar protegido. Com os pés plantados afastados no solo e a cabeça baixa, ele fica, batendo as presas, os olhinhos vermelhos incansavelmente vigiando cada movimento de seus

opponentes. À menor aproximação ele avança e faz uma carga com inesperado vigor; então, trota de volta à antiga posição, vigiando e esperando. Se um cavaleiro tenta chegar a ele por trás, ele se vira e chega ao adversário num piscar de olhos. Parece nunca desanimar, e sempre mantém seu autocontrole. Ele se lançará vezes sucessivas contra as lanças com temerária coragem, e mesmo quando contido por uma lança através do corpo, se esforçará para avançar pela haste a fim de chegar a distância de golpear o cavalo ou o caçador. Ferimentos que no mínimo incapacitariam qualquer outro animal parecem fazer pouco efeito nele. Mesmo com o crânio fraturado, sabe-se que ele carrega com ímpeto nada diminuído.

Uma vez, caçando com o *Délhi Tent Club*, o Duque de Connaught⁶⁸ teve uma aventura bem excitante. Um javali vinha sendo perseguido num trecho de terreno bem difícil. Quando Lord Downe o alcançou, o bicho se virou e, apesar de ter sido bem lanceado, infligiu um corte feio no jarrete do cavalo. O próximo a alcançá-lo foi o Dr Kavanagh, que, por sua vez, recebeu uma carga do javali, mas foi exitoso em impedi-lo com um pontão na cabeça; mas a lança foi enterrada tão profundamente que foi arrancada da mão do seu detentor e ficou lá, apontando para cima desde a cabeça do javali. Apesar dessa condição, esse bravo combatente tentou novamente tomar o rumo da selva. Nesse momento, o Duque chegou e lanceou-o, produzindo tal efeito no javali que este pareceu pôr de lado quaisquer ideias de fuga e, conseguindo livrar-se da lança fincada em sua cabeça, dispôs-se a partir para cima de seus inimigos. Ele conseguiu fazer um da equipe ser ejetado do cavalo, perseguiu outro por alguma distância e, por fim, depois de bastante desordem, foi morto a pé, sendo o Duque a dar-lhe o *coup de grâce*.

É nos últimos lances da caçada, quando se o encurrala, que o javali mostra em plenitude aquela obstinada coragem e temerária ferocidade que lhe são tão características, e que o põem em primeiro lugar entre os

⁶⁸ Antes de 1922, quando o Reino Unido tinha Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda, o primeiro filho do monarca era tradicionalmente o Duque de Cornwall, que depois ascendia a Príncipe de Gales; o segundo era o Duque de York; e o terceiro, o Duque de Connaught.

animais de caça. É impossível não sentir ao mesmo tempo piedade e admiração por um bicho tão intrépido.

M. Levesque diz: “Já cacei muitos javalis, e, para mim, não há animal selvagem que eu tenha conhecido que seja tão estimável. É um bravo, um ‘cavaleiro sem medo e sem mácula’ que se bate valorosamente até o fim, e morre como um herói”.

O atrativo de espetar este “herói” está não apenas nos riscos do esporte, mas também no espírito de camaradagem que se constrói entre cavalo e cavaleiro. Se você observar um caçador de javalis experiente, logo identificará o espírito esportivo que o inspira. Ponho em minha mente a imagem da minha égua baia *Waler*, de belas formas, inesquecível; o modo como ela buscava as coberturas, curveteando e brincando, fingindo imaginar um javali em cada moita, dando suas passadas como se o solo endurecido pelo calor fosse um capinzal macio, movendo-se para lá e para cá, com um malicioso prazer quanto ao efeito desses jogos sobre seu ginete, que, não importa quão grande fosse sua popularidade à mesa do refeitório na noite anterior, sentia-se não muito melhor que uma minhoca às cinco horas de uma manhã quente.

Uma vez posicionada do lado de fora da cobertura, todo seu comportamento muda: ela limita suas manifestações de gaiatice e, à medida que os distantes gritos dos batedores chegam a ela, fica imóvel como uma estátua, enquanto um ligeiro tremor dos membros e um rápido e ansioso relancear dos olhos de um ponto a outro indicam sua prontidão para a luta. Quando o chacal faz pequenos movimentos bruscos na vegetação caída, ou o pavão foge apressadamente pelo terreno aberto diante do alarido dos batedores, ela enfiça as orelhas e levanta a cabeça para uma instantânea apreciação do fugitivo, e então retorna à sua posição de vigilância. Por fim, uma rápida e repentina aceleração dos batimentos cardíacos, um rápido movimento de cabeça, com as orelhas apontadas para a frente, adverte o cavaleiro que o javali está em campo, e em poucos instantes ela parte em perseguição, quase sem tomar em conta os desejos de seu ginete na primeira corrida louca de sua alegria.

Sua atenta e evidente determinação em superar os outros concorrentes ao “primeiro golpe” poderia quase levar a pensar que ela lançava cada grama de sua energia nessa disparada inicial, se não soubéssemos por experiência que ela sempre retinha uma pequena reserva disponível para a corrida final sobre o porco no momento crítico.

Numa curva fechada, mesmo que as rédeas estivessem soltas sobre seu pescoço, ela fazia a mudança de direção buscando emular a rapidez do porco em virar. Quando a caça se lança, como só um javali é capaz de fazer, por cima de um muro de adobe, ela voa por cima do obstáculo, com ímpeto apenas suficiente para escapar de alguma valeta ou outro perigo oculto do outro lado. Está sempre alerta para algum buraco ou *nullah*⁶⁹, do qual ela, caso entre, salte para fora no outro lado.

Uma vez, quando em disparada através de um campo plano coberto de capim, o javali de repente desapareceu, e no momento seguinte um buraco *kunkur* [ou *kankar*⁷⁰] largo e de barrancas íngremes estava bem debaixo do nariz da égua. Era-lhe impossível tanto parar quanto saltar por cima dele, então ela entrou quietamente no buraco, sabendo que o javali seria incapaz de sair e teria de ser confrontado ali – e nós demos nosso combate naquele buraco e o vencemos.

Quando chega a hora de lutar e receber as cargas do javali, a égua se põe ao trabalho com todo o sangue-frio, obedecendo a cada toque da mão e da perna do cavaleiro, ainda que ao mesmo tempo pondo em uso sua própria presença de espírito quando um salto rápido ou uma virada podem colocá-la a salvo de alguma corrida do oponente.

Com uma aliada como essa, é praticamente garantido o sucesso para o caçador.

A primeira impressão geralmente é a que marca, e apesar de eu já ter caçado muitos javalis em meu tempo, os incidentes da minha primeira corrida permanecem nítidos na memória. Aconteceu a poucos quilômetros de Muttra. Alguns dos meus companheiros oficiais tinham

⁶⁹ Leito seco de rio temporário, ou *wadi*.

⁷⁰ Formações geológicas sedimentares dispostas em camadas, que ocorrem em regiões semiáridas.

saído para a caça e eu, ocupado com algum trabalho no quartel, segui-os um pouco mais tarde. Chegando ao alcance da vista deles na planície, eu seguia em sua direção quando um javali enorme saltou do meio do capim e correu para longe, bem diante de mim. Dei o grito de caça e logo nós íamos como coriscos no seu encalço, e dois de meus camaradas, respondendo ao grito, vieram rasgando o mato atrás de mim. Corremos atrás do porco uma longa distância, tão rápido quanto podíamos e, por fim, Blagrove conseguiu meter sua lança fundo no bicho; logo depois, McLaren teve sua chance, que levou o porco a ficar encurralado, e não demorou para que juntos acabássemos com ele. Mas, para nosso desânimo, descobrimos que “ele” era “ela”, mas muito parecida com um macho devido à sua crista cinzenta e às presas. Não é muito raro encontrar uma fêmea de javali com presas, sendo ela, em consequência, facilmente confundida com um javali macho. Mas foi um tanto desapontador descobrir que minha primeira aventura desse tipo ficou menos brilhante. Na Índia, é tão ruim matar um javali fêmea quanto atirar numa raposa na Inglaterra. Não demorou muito e avistamos outro porco, e desta vez era, sem chance de erro, um javali macho de verdade. Como eu era um iniciante, deixei-me ficar um pouco para trás a fim de aprender dos outros como fazer. Quando rompíamos mato trás do porco, que ia um pouco distante, e íamos tão rápido quanto nossos cavalos podiam, “Papa (Braithwaite)”, que ia à frente, repentinamente virou de pernas para o ar, com cavalo e tudo! Ele havia tropeçado num javali enorme, que estava deitado escondido no capim. Cavalo e homem se reergueram bem depressa, e num instante estávamos todos atrás dessa nova presa. Por mais de três quilômetros nós o perseguimos, até conseguir encurralá-lo, mas como iniciante não havíamos jogado a partida muito bem; não demorou muito para três de nós termos enfiado nossas lanças no bicho e soltado, então, lá estava ele com três lanças espetadas como uma almofada de alfinetes, carregando sobre quem quer que tentasse se aproximar.

Por fim, um dos nossos companheiros desmontou e, quando o javali avançou sobre ele, foi recebido na ponta da lança e morreu.

Eis uma caçada típica, recolhida de uma de minhas cartas dessa época:

Outro dia, eu estava caçando javali com Cruikshank, e tínhamos um cem *coolies* batendo através da vegetação alta para afugentar os porcos. Já tinha passado um bom tempo sem vermos nada, até que, afinal, um homem que estava trabalhando num campo aberto rodeado por milhares densos de mais de dois metros de altura, gritou para nós que dois belos javalis haviam cruzado um canto de seu campo fazia mais ou menos uns quinze minutos. Fomos, então, para o local e descobrimos os rastros. Eram os de um javali graúdo e uma fêmea também grande, que havia ficado manca. Começamos a rastreá-los e seguimos sua pista por uns três quilômetros, atravessando a densa plantação sobre terreno duro, atravessando o capim alto e algumas águas, até que ela conduziu a uma densa touceira de plantação em meio a terreno aberto. Rodeei o campo e, não tendo encontrado sinais da saída deles pelo outro lado, voltei a seguir o rastro e segui os porcos até seu esconderijo no centro da plantação, enquanto Cruikshank vigiava num canto do campo. Quando assim incomodado, o javali deixou a cobertura a uns dez metros de meu parceiro, que partiu atrás dele, e eu os segui, tendo dado uma largada ruim na corrida.

Eu cavalgava *Budderoo*, que era o tipo de cavalo que enfiava as patas dianteiras em qualquer buraco ou vala que topasse pela frente e, em consequência, ia de pernas para o ar o tempo todo. Entretanto, eu já tinha me habituado às suas manhas e, sempre que abordávamos um pequeno obstáculo, eu o fazia correr para cima dele e o esporeava como se fosse muito grande, de modo que saltava por cima como um pássaro. Depois de correr uns mil e duzentos metros, o porco entrou num grande campo de milho indiano, e continuou a fazer curvas e volteios na tentativa de me enganar. Por fim, vi uma boa chance de pegá-lo, quando ele estava indo em linha reta por um trecho curto. Impulsionei *Budderoo* com tudo que podia para onde eu via que o porco estava pelo balançar das plantas, quando, *crash – bang!* Batemos num montinho de barro, com um meio metro de altura no meio da plantação, e demos um salto mortal por cima dele. Eu me pus de pé antes mesmo do cavalo, e forcei-o a levantar-se logo.

Quando montei, vi que Cruikshank ainda estava atropelando o porco na extremidade mais distante do campo, e, assim que me aproximei dele, de repente ouvi um raivoso “gruff, gruff” bem perto, e havia um javali dos grandes bem debaixo de mim! Enfiei a ponta de minha lança em suas costas no momento exato para salvar meu cavalo, e atravessei-o com ela, matando-o. E então descobri que afinal aquilo era a grande fêmea manca, e não o javali, que, quase naquele mesmo instante, apareceu fugindo no terreno aberto e buscando algum terreno horrivelmente cheio de ravinas. Que grito demos, e que corrida para ver quem o pegaria primeiro! Fomos a ele com tudo que tínhamos, com ambos os cavalos dando o máximo de si, mas no fim das contas *Budderoo* ficou para trás e o velho Grex alcançou o javali e deu-lhe um golpe que o deixou estupefato. Por um instante ele parou, como se atingido por um raio, e então, com as orelhas apontadas e os pelos eriçados, veio para cima de mim “como uma avalanche de tijolos”, mas apenas levou outra fincada para suas dores. Então, mergulhou numa plantação de milho, muito densa com pés de uns quatro metros de altura. Meu cavalo seguiu-o para dentro da plantação, lançando-se cegamente contra a vegetação, até que, de repente, chegamos a ele, encurralado numa pequena clareira. Assim que me viu, carregou contra mim com uma espécie de rugido de fúria. Mas enfiei a lança em suas costas e espetei-o no solo, e em seguida acabamos com ele.

Noutra ocasião, meu amigo e eu, caçando num terreno de macega muito densa, demos com um esplêndido javali. Nós o pressionamos e o empurramos em grande velocidade pelo mato, e mais por sorte que por boa condução conseguimos manter-nos em contato com ele, até que, por fim, enojado com nossas atenções, fez meia-volta e carregou contra mim. Minha lança entrou fundo em suas costas, mas ele passou direto por baixo do meu cavalo, nisso quebrando a lança e levando-a consigo, ainda espetada em suas costelas. Então ele se virou para meu amigo e carregou contra ele, mas o cavalo que montava não estava habituado a este esporte; não gostou nada da aparência daquele monstro furioso vindo em sua direção com o que parecia ser um grande porrete balançando em sua frente, e muito naturalmente fez meia-volta e fugiu diante de tal aparição.

Sete vezes seu cavaleiro tentou fazê-lo enfrentar o porco, mas não havia como, então ele me deu sua lança, e eu parti prontamente para enfrentar o bruto. Ele imediatamente se virou e se lançou contra mim. Dei uma bela enfiada de lança em seu ombro, mas a lança saiu sem ter produzido efeito aparente, daí eu rapidamente me virei e, seguindo-o, dei-lhe outro golpe no topo de suas costas, bem entre os ombros, novamente sem sucesso. A lança estava bôta como um pedaço de chumbo, e não faria impressão nenhuma em sua pele dura. Era difícil saber o que fazer com uma lança perdida e outra sem condições de uso, e apenas um cavalo capaz de encarar o bicho.

Entretanto, ele correu para dentro de um tufo isolado de mato, e parou lá para ver o que fazer. Discutimos a situação e concordamos em deixá-lo lá enquanto dávamos um pulo até o acampamento e nos renovávamos de lanças e cavalos. Convocamos os batedores, que desta vez não estavam longe, e os fizemos formar um cordão ao redor do esconderijo para prevenir a saída do bicho. Então, galopamos de volta ao acampamento, distante uns 1600 m e nos rearmamos. Ao voltarmos, descobrimos que a situação havia evoluído. O javali tinha saído e atacado meu *shikaree*, que, no entanto, era um sujeito experiente e, quando o javali o acometeu, ele não apenas saltou de banda como também conseguiu agarrar a haste quebrada da lança e arrancá-la quando o javali passou por ele. Então o javali foi para cima de outro velho batedor *coolie*, e arremessou-o para trás, de pernas para o ar e com um corte feio na coxa e, sentindo-se satisfeito com essa demonstração de seu mau gênio, virou-se e buscou novamente refúgio no tufo de mato. Nosso primeiro cuidado foi com o nativo ferido, que parecia que ia sangrar até a morte. Então, improvisamos um torniquete e fizemos cessar o sangramento, e reajustamos a cobertura da coxa onde o fêmur estava exposto, e costuramos no lugar com uma meia dúzia de pontos, depois de cuidadosamente lavar o ferimento. Enfaixamos tudo da maneira mais próxima da profissional possível nas circunstâncias, e enviamos o camarada numa padiola para a aldeia próxima, e fico feliz em dizer que

ele se recuperou apesar do nosso atendimento. Daí, montamos e voltamos ao trabalho com o porco.

Não havia jeito de tirá-lo do refúgio, em parte porque ele o considerava seguro e livre de incômodos, e em parte porque os batedores não estavam tão ousados como antes, devido à baixa que sofreram em seu efetivo; prontamente adotaram nossa sugestão de pôr fogo à moita no lado do vento favorável, em lugar de batê-la entrando nela. Logo produziu-se o efeito desejado, e o velho javali veio para fora, aparentemente tão descansado como antes e, se é que era possível, um pouco mais feroz. Num átimo estávamos atrás dele, mas assim que percebeu que estava sendo caçado, ele se virou contra nós e nos atacou, trincando de raiva, mas isso foi o seu fim, pois com cavalos descansados e lanças afiadas nós rapidamente demos conta do assunto.

Uma vez tive a sorte de obter a Taça Kadir, para minha grande surpresa e encanto. Na verdade, eu ainda passei um bom tempo depois disso com dificuldade de acreditar que acontecera. É a Taça do Desafio da Caça ao Javali com Lança na Índia do Norte. Havia cinquenta e quatro cavalos concorrendo. Todo o campo foi dividido por sorteio para equipes de quatro integrantes. Cada equipe estava a cargo de um árbitro. Cada árbitro levava sua equipe pela selva e, quando avistava um javali, ele mandava a equipe partir. No momento em que dava a voz “Já!”, eles saíam todos e aquele que primeiro lanceasse o porco ganhava a etapa. Havia quatorze equipes na primeira rodada, e eu participava de três equipes diferentes porque tinha três cavalos inscritos. Fui suficientemente sortudo para ganhar a primeira rodada com cada um dos meus três animais. Então, todos os quatorze vencedores da primeira rodada foram novamente divididos em quatro grupos, de modo que em três deles eu tinha um cavalo concorrendo.

Os quatro vencedores desta etapa iam agora disputar entre si pela conquista da Taça. *Squeers* foi o primeiro cavalo dos meus que cavalguei nesta rodada. Cheguei ao porco primeiro, arremessei a lança e errei, e a ponta emaranhou-se em algum mato e foi arrancada da minha mão, e o próximo camarada avançou e espetou o javali. Perdi essa etapa. Mas

ganhei as outras com *Patience* e *Hagarene*. Então, dos quatro cavalos competindo na final da Taça Kadir, dois eram meus. Como eu não podia cavalgar dois ao mesmo tempo, Ding McDougal montou *Patience* e eu, *Hagarene*.

Que excitação! Havia vinte elefantes com espectadores, gente trepada nas árvores e outros a cavalo para assistir à diversão. Lá vai um grande javali. “Já!”, gritou o árbitro, e lá fomos nós. *Hagarene* logo ganhou distância sobre os outros, pois era muito veloz e esperta. O javali disparou como uma flecha através do campo aberto para entrar numa mata muito fechada; mas eu estava bem perto dele, e podia vê-lo aqui e ali entre os tufos de capim grosso e alto. *Hagarene* passou junto deles; então, cruzamos uma clareira de uns vinte metros, e outro capão de mato mais denso que o anterior e delimitado por paredes altas. Despencamos por ali – não, não o fizemos, mas foi quase! Um dos tufos de capim escondia em seu interior um sólido pilar de terra endurecida, no qual a égua bateu o peito, mas conseguiu recobrar-se. Agora estávamos bem perto do javali, e posicionei a lança para espetá-lo.

Nesse momento, uma espécie de sebe verde apareceu diante de nós, e assim que o porco desapareceu dentro dela *Hagarene* saltou por cima – e então, uns três metros abaixo, estava a brilhante superfície do rio! O javali mergulhou na água e *Hagarene* e eu fizemos o mesmo, quase em cima dele. Afundamos na água: foi um tal de debater-se, golpear, nadar com roupas pesando, agarrar-se ao capim, etc. por fim, emergi na margem oposta e vi *Hagarene* escalando a margem, e lá foi ela a toda velocidade para o acampamento. Eu apenas conseguia ver o porco esgueirando-se de volta para onde ele havia entrado na água entre os juncos e, quando os outros caçadores chegaram à sebe e olharam ao redor eu apontei para o porco, e lá se foram eles. McDougal foi o primeiro a chegar a ele e lanceá-lo, e assim ganhou a Taça para mim.

Eu estava com uma aparência muito engraçada quando todos os camaradas vieram cumprimentar-me. Lá estava eu, coberto de lama, encharcado e engrinaldado com plantas aquáticas, mas ainda assim o sujeito mais feliz entre todos eles!

Noutro ano, eu entrei novamente para competir pela Taça Kadir, e tive a sorte de chegar à semifinal. Nesse grupo da rodada, havia três concorrentes, e curiosamente os outros dois também eram do meu regimento. Fomos lançados atrás de um javali e, no começo da corrida, um deles caiu, e como seu cavalo mancava ele estava sem condições de prosseguir, assim o páreo ficou entre mim e o outro competidor. Foi uma corrida dura, alternando as vantagens, pescoço a pescoço por um trecho longo, mas nenhum de nós dois conseguia ganhar a dianteira, e o javali estava conseguindo manter-se na medida exata para ficar fora de alcance de nós ambos. Por fim, ele começou a dar sinais de cansaço, e nós fomos pouco a pouco chegando a ele, cada qual mais ansioso para obter a primeira lanceada, quando subitamente o cavalo de meu companheiro meteu a pata em um buraco e lá se foram os dois de pernas para o ar, e assim eu fiquei sozinho com o porco cansado bem diante de mim, com nada mais a fazer do que ir, espetá-lo e ganhar a partida. Mas ao relancear os olhos para meu companheiro, notei que ele estava caído, sem sentidos, com sua cabeça muito perto das patas traseiras do cavalo, e pareceu-me que no primeiro chute que o cavalo desse ao forcejar para se colocar de pé provavelmente faria saltar seus miolos; então, saltei da minha montaria e fui auxiliá-lo, e assim perdi minha chance com o javali. O árbitro nos deu meia hora para que o cavaleiro caído se recuperasse; então, montamos novamente e, tendo sido encontrado outro javali, fomos mandados no seu encalço. Meu rival teve um bom começo, e rapidamente ganhou distância de mim, ultrapassou e espetou o javali em belíssimo estilo e assim me venceu. Mas eu não estava de todo triste, pois, tendo ganhado a Taça doutra feita, seria ótimo que algum outro a ganhasse agora, dado que ela viesse para o regimento.

Quando retornei à Índia após alguns anos de ausência⁷¹, eu estava um pouco ansioso quando se tratava de caçar javali, por não ter certeza se meu vigor para isso ainda estava em dia, pois se por uma vez você ficar apreensivo quanto ao terreno no qual se desloca e começar a pensar em

⁷¹ 1897, como comandante do 5º Regimento de Dragões da Guarda.

como achar seu caminho, está condenado como caçador de javalis. A única forma de caçar javali é manter os olhos *nele* e não no terreno, e confiar em seu cavalo para fazer o resto.

Na noite que antecedeu a caçada, eu mal pude dormir de tanta ansiedade, e estava pensando muito sobre isso de novo enquanto esperava pela aparição de um javali. Mas no momento em que sua forma cinzenta apareceu, trotando em meio ao capim amarelo, toda a ansiedade desapareceu. Esqueci tudo, exceto que o porco estava diante de mim, e tinha uma boa distância. Após ser ferido, o porco entrou num cinturão de mata, e temendo perdê-lo se ele atravessasse para o outro lado, eu galopei ao redor, rumo ao outro lado a fim de vê-lo saindo. No entanto, ele não saiu, e sabíamos que ele certamente estava amoitado lá dentro.

Reconstituímos nossa equipe do lado de fora enquanto os batedores se puseram em linha para conduzi-lo para fora. Eles passaram de um lado ao outro, mas sem sinal do porco. Sentindo a certeza de que ele ainda estava lá dentro, mandamos os batedores fazerem meia-volta e percorrerem o trecho novamente. Ainda assim, nada de porco! Certo de que ele ainda estava lá, desmontei e entrei eu mesmo junto com os batedores, lança em punho. Eu estava no centro da linha e, quando chegamos ao meio da mata, notei que os batedores em cada lado meu começaram a se afastar lateralmente, e adivinhei que eles sabiam bem onde se encontraria o javali. Não precisamos procurar muito, pois, de súbito, sem qualquer aviso, ele carregou em minha direção, saindo de uma moita. Baixei minha lança no tempo exato de recebê-lo em sua ponta, e a ponta entrou profundamente em seu peito, mas seu grande peso e o ímpeto fizeram-me cair para trás, e lá fiquei, deitado de costas, agarrando minha lança e capaz apenas de mantê-lo afastado de mim uma distância meramente suficiente para impedir que ele me rasgasse. Os nativos, intrépidos rapazes, imediatamente começaram uma gritaria: “O Coronel foi morto!”, e trataram de ir deixando a selva tão rápido quanto lhes permitiam as pernas, mas logo fui rendido em minha posição pelos companheiros, que vieram correndo a pé com suas lanças e deram fim ao javali que ainda estava tentando chegar sobre mim.

Então, perguntaram-me: “O senhor sempre finaliza o javali assim, pegando-o a pé?”, e, para dar mais colorido à minha ação eu tinha que dizer: “Claro, é a única maneira de fazer isso”. O pior foi que depois dessa eu tive que viver à altura da minha reputação, e sempre que tínhamos um javali malferido ou encurralado num lugar diferente, tínhamos que desmontar e encará-lo a pé. Mas não demorou a que não apenas nos habituássemos a isso, mas também que nos tornássemos ansiosos por adicionar essa adrenalina à excitação de uma corrida ao javali.

No que toca a matar javali selvagem a pé, podemos bem aprender alguma coisa dos nativos de algumas ilhas do Pacífico Sul. Um dos seus mais valorizados ornamentos em colar são as presas curvas do javali selvagem. Eles caçam esses animais através da macega densa, com cães e batedores, e é costume dos melhores caçadores entre eles ficar em pé nas trilhas da macega para encarar o javali sozinhos, armados unicamente com uma espada curta, com a qual eles o espetam quando faz a carga. Uma boa enfiada no local certo (a coluna, entre os ombros), porá o javali morto no local, como acontece com as reses no matadouro de Fray Bentos⁷², na América do Sul. Mas se o esportista errar o golpe, ele pode estar certo de que será atropelado pela corrida de seu pesado adversário e talhado até a morte pelas suas ansiosas presas no abdômen ou na coxa.

Um relato recente de Lewis Freeman dá uma descrição vívida deste excitante esporte. Ele conta como o nativo aguardando a carga planta os pés firmemente no solo, escavando uma pequena depressão para dar aos dedos uma boa aderência na terra. “Quando o javali ataca, o pé direito está meio passo à frente, e a perna esquerda esticada bem reta, o braço direito segurando o sabre é baixado sobre as costas do javali entre a

⁷² Cidade no Uruguai, famosa pelos seus matadouros, de onde vinha a carne enlatada que alimentou soldados britânicos nas duas Guerras Mundiais. Inclusive, houve um tanque inglês cuja tripulação batizou “Fray Bentos” – humor negro, os tripulantes seriam a carne na lata – e que, por sinal, teve uma ação destacada num combate. O tanque, que ficou atolado na terra de ninguém, a poucos metros das linhas inimigas em 22 de agosto de 1917, durante a batalha de Passchendaele, resistiu durante três dias ao fogo de canhões e metralhadoras e aos assaltos de infantaria dos alemães. No terceiro dia, seus tripulantes conseguiram evadir-se durante a noite e retornar às posições amigas.

omoplata e a primeira costela, e a lâmina da faca se enterra por um golpe do pulso do braço que a segura, e o bicho desaba como uma massa inerte sem produzir um som”. Mas é preciso ter muito sangue-frio e confiança para praticar este truque.

Eu poderia continuar pelo resto do livro só falando do tema da caça ao javali, mas serei misericordioso. Aqueles que desejarem saber mais sobre o assunto poderão encontrar tudo no fascinante volume *Modern Pigsticking*, recentemente publicado pelo Major A. E. Wardrop, da *Royal Horse Artillery*.

CAPÍTULO V

A VIDA NAS PLANÍCIES

O Sr Rudyard Kipling assegurou-nos que “homens solteiros no quartel não se tornam santos de gesso”, o que é bem verdadeiro. É igualmente verdadeiro que eles não se degeneram em vagabundos ociosos, e nunca foi tão verdadeiro quanto nos dias de hoje. O dia do soldado começa cedo, e é particularmente árduo. Em uma carta à minha mãe, escrita nas Planícies, e que ela preservou como só as mães são capazes de fazer com cada rabisco e linha que lhes é mandada pela sua progênie masculina, descrevo um dia típico de trabalho na vida militar na Índia. Eis o que escrevi.

Comida é uma coisa difícil aqui em Quetta, especialmente coisas mais refinadas. Hoje é feriado na Índia. Quinta-feira sempre é dia livre para os soldados, e hoje é quinta-feira, portanto hoje é feriado. Vou apenas contar-lhe como passei meu feriado. Primeiro, deixe-me dizer que, como hoje é um feriado, mandei que se preparasse para o almoço em minha casa um bolo, uma lata de biscoitos e uma garrafa de vinagre de amoras, os únicos luxos que se consegue obter por aqui. Muito bem, apesar de ser um feriado, eu tinha que estar de pé às 5 horas para uma formatura com exercício de fuzil, que durou até as 6:45. Depois disso, desjejum às 7, depois permanências na sala de ordens das 8 às 8:30. Em seguida, tiro real no estande, distante umas duas milhas, das 8:30 às 12. Então, voltar para casa para esse bolo tão desejado, com biscoitos e vinagre de amora; depois disso, descanso até às 2, quando precisei dar uma aula sobre uso do fuzil, seguida por uma hora de ordem-unida, de pois do que fui às corridas, depois jantar; daí, passamos ao teatro regimental e possivelmente ceia, e então, cama, para estar pronto para a formatura matinal às 5 horas em um dia que *não é* feriado. Mas voltemos aos biscoitos, bolo e vinagre de amora. Acontece que eu comentei com alguém sobre o belo almoço que eu ia me dar após minha labuta matinal; então, quando fui para minha cabana pouco depois do meio-dia, destruído de cansaço e varado de fome, que visão se apresentou ante meus doloridos olhos? Sobre a minha cama estava

deitado *Jock* e um companheiro seu chamado *Beetle*⁷³, ferrados no sono, ambos de barriga bem cheia e, de mistura com eles, também apagado e com o ventre distendido, estava o Garoto⁷⁴, que mora na cabana vizinha à minha e é o dono de *Beetle*. Minha caixa de biscoitos jazia no chão, vazia, assim como a garrafa de vinagre de amora. Alguns farelos no chão indicavam o destino que tivera o bolo.

Naturalmente, em poucos segundos um balde de água fria se esvaziava sobre o trio, mas isso não me traria de volta meus biscoitos, bolo e vinagre de amora, e só serviu para tornar minha cama inabitável. Porém, o Garoto está de serviço amanhã e eu vi uvas e melões indo para sua cabana. Não pedi almoço para mim para amanhã; a senhora pode imaginar o que pretendo fazer.

Tais são as pequenas atenções que se pode receber dos “irmãos de armas” quando se está ausente a serviço do Império! Estávamos sempre em guarda uns contra os outros, já que poucas oportunidades de pregar uma peça num parceiro se deixava passar. Uma noite, após me recolher, eu estava horrivelmente sedento e sem água na minha garrafa, então mandei meu serviçal à cabana vizinha para pedir um pouco ao Garoto. Imediatamente ele me mandou um copo cheio, imaginando que eu beberia no escuro; mas quando o segurei contra a luz, vi que havia uma camada de uns dois dedos de óleo de rícino sobrenadando. Diante dessa, é claro que eu tive que levantar-me da cama e ir lá dar-lhe uma boa coça.

A história às vezes se repete. Um exemplo disso aconteceu em Jullundur.

Éramos convidados do Regimento de Devonshire, que estava com parada lá, e eu era alvo dos cuidados especiais de um oficial subalterno, um tal Harris. Isso foi em 1881. Dezoito anos se passaram, e em 1899 eu marchei novamente através de Jullundur com meu regimento, acampando lá por uma noite. Novamente encontramos lá o Regimento de Devonshire, e novamente Harris tomou conta de mim. Eles haviam

⁷³ Jock e Beetle são cachorros.

⁷⁴ Kenneth McLaren, o melhor amigo de B-P.

estado em muitos lugares durante o intervalo, mas no primeiro relance pareceu ser um caso similar ao do oficial em Creta que estava comandando a guarda na Alfândega quando as Potências Aliadas assumiram o controle da ilha. Uma guarda britânica entrou de serviço no lugar da turca. O oficial turco em comando recebeu a substituição com alegria. Ele explicou que quinze anos antes ele havia entrado de guarda esperando ser substituído em vinte e quatro horas; mas aparentemente sua existência fora esquecida no quartel-general, e ele havia permanecido lá desde então – e ele ainda era segundo-tenente.

Uma noite, *Jock* saiu para um passeio com nosso médico, mas desapareceu pouco antes de chegar de volta ao nosso acampamento. Ele esteve ausente a noite toda, e na manhã seguinte nós o encontramos a uns 800 metros do acampamento, com uma ferida feia no ombro, evidentemente uma punhalada. A ferida foi tratada e parecia não lhe doer muito; de fato, naquela noite ele entrou num entretenimento que demos para os nativos, e brincou com os diversos artistas, e me atacava com a maior fúria toda vez que eu tocava meu tamborim, para delícia da plateia. Mas na manhã seguinte ele não conseguia comer, e bebia água a toda hora. Então sua mandíbula inferior ficou paralisada e tivemos de alimentá-lo despejando sopa por sua goela. Ele foi posto a viajar em uma de minhas carretinhas durante a marcha, mas estava tão fraco que mal podia ter-se em pé; então, suas patas traseiras ficaram paralisadas, e ele sofria tanto, com o veterinário declarando que não havia como se recuperar, que tivemos de abatê-lo.

Esse dia foi curiosamente azarado para minha tropa. Um dos homens, nosso melhor mensageiro, caiu morto quando instalávamos as barracas, e tivemos de transportá-lo na charrete do esquadrão, e no fim da marcha tive de enterrá-lo e fazer o serviço religioso junto à sua sepultura. Então um cavalo das minhas tropas pegou uma inflamação e morreu, e um pônei de bagagem morreu de repente, assim como um camelo. O esquisito é que no dia seguinte outro homem, não pertencente ao regimento mas acompanhando-nos na marcha, caiu morto por uma

apoplexia. Tudo isso combinado com a morte de *Jock* fez essas vinte e quatro horas um bocado trágicas.

A Índia é o lugar para os trotes, e, tirando vantagem de minha natureza simplória⁷⁵, as pessoas estavam sempre praticando suas tolices em cima de mim. Para dar um exemplo: quando em Meerut, instalamos no Regimento uma leiteria de alto nível, para suprir os homens com bom leite em lugar daquela coisa infecta que tendiam a comprar no mercado nativo. Fizemos isso para diminuir o risco de febre tifoide, que produzia tanta devastação entre nossos jovens soldados. Nosso laticínio logo conquistou uma grande reputação, pois para aquele que o apreciavam nós esterilizávamos o leite e o creme. Tínhamos também aquilo que geralmente supunham serem dois tipos de manteiga, um dos quais recebia um preço bem mais elevado devido à sua popularidade com as pessoas de fora do regimento. Na verdade, era exatamente a mesma manteiga, mas tingida com um pouco mais de açafrão, o que lhe dava melhor aparência, e as pessoas juravam que era um tipo diferente, e se dispunham a pagar por ela alguns *pence* a mais por peça de meio quilo. Entretanto, isto tem pouco a ver com a minha história. O ponto é que estávamos em Meerut, a meio caminho Índia acima, e éramos capazes de suprir bons laticínios aos nossos amigos. Meerut era um ponto de parada para o trem do correio em sua viagem subindo o território desde Bombaim⁷⁶.

Um dia, recebi um telegrama de um amigo lá longe no norte, dizendo que sua irmã estava chegando da Inglaterra com os filhos, e passaria por Meerut num determinado dia; será que eu poderia fazer a gentileza de ir até o trem e encontrá-la, e entregar-lhe algumas garrafas do nosso excelente leite para suas crianças? Fiz que se preparasse um bocado do nosso leite melhor esterilizado, coloquei-o em garrafas que dependurei no guidão da minha bicicleta, e lá fui eu pedalando para encontrar o trem do correio. Quando passei pela casa de uns vizinhos,

⁷⁵ Como se essa criatura “inocente e simplória” não fizesse o mesmo aos outros.

⁷⁶ Atual Mumbai.

alguns companheiros estavam jogando tênis no gramado da frente, e acenaram para mim quando passei, perguntando onde eu ia com todo aquele leite. Como eles conheciam meu amigo, eu desmontei e expliquei-lhes que estava a caminho da estação para encontrar-me com a irmã dele, mas não tinha a menor ideia de qual era seu nome de casada. Será que algum deles saberia dizer-me? Claro que sim, a senhora era Rosie; sim, mas e o sobrenome? Eles fizeram-se atônitos, e pensaram, e não conseguiam lembrar com quem ela se casara. Assim, a única informação que eu tinha era que ela se chamava Rosie e que tinha duas ou três crianças.

Cheguei junto ao trem e percorri-o todo, olhando para cada mulher que pudesse parecer com a que eu procurava e, por fim, chamando a mim toda minha coragem, fui e perguntei a cada uma se seu nome era Rosie. Foi até meio esquisita a diversidade de maneiras com que elas recebiam minha indagação. O pior foi que nenhuma delas se agradou com isso, e nenhuma delas respondeu. Em consequência, depois de gastar muito tempo e toda minha temeridade, empreendi o caminho de volta sem encontrar nenhuma Rosie e sem entregar leite nenhum, uma vez que, na altura dos acontecimentos em que eu terminei, elas estavam numa condição tal que não aceitariam o leite nem como um pedido de desculpas.

Quando passei de volta pela casa de meus companheiros, eles todos estavam sentados no muro esperando por mim. Deram-me três vivas e perguntaram como era a Rosie, e foi então que eu descobri que tinha caído numa esparrela. Mas é um jogo besta, esse de passar trotes, e eu mesmo nunca apreciei a sua prática – exceto, é claro, quando se fazia necessário para dar o troco em outras pessoas.

Alguém poderia imaginar, razoavelmente, que devia ser bem difícil manter a alegria que costuma ser associada ao velho Natal inglês naquela terra de sol e verão, mas nós, evidentemente, tentávamos vigorosamente lidar bem com isso, como diz uma carta que enviei à minha mãe: “Acordei com uma dor de cabeça que desafia qualquer descrição, e uma cara que tinha apenas um pouquinho de pele do lado esquerdo, e com o cabelo

todo grudado de sangue. Um joelho está esticado e duro; na minha perna há um hematoma e um calombo do tamanho de um punho, e cada polegada do meu miserável corpo dói; mas não estou tão mal quanto alguns dos outros, e a diversão que tivemos valeu a pena”.

Foi nesse Natal, também, que tivemos nossa primeira chance de ir à igreja, o que nos havia sido impossível nos últimos dois anos devido a estarmos em serviço. Não tínhamos um pároco, e o Coronel leu o serviço religioso do dia. “Por Deus, ele estava muito bacana com todas as suas condecorações, comendas e medalhas quase escondendo o uniforme (trecho extraído do meu diário)”. Ele costumava conduzir o serviço religioso também nos acampamentos no Afeganistão, e um dia, quando ele começou, com seu vozeirão, as mulas com a bagagem começaram a relinchar, pensando que ele estivesse dando as ordens para alimentá-las. Então ele se interrompeu, no meio de “Queridos e amados irmãos” e berrou: “Um cabo de cada pelotão, saia de forma e vá fazer essas mulas pararem com esse maldito barulho”!

Quando eu estava no comando de uma brigada de cavalaria nativa constituída para um exercício (manobra), achei-me, em plena época natalina, a uma razoável distância do meu regimento; então, fiz um plano para passar anoite de Natal entre meus próprios camaradas. Esse plano envolvia uma jornada atravessando o território valendo-me de quaisquer veículos em que eu pudesse embarcar, viajando dia e noite para meu destino e de volta. Um rajá nativo que vivia nas vizinhanças do acampamento de minha brigada, alegremente propiciou-me fazer a primeira etapa de minha viagem em sua própria carruagem, com um belo par de cavalos brancos com as caudas tingidas de rosa, considerado pelo rajá como uma bela ornamentação. Mas ao final dessa primeira etapa eu tive de me contentar com meios mais humildes, e até o final da viagem eu me dava por feliz se conseguisse qualquer coisa que tivesse rodas e um animal para puxar.

Partindo novamente num desses táxis puxados por cavalo (*gharry*, espécie de diligência) em que os nativos viajam, senti-me mais como uma fera enjaulada do que qualquer outra coisa, já que eles têm barras bem

próximas nas aberturas, de modo a evitar furtos nas bagagens dos passageiros quando estejam dormindo. Como estava caindo o maior pé-d'água quando eu estava nesta etapa da jornada, tive sorte de conseguir pôr as mãos num feixe de palha, com o qual fiz uma espécie de cobertura entre as barras da minha gaiola. No fim, consegui embarçar-me no que chamam “o carro-dormitório do país”, que é uma espécie de táxi de quatro rodas com uma tábua entre os dois assentos, que permite imaginar-se dormindo enquanto se sacoleja pela estrada. Como resultado, consegui três horas e meia passadas com meu regimento e as restantes quarenta e seis e meia eu passei viajando!

Tive a boa sorte de ficar adido ao estado-maior do Duque de Connaught durante seu primeiro período de serviço na Índia, quando ele era Major-General, comandando em Meerut. Foi bem típico dele lançar-se de imediato nos aspectos interessantes da vida na Índia, e rapidamente ele adquiriu conhecimento dos nativos e de seu idioma. Sua primeira apresentação ao regimento foi quando ele saiu e veio encontrar-nos em ordem de marcha, e ficou muito interessado em nosso acampamento e no método de deslocamento através do campo. Mais tarde, ele nos visitou em nosso aquartelamento em Muttra e participou conosco em nossa prática esportiva de caça ao javali.

Tivemos uma corrida esplêndida. Havia uma equipe com quatro de nós: o Duque, McLaren, Dimond e eu próprio, perseguindo um javali jovem e muito veloz, que nos levou a uma tremenda dança em alta velocidade em terreno um bocado traiçoeiro, cheio de moitas espinhosas, que sempre nos retardavam no momento crítico, de tal modo que o javali tinha um novo começo a cada vez que ganhávamos terreno sobre ele. Por fim, sentindo-se cansado, ele entrou numa ravina e se escondeu por lá. O Duque foi o primeiro a ir a ele, apesar de não ter sido o primeiro em nenhum outro momento da corrida, e isso acontece frequentemente na caça ao javali. O homem no cavalo mais veloz pode ser o primeiro perseguidor, mas frequentemente as curvas, voltas e fintas do porco, que o levam a, quando cansado da perseguição, preparar-se para atacar ou

ficar encurralado, tiram a primazia do líder e dão oportunidade ao segundo ou terceiro cavaleiro.

E o Duque não demorou em fazer bom uso da sua oportunidade, e deu uma lanceada que lhe garantiu as honras do primeiro golpe; os demais companheiros, então, aproximaram-se e deram ao javali a quietude final. Assim, o Duque ganhou sua primeira lanceada em sua primeira corrida.

Uma parte dos meus deveres, na qual eu era muito interessado, era a valiosa prática de transpor rios a nado com os cavalos, a qual em tempos passados tinha sido muito negligenciada em nosso Exército. Lembro-me de ter ouvido grandes histórias sobre o que certa potência estrangeira vinha fazendo nesse campo, e me movimentei para ver se conseguia observar como eles faziam. Alguns convidados oficiais foram avisados de que num determinado momento uma brigada de cavalaria faria a transposição de um rio largo a nado. Um trem especial transportando os representantes estrangeiros e outros convidados chegaria à margem do rio na hora designada para assistir à execução da manobra. Não fazendo parte dessa elite, peguei um trem mais cedo e cheguei ao local uma hora antes da aprazada.

Então, pude ver como eles procediam. Um quarto de hora antes da chegada do trem especial, o grosso da brigada atravessou o rio num vau, deixando na outra margem apenas uns cem ou duzentos homens e cavalos que eram bons nadadores. Então o trem chegou, e os convidados tiveram o prazer de assistir a uma quantidade de homens e cavalos cruzando o rio, nadando esplendidamente pela sua parte profunda. Pareceu, assim, a eles ser a retaguarda da brigada, que já estava molhada e pingando na margem de cá. Quando retornaram a casa, eles relataram terem visto a brigada atravessar o rio a nado, ou pelo menos, devido a terem chegado um pouco tarde, só puderam ver a sua retaguarda a executar o movimento. Mas eu vi o que vi, e sabia a verdade. Apesar de eu saber como passar na inspeção sobre natação, era o tipo de teste que não traria grandes mudanças no serviço, de modo que na Índia

conduzimos muitas experimentações e práticas quanto a ensinar nossos homens e cavalos a nadar.

Por sorte, na Índia todo aquartelamento é dotado de uma piscina na qual é possível ensinar cada um dos homens a nadar, se ele ainda não souber fazê-lo. Então, em certas épocas do ano, os grandes canais de irrigação eram esvaziados. Como eles ficavam inoperantes por algumas semanas devido a esse processo, era fácil obter permissão das autoridades para enchê-los gradualmente, deixando entrar tanta (ou tão pouca) água quanto nos interessasse para ensinar nossos homens e nossos cavalos a nadar, através de um trecho curto no início, aumentando a distância aos poucos até que se percorresse toda a largura do canal. Quando eles tivessem perfeito domínio desta ação, nós os levaríamos a rios com correnteza para repetir a experiência, até que estivessem realmente capazes de encarar quase qualquer rio que viessem a ter pelo caminho. Não é o tipo de coisa que se consiga fazer sem praticar, mas quando os homens e os cavalos estão familiarizados com a tarefa, é um valioso incremento em seu treinamento e eficiência.

Nossos métodos, entretanto, nem sempre são aprovados por outras nações. O *Kaiser* alemão uma vez mostrou-me, numa grande formatura de suas tropas, como ele posicionara a Infantaria na primeira linha e a Cavalaria, Artilharia, Engenharia e outras especialidades na segunda. Ele deu o lugar de honra à Infantaria, para enfatizar que ela é a Arma que vence as batalhas, enquanto as outras são suas servas, que a ajudam a conquistar seu objetivo. Mas ele disse: “Vocês, na Grã-Bretanha, não são práticos. Vocês dão o lugar de honra à direita da linha à Artilharia, depois vem a Cavalaria, depois a Engenharia, e depois deles a Infantaria. Por quê”? Eu fiquei meio sem jeito para responder, pois concordava inteiramente com Sua Majestade quanto a ser a Infantaria a Arma importante, então eu “chutei” uma resposta, a primeira que me veio à mente, e disse: “Eu vejo, Imperial Senhor, que fazemos as coisas alfabeticamente na Grã-Bretanha”. Por sorte, essa resposta encaixou-se

direitinho com a avaliação dele, e ele riu a respeito disso por um bom tempo depois dessa ocasião⁷⁷.

Às vezes, há forças em ação contra as quais nem mesmo o administrador com maior visão de longo prazo pode esperar pôr-se em guarda. Mother Shipton⁷⁸ e suas profecias provavelmente já caíram no esquecimento, mas exerceram uma tremenda influência no começo dos anos 1880. Acho que um dos seus versos era:

O mundo certamente chegará ao seu fim
Em mil oitocentos e oitenta e um⁷⁹.

Na Inglaterra, muita gente, tomada pelo mais abjeto pavor, passou as noites agourentas nas igrejas, capelas e campos esperando pelo terrível acontecimento. Em Quetta, estando afastados do mundo, tínhamos esquecido o destino que pendia sobre nossas cabeças. Ficamos, entretanto, muito intrigados com o atraso que ocorreu nesse tempo na distribuição de rações e forragem. Nem conseguíamos entender, até que chegou notícia de que um certo oficial-general estava tão convicto da precisão das profecias de Mother Shipton, que decidiu não dar as ordens necessárias para a distribuição das rações e tudo o mais para além da data que a profetisa havia fixado como sendo a do fim de tudo, já que comida e forragem não seriam necessárias na eternidade.

Foi-me perguntado qual a melhor sensação que já tive. Bem, há uma que me vem à lembrança quando encontro de repente algum velho amigo com quem convivi por anos, e é uma que também senti quando liderando uma brigada de Cavalaria bem treinada, a galope. Para tratar isso da forma mais polida possível, é a sensação de que seu peito vai estourar e seu interior vai se esparramar de prazer. Há um grande

⁷⁷ Nota do autor: Ele [o *Kaiser*], sem dúvida, desde então percebeu que, mesmo posta atrás no campo de parada e considerada por ele “desprezível”, a Infantaria britânica não deixa a desejar perante nenhuma outra no mundo.

⁷⁸ Uma vidente apocalíptica, uma espécie de “Mãe Diná” da época de B-P.

⁷⁹ Tradução livre: “The world to an end shall surely come/In eighteen hundred and eighty-one”.

sentimento de exaltação em fazer mover-se aquela grande, turbilhonante, trovejante massa de homens e cavalos com um simples aceno da mão. Treinei minha brigada a esse ponto, e nunca usei uma voz de comando nem toque de corneta, mas sim fazia tudo acontecer simplesmente sinalizando com a mão. Eu comecei com isso em Colchester, com meu esquadrão, e as pessoas riam da ideia, até que o General Sir Evelyn Wood veio e reparou que havia algo interessante por ali. Ele me fez testar isso em manobras de campo contra o restante do regimento e, como a sorte nos sorriu, era um dia de neblina e, enquanto nos movíamos silenciosamente, fazendo tudo por sinais, podíamos ouvir o regimento em todos os lugares por que passava graças ao som dos oficiais gritando os comandos. Isso nos deu tudo que queríamos saber sobre a sua localização, e fomos capazes de silenciosamente rodeá-los e carregar sobre eles subitamente do seu flanco e retaguarda. Esse sistema de dirigir um grande corpo de tropa desde então tornou-se costumeiro noutras Armas, e o General Babington aplicou-o com pleno êxito comandando uma divisão de Cavalaria em manobras.

Gozei a mesma sensação noutra ocasião. Foi quando meu regimento viajou do norte da Índia para Bombaim, a fim de ser embarcado para a África do Sul. Fomos movimentados por ferrovia, em trens de transporte de tropas. Esses trens geralmente trafegam à noite, de modo a interferir o mínimo possível com o tráfego diário comum, e os homens são desembarcados em campos de repouso durante o dia. O trem vai balançando de estação em estação, sem pressa, entrando em desvios para dar caminho aos trens com mercadorias.

Conta a história que numa noite escura o trem entrou numa linha aberta, e andou para trás por um bocado, então parou, avançou, voltou, e parou de novo para o maquinista e o guarda descerem e vasculharem com lanternas. “Que houve? Caiu alguma coisa?”, perguntou um dos homens. “Não, mas há uma estação em algum lugar por aqui, e acho que passamos direto por ela sem parar. Mas como eles não estão com nenhuma luz acesa, não conseguimos encontrá-la”.

Então, pode-se imaginar que a jornada não foi das mais excitantes, e eu estava ficando tão chateado com ela quanto os demais, quando me bateu a ideia que, apesar de eu ser afilhado do inventor da locomotiva⁸⁰, eu não sabia como dirigir uma. Não havia melhor oportunidade do que esta. Então, cheguei a um acordo com o maquinista e tomei posição na cabine e em pouco tempo já era, segundo minha própria avaliação, um condutor bem razoável.

Todos conhecemos a história publicada no *Punch*⁸¹ sobre o passageiro nervoso que disse à velha senhora, sua companheira de viagem, da assombrosa velocidade em que iam, ao que ela orgulhosamente respondeu: “Ah, é o meu filho que está dirigindo, e ele manda ver quando toma uns goles”.

Dirvirto-me ao lembrar o que me aconteceu depois, quando o Coronel percebeu que o trem repentinamente mudara o seu passo de lesma por uma nova vivacidade, e chacoalhava e se lançava a 110 km/h. Ele perguntou por quê, e teve como resposta que provavelmente eu estava tocando a máquina. Não havia cordão de comunicação no trem!

Mas a emoção veio quando passamos pelos *ghats*. Os *ghats* são os penhascos e gargantas que levam do grande platô da Índia até o nível do litoral. Os ziguezagues da ferrovia passando por eles são bem íngremes, fazem curvas apertadas sobre delicadas pontes e viadutos. Voar nessa descida, com os freios acionados, é algo emocionante, mas o clímax vem quando diante dos seus olhos, ao luar, se apresenta o negro abismo de um boqueirão⁸² com nada visível a atravessá-lo exceto os dois trilhos, brilhando como dois fios prateados. Sendo a ponte do tipo aberto⁸³, é praticamente invisível. Por um breve momento você fica imaginando se ela está lá ou se foi levada embora, e você se sente inclinado a gritar de

⁸⁰ Na verdade, o padrinho de B-P, Robert Stephenson, era filho do inventor da locomotiva, George Stephenson.

⁸¹ Jornal satírico inglês.

⁸² *Canyon*.

⁸³ Estrutura só do tipo esqueleto sob a linha férrea, sem anteparas laterais.

exultação quando o trem salta por ela com um rugido e uiva ao atravessar as profundezas.

A caça à narceja é outro encanto das planícies indianas. Mas como não costuma haver mais que três ou quatro *jheels* (brejos) propícios às narcejas ao alcance dos acantonamentos, isso significava levantar-se muito cedo na manhã de quinta-feira para sair e ser o primeiro no local de caça, quando provavelmente haveria pelo menos mais uma dúzia de caçadores por lá com o mesmo intento.

Em meu regimento, Mickie Downe foi voluntário para me levar num fim de semana a um *jheel* mais distante, onde ninguém parecia pretender ir. Ele disse que ficaria encarregado das providências de alimentação. Eu não tinha que fazer nada além de levar minha arma e munição. Depois de uma longa jornada de charrete, com cavalos de substituição previamente instalados em pontos do trajeto, chegamos lá e instalamos nosso acampamento. “E quanto à ceia?”. “Sim, eis o pão, e trouxemos um bocado de gim Hollands. A água parece ser boa, talvez um pouco densa, mas pelo menos é molhada. Carne? Oh, teremos quando pegarmos as narcejas amanhã”.

E essa era a extensão da sua logística – um bocado de pão e um bocado de gim! Nada de manteiga ou luxos desse tipo. Todas as minhas questões eram recebidas da mesma forma. “Geleia! Pra que geleia? Chá! Pra que chá, se temos gim? Gordura, para quê? Cozinhar a narceja! Experimente usar gim”.

Assim fizemos e o resultado foi excelente. Esse processo foi adotado depois no refeitório dos oficiais e, desde então, acredito, foi copiado pelo hotel Ritz. Dessas pequenas sementes é que crescem grandes carvalhos.

Esse não foi o único prato em cuja invenção participei. Uma vez, quando jantei com um amigo, foi-me oferecido pudim de limão. Servi-me e pedi mostarda para acompanhar. Isso provocou não pequena curiosidade, e sustentei, com a maior naturalidade, que mostarda era obviamente o acompanhamento certo para pudim de limão. Falei isso com tanta seriedade que ninguém riu nem deixou de acreditar. A consequência foi que quando fui convidado novamente a jantar naquela

casa um ou dois anos depois, constatei que mostarda estava sendo distribuída junto com o pudim de limão como algo habitual!

Não era incomum eu comparecer a jantares a que era convidado indo de bicicleta, em lugar de usar um cavalo ou charrete. Certa ocasião em que fiz isso, eu havia deixado minha bicicleta do lado de fora, na varanda da casa em que tinha ido jantar. Quando me pus de saída para voltar para casa, constatei que ela havia desaparecido. Presumi que meu criado havia passado por ali e levado o veículo de volta. Chegando a casa, vi que não era esse o caso, então, bem cedo ao alvorecer voltei à casa do meu anfitrião para ver se havia algum sinal que me levasse à bicicleta perdida. Não estava em lugar nenhum nas edificações, então comecei a rastreá-la.

Isso não seria coisa fácil de se fazer na superfície endurecida da estrada de um acantonamento na Índia, mas eu descobri que a bicicleta tinha sido movimentada enquanto ainda havia orvalho na estrada, e então, olhando um pouco mais adiante acompanhando o piso, pude ver uma leve marca de passagem das rodas. A roda dianteira da minha bicicleta estava travada por uma tranca que a impedia de virar para qualquer lado, de modo que não havia como ir montado nela ou guiá-la. Pelo rastro, logo descobri que o ladrão que a levara não conseguiu descobrir a tranca, e, portanto, estava incapaz de montá-la. Ele caminhou levando-a ao lado, mas não havia marcas em suas pegadas que pudessem dizer se era nativo ou britânico. Não usava as botas com solas tacheadas dos militares, nem o pé descalço de um nativo, então segui as marcas das rodas por uma distância considerável acompanhando a alameda. Os rastros me levaram pela curva que conduzia à cidade dos nativos e à que conduzia ao quartelamento da Cavalaria, e por fim a uma estrada que dava no quartelamento de um batalhão de Infantaria e, ali, no terreno endurecido, se perdiam. Com isso, escrevi uma parte⁸⁴ ao Ajudante⁸⁵, pedindo que se fizesse uma

⁸⁴ Documento militar por meio do qual se informa uma ocorrência.

⁸⁵ Encarregado de pessoal da unidade.

busca, e em pouco tempo recebi minha bicicleta de volta sã e salva. Foi descoberta debaixo da cama de um dos soldados, que disse que alguém a colocara lá enquanto ele estava dormindo! Não tive muito interesse em escarafunchar como ela havia chegado lá, bastou-me tê-la de volta. Um pouco de conhecimento sobre a técnica de rastrear às vezes vem bem a calhar!

O relacionamento muito próximo que necessariamente nasce entre quartelamentos europeus num pequeno acantonamento na Índia produz uma forma de amizade e hospitalidade que não conseguem ser igualadas noutras partes do mundo, e apesar de em toda pequena comunidade haver propensão a um bocadinho de fofoca e bisbilhotice com a vida alheia, ainda assim isso é contrabalançado pela simpatia e amizade duradoura que é gerada por essa comunicação tão próxima. É natural ter casas abertas na Índia, onde todas as janelas são portas, e todas as portas são abertas ao ar. Mas “casa aberta” é também predominante na outra interpretação da expressão, pois a hospitalidade por lá não tem limites. Em Meerut eu era conhecido como “Wun-hi”, por causa do personagem que representei na peça *A Gueixa*. Como minha casa ficava à beira do caminho que levava diretamente dos acantonamentos para o campo de polo, ela estava sempre aberta para todos os passantes que buscassem algum frescor. Isso já era de entendimento geral, quer eu estivesse em casa ou não. Naturalmente, ganhou o apelido de “Casa de chá de Wun-hi”. A única regra que eu impus aos usuários era a que eu pintei em cada marco da porta de entrada: “Abandonai o comportamento escandaloso, vós que aqui entrais⁸⁶”.

Existem relações de amizade entre certos regimentos, que têm seu início em circunstâncias diversas muito tempo atrás, mas que perduram por sucessivas gerações de militares até que suas origens se tenham

⁸⁶ No original: “*Abandon scandal all ye who enter here*”, parafrazeando Dante, na *Divina comédia*, com a frase na entrada do Inferno: “Abandonai aqui toda esperança, vós que entrais”.

perdido nas brumas da antiguidade. O 13º de Hussardos, na Península⁸⁷, formava brigada com o 14º de Hussardos, ou Dragões Ligeiros⁸⁸ como eram conhecidos à época. Devido ao desgaste no fardamento e equipamento decorrente do uso em operações, eles eram conhecidos como a “Brigada dos Farrapos”. A camaradagem entre o 13º de Hussardos e o 9º de Lanceiros foi demonstrada quando eles se encontraram no Afeganistão, e novamente dois anos depois, e se acentuou pela frequente competição entre os oficiais de ambos os regimentos no campo de polo e na caça ao javali. Mas, assim como existe camaradagem regimental, existem também rivalidades regimentais. Nos velhos tempos, quando o Ministério da Guerra não tinha sentimentos humanitários entre suas paredes, essas rivalidades e camaradagens, além de tantas coisinhas que são caras aos soldados, eram totalmente ignoradas, e pensava-se que o apelo aos regulamentos era a única maneira de resolver diferenças.

Certa ocasião, as autoridades descobriram o erro em que incorriam quando tentaram estacionar dois regimentos antagonistas na mesma localidade. As brigas entre os dois tornaram-se tão sérias que, por fim, um dos regimentos foi rogado para outra localidade, e nós fomos enviados em sua substituição. Na primeira noite após nossa chegada, um dos nossos homens saiu para dar um passeio e viu-se cercado por três ou quatro outros do regimento que lá já estava. Eles não tinham sabido da partida de seus rivais, e pensaram que nosso praça fosse um de seus odiados inimigos; mas, ao abordá-lo, eles escolheram o sujeito errado para esse tipo de encontro. O soldado era Gauld, vindo de um regimento das Highlands [Escócia], e que era agora ferrador no meu esquadrão. Em tempo de paz ele era muito gentil – na verdade, até tricotou uns pares de meias para mim – mas, quando provocado, seus músculos de ferrador

⁸⁷ Campanha da Península Ibérica (1810-13), a comando do futuro Duque de Wellington, contra Napoleão Bonaparte. O regimento também combateu na batalha de Waterloo (18 de junho de 1815).

⁸⁸ Ainda com o nome de 13º de Dragões Ligeiros, o regimento fez parte da vanguarda na desastrosamente célebre Carga da Brigada Ligeira (25 de outubro de 1854), na batalha de Balaclava (Guerra da Crimeia).

eram usados com uma quantidade extraordinária de destreza pugilística, e não demorou nada para que ele se livrasse de seus assaltantes de uma forma que os deixou estupefatos. Quando descobriram que ele não pertencia ao regimento que eles odiavam, foram todos desculpas e admiração, e isso deu início a um relacionamento bastante bom entre nós e nossos vizinhos.

CAPÍTULO VI

DOENÇA E DRAMA

Há um lado sombrio sob o brilho da vida na Índia: é o da súbita doença e morte, com o rápido sepultamento, que causa a interrupção de tantas amizades naquela terra de sol e tristeza. A morte parece vir tão repentinamente e tão frequentemente sobre nosso grupo de convivência! Homens meio enlouquecidos pelo calor podem cometer suicídio, a caça ao javali mata muitos dos seus adeptos, febre entérica parece ter uma preferência pelos homens mais jovens, e a cólera-morbo pega todo mundo. Lembro-me do caso real de um sargento encomendando seu próprio funeral. Um soldado havia morrido subitamente na noite anterior de apoplexia⁸⁹ provocada pelo calor. Pela manhã, o sargento leu as ordens ao seu pelotão para que o funeral acontecesse naquela noite, então caiu, ele próprio vítima de apoplexia de calor, e foi transportado para seu local de repouso final na mesma procissão do seu subordinado.

Ninguém jamais pode ser considerado como estando seguro, e se o próprio sujeito se salva, nunca sabe quando um amigo pode ser atingido. “Tommy” Dimond entrou para o Exército junto comigo⁹⁰. Viemos juntos no *Serapis*, viemos juntos no carro de boi atravessando Bombaim, partilhamos nossos apertos como subalternos recém-incorporados, moramos juntos e fomos parceiros de cavalaria, companheiros nas sessões de instrução na escola da guarnição, começamos juntos no polo e na caça ao javali, ficamos antigos o suficiente para morar em imóveis regimentais, então, naturalmente éramos amigos chegadíssimos, e parecia que seria assim por toda a vida. Mas a morte veio e levou-o.

Não era um sujeito muito dado aos entretenimentos de sociedade; tendo compleição forte e sadia, era naturalmente mais propenso ao

⁸⁹ Acidente vascular cerebral.

⁹⁰ Entraram no mesmo concurso, sendo incorporados em setembro de 1876. Apenas para exemplificar, uma das traquinagens que B-P e Dimond perpetraram juntos: recém-incorporados, na viagem para a Índia a bordo do *Serapis*, na primeira noite a bordo eles se divertiram em balançar as redes dos companheiros de viagem adormecidos para fazê-los enjoar.

desafio e ao esporte; mas nesta ocasião, ele passou por cima de seus hábitos e compareceu a um baile com outro major do regimento. Voltando para seu bangalô nas primeiras horas da manhã, ele repentinamente começou a passar mal, assim como seu companheiro. Um médico que esteve presente ao baile veio vê-los e, após uma breve visita, mandou chamar outro médico e foi embora para sua própria casa. O segundo médico veio e permaneceu junto aos dois homens, até que poucas horas depois ambos morreram. Estranhando a ausência do primeiro médico, foi visitá-lo, apenas para encontrá-lo também morrendo! Ele havia sentido que a doença o pegara, mas não mencionou o fato de modo a que os dois outros oficiais pudessem receber total atenção.

A cólera⁹¹ é tão aleatória em seu método que isso a torna tão interessante quanto a ação dos obuses, pois desses resultados tão excêntricos não há como estabelecer parâmetros, por mais que se discuta. Quando estávamos estacionados em Lucknow, a cólera quase invariavelmente começava num determinado bangalô do quartelamento, tanto que esse bangalô acabou por ser condenado, demolido e reconstruído, e uma semana após sua reocupação o primeiro caso da temporada ocorreu nele. Numa ocasião, apenas os homens que ocupavam camas alternadas em um dos lados do bangalô contraíram a doença. Num certo acampamento, a doença apareceu num dia em todas as barracas de um lado da avenida principal e em nenhuma do outro lado. A cólera acometeu nosso regimento, levando doze homens nos alojamentos dos casados, e não houve outros casos. Muito frequentemente, quando a cólera campeava entre os nativos, não atacava as tropas brancas, e vice-versa. É uma doença muito pouco previsível. Por alguns anos, ela praticamente desapareceu, e a febre entérica pareceu ter tomado seu lugar. Conversando com um médico sobre o assunto, ele disse que os procedimentos da medicina atual esmagaram completamente a cólera, e provavelmente não demorará muito para que

⁹¹ Na Guerra da Crimeia (1854-56), a cólera causou estragos nas fileiras dos exércitos envolvidos. Na Guerra do Paraguai (1865-70), a epidemia de cólera de 1867 causou mortandade maior que as baixas de combate.

aconteça o mesmo com a febre entérica. Dentro de poucos meses, o pior surto de cólera que tivemos em muitos anos caiu sobre 8º Regimento Real de Liverpool, e atualmente quem viceja é a febre entérica.

Naturalmente, o moral da tropa cai quando a doença ataca, e também, por outro lado, a doença torna-se prevalecente quando o moral dos homens está baixo. Isso tende a acontecer quando vai chegando o fim da longa estação quente, quando o calor e a febre já desgastaram a vitalidade dos homens. Era nessa época que fazíamos o máximo para preservar a disposição dos homens, por meio da promoção de peças teatrais, concertos, esportes, etc. Provavelmente as pessoas na Inglaterra, lendo sobre nossas múltiplas diversões, imaginarão que nós na Índia devemos ser um bando de fúteis, mas na realidade havia uma profunda preocupação com o bem-estar por trás de todo esse divertimento. Trabalhávamos duro, quase desesperadamente, no teatro e nas outras atrações, combatendo o enfado⁹², que é campo fértil para as doenças.

Quando me juntei ao regimento, uma das primeiras perguntas que o Ajudante me fez foi: “Você é capaz de representar, cantar ou pintar cenários?”. A pergunta me atingiu como algo curioso e incongruente. Eu imaginava que ele fosse se importar somente com minha habilidade para fazer ordem unida, cavalgar ou atirar. Mas depois eu entendi a intenção por trás dessa ideia. Comecei como pintor de cenários em nosso teatro regimental, e nessa condição fui depois chamado a Simla, para atender ao teatro de lá. Não foi por causa da minha excelência como pintor, mas sim por conta da rapidez com que eu era capaz de trabalhar na pintura de cenários, graças à minha ambidestrezza. Para mim, era fácil “mandar ver” com um pincel em cada mão, porque infelizmente eu não sei qual é a minha melhor mão, se a direita ou a esquerda, então eu uso ambas. Desse modo, eu fazia o serviço com o dobro da velocidade de um pintor comum; a qualidade pode não ter sido lá essas coisas, mas a quantidade

⁹² O tédio é um dos vários possíveis contribuintes para a depressão ou “banzo”. A pessoa negligencia os cuidados com a saúde e com isso reduz suas defesas corporais.

saía. Em certa ocasião, cheguei a prender um pincel em cada pé e, sentando-me numa prancha apoiada entre duas escadas, consegui pintar uma paisagem florestal em tempo recorde, com quatro pincéis trabalhando ao mesmo tempo! Pelo menos a intenção era de ser uma paisagem florestal, mas creio que se fazia necessária uma nota explicativa no programa do espetáculo, pois as pessoas podiam não entender muito claramente o que estava lá representado. Eu era um futurista adiante da minha época.

Atividades teatrais, portanto, eram uma parte importante da vida na Índia, e sua importância crescia devido ao fato de muito poucas companhias profissionais poderem arcar com as despesas de viajar até lá para descobrir a existência de não mais que pequenas localidades e, por conseguinte, pequenas plateias para quem se apresentar. Mas em Simla há um teatro muito bom, gerido por uma comissão de moradores que se empenham pelo bem de toda a comunidade, arranjando uma série de apresentações por toda a estação quente. Eles convocam todos os talentos amadores pelo território afora, para arranjar os melhores artistas para as diferentes peças que levam à cena. Desta forma, recebi vários convites para ir às Montanhas⁹³ por uma semana mais ou menos em cada vez, para tomar parte em tais apresentações.

Os atores tinham obrigação de aprender seus papéis, e tê-los muito bem sabidos antes de ir para Simla; assim, geralmente uma semana de ensaios era suficiente para eles se entrosarem na peça e garantir uma apresentação realmente boa. Tudo era levado bastante a sério, tanto pelos organizadores quanto pelo elenco. Os ensaios eram cansativos, as vestimentas, elaboradas e o cenário de alto padrão, para atender às exigências de uma plateia um bocado crítica. Portanto, tornou-se um prazer para os atores, assim como para o público, tomar parte em entretenimento tão bem organizado.

Uma das primeiras performances em que me permitiram entrar no regimento foi em *Fra Diavolo*, uma comédia, seguida por uma pantomima

⁹³ Simla fica em região montanhosa.

arlequinesca na qual me foi atribuído o papel de “Palhaço”, com A. M. Brookfield (que posteriormente viria a ser Membro do Parlamento) como “Pantaleão”. Isso me proporcionou fartura de salutareos exercícios de ginástica, saltando através de relógios e vitrines de lojas, e virando cambalhotas por cima de alçapões de porão. Quando a pantomima foi encenada em maio, com o termômetro perto dos 36°C, não demorei a perder o pouco de massa corporal que tinha, e eu era pouco mais que um saco de ossos ao final da temporada de quatro noites.

Não nos aferrávamos a nada em matéria de teatro. *Trial by Jury* foi apenas um passo para *The Pirates of Penzance*, *HMS Pinafore* e *Les Cloches de Corneille* com o coro completo, tudo levado à cena sem considerar despesas. Após temporadas muito bem-sucedidas em nosso teatro regimental, levamos nossa companhia a outros postos, desta forma cobrindo as despesas, ficando assim capazes de arrumar nosso teatro de maneira realmente boa.

Tenho plena convicção de que os inúmeros pequenos concertos e danças que púnhamos em cena quase toda semana fizeram efeito de verdade para manter nos homens o espírito animado e o moral alto, assim como fortalecer o *esprit de corps*, e conseqüentemente teve resultados favoráveis sobre a saúde e o bem-estar do regimento.

Uma das primeiras peças a que assisti na Índia foi *Walpole*, de Lord Lytton, pai do então Vice-Rei da Índia. Era uma peça impactante, que exigia atuação e trabalho de palco perfeitos para ser eficaz, do contrário poderia com muita facilidade descambar para o ridículo. Nessa ocasião, não deixou nada a desejar, porque a *troupe* era de atores selecionados a dedo, excelentes em seus respectivos papéis. Sob o olho crítico e observação minuciosa do próprio Lord Lytton, foi um sucesso sensacional.

Lembro-me de sua visita a Lucknow quando meu regimento estava lá, e um dos nossos inadvertidamente desconsiderou-o. Pat Constable, um oficial alto, de boa compleição física e ar inteligente, era cheio de fanfarronice e entrou na Câmara de Audiências arrumando-se, ajustando o cinto, etc., e passou direto pelo Vice-Rei sem notá-lo. Quando chegou

ao extremo mais afastado do salão, foi ao seu encontro um agitado ajudante-de-campo que lhe disse: “Você acabou de passar direto por Sua Excelência sem fazer-lhe a devida reverência. Por quê?”. Constable, nem um pouco desconcertado, respondeu: “Eu fiz mesmo isso? Lamento profundamente. Eu nunca o havia visto”.

Noutra ocasião, no refeitório, quando tínhamos como um dos nossos convidados o Comandante de um regimento de infantaria nativo, Constable, sem ter nada em comum com ele não conseguiu encontrar nenhum assunto para conversa durante a primeira parte da refeição; entretanto, no desejo de ser gentil e afável, ele se virou para o convidado e disse: “Coronel, tenho grande interesse na sua especialidade⁹⁴, e sempre fiquei matutando no que os infantes fazem quando o corneteiro toca ‘trote’. Os seus pretos⁹⁵ correm?”. Não convém descrever os sentimentos do Coronel.

Quando estávamos em Quetta, só havia lá uma casa digna desse nome, e era a residência do governador. Havia algumas cabanas de adobe, que serviam de hospital e alojamento para nossos homens, mas a maior parte de nós morava em barracas. Havia muitas doenças entre os homens, então precisávamos lançar mão de esportes e teatro para mantê-los felizes e saudáveis. Com isso em vista, começamos a construir um teatro, mas havia dificuldades nessa tarefa, pois não era possível adquirir madeira. Na realidade, não havia no local madeira suficiente nem para fazer caixões ordinários para os mortos, e eles eram sepultados sobre tábuas cobertas com lona. Portanto, fizemos nosso teatro a partir de um velho forno de tijolos como palco, cavamos os assentos da frente e construimos os de trás com tijolos de barro, e fizemos uma espécie de anfiteatro a céu aberto, sobre o qual, por meio de cordas e roldanas, éramos capazes de lançar um telhado de lona feito com pano de barracas.

⁹⁴ Infantaria: tropa que combate a pé.

⁹⁵ O regimento era de nativos, portanto, indianos. Para os britânicos da época, ou se era branco ou se era *nigger* (preto), fosse africano ou indiano.

Já que boa parte dele teve de ser escavado, batizamo-lo *The Criterion*, nome do teatro subterrâneo em Piccadilly Circus.

Uma de nossas peças de maior sucesso no *Criterion* foi *The Area Belle*, e mais bem-sucedida ainda devido a um efeito não ensaiado que aconteceu numa das apresentações. O *Troop Sergeant-Major*⁹⁶ Slater estava fazendo o papel do Policial e, sendo bem fornido de tecido adiposo, encaixava-se perfeitamente. Eu era um simples *Highlander*⁹⁷, vestindo um *kilt*⁹⁸ mal-arranjado para o meu pequeno tamanho. Mais cedo durante a peça, fingindo sentir a secura do ar, eu amarrei um cachecol ao redor de cada joelho para mantê-los aquecidos. O policial e eu estávamos conversando, quando aconteceu de ele enxergar meus joelhos; então ele começou a tremer feito gelatina, e finalmente estourou em gargalhadas. Não sei por quê, mas fui contagiado pelo seu riso, e também disparei a rir; e por fim, em poucos instantes a casa toda estava se sacudindo às gargalhadas conosco. E por causa de um nada. Ainda assim, foi um sucesso.

Um dos maiores encantos do teatro, penso eu, está nos momentos de improviso. Uma vez, quando fazendo o papel de um homem vestido de macaco, caí no sono no palco, e os outros atores tiveram de dar-me um safanão junto com a minha deixa. Isso aconteceu na noite precedente à minha avaliação de Tática, e dá prova de que eu não estava nervoso perante as perspectivas da manhã seguinte.

Os pecados de nossa juventude nos reencontram! As propensões teatrais dos meus dias de juventude na Índia testemunharam contra mim em certa ocasião, quando retornei após doze anos de ausência. Eu havia retornado ao território para assumir o comando de um regimento de cavalaria altamente conceituado⁹⁹. Eu estava em reunião na sala do

⁹⁶ Graduado adjunto (segundo em comando) de um pelotão (*Troop*, na Cavalaria).

⁹⁷ Habitante das Terras Altas da Escócia.

⁹⁸ Veste masculina escocesa, semelhante à saia. Mas não é saia.

⁹⁹ 5º de Dragões da Guarda.

ordenança regimental, com os oficiais e sargentos-adjuntos congregados para ouvir-me dar as minhas diretrizes, quando o ordenança anunciou um cavalheiro que estaria à porta desejando falar comigo.

Com toda a austeridade, eu estava mandando o ordenança dizer-lhe que esperasse, quando, de repente, ele apareceu dentro da sala, e correu para mim com as duas mãos estendidas – um sujeito de barba por fazer, de cabelo comprido e dando uma impressão de vulgaridade – exclamando: “Olá, Soldado Willis, como vai? Estou realmente feliz em revê-lo, velhinho!”

Lancei um véu sobre minha humilhação perante as vistas de meus subordinados. O que, naquela hora, eles devem ter pensado sobre mim e meu passado jamais ousei imaginar, mas apressei-me a explicar-lhes, depois que meu exuberante amigo saiu, que em meu *tour* anterior na Índia, uma companhia teatral profissional tinha vindo representar *Iolanthe* em Meerut. No dia da apresentação, um dos atores passou mal e fui chamado, em cima do laço, para fazer o seu papel – o do Soldado Willis, uma sentinela no exterior do prédio do Parlamento. E não vai ser tão cedo que eu vou esquecer essa performance! Aprendi o papel mais ou menos no decurso da tarde, nunca tendo visto a peça antes em minha vida, e fui adiante sem sequer ter feito um ensaio. Até que consegui dar conta da minha parte de maneira razoavelmente convincente, dadas as circunstâncias, até o ponto em que eu dei a deixa para a dama entrar com sua parte; mas ela não entrou. No lugar dela o que apareceu foi a cabeça do contrarregra, dizendo-me, num sussurro: “Improvise uns chistes, ela não está pronta”. Então, eu improvisei, e por sorte, com a minha plateia de militares (que incluía o Duque de Connaught) foi fácil interpolar uma pequena dissertação chistosa sobre as alegrias do serviço de sentinela¹⁰⁰.

Mas, de alguma forma, esse mesmo contrarregra, que também fazia o papel de principal comediante, segundo vilão e garoto de recados,

¹⁰⁰ Provavelmente com o mesmo hilariante efeito da imitação do professor de Francês feita nos tempos de Charterhouse.

sentia-se grato a mim por eu ter coberto a lacuna, e, mesmo depois de um lapso de tantos anos, ele se sentiu impelido a vir e cumprimentar-me em minha chegada. Ele tinha boa intenção, mas chegou muito perto de arruinar minha reputação.

“É parte dos deveres do militar manter-se em boa saúde, tanto quanto ser um bom cavaleiro ou um bom atirador; e, da mesma forma, é dever do oficial ensiná-lo como manter-se saudável, tanto quanto ensiná-lo a montar, a atirar ou a ser eficiente em outras tarefas”. Esse foi um aviso que fiz publicar certa vez, sobre o tema das doenças. Na Campanha Sul-africana¹⁰¹, tivemos dezoito mil baixas hospitalares por causa de ferimentos, mas quase quatrocentas mil por doença, apesar de a África do Sul não ser um território tão insalubre.

Na Índia, a febre entérica é muito mais mortífera em seus resultados do que a cólera costumava ser e, apesar de não ser tão espetacular em sua ação, mata muito mais homens no decurso de um ano. Portanto, era objetivo de todos os oficiais esforçar-se por salvar seus subordinados de tal praga. Os próprios homens, educados na tradicional escola regular inglesa, não tinham a menor ideia de ser necessário prestar atenção à saúde. Tivessem eles algum conhecimento de higiene e sanitarismo¹⁰², pelo menos uns 50% dos casos de doenças e um grande número de vidas poderiam ter sido poupadas¹⁰³.

Em nosso regimento, como na maioria dos outros, tomamos fortes precauções contra doenças entre os homens. Durante os dois anos em que estivemos numa localidade, mantive constante registro dos casos de febre entérica, a cada dia, semana e mês, anotando também a direção do vento, indicações do barômetro, e o alojamento em que os casos

¹⁰¹ Segunda guerra Anglo-Bôer, 1899-1902.

¹⁰² Antes de B-P nascer, já havia começado algum esforço nessa direção. Florence Nightingale, chefiando as enfermeiras na Guerra da Crimeia, implantou nos hospitais o uso de uma “arma secreta”, que ajudou a reduzir as mortes por infecções: o sabão.

¹⁰³ O autor acrescentou uma nota de rodapé, na qual diz: “Um maravilhoso desenvolvimento nesta direção aconteceu na presente campanha [Primeira Guerra Mundial], graças à ação do Corpo Médico do Exército e ao melhor entendimento por parte dos oficiais e praças.

ocorreram; e dos respectivos alojamentos eu registrei a altura do piso acima do solo, a constituição do telhado (se de palha ou de telhas), a secura ou umidade do tempo e do solo, e a partir dessas observações eu consegui levantar algumas informações úteis e sugestivas.

Chegamos à conclusão, no regimento, de que provavelmente boa parte dos surtos de doenças era causada por serem os homens descuidados com o que comiam e bebiam quando saíam na cidade dos nativos, fora do quartelamento. Assim, pensando em seu benefício, pusemos a funcionar uma padaria, sob supervisão de brancos, onde eles podiam comer todos os bolos e tortas de que gostassem; tínhamos também nossa própria fábrica de água gaseificada, onde se fazia limonada, cerveja de gengibre e outras bebidas sofisticadas com os ingredientes e materiais mais limpos possíveis; e, como já foi dito, instalamos nosso próprio laticínio para garantir que o leite, o creme e a manteiga fossem preparados da maneira mais higiênica possível e protegidos de qualquer tipo de contaminação. Apesar de todas essas precauções, ainda havia uma certa quantidade de casos de doença no regimento, então, dirigindo-me aos homens sobre esse assunto, sugeri que se fizesse uma experiência para verificar se a doença realmente provinha dos seus passeios na cidade nativa. Destaquei que eles eram todos adultos, e não crianças, e portanto eu não ia *ordenar* que a cidade fosse de acesso proibido para eles, mas que eu pensava que seria mais sábio se eles fizessem a experiência de não ir lá por uma quinzena; assim, se não ocorressem novos casos de doença, ficaria demonstrado que a origem da doença estava lá. Poucos dias depois, um dos homens foi admitido no hospital cheio de hematomas e escoriações, mas ele se recusou a informar a causa dos ferimentos. Depois, transpirou que ele havia ido à cidade nativa e que os outros homens, ao ficarem sabendo disso, deram-lhe um pouco do que pensavam a respeito.

Vai demorar muito para eu esquecer a ocasião em que Sir Baker Russell, o General Comandante-em-Chefe em Bengala, veio aos alojamentos para dar uma examinada nas estatísticas, e como ele se

tornou seu profundo conhecedor. Daí, ele se lançou sobre o principal oficial médico, sem dizer que dispunha de alguma informação especial.

O oficial médico era da velha escola, devotando toda a atenção à cura das doenças sem nenhuma consideração quanto à sua profilaxia.

Sir Baker perguntou: “A direção do vento tem algum efeito sobre a quantidade dos casos de febre entérica?”

“Não, não, General”, respondeu ele, tranquilamente. “De maneira alguma”.

“A elevação dos alojamentos produz algum efeito?”

Novamente, a resposta foi negativa.

“Faz alguma diferença se os alojamentos têm telhado de palha ou de telhas?”

“Não, não”, replicou o médico, já ficando incomodado com as perguntas que o General lhe apresentava. “Não faz diferença nenhuma”.

Depois de mais algumas perguntas, Sir Baker voltou-se para ele com aquele seu jeito inimitável, que fazia um sujeito sentir como se ele estivesse lendo até a sua alma, e inquiriu: “Você sabe alguma coisa sobre isso? Chegou a fazer algum estudo especial a respeito?”

“Bem, não –”, começou a dizer o médico.

Então, Sir Baker despejou sobre ele um volume de impropérios que pareceu fazer até os pássaros nas árvores tremerem; pois a ira de Sir Baker Russell era algo que todo mundo se empenhava ao máximo em evitar.

Lembro-me da bela maneira como ele lidou com um caso delicado que lhe foi apresentado, quando uma esposa de um soldado deu queixa contra outra. As duas senhoras foram trazidas perante Sir Baker.

“Muito bem, Sra Bell, e qual é sua queixa contra a Sra Clapper?”

“Oh, senhor, a Sra Clapper diz por aí que eu sou uma cadela de rabo sujo!”

“Bem, a senhora não é, é, Sra Bell?”

“Não, senhor, eu não sou cadela”.

“Não, certamente que não. Tenho a mais profunda certeza de que a senhora não é uma cadela de rabo sujo; positivamente. Então, bom dia, Sra Bell; pode ir tranquila, e não pense mais nisso”.

Uma instituição que era realmente boa nos velhos tempos e que infelizmente foi posta de lado com o moderno desenvolvimento da estrutura, era o cirurgião regimental; atualmente, os médicos constituem um corpo próprio. O médico regimental era um grande benefício em todas as unidades. Ele conhecia cada homem, mulher e criança do regimento e, se fosse um sujeito camarada, como geralmente era, era uma espécie de amigo e conselheiro para todos. Naqueles tempos o comandante tinha menos contato direto com seus jovens oficiais do que atualmente. Nessa época, seria impensável que o coronel fizesse parte da equipe regimental de polo, ou tomasse parte nas atividades esportivas com seus subordinados como acontece hoje. Assim, em quaisquer dos seus problemas, fossem financeiros, afetivos ou outros, o oficial jovem geralmente consultava o médico regimental e buscava nele conselho e remédio, tanto moral quanto físico.

Nosso médico no 13º era um exemplo típico. De coração generoso e simpático no mais alto grau, ele só tinha um defeito. Por ser de descendência húngara, ele era muito irascível (pavio-curto), e se alguém não concordasse totalmente com ele, ele estava pronto para duelar. Frequentemente leio em literatura como as pessoas ficam pálidas de raiva e seus olhos soltam raios, mas raramente vi isso na vida real, exceto no caso desse médico. Essa ocorrência era frequente nele, e vou custar a esquecer a noite em que, após ele ter feito um belo discurso propondo um brinde à saúde de um de nós no refeitório e se movimentado para sentar-se complacientemente, cheio de “tira-gostos e benevolência”, descobriu que, devido a alguém ter removido sua cadeira, ele se assentou sobre nada até chegar ao chão. Então seus “tira-gostos e benevolência” foram pelos ares; ele se pôs de pé num pulo, pálido e tremendo de raiva. Olhou ao redor por um segundo tentando descobrir quem lhe pregara essa peça, mas sem conseguir identificar qualquer pista nas deliciadas faces ao redor, ele correu ao *maitre* do refeitório e lhe prometeu cinquenta libras

se lhe desse o nome do trocista. Parecia que ele era capaz de matá-lo naquela hora e lugar mesmo, se descobrisse de quem se tratava. Mas, na situação, ele simplesmente desafiou o covarde, quem quer que fosse, para duelar na manhã seguinte, com pistolas. Mas na manhã seguinte ele já era novamente o mesmo camarada genial e gentil que era desde o fundo de seu coração.

CAPÍTULO VII

COMO A ÍNDIA DESENVOLVE O CARÁTER

Não há dúvida que o melhor preventivo contra doenças na Índia é a fatura de trabalho, ocupação e exercício. É o tédio que mata. O difícil é tornar o trabalho interessante, de modo a não se tornar uma esteira-sem-fim de fadigas. Para os oficiais, caçar bichos, espetar javalis e o polo oferecem atrações e os tornam geralmente mais saudáveis que os praças. Nosso Coronel tinha tão arraigado o valor de preservar a saúde de seus oficiais que, em lugar de manter o dia livre semanal na quinta-feira, como mandava o regulamento, ele o moveu para a sexta-feira, tornando assim o fim-de-semana uma oportunidade de sair, movendo o refeitório para a selva e deixando o oficial de dia para tomar conta do regimento durante a sexta, o sábado e o domingo. Dos homens, aqueles que eram bons atiradores e capazes de cuidar de si mesmos eram encorajados, durante a estação quente, a viver acampados por alguns dias de cada vez. O Governo autorizava o uso de algumas armas de caça¹⁰⁴ para esse fim, e muitos dos homens fizeram bom uso desse privilégio e tornaram-se mateiros capazes e autoconfiantes.

Havia uma tendência muito forte de mimar os homens durante a estação quente. O Governo punha cavaleriços à disposição para tratar dos cavalos; mas nós fazíamos os homens tratarem e alimentarem eles mesmos dos seus cavalos regularmente, já que isso lhes dava exercício e ocupação. Pelo menos uma vez por semana tínhamos dias de campo, atravessando a noite. E também muito do nosso treinamento e da ordem unida era conduzido como competição entre seções ou pelotões. Mais tarde, esse processo de ensinar os homens a serem esclarecedores veio a ser um tipo de treinamento que atraía os homens e lhes dava à farta exercícios ao ar livre, de dia ou à noite.

¹⁰⁴ As armas longas regulamentares eram o fuzil e a carabina. As armas de caça geralmente eram a espingarda e o fuzil (de modelo diferente do regulamentar).

Foi-me relatado, em segredo, que um dos homens, quando no hospital, confidenciou ao enfermeiro: “Esse novo Coronel é o diabo para nos pôr a trabalhar; mas o pior de tudo é que quanto mais trabalhamos, mais ficamos saudáveis”.

A necessidade de treinamento prático no reconhecimento frequentemente me preocupou, mesmo quando era um jovem oficial subalterno, e trabalhei muito com isso em meus primeiros dias na Índia. Mas a percepção de sua importância me veio mais especialmente na campanha contra os matabeles em 1896, na qual descobri que, apesar de termos muitos homens desejosos e, mesmo, ansiosos de participar em incursões aventureiras contra o inimigo, eles raramente eram capazes de trazer o tipo de informação que queríamos e de não ser atraídos pela oportunidade de pequenas escaramuças por conta própria. Então, quando voltei à Índia depois da experiência na Matabelelândia, organizei-me para trabalhar sistematicamente a fim de treinar os homens nos pontos em que os considere deficientes nos aspectos práticos da atividade militar. As pessoas pareciam pensar, e de fato muitos observadores externos ainda pensam, que se um homem é capaz de desfilar aparecer bem numa formatura, ele é um soldado perfeito; mas, na realidade, nesse caso ele é apenas parte de uma máquina. Isso tudo vai muito bem para fins de demonstração, mas não tem a menor utilidade contra um inimigo realmente ativo, combatendo no campo. Nossos homens vinham a nós como jovens oriundos da escola regular, com boa base em leitura, escrita e aritmética¹⁰⁵, mas sem nada de masculinidade¹⁰⁶, autoconfiança ou criatividade¹⁰⁷. Estes eram atributos que tínhamos de fazê-los incorporar, e que não podiam ser apenas ensinados teoricamente, mas que lhes vieram por meio da prática das

¹⁰⁵ No original, os três R's: *Reading, (W)riting and (A)rithmetics*.

¹⁰⁶ Neste termo (*manliness*), B-P concentra características como resiliência, rusticidade, cortesia, decisão.

¹⁰⁷ No original, “*resourcefulness*”: capacidade de usar seus recursos intelectuais e criativos para obter o melhor de uma situação.

diversas missões que vêm a fazer a verdadeira arte do reconhecimento eficaz.

Recordo que na Irlanda, ao tempo das minhas primeiras tentativas, eu levava meu esquadrão para fora do quartel em Dundalk tarde da noite. Atravessávamos a nado o rio de maré antes de chegar ao campo de treinamento nas colinas. Aqui, tínhamos um grande terreno de charneca onde os homens podiam facilmente perder-se, a menos que navegassem usando as estrelas. Eram-lhes dadas tarefas para executar, usualmente em duplas ou sozinhos, de modo a desenvolver sua autoconfiança e inteligência. Como estavam fora a noite toda, traziam rações consigo, e aprendiam a fazer suas fogueiras em lugares escondidos e a cozinhar sua própria refeição. Sua engenhosidade era exercitada na obtenção de combustível, e eu cumprimentei uma patrulha em particular pela excelente fogueira que fizeram, cujo braseiro poderia cozinhar uma excelente refeição. Minha admiração diminuiu um bocado quando, mais tarde, um fazendeiro foi até o Coronel exigindo indenização por uma porteira que eles haviam derrubado e queimado.

Na Índia, é claro que operações noturnas dessa natureza encantavam os homens, especialmente quando em simulação de forças oponentes compostas por alguns esclarecedores confrontando-se em ambos os partidos. Numa dessas ocasiões bivaquei com uma equipe de esclarecedores, e, sabedor de que a força opositora estava nessa ocasião a vários quilômetros de distância, sugeri à minha equipe acender uma fogueirinha para entreterem-se com canções e bate-papo. Conversamos sobre muitos temas interessantes, mas não pude deixar de notar que um dos homens estava a toda hora deixando o círculo e entrando na escuridão por alguns minutos, para voltar logo depois. Por fim, percebendo essa inquietação contínua, temi que ele pudesse estar doente, e mandei meu sargento inquiri-lo. Ali perto, pude ouvir sua resposta: “Oh, não, não estou com nenhum problema, mas aquele danado do Fox está na outra equipe, e não consigo deixar de ter a sensação de que ele possa estar se esgueirando à nossa volta e nos bisbilhotando”. Sem dúvida, os homens acabaram tomando um intenso

interesse na exploração, a tal ponto que suplantava todas as outras considerações entre eles.

Eu não autorizava nenhum soldado a entrar na prática do reconhecimento se ele não fosse bom em equitação, em tiro e em natação. Neste último aspecto, ele era meramente questionado quanto a essa habilidade, mas chegaria o momento em que ele seria posto à prova na prática. Numa certa ocasião, no cumprimento de nossas tarefas, tivemos de nadar através de um grande canal, e um dos nossos esclarecedores ao nadar estava, aparentemente, fazendo gracinhas, mergulhando e aparecendo à superfície, fazendo as caretas mais esquisitas, que faziam seus camaradas gargalhar, até que de repente eles se tocaram que na verdade ele estava em apuros, e aí alguns deles foram socorrê-lo e o trouxeram para a margem. Na inquirição, viemos a saber que ele nunca aprendera a nadar, mas, assim como o homem que se voluntariara para tocar violino, “ele nunca havia tentado, mas supunha que daria conta”!

Um dos pontos do moderno treinamento militar que espanta o observador externo é a quantidade de instrução tática que é dada aos praças. Durante as manobras, a situação tática e o tema das ações do dia são cuidadosamente explicados aos soldados no começo do dia. E então, de tempos em tempos, faz-se uma parada e explicações adicionais são dadas sobre o progresso do exercício e as evoluções de situação que ocorreram. Desta forma, cada indivíduo compreende o que está acontecendo e, em consequência, faz sua parte no esquema geral com muito maior interesse e inteligência.

Nas manobras de Cavalaria, introduzimos um bocadinho extra de realismo, que despertou interesse adicional e foi de grande valor prático. Permitimos a cada lado usar três espiões disfarçados, cuja missão era descobrir tudo que pudessem sobre os movimentos do inimigo. Era um bom exercício para os espiões, aafiando sua inteligência, e ao mesmo tempo era importante para ensinar os homens a serem cautelosos quando conversando com estranhos. É uma falha comum em soldados, quando compreendem uma manobra e se entusiasmam por ela, sentirem-se aptos a responder a perguntas e explicar a operação a

qualquer observador que manifeste desejo por informação. Por esse motivo é que na África do Sul muitos dos nossos planos eram dados a conhecer a curiosos cavalheiros que eram na verdade espiões bôeres. Mas em manobras, com o conhecimento de que os espiões estavam na área, os homes se tornavam bem cautelosos quanto a dar informações, e em muitos casos, julgando que estavam a falar com tais sujeitos, montavam histórias maravilhosas com o intuito de guiá-los no rumo errado. Os soldados estão aprendendo bem depressa a astúcia que completa os quatro C's da vida militar, a saber: Coragem, Bom-senso, Bom Humor e Astúcia [no original: *Courage, Commonsense, Cheerfulness, Cunning*]¹⁰⁸.

Na Índia, quando tínhamos um dia de exercício de campanha, era costume fornecer à noite, para conhecimento de todos, uma curta narrativa ilustrada por um plano esquematizado do que se passou durante o dia, ressaltando as razões, erros e pontos positivos das ações. Tomo um dentre vários exemplos, de modo que mesmo um leitor não militar possa facilmente entendê-lo.

A divisão do Sul, em coluna de marcha pela estrada principal, foi informada de que a divisão inimiga estava distante cerca de duas milhas à sua esquerda. Deixando a estrada, nossa divisão adotou formação preparatória, com uma brigada na vanguarda e duas na segunda linha. Nossos esclarecedores logo deram sinal de que o inimigo estava à vista, avançando para nossa frente esquerda. Nossos canhões entraram em ação imediatamente contra o corpo principal do inimigo, e tiveram resposta quase imediata de sua artilharia posicionada logo ao norte deles. Nossa divisão ocupou o terreno à direita e assim atraiu o inimigo para atacá-la. Então, o inimigo adotou formação preparatória para a carga, mas nossa divisão ainda manteve sua progressão cruzando a frente do inimigo em formação preparatória, fazendo-o alterar sua direção (o que é quase impossível de fazer em boa ordem quando posicionado na linha), e ao mesmo tempo atraiu-o para o campo de tiro de nossos canhões. No último minuto, nossa divisão, girando cada

¹⁰⁸ Nota do autor: Se alguma campanha chegou a mostrar o valor desses atributos, a atual guerra [1ª Guerra Mundial] o fez, e provou que nossos homens os possuíam todos, especialmente o mais importante para as circunstâncias vividas, qual seja, Bom Humor.

brigada para entrar em linha fazendo frente à esquerda, carregou sobre o inimigo em duplo escalão, em boa ordem, e obteve a vitória.

Percebe-se que, ao ser levado a efeito este plano, o inimigo foi atraído não apenas no campo de tiro de nossos canhões, mas também na área batida por sua própria artilharia, o que impediu que nossa divisão sofresse seus fogos. O General Comandante mostrou-se grandemente satisfeito com a manobra como um todo, e especialmente com o bom reconhecimento feito pela patrulha do Tenente Garrard, que deu informações exatas quanto à localização e movimentos do inimigo.

Outro método de interessar os homens em seu regimento e na história militar era o seguinte. No começo de cada mês, imprimia-se e dava-se a cada homem o calendário, informando todos os eventos de interesse que envolveram o regimento¹⁰⁹ ao longo de sua história, naquele mês. Pegando aleatoriamente o calendário para outubro, aparecem as seguintes ocorrências (enumero aqui sem entrar em detalhes, do mesmo modo que na cópia distribuída no regimento):

Outubro, 1710: o regimento foi empregado na cobertura do sítio de Mons até sua rendição no dia 20.

Outubro, 1796: o regimento deslocou-se para a Irlanda, a fim de reprimir a Rebelião, na qual os franceses estavam preparados para auxiliar os irlandeses.

Outubro, 1812: o regimento cobriu a retirada da coluna do General Hill de Burgos.

Outubro, 1816: o Rei dos Belgas foi designado Coronel Honorário do regimento.

Outubro, 1854: o regimento desembarcou na Crimeia e tomou parte na carga da Brigada Pesada, em Balaclava, no dia 25.

¹⁰⁹ No caso, os dados históricos que B-P apresenta referem-se ao 5º Regimento de Dragões da Guarda, durante seu comando. O 13º de Hussardos, no qual ele passou a primeira parte da carreira, curiosamente, também participou da Campanha da Península Ibérica (1810-12) contra Napoleão e da batalha de Balaclava (Guerra da Crimeia, 25/10/1854). Só que em Balaclava, o 13º fez parte da carga da Brigada Ligeira. A carga da Brigada Pesada, junto com a resistência do 93º de Highlanders, decidiu a sorte da batalha em favor dos aliados (britânicos, franceses e turcos). A carga da Brigada Ligeira, ocorrida quando a batalha já tinha sido vencida, foi uma ação desastrosa e taticamente inútil.

Outubro, 1893: o regimento desembarcou na Índia.

Antes de empreender uma longa marcha na Índia para participar de manobras, ou em mudança de estacionamento, cada homem recebia um folheto fornecendo informações sobre o território através do qual a marcha o levaria, trazendo dados de sua história, especialmente do ponto de vista militar, com descrições de batalhas ou eventos ali passados que pudessem interessar o leitor. As datas e distâncias das diferentes marchas, dia a dia, também eram difundidas para informação dos homens.

Sir Baker Russell costumava dizer que a missão da Cavalaria era apresentar-se bem em tempo de paz e morrer na guerra. De tempos em tempos ouvimos dizer que as condições da guerra moderna tornaram a Cavalaria obsoleta; e, no entanto, cada nova campanha dá provas em contrário¹¹⁰. Sir Bindon Blood, apesar de não ter servido na Cavalaria, tinha mente aberta o suficiente para reconhecer o valor desta força, e ao formar suas colunas para o combate no Passo de Malakand¹¹¹, ele insistiu em que houvesse uma parcela de Cavalaria consigo, e, apesar de

¹¹⁰ Em fins do século XIX e começos do XX, esse debate estava aceso nos exércitos europeus. O desenvolvimento da Artilharia (com os canhões de retrocarga e alma raiada) e do armamento leve (fuzis de retrocarga e, principalmente, metralhadoras) proporcionou um volume e precisão de fogo que expôs a vulnerabilidade dos cavaleiros; uma carga em campo aberto podia ser simplesmente varrida. Em compensação, se a Cavalaria conseguisse aproveitar para deslocar-se por caminhos a coberto dos fogos ou, no mínimo, das vistas do inimigo, tinha uma capacidade de manobra e de transmissão de informações melhor que a de homens a pé ou dependendo de ferrovias (e a ação da Cavalaria alemã em Mars-la-Tours, em 16 de agosto de 1870, Guerra Franco-Prussiana, deu um exemplo que promoveu a visão errônea de que a Cavalaria hipomóvel ainda era decisiva). Previa-se que a Cavalaria fosse capaz de explorar brechas abertas pela Artilharia e desorganizar a retaguarda inimiga até que a Infantaria viesse e fizesse o esforço principal. No começo da Primeira Guerra Mundial, os esquadrões hipomóveis cumpriam suas missões de reconhecimento, com limitações que chegaram ao impedimento quando as trincheiras se consolidaram da fronteira suíça ao Canal da Mancha. Automóveis blindados armados com metralhadoras, já em 1914, começavam a apontar os novos rumos, juntando-se aos carros de combate a partir de 1916, foram mostras de que a Cavalaria estava mudando seus processos. Como curiosidade, B-P, em 1937 (aos 80 anos, portanto), participou de uma revista ao seu velho 13º de Hussardos, em sua homenagem; foi a despedida do cavalo, no regimento que estava incorporando tanques e carros blindados. A Cavalaria hipomóvel continua a existir nas unidades de Guarda (cerimonial) e para operações do tipo policial ou de contraguerrilha em terreno impróprio para veículos.

¹¹¹ Contra os afegãos.

haver muita oposição e críticas à ideia, ele demonstrou a sabedoria de sua previsão. Em um período crítico do combate, ele foi capaz de desencadear uma inesperada carga de cavalaria contra os guerreiros montanheses, que nunca haviam visto antes tal quantidade de cavaleiros, e os efeitos tiveram longo alcance. Era um alívio, e ao mesmo tempo encorajador ver o General, após ter usado dessa forma a Cavalaria em serviço ativo, vir em tempo de paz assistir ao treinamento e aos exercícios desta Arma, de modo a poder aprimorar seu conhecimento dos detalhes de sua missão. Não são todos os generais de Infantaria que se dão ao trabalho de fazer isso.

Sua inspeção de um regimento era de uma forma muito mais prática do que a costumeira dos velhos tempos. Outrora, seria considerado injusto para com o regimento vir para a inspeção sem primeiro ter enviado um roteiro definido de tudo que o General pretendia ver durante sua inspeção anual do Corpo e de seu aquartelamento. Esse roteiro, do qual bem me lembro ser impresso, era entregue ao regimento semanas antes, de forma a todos terem ampla oportunidade de preparar e ensaiar seu papel particular na demonstração para o grande dia. Tudo tinha de estar limpo e arrumado, os cavalos tendo tomado bastante água como última coisa antes de o General chegar, de modo a encher os vazios dos seus flancos; cada oficial subalterno tinha seu cartão, no qual o Sargento-Mor anotara os diferentes itens de informação sobre os quais o General poderia fazer perguntas. Era uma certeza que o General sempre perguntaria o preço de um ou outro item do equipamento dos soldados. Contava-se de um subalterno que, ao receber a pergunta do General: “Quanto custa uma toalha?”, totalmente atrapalhado, respondeu “Quatro *shillings*”. O General esbravejou: “Você pagou quatro *shillings*, do seu bolso?”. O tenente, rápido em perceber que provavelmente dera um fora, afobadamente replicou: “Sim, senhor, quatro *shillings* – a dúzia”.

Como oficial subalterno experiente e observador, não demorei a perceber, depois de passar por algumas inspeções, que um General tendia a buscar alguma falha nesta ou naquela seção, e ele ficaria rodeando por ali até achar alguma coisa insatisfatória. Ele ficaria feliz em

poder fazer um pouco de barulho por causa disso, e então iria para outro lugar. Então eu assumi o desafio de fazer isso para ele; assim, deixei tudo da melhor forma onde era essencial que estivesse, e cuidei de deixar uma lanterna de cavaliça suja num lugar em que o General jamais deixaria de vê-la. Ele saltou sobre essa isca imediatamente. “O que é isto? Olhe só para essa coisa. Nunca, em minha vida tive uma visão tão imunda, fedorenta e desgraçada. Não tem vergonha? Seus cavalos estão em boas condições, seus homens limpos e bem-apresentados, as cavaliças em boa ordem. Estou surpreso de que você tenha permitido que algo como esta lanterna emporcalhada ficasse aqui. Estou surpreso: isto estraga a imagem do que, não fosse por isto, seria uma boa tropa”. E com isso ele seguiria adiante para encontrar alguma falha na próxima tropa, exteriormente soltando fumaça, mas internamente satisfeito por ter encontrado alguma imperfeição, e que quando fosse posta no papel aparentaria ser muito pouca coisa para merecer um registro sério.

Vocês já devem ter ouvido diversas opiniões sobre a Índia enquanto um lugar para as mulheres. A maioria dos homens dirá que não é lugar para damas, e muitas das damas dirão, elas próprias, que é um país encantador. Uma coisa é certa: elas não podem ficar nas Planícies na estação do calor. Elas precisam, portanto, deixar seus maridos cumprindo o serviço com seus regimentos, ou nas suas repartições, enquanto elas se agrupam nas estações nas montanhas e montam residências novas no clima mais ameno. Lá, elas podem ser de grande utilidade para seus maridos, pois, sempre que um homem casado quer uma pequena licença¹¹², basta um telegrama de sua esposa nas montanhas dizendo que ela está muito doente, e seu oficial comandante não lhe pode recusar a liberação. Quando alguns dos infelizes oficiais solteiros se veem por esse modo privados de sua licença, e tendo de tirar serviço para seus camaradas casados¹¹³, acabam sendo levados, em

¹¹² Período de liberação, de curta duração, para sair do aquartelamento/da guarnição, sem ser a serviço.

¹¹³ E com alguém fora da guarnição a escala de serviço aberta para os que permanecem prontos.

autodefesa, a arranjam uma esposa para si, e essa é outra razão pela qual a Índia é um bom lugar para as damas – do ponto de vista delas.

Claro que nós na Inglaterra sabemos que as damas na Índia, diferentemente do que acontece na mãe-pátria, estão sujeitas à frivolidade e ao escândalo; temos essa consciência, tanto quanto o eclesiástico que, em sua viagem a caminho de assumir sua congregação, escreveu uma encíclica, ou qualquer que seja o nome que se lhe dê, aos seus futuros paroquianos, dizendo-lhes que deviam pôr fim imediatamente a toda a imoralidade que até então praticaram! Ele ficou um tanto surpreso ao ter uma recepção gélida, e suas pregações terem tão reduzido público. É possível que ele não tenha permanecido no país tempo suficiente para perceber que a sociedade na Índia não era pior que a de qualquer outro lugar, possivelmente antes pelo contrário, porque lá situações problemáticas ocorrem com maior frequência, o lar está distante e os perigos estão muito mais próximos. Estes fatos acabam por promover simpatias mais fortes, amizades mais duradouras e maior coragem pessoal e autossacrifício que noutros lugares, tanto entre as mulheres quanto entre os homens. Não digo que não haja frivolidades, nem intrigas pelas costas, nem fofocas, porque sem dúvida existem, mas de forma alguma na extensão que algumas pessoas creem haver.

A maior queixa sobre o país, entre as mulheres, é que há muito pouco para elas fazerem; suas ocupações e diversões são necessariamente limitadas pelo clima e pela localização, e aparenta ao observador externo que seu principal objetivo na vida é obter todo o prazer que puderem de representações teatrais, danças e piqueniques, sem nenhum objetivo sério em suas ocupações. Ainda assim, se olharmos abaixo da superfície, há muito bom trabalho sendo feito também. As esposas dos soldados e suas crianças, e os próprios homens, no hospital, são alvo da atenção da melhor classe de esposas de oficiais; médicas e professoras devotadas fazem prodígios por trás das cortinas de fibra vegetal para educar as damas nativas e torná-las uma força em proveito do território, e não há dúvidas de que seu trabalho está começando a

mostrar resultados, e os mostrará com maior evidência e amplitude nas próximas duas gerações.

Recentemente começou a haver uma nova atividade, para minha sorte, num rumo sobre o qual eu pessoalmente tenho algo a dizer, e é o desenvolvimento do Movimento Escoteiro. À primeira vista, pareceria ser inteiramente trabalho de homens; mas, da mesma forma que constatamos na Inglaterra, há muitos centros nos quais há grande quantidade de garotos, mas que carecem de homens que possam guiá-los. As mulheres, então, tomaram a frente, e provaram ser altamente capazes como organizadoras e instrutoras no trabalho Escoteiro, e seu campo de atuação ampliou-se com a instituição dos Lobinhos¹¹⁴, o Ramo de Escoteiros Menores para crianças de 9 a 11 anos, que são particularmente mais afeitos à instrução ministrada por mulheres. As Guias¹¹⁵ também tiveram um grande começo na Índia, e tudo indica que exercerão valiosíssima influência na educação das jovens naquele território. Os princípios nos quais elas são treinadas são praticamente os mesmos que guiam a educação dos Escoteiros, mas os detalhes que diferem são aqueles aplicáveis à feminilidade, sob a forma do cuidado com crianças e das tarefas de gestão da casa, entre outros.

Nesses caminhos há muitas possibilidades para mulheres ativas e empreendedoras, cujo tempo será bem empenhado em prestar um serviço à nação em lugar de frivolidade e marasmo. Como será o futuro das mulheres nativas, quando elas se puserem à frente após terem sido educadas por suas irmãs ocidentais, é um problema considerável. As possibilidades diante delas são bem grandes, pois elas são naturalmente adaptáveis e aprendem rápido. Mais ainda, elas têm energia e dedicação iguais às de qualquer outra etnia, se julgarmos a partir dos exemplos que fizeram a sua reputação na história, a despeito das amarras que lhes

¹¹⁴ Como este livro é de 1915, portanto, um ano antes da oficialização do Ramo Lobinho, entende-se que estava já sendo implementado em caráter experimental.

¹¹⁵ As *Girl Guides*, organização constituída para das às meninas uma “vida Escoteira”.

foram impostas no passado. Vou mencionar apenas dois exemplos dentre muitos que poderiam ser citados.

Quando os sikhs estavam combatendo contra nós em 1846, eles estavam sob o governo de uma rainha, a Rani Jindan. Era uma mulher muito forte politicamente, e tinha a percepção bem clara de que seu maior rival na busca do poder era seu próprio exército, que estava ficando um pouco forte demais para ela; por isso, ela de certa forma viu com bons olhos a oportunidade de esse exército passar maus momentos ao enfrentar os britânicos, então ela teve o cuidado de não o equipar bem demais. Pouco antes da batalha de Sobraon, os sikhs, percebendo que estavam perdendo em eficiência pela falta de alimentos e munição, enviaram uma delegação a Lahore, onde a Rani então se encontrava, para discutir com ela o assunto. Ela recebeu os representantes no grande salão; ela mesma permaneceu oculta atrás de uma cortina, como era o costume para as mulheres, enquanto o porta-voz apresentava as dificuldades do exército. Quando ele estava mais ou menos na metade do discurso, ela tirou a anágua e, fazendo dela uma bola, lançou-a contra a atônita delegação, acompanhado de uma torrente de insultos, dizendo-lhes para “dar o fora dali e vestirem eles mesmos anáguas, já que não eram melhores que um bando de velhas, e que se tinham medo de combater, ela própria iria lá e lideraria o exército”. Isso os exaltou tanto que eles deram o equivalente a três vivas e disseram a ela que iriam esmagar os ingleses de alguma forma, mesmo que sem comida ou munição. Então eles voltaram – e foram esmagados.

O outro caso foi o da esposa de Dhyan Singh, conforme registrado pelo Coronel Alexander Gardner. Este velho guerreiro, que nessa época era oficial no exército sikh, descreve como o Rajá Dhyan Singh foi traiçoeiramente assassinado por Lehna Singh e Ajit Singh. A esposa de Dhyan era filha do Chefe rajput de Pathankot. Quando soube da morte do marido, ela fez um voto de ser queimada numa pira funeral, e, mesmo sendo uma garota bem jovem, ela não demonstrou a menor hesitação para fazê-lo; mas disse que, antes de tornar-se *sati*, isto é, uma viúva que

se autoimolava, ela gostaria de ter as cabeças dos assassinos Lehna Singh e Ajit Singh.

O Coronel Gardner conta da maneira mais simples: “Eu próprio depus as cabeças aos pés do cadáver de Dhyan Singh naquela noite. Então o *sati* de sua viúva foi levado a efeito, e raramente (se é que alguma outra vez houve) fui tão poderosamente marcado como pela autoimolação daquela garota gentil e adorável, cujo amor por seu marido era maior que quaisquer outros laços. Durante o dia, enquanto incitava o exército à vingança do assassinato do seu esposo, ela apareceu em público diante dos soldados, rompendo o isolamento de uma vida inteira. Quando os assassinos foram mortos, ela deu as diretrizes quanto ao destino a dar à sua propriedade com um estoicismo e um domínio de si mesma que ninguém ao seu redor podia igualar. Ela agradeceu aos seus bravos vingadores, e disse que contaria do seu bom feito ao esposo quando o encontrasse no paraíso. Não lhe restava mais nada, disse ela, a não ser reunir-se a ele”. Estava presente no local uma garotinha de uns 9 ou 10 anos de idade que era apaixonada pelo rajá assassinado. Ela tentou subir à pira para junto da jovem viúva, mas os espectadores a impediram; com isso, ela correu para as muralhas da cidade e lançou-se do alto. O Coronel Gardner escreveu: “Pegamos a garota mais morta do que viva, e a bela devota sentada na pira consentiu receber a criança no colo e partilhar com ela seu destino. Ela pegou o enfeite de diamante de seu esposo do turbante, e prendeu-o, com suas próprias mãos, no turbante de seu enteado, Hera Singh; então, sorrindo para todos ao redor, ela acendeu a pira; as chamas reluziam sobre seus braços e ornamentos, e mesmo, assim me pareceu, nos olhos lacrimejantes dos soldados. Assim pereceu a viúva de Dhyan Singh, juntamente com treze de suas escravas”.

Sempre me arrependo de quando estive pela primeira vez na Índia, por não ter aproveitado a oportunidade de conhecer o Coronel Alexander Gardner, que morreu pouco depois em Srinagar e foi sepultado no cemitério britânico em Sialkote. Era um personagem maravilhoso. Em sua velhice, aos noventa e três anos, ele era ereto como um varapau, e

media 1,90 m quando calçando apenas as meias. Falava inglês com certa dificuldade, por ter passado praticamente a vida toda no Afeganistão e Índia Setentrional, e quando falava inglês era com um forte sotaque escocês. Ele havia ido como grumete para a costa da Ásia Menor¹¹⁶, buscou aventuras em terra e acabou indo parar na Pérsia¹¹⁷, onde se engajou como soldado, e gradualmente estabeleceu-se como um homem de autoridade. Então ele se tornou afegão e casou-se em circunstâncias dignas de um romance.

Ele havia sido enviado com alguns de seus cavaleiros para capturar uma dama importante da família de um rival político, e só obteve êxito depois de uma luta desesperada que se estendeu por muitos quilômetros. Foi-lhe especialmente recomendado que tomasse conta da dama enquanto fugiam dos seus supostos resgatadores, e enquanto cavalgava ao lado do camelo dela, percebeu uma belíssima garota que era sua acompanhante, e ao fim da empreitada ele pediu que essa garota lhe fosse dada como esposa em recompensa por seus serviços nessa ocasião. Acabou sendo um casamento muito feliz por todo o tempo que durou.

Ele era continuamente empregado em incursões e guerras de fronteira, e viu uma infinidade de combates. Uma vez, quando estava longe de sua residência fortificada, engajado numa incursão, recebeu uma mensagem convocando-o para junto de seu chefe, que estava sendo duramente pressionado pelos inimigos. Ele chegou junto ao chefe bem a tempo de encontrá-lo rodeado de inimigos, com apenas doze sobreviventes de sua guarda pessoal, com os quais ele estava tentando abrir caminho para romper o cerco. Gardner foi bem-sucedido em alcançá-lo e resgatá-lo. Mas seu chefe contou-lhe, contendo-se, que seu próprio forte [de Gardner] havia sido tomado de assalto pelo inimigo, e sua esposa e filho bebê, assassinados. Gardner disse que sentiu um prazer amargo, ao chegar a casa, quando viu que o número de inimigos mortos excedia largamente o dos defensores; mas estes haviam sido

¹¹⁶ Turquia.

¹¹⁷ Irã.

massacrados até o último homem, com uma exceção. Um velho sacerdote esforçou-se para salvar a criança, mas ao fazer isso teve todos os seus dedos decepados e seu braço quase amputado por uma cimitarra.

Gardner então migrou para o Punjab e entrou para o exército do grande líder sikh Ranjit Singh, e era um general no exército sikh quando eles lutaram contra nós em Sobraon, mas ele próprio não estava no campo de batalha nessa ocasião, empenhado em Lahore no comando das reservas. Nessa época não havia menos que quarenta e dois oficiais europeus a serviço de Ranjit Singh. O conhecimento que Gardner tinha da vida interior dos indianos provavelmente não tinha rival entre os homens brancos, e o mesmo se podia dizer quanto à sua experiência em combate real. Ele tinha no corpo as cicatrizes de bem uns vinte ferimentos, e devido a um ferimento sério em sua garganta, sempre carregava consigo um par de tenazes com as quais ele tinha de sustentar o pescoço toda vez que quisesse beber ou engolir.

CAPÍTULO VIII

QUANDO AS TRIBOS SE AGITAM

Na Índia, todas as estrelas empalidecem perante o sol da guerra. Raramente se percebe, e no entanto é um fato, que foi muito difícil passar algum ano, no longo reinado da Rainha Victoria, no qual não tenha havido alguma forma de guerra em um lugar ou outro do Império de Sua Majestade.

Se nenhum outro lugar fosse capaz de fazê-lo, na Fronteira Noroeste da Índia geralmente havia jeito de ter alguma agitação. Caça ao javali com lança, caça de animais de grande porte, polo, teatro; tudo isso é esquecido quando as tribos se agitam e a excitação da guerra vem sobre a terra. Então, as horas são ocupadas em especulações quanto a quem vai obter designação para algum Estado-Maior, quais regimentos serão enviados ao front e, tragédia das tragédias, quem vai ficar para trás.

Em 1880, estávamos em guerra contra os afegãos liderados por Ayub Khan. Isso aconteceu da seguinte forma. Devido a supostas maquinações dos russos¹¹⁸ com o Emir¹¹⁹ do Afeganistão, uma expedição foi enviada a Kabul em novembro de 1878. Essa força atravessou o Passo Khyber e ocupou posições em Jalalabad e outras localidades ao longo da estrada para Kabul. Ao mesmo tempo, Sir Donald Stewart conduziu uma força através do Passo de Bolan rumo ao Beluchistão, e apoderou-se de Kandahar. Sir Frederick (depois Conde) Roberts, com uma terceira força, marchou para o Vale do Kuram e prosseguiu para o interior do Afeganistão, derrotando as tropas afegãs em Paiwar Kotal.

Com essas derrotas, o Emir Shere Ali fugiu do território e morreu pouco depois. Sucedeu-o seu filho, Yakub Khan, que fez um acordo com os britânicos, cujas tropas deixaram o território, enquanto o Major

¹¹⁸ Era a época do “Grande Jogo”, a disputa geopolítica entre o Império Britânico e o Império Russo sobre a Ásia Central e os acessos aos mares do sul da Ásia.

¹¹⁹ Comandante militar.

Cavanagh era instalado como Residente¹²⁰ britânico em Kabul. Poucos meses mais tarde, esse oficial e sua equipe foram massacrados, o que provocou o envio de uma nova expedição ao Afeganistão, sob o comando de Sir Frederick Roberts, que, após derrotar os afegãos em Charasia, capturou a cidade de Kabul e prendeu Yakub Khan. Sua força foi então isolada por um levante dos afegãos, mas foi resgatada por Sir Donald Stewart, vindo de Kandahar.

Abdurrahman, agora (1880), foi feito emir, sob a condição de permanecer aliado dos britânicos; mas, enquanto isso, Ayub Khan, filho do falecido Emir, levantou uma força vindo da Pérsia e avançou de Herat contra Kandahar. Uma força britânica, constituída por uns 2.500 soldados britânicos e nativos sob o comando do General Burrows, partiu para fazer-lhe frente. As forças em oposição encontraram-se perto de Maiwand, sob neblina pesada, e nossa força foi cercada e derrotada, com grande perda de vidas. Neste combate, 961 de nossos oficiais e praças foram mortos e 168, feridos ou desaparecidos.

Kandahar, então, foi sitiada pelos afegãos, e duas colunas foram enviadas para levantar o cerco, uma partindo de Kabul sob o comando de Sir Frederick Roberts, e a outra vindo da Índia sob o comando do General Phayre. O 13º de Hussardos foi despachado de Lucknow para juntar-se a esta última força, e, com o 78º de Highlanders, formou a sua retaguarda quando ela entrou no Afeganistão através do Beluchistão. A força de Sir Frederick Roberts, com 10.000 homens, por meio de uma rápida marcha de 500 km que ficou famosa, desde Kabul, através das montanhas, ganhou a corrida, e atacou e derrotou os afegãos com pesadas baixas. Este episódio praticamente pôs fim à guerra. Nossa força, marchando através do difícil Passo Bolan e pela cordilheira de Kojak, chegou a Kandahar quando tudo já estava terminado.

Eu havia acabado de retornar à Índia de uma licença por motivo de saúde, apenas para descobrir, ao chegar a Lucknow, que o regimento, havia uns poucos dias, tinha partido para o front. Encontrei no meu

¹²⁰ Representante diplomático.

diário o seguinte registro (que me leva a pensar que naqueles dias eu era um tanto insensível): “Que grata notícia! Chegou um telegrama à meia-noite, dando-me ordem para pegar dois cavalos e subir para Kandahar imediatamente, então parto amanhã. Hoje estou bem atarefado, acomodando roupas quentes, cavalos, material de acampamento, etc”.

Nesse dia, um novo médico havia chegado a Lucknow para o regimento, e, como eu era o único oficial presente, ele se apresentou a mim. Ele estava acompanhado de um jovem que aparentava ter uns 14 anos. Depois de um pouco de conversa, no decurso da qual ele concordou em acompanhar-me na viagem para alcançar o regimento, eu perguntei: “E o que você fará do seu filho?” E ele respondeu: “Meu filho? Este não é meu filho. É um oficial que veio juntar-se ao 13^o”. E o rapaz não era outro senão McLaren¹²¹, que, por sua aparência, estava destinado a ser daí por diante conhecido como “Garoto”.

Ajustamos tudo para partirmos sem demora e, no dia seguinte, estávamos a caminho, de trem, rumo à Fronteira Noroeste.

McLaren não tinha cavalos, mas acreditava conseguir obtê-los em Lahore, onde paramos por um dia; e ele conseguiu dois. No dia seguinte, prosseguimos de trem para Multan e, daí, pela linha nova de Kandahar, até Sibi, a base de suprimentos para o Afeganistão. O trem simplesmente parou no meio do deserto, rodeado por montes de bagagens, fardos de roupas, milhares de cavalos, camelos e mulas, e milhões de moscas. Não havia casas, simplesmente areia e pedras – e moscas. De fato, os nativos dizem desse lugar: “Quando Deus fez o inferno, Ele descobriu que não era ruim o suficiente, então Ele fez Sibi – e acrescentou as moscas”.

Aqui instalamos nossa barraca e recebemos rações, as mesmas que os praças. No dia seguinte, prosseguimos até o final da linha temporária que levava até Pirchowkee, no sopé das montanhas. Aqui acabava a

¹²¹ Kenneth McLaren (1860-1924), que seria o melhor amigo de B-P, e que inclusive o auxiliaria no acampamento experimental de Brownsea e nos primeiros anos do Movimento Escoteiro. Como Capitão, foi ferido e aprisionado pelos bôeres durante o cerco de Mafeking. Chegou a Major, e nesse posto passou à Reserva. Sem parentesco próximo com Sir William McLaren, que doou Gilwell Park à Associação Escoteira.

ferrovia, sem nenhuma estação ou qualquer edifício; simplesmente saltamos do trem, arreamos nossos cavalos, e cavalgamos, para acampar um pouco mais adiante, onde nos foram fornecidos os cavalos de carga, sete para nós dois. Lá, passamos a noite num telheiro, e então empacotamos as coisas e carregamos os cargueiros, montamos em nossos cavalos e iniciamos a marcha de manhã cedo. Percorremos montanhas, acompanhando o curso de um rio que transpusemos doze vezes em um percurso de doze milhas¹²² naquele dia, e paramos para pernoitar num “posto”, isto é, três barracas e um depósito de víveres.

Por seis dias viajamos, a maior parte do tempo acompanhando o desfiladeiro pelo qual o rio corria, passando a todo tempo por blocos de pedra, areia e pedregulhos. Era uma vida bem alegre, se bem que o cenário, de modo geral, fosse bem selvagem – e mais rochedos e saliências. No último trecho de marcha a estrada era um retão de quase 30 km, por cima de blocos de pedra brancos que reluziam ao sol, com uma cadeia de montanhas baixas a uns 8 km de distância em cada lado, e o tempo todo nem um único sinal de vegetação.

Aqui começamos a ter contato com nosso trabalho. Pela primeira vez vimos todo mundo andando pra lá e pra cá portando revólveres. Sempre os levávamos. No primeiro acampamento em que paramos, alguns nativos amigáveis chegaram todos cobertos de feridas que eles tinham acabado de sofrer de alguns afegãos, e passamos por outro homem ferido na estrada. Disseram-nos que, seguindo pela estrada, o 13º encontrara os corpos de três homens com as mãos atadas e as gargantas cortadas.

Encontrei dois camaradas que me informaram crer que eu conseguiria alcançar o regimento em Quetta, se me apressasse, então eu deixei meus companheiros (Fraser, nosso médico, Moore, nosso veterinário, e McLaren, todos a caminho de juntar-se ao 13º) e prossegui com duas montarias e um cargueiro. Encaixei um par de picuás em “Clown”, meu segundo cavalo de combate; neles estavam minhas roupas

¹²² Cerca de 20 km.

e as mantas dos cavalos. Acomodei minha barraca e material de dormida no cargueiro, e minha sela regimental, *Jock*¹²³ e eu mesmo em *Hagarene*, e, com meu ordenança e um guia, parti. Deixei-os para que viessem da melhor forma que lhes fosse possível, e segui em marchas forçadas, percorrendo uns 70 km em dois dias por terreno bem ruim, que me trouxe a Quetta. O cargueiro arriou e não conseguiu chegar.

Para minha grande decepção, descobri que o regimento tinha partido já havia três dias, e que também estava fazendo marchas aceleradas. Como seria impossível alcançá-los, permaneci em Quetta por alguns dias, e meus companheiros se reuniram a mim no dia seguinte. Foi muito divertida, essa viagem sozinho – mais de 30 km dela através de deserto arenoso, e encontrei alguns pequenos grupos de afegãos, alguns dos quais armados. Eles não costumam atacar europeus, mas ainda assim eu ficava de olho em suas sombras depois que passávamos uns pelos outros para me assegurar de que eles não viriam por trás para me espetar, como fariam se fossem ghazis. Depois de Quetta, não éramos autorizados a viajar sozinhos, pois era território inimigo, e todo pequeno grupo que era enviado ia com uma escolta de cavalaria nativa.

O 9º de Lanceiros chegou de Kandahar enquanto estávamos em Quetta, distante doze dias de marcha. Eles tinham estado lá já por dois anos em missão, e tinham uma aparência maltrapilha por causa disso, mas eram uma boa e saudável tropa. Eles haviam se encontrado com o 13º e acampado juntos por uma noite, e acredito que tenha sido uma noite maravilhosa para ambos. Tínhamos no nosso *mess* champanha e taças, que há anos eles não viam, e acredito que tenham aproveitado o melhor dessa ocasião, como disseram ter feito. Nossa banda tocou para eles, e fazia tempo que eles não ouviam uma banda, e nossos homens escovaram os cavalos para eles, porque os dois regimentos tinham uma amizade de longa data.

¹²³ O cachorro.

Em Quetta, foi interessante ver recordações da expedição de 1842¹²⁴, na forma de plataformas de barro sobre as quais eram assentadas as barracas e os pontos-fortes. Evidentemente, eles fizeram um bem a si próprios no que concerne ao número e tamanho das barracas, e ao instalá-las bem acima do terreno circundante e provendo-as de boas lareiras e chaminés.

Na ocasião em que estávamos prontos para partir de Quetta, nossa equipe já chegara a sete integrantes, junto com uma meia dúzia de homens do 13º que tinham sido deixados para trás por estarem com febre. Deu um trabalho danado transpor a cordilheira Kojak, uma elevada cadeia de montanhas que separa o território britânico do Afeganistão. Tínhamos onze carros de boi, cinco cargueiros e mulas, e doze camelos. A estrada irregular e íngreme causava um grande desgaste aos animais, especialmente os camelos, quando a estrada estava molhada. Seus pés pareciam escorregar para todas as direções, como se eles fossem se partir com as pernas deslizando até se rasgarem. “E quando chega ao terreno escorregadio, ele se parte em dois¹²⁵”.

A consequência era haverem camelos mortos de cada lado da estrada ao longo de todo o caminho, com um aroma esplêndido. Estimei que houvesse um camelo morto para cada metro de estrada naquele passo, e subindo por ele depressa dava medo de, pela respiração ofegante, aspirar todo aquele fedor. Jamais teríamos transposto o passo se não tivéssemos encontrado uma companhia de infantaria nativa e um grupo de afegãos amigáveis, a quem pusemos a trabalhar para conduzir os carros de boi estrada acima. Ao transpor a cumeeira, a descida pelo outro lado era tão ruim quanto fora a subida, sendo a estrada terrivelmente íngreme e ziguezagueando pelo precipício abaixo. Os carros de boi tinham cordas atrás, pelas quais os homens os continham para evitar que ganhassem velocidade na descida e se despenhassem pelo abismo em lugar de fazerem as curvas. Acampamos bem depois de ter

¹²⁴ Repressão à rebelião afegã de 1841-2.

¹²⁵ Citação da qual B-P não colocou a origem.

escurecido, numa tempestade de geada, e tínhamos de manter uma boa vigilância contra ladrões afegãos, que andavam à volta tentando obter fuzis se lhes dêssemos alguma chance.

Para mim, Kandahar revelou-se um lugar interessantíssimo, mas não tão grande quanto eu esperava. Era uma cidade de casas semicobertas e becos estreitos, rodeada por grandes muralhas cinzentas com torres. Aquartelamo-nos em um lugar chamado Kokoran, uma aldeia a uns 11 km depois de Kandahar. Era bem melhor estar ali, uma vez que estávamos num descampado comparativamente mais saudável. Em Kandahar havia muitas doenças. O 11º Regimento de Devonshire perdeu oitenta e cinco homens em menos de três meses, e o 78º de Highlanders também sofreu grandes perdas. Num certo ponto da marcha, onde eles haviam acampado, vimos gravado nas pedras: “*Kilts* à venda aqui”, significando que muitos homens haviam morrido. O campo ao nosso redor foi o cenário do combate de Lord Roberts que libertara Kandahar poucos meses antes. Após essa derrota, os afegãos fugiram para as montanhas próximas e esconderam-se nas cavernas. Um dos regimentos Gurkha¹²⁶, por iniciativa própria, seguiu-os e afastou-se de seus oficiais, e nada se soube deles até muitas horas depois, quando alguns voltaram a Kandahar para pedir comida e munição para os demais, uma vez que eles haviam identificado as cavernas ocupadas pelos afegãos e estavam de tocaia, esperando que eles voltassem a sair para serem mortos.

Um dia, nosso médico achou um cartão de visita de McLean, o homem que foi prisioneiro no acampamento de Ayub Khan e lá foi assassinado. Ele encontrou o cartão num poço d’água no campo, provavelmente no local onde ele se refugiara e fora capturado.

A própria Kandahar, que visitei várias vezes, era um lugar estranho e um bocado perigoso. Todos os oficiais e praças andavam armados, a maioria dos oficiais levando no mínimo uma javalina¹²⁷, alguns portando

¹²⁶ Tribo nepalesa, da qual há um batalhão no Exército Britânico até hoje, no qual as famílias têm muito orgulho por ter membros que sirvam.

¹²⁷ Lança usada na caça ao javali.

revólveres. Eu tinha um bastão longo e sólido, com uma correia presa a ele, e um animado sorriso que eu esperava que desarmasse qualquer um! Mas no meio da multidão frequentemente havia fanáticos, ou ghazis, que eram um bocado ansiosos por enfiar suas facas nalgum europeu, uma vez que eles criam que se fossem mortos em consequência dessa ação iriam direto para o paraíso.

Um estábulo na cidade, no qual se guardavam os estoques de munição e de víveres estava densamente coberto por marcas de tiros recebidos durante o cerco. Os sacos de areia ainda estavam nas rampas, e por todo lado se podiam ver sinais da luta que há tão pouco tempo ali tivera lugar. Fora do portão principal havia uma força rústica, na qual os ghazis eram pendurados em intervalos de poucos dias. Todos os militares tinham de portar revólveres ou baionetas quando iam passear. Mesmo quando um homem estava indo a uns meros dez metros do Corpo da Guarda para apanhar água no córrego, ele tinha de levar na mão a baioneta desembainhada. Era um tipo de precaução muito necessária, já que os fanáticos saltavam sobre eles sem aviso.

Um dia, a sentinela do portão principal foi esfaqueada nas costas por um ghazi e morreu na hora. O ghazi, então, caminhou para dentro do Corpo da Guarda, jogou a faca ensanguentada na mesa e se entregou para ser enforcado. Em consequência, as sentinelas foram dobradas e ficavam no posto costas contra costas. As sentinelas em Kokoran, em vez de conduzirem carabinas, carregavam sabres desembainhados, por serem de melhor manuseio no combate corpo-a-corpo. Fizemos lá uma pequena apresentação teatral, e era engraçado ver os homens indo para os ensaios, logo do lado de fora das edificações fortificadas em que vivíamos, cada qual levando seu sabre na mão. Os sabres eram fincados no chão para demarcar os limites do palco, e ao mesmo tempo para serem facilmente alcançados em caso de ataque.

Quando se decidem a ir para o paraíso, os ghazis se vestem com roupas brancas bem limpas e recusam-se a comer ou cortar o cabelo até que tenham matado um descrente. Então, é melhor para eles serem mortos antes que dê tempo de se encontrarem com tentações e

cometerem pecados. Um ghazi veio rodear nosso acampamento certo dia, mas, não tendo conseguido encontrar nenhum homem branco que estivesse desatento para o seu assalto, esfaqueou um dos nossos seguidores nativos, crendo ser ele um cristão. Daí, ele se entregou, e foi julgado e sentenciado à morte. Foi-lhe então perguntado por que havia matado um de sua mesma religião. Essa notícia o deixou horrorizado, e ele pediu para ser libertado, uma vez que tudo tinha sido um grande engano, e com isso ele tinha todas as chances de ir para o lugar errado. Quando de sua execução, outro homem deveria também ser enforcado, um auxiliar nativo hindu que havia matado uma mulher afegã. Quando eles estavam sobre o cadafalso, um dos suportes cedeu e o conjunto todo desabou antes que a execução se completasse. Então, os dois prisioneiros foram colocados de lado enquanto o patíbulo era novamente erguido. Foi então que a diferença de caráter entre os dois se mostrou. O afegão, apesar de estar sangrando de uma ferida na cabeça que sofreu no desmoronamento, trabalhou ajudando na reconstrução da forca, enquanto o hindu se deixou ficar encolhido miseravelmente esperando seu fim.

Em Quetta, novamente fomos incomodados pelos ghazis. Numa ocasião, um artilheiro escapou por sorte, quando andava por uma rua do bazar, houve um súbito clarão na parede próxima. Isso lhe deu um tal sobressalto, que ele involuntariamente pulou afastando-se, e no instante seguinte uma grande faca desceu por sobre seu ombro, só lhe produzindo um arranhão; não fosse pelo pulo, teria mergulhado em suas costas. O ghazi foi agarrado antes de poder fazer qualquer outro dano, e posteriormente foi enforcado.

Por ocasião de sua execução, havia mais dois que seriam enforcados. Portanto, foram erigidas três forcas na praça do mercado, cada uma com seu próprio alçapão, operado por um homem diferente. Quando os três criminosos foram posicionados, com os laços em seus pescoços, o Comissário determinou que os três alçapões fossem acionados simultaneamente quando ele desse o sinal ao estalar seu chicote de caça. Dois dos executores ficaram de olho nele, enquanto o

terceiro ficou à escuta para o estalo. O Comissário enrolou o chicote e o lançou, mas não produziu o ruído esperado; em consequência, dois dos malfeitores ficaram imediatamente balançando no ar, enquanto o terceiro ainda esperava pelo sinal fatal.

Os atentados dos ghazis contra as vidas de homens brancos finalmente tiveram fim graças a uma proclamação segundo a qual todo homem que no futuro viesse a ser enforcado seria enterrado junto com um cão morto; como isso impediria totalmente que sua alma fosse admitida ao paraíso, o assassinato de homens brancos perdeu o encanto para eles.

Meu diário me diz que eu me opunha inteiramente às autoridades quanto à questão de fazer estardalhaço pelo Afeganistão. Com toda a certeza e sabedoria de um oficial subalterno, eu escrevi:

Não sei para que serve mantermos este território; é quase todo deserto com ventos uivantes, com um pouco de terras cultivadas acompanhando os rios. Entretanto, pessoalmente, não me importa por quanto tempo o mantenham, o clima é péssimo. Estes afegãos são caçadores de má catadura, belos sujeitos grandalhões, com grandes narizes aquilinos e cabelos compridos, vestindo roupas brancas e soltas, e propensos ao assassinato. Desde que estamos aqui, seis dos nossos serviçais nativos desapareceram e nunca mais foram vistos. Um deles era o cozinheiro-chefe do nosso *mess*. Suspeitamos de uma aldeia próxima pelo seu assassinato, pois ele tinha ido comprar ovos, então enviamos um esquadrão para lá com nosso oficial político e eles revistaram o local, mas claro que não acharam nenhum traço do camarada; se tivessem achado, provavelmente teriam enforcado alguns dos aldeões e queimado a aldeia.

Tive uma excursão de três dias muito interessante, a Maiwand, com um esquadrão de reconhecimento. Foram conosco o General Wilkinson, o Coronel St. John, e alguns outros figurões. A uns poucos quilômetros de Kokoran, deparamos com as marcas de rodas de canhões, onde os nossos canhões haviam passado na fuga do massacre. Eles

havia rodeado o final de um esporão montanhoso, que fazia um desvio um tanto longo; e dizia-se que os afegãos haviam tomado um atalho através das montanhas e assim vieram fustigando sua retirada. Por isso, fizemos uma fila até as montanhas a fim de tentar descobrir o tal atalho; não demorou muito para encontrarmos marcas de rodas, que depois descobrimos que eram dos canhões de Ayub Khan. Seguindo-as, chegamos a um passo nas montanhas, que os afegãos haviam usado, mas do qual os nossos não tinham conhecimento. Era uma garganta maravilhosamente pitoresca, íngreme, rochosa, e quando passamos através dela pudemos ver alguns íbis delineados no horizonte nos penhascos acima, assistindo nossa progressão. O campo de batalha era uma grande planície aberta, arenosa e cheia de pedras, e acampamos a pouco mais de quilômetro de meio dele.

Tudo estava mais ou menos do mesmo jeito que tinha ficado depois da batalha. Alguns amontoados de cavalos mortos, mumificados pelo sol e pelo ar seco. Não tinha chovido, e aparentemente ventara muito pouco desde que o combate se feriu, e as pegadas e marcas de rodas ainda eram bem distintas em todas as direções. Linhas de estojos vazios de munição mostravam onde tinha havido a luta mais pesada: mascas de rodas e de cascos mostravam onde os canhões se haviam movimentado, cadáveres de camelos e de mulas mostravam a linha dos trens de intendência. Cadáveres de homens em todas as direções, a maioria foi enterrada às pressas, mas em muitos casos as sepulturas tinham sido reabertas pelas escavações dos chacais. Roupas, acessórios, comida enlatada, etc., tudo estava espalhado pelo local. Em um ponto, toda a equipagem de um canhão afegão, seis cavalos brancos com as caudas tingidas de rosa, haviam sido empilhados por um dos nossos projéteis de artilharia.

A brigada britânica, pondo-se em marcha de manhã cedo, enviou uma equipe de reconhecimento para visitar o único ponto de abastecimento de água no deserto a oeste, e essa patrulha retornou dizendo que não havia inimigos por lá. Por isso, de imediato presumiu-se que não havia inimigo nenhum nas imediações, mas como depois transpirou, a patrulha não tinha ido ao lugar certo, e o inimigo estivera

lá o tempo todo. Naquela manhã, um pesado nevoeiro tinha baixado sobre a planície e o exército afegão a havia atravessado bem diante do avanço da brigada, nenhum dos dois partidos tendo tomado conhecimento da presença do outro. Nossa vanguarda, ao ver uns poucos homens retrocedendo para dentro da neblina, atirou neles. Isso trouxe os afegãos de volta para atacar os nossos.

Sem que os britânicos soubessem, havia uma profunda ravina em forma de ferradura que praticamente circundava todo o local em que a brigada estava posicionada. A brigada formou quadrado para receber o ataque, esperando ver o inimigo vir através do terreno aberto. Ao invés disso, eles se despejaram aos milhares pelo *nullah*¹²⁸, sem serem vistos, e então subitamente apareceram atacando de três lados simultaneamente. Alguns elementos da cavalaria de Bombaim, tendo recebido ordem de carregar contra eles, tiveram a trajetória desviada pelos atacantes e acabaram se arremessando contra a retaguarda das nossas próprias forças, e a infantaria nativa rompeu as fileiras e correu junto com eles para cima das fileiras do Regimento de Berkshire, o 66°. Estes firmaram-se em sua posição tão bem quanto puderam, mas foram empurrados para trás, e então vieram sustentando uma posição depois da outra para cobrir a retirada dos demais, mas no fim das contas foram praticamente varridos ao fazê-lo. Fizeram seu último reduto junto a uma longo muro de barro baixo com uma valeta. Foi daqui que um dos homens acenou animoso com os braços para que a Artilharia a Cavalos levasse seus canhões embora, e gritou aquele adeus memorável: “Boa sorte para vocês. Está tudo acabado para os velhos Berkshires!”. Todos eles foram mortos ali, e a maneira mais rápida de sepultá-los foi fazer o muro desmoronar em cima deles.

Sir Oliver St. John esteve presente à luta, e conseguiu escapar, esplendidamente auxiliado por um ótimo ordenança afegão. Este homem, percebendo que o cão collie de seu patrão tinha desaparecido enquanto eles estavam no aceso da refrega, voltou ao campo de luta, recuperou o

¹²⁸ Leito seco de rio, ou *wadi*.

cachorro e trouxe-o com eles. O capelão católico romano adido à tropa também se portou com notável intrepidez, levando em suas costas um grande reservatório de água e com ele ajudando os feridos. Ele provavelmente jamais teria escapado, se não fosse por alguns artilheiros que o agarraram e o puseram em cima de uma de suas carretas, que estava a caminho da retaguarda.

Precisei fazer dois mapas do campo de batalha, um para o General Wilkinson e outro para o Comandante-em-Chefe. O Coronel também me pediu que fizesse um para ele, para enviar a sir Garnet Wolseley. Eu trouxe comigo algumas lembranças do campo de batalha: um estilhaço de granada de artilharia, um casco de um cavalo da Bateria E, da Real Artilharia a Cavalo – ele pertenceu à única peça que havia ido à frente e disparado contra a retaguarda afegã, dando início à batalha. Eu trouxe também um cinturão manchado com sangue, e uma folha de um manual de bolso de Sir Garnet Wolseley, encontrada perto de um dos oficiais.

CAPÍTULO IX

O RESCALDO DA GUERRA

O processo de pacificar o país depois da guerra era muito parecido com a caça à raposa de Jorrock: “a imagem da guerra com apenas vinte por cento dos seus perigos”. Era a melhor forma possível de treinamento para os jovens: aprendíamos pela prática no campo, muito mais do que pelas tediosas instruções de pátio de quartel, todos os macetes e responsabilidades da vida militar; isso nos punha em contato mais próximo e em maior camaradagem com nossos homens, um passo importante para o trabalho exitoso quando em campanha. E nos mostrou que o Programa de Instrução não é um fetiche capaz de conduzir você através de qualquer dificuldade se você aderir cegamente à sua letra, mas sim que é antes um conjunto de preceitos gerais que lhe darão boa guia se você entender o espírito; e que a tática, no fim das contas, é menos uma ciência do que a aplicação de bom senso à situação.

Eu me sentia muito feliz com a vida que levava. “Adoro este emprego, sempre tem alguma coisa para fazer”, foi o que escrevi em meu diário. De fato, não faltava ocupação. Num dia podíamos estar caçando um bando de larápios num passo próximo, apenas para descobrir que “os safados já tinham ido embora”, como expressei, então, aproveitei o momento para desenhar um mapa do passo para Sir Baker. Noutra, eu podia sair em missão de reconhecimento com uma tropa; ou fazer um piquenique, como se a guerra fosse algo de que não se ouvia falar por ali. Num outro dia, eu poderia estar no comando de um piquete de sobreaviso, o que significava passar o dia inteiro dentro da barraca, fardado e equipado, com meu cavalo selado, e toda a minha tropa do mesmo modo, prontos para sair e pormo-nos em marcha em dois minutos a partir do alarma. Então, ao crepúsculo, sairíamos do acampamento por mais ou menos uma milha, posicionando sentinelas e enviando patrulhas de hora em hora por toda a noite, para verificar um posto a uns oito quilômetros de distância e voltar ao acampamento. Às vezes fazia tanto frio à noite que, em vez de montar a barraca, nossos homens preferiam

enrolar-se nela sobre o chão. Eles tinham de usar gorros balaclava, isto é, toucas tricotadas que cobriam toda a cabeça e o pescoço, com uma abertura para os olhos. Ganhamos muita experiência, por estarmos constantemente na expectativa de ataques, e as longas e gélidas noites de serviço nos postos deram-nos grande rusticidade.

Em Kokoran, tivemos tempo bem ruim, primeiro sob a forma de pesada nevasca; mas a vida em barracas não era tão ruim quanto havíamos esperado, porque, construindo ao redor de nossa barraca uma mureta de tijolos de barro de uns 60 cm de altura e fazendo uma fogueira no final, dava para ficar bem aquecido, a despeito do tempo frio lá fora. Então vieram vendavais, e chuvas torrenciais, e granizo, o que significava muito desconforto para nós, vivendo ao ar livre. Houve uma ocasião em que nossos forrageadores nativos foram apanhados numa tempestade de granizo, e um deles perdeu os sentidos devido às pedradas, e morreu de hipotermia. Não me esqueci jamais de como foi seu retorno ao regimento. Seus colegas o trouxeram atravessado no lombo de um cavalo de carga, e um dos encarregados dos forrageadores pegou-o nos braços, e carregou-o através das linhas dos cavalos tentando descobrir a que tropa ele pertencia, gritando como é de costume entre soldados quando acham alguma coisa: “Este é de alguém?”. Por fim, incapaz de encontrar um “dono”, ele pôs o pobre cadáver num saco e enterrou-o fora do acampamento.

Este soldado era do velho tipo, difícil de encontrar hoje em dia, um esplêndido cavaleiro e espadachim, muito vivo, bem apresentado e limpo em seu proceder, e devotadamente leal aos seus oficiais. Com seu rosto empoeirado e cabelo ruivo, era bem o tipo de soldado britânico que se quer ter por perto no serviço. Ele tinha uma superstição peculiar, que você jamais deveria passar por um cadáver do lado direito da estrada; então, na coluna de marcha, sempre que ele via o cadáver de um nativo – e passamos por uma boa quantidade deles – do lado errado da estrada, ele desmontava e cuidadosamente o carregava ou arrastava para o outro lado e o depositava lá.. Para sorte dele, na ocasião em que retornamos do Afeganistão, a maioria dos corpos já havia sido sepultada; se assim não

fosse, ele teria que encarar o problema de fazer todo o trabalho de traslado novamente.

Os homens tornam-se curiosamente insensíveis diante da morte quando em missão. Recordo-me de um dos nossos oficiais aos berros, clamando pelo seu serviçal e sem conseguir que ele aparecesse. Ele estava furioso com o ausente, até que alguém lhe contou que o homem morrera de frio. Então, esse oficial disse: “Por que ninguém foi capaz de me contar isso antes de eu me fazer rouco de tanto gritar? Onde ele está agora?”. Ele encontrou o cadáver do coitado sendo usado por seus companheiros serviçais como um apoio para sela, no qual se poderia limpar as selas até que fosse a hora de levá-lo para ser enterrado.

Meu cãozinho *Jock* era uma grande e reconfortante companhia para mim nesse tempo, e ele se distinguiu em Maiwand por ter sustentado uma luta contra um gato-do-mato que quase pôs fim à sua carreira. Ele era um grande parceiro da minha montaria de combate, e quando ela ainda estava na escola de equitação ele costumava acompanhá-la das baias até o local de treinamento, seguindo-a fielmente nas evoluções enquanto ela trotava para um lado e para o outro, fazendo voltas e curvas durante uma ou duas horas em todas as direções.

Tive um bocado de problemas quanto aos cavalos de nossa tropa, alimentando os magros e dando trabalho extra aos gordos, visitando-os à noite para ver se todos tinham mantas e estavam aptos a deitarem-se, etc. Tudo isso tomava muito tempo, mas trouxe sua recompensa na forma de um elogio especial à nossa tropa por parte do General, quando fez uma inspeção.

Às vezes, formávamos um grupo para piquenique, e recordo-me de uma ocasião que quase foi fatal para *Jock*. Tínhamos almoçado num pomar, mas antes disso subimos metade da encosta de uma montanha para ver uma grande caverna que lá havia. Ela continuava por algumas centenas de metros, e então se ramificava em quatro passagens, de uma das quais se dizia que não tinha fim. Em um lugar que apontaram havia uma espécie de buraco sem fundo. Claro que *Jock* correu lá para ver também e, com um ganido, imediatamente caiu no buraco. Consideramos

tê-lo perdido, e espiamos pela beirada para ver seus esmagados restos mortais, quando o vimos correndo para lá e para cá uns três metros abaixo de nós, caçando gatos imaginários. Naquele trecho o buraco não era muito profundo, se bem que num dos cantos ele se tornava um poço, então *Jock* pôde ser içado para fora de lá sem problemas, apesar de ter-me mantido acordado a noite toda com seus gemidos, pois tinha torcido ambas as patas dianteiras na queda, mas logo se recuperou.

Estávamos loucos por notícias nessa altura; o telégrafo tinha dado defeito, os rios estavam tão cheios que nenhum viajante tinha aparecido ultimamente, e mais ou menos três em cada quatro mensageiros pareciam ter sido apanhados e mortos pelos afegãos.

Uma noite, uma sentinela dos nossos animais de carga foi atacada por um afegão com uma longa faca, e ferida no braço. Esse soldado atirou no caboclo, mas errou. O afegão provavelmente vinha para roubar uma mula ou um camelo. Alguns desses animais haviam sido roubados recentemente em Kandahar. Um camelo e algumas mulas haviam desaparecido algumas noites antes, furtados por afegãos vindos de um lugar que se poderia considerar impossível. Os animais de carga eram guardados num curral circular composto por um muro de barro de mais de dois metros de altura. O portão tinha barras, e a sentinela andava ao redor do cercado mantendo atenção constante sobre ele. Os ladrões agiram da seguinte forma: um passou por cima do muro com uma ponta de uma corda na mão, e outro permaneceu do lado de fora na outra ponta da corda. Um terceiro chegou ao topo do muro e deitou-se chapado ali com um pote de água. Os dois de cada lado foram então fazendo movimento de serra com a corda no muro, enquanto o terceiro homem ia jogando água no ponto em que a corda coçava a parede. Dessa maneira, eles conseguiram fazer um corte no muro serrando-o com a corda. Depois, fizeram outro corte pelo mesmo processo, a pouca distância do primeiro, e então derrubaram o pedaço de muro entre os dois cortes, fazendo assim uma passagem através da qual conseguiram tocar alguns dos animais que estavam dentro. Obviamente, eles prestavam muita atenção à sentinela, e a cada vez que ela se aproximava eles se grudavam

no chão, e o soldado não tinha nenhum indício do que eles estavam fazendo até ouvir o desmoronamento da parede e o chocalhar dos cascos dos animais enquanto eram levados embora.

A primeira notícia de que em breve deixaríamos Kandahar e voltaríamos à Índia chegou-nos indiretamente. Um dia, o preço da geleia abaixou para uma rupia o pote, o que nos mostrou que os mercadores persas tinham expectativa de nossa breve partida e estavam procurando dar fim ao estoque; e eles geralmente ficam sabendo das coisas antes de todo mundo. No bazar de Kandahar, um dos cambistas tinha uma antiga moeda grega no meio do seu dinheiro, pela qual lhe dei uma rupia. Depois descobri que muitas moedas similares haviam sido compradas ali, pois eram as de Alexandre, o Grande¹²⁹. Quando eu estive em Chakdara em 1897¹³⁰, um anel de sinete grego foi encontrado quando os soldados estavam cavando valetas contra chuva ao redor de suas barracas. Isso ajudou a dar mais vida à discussão sobre a rota de Alexandre ao entrar na Índia ter sido através do vale do Swat, no vau de Chakdara. Usa-se muito pouco o dinheiro nestas redondezas, as pessoas preferem o escambo, a permuta de coisas. Por exemplo, um afegão que tinha um pônei para vender não aceitaria rupias por ele, mas ficaria muito satisfeito em trocá-lo por um conjunto inglês de casaco, colete e calças.

Não há lugar em que os rumores sejam mais ativos que num acampamento, e estávamos sempre ouvindo sobre o que estava para acontecer, mas nunca acontecia. Segue-se um exemplo típico, extraído do meu diário.

Grande alegria! Acabou de chegar um heliograma¹³¹ com ordens para estarmos em ordem de marcha para partida imediata dentro das próximas 48 horas, mas como ela foi transmitida nas últimas luzes do crepúsculo, não acredito que vão nos pôr em movimento senão até

¹²⁹ Imperador macedônio (356 a.C – 323 a.C.), que estendeu seu império até a Índia.

¹³⁰ Portanto, em seu segundo *tour* indiano, como comandante do *5th Dragoons Guards*.

¹³¹ Mensagem transmitida por meio do heliógrafo, aparelho com o qual podem-se transmitir mensagens em Morse usando-se sinais luminosos.

amanhã pela manhã. No entanto, desci até a minha tropa e avisei para que estivessem prontos, e meu serviçal aproveitou o entretanto para emalar minhas coisas de maneira a poderem ser levadas por duas mulas. O pior de tudo é não termos a menor indicação quanto ao local para onde nos dirigiremos; alguns dizem que é apenas uma volta para Maiwand a fim de sepultar os mortos que achamos espalhados por lá na última vez. O General acredita que vamos tomar uma certa cidade distante uns 110 km, da qual se diz que seu povo capturou nosso cozinheiro nativo e recusou-se a devolvê-lo sem que fosse pago um resgate de 300 rupias. Estamos agora grandemente esperançosos de, por fim, irmos das uns tiros nos afegãos – e o pior é que está parecendo que vai nevar horrores.

Então, segue-se o inevitável clímax – ou melhor, o anticlímax:

Ainda estamos por aqui. No fim das contas, as ordens nunca foram levadas a efeito, mas agora sabemos que devemos evacuar Kandahar e retornar a Quetta. Os relatórios dizem que a primeira brigada parte em dois dias; se for assim, partiremos quatro dias depois, pois seríamos a retaguarda. Todavia, estou contente por não estarmos em marcha por agora. As manhãs são belas, mas à tarde chove muito forte, com tempestades de trovões e granizo. Três dias atrás, ela caiu torrencialmente, e o granizo caiu forte por mais duas ou três horas. Estamos na encosta de uma colina, mas, apesar disso, a área toda foi inundada, de 60 cm a um metro de água em um grande lençol arrastando as barracas e o material. Essa água também solapou nosso grande muro externo, que desmoronou em dois lugares, fazendo uma abertura de uns 45 metros; noutro ponto, o muro interno inchou tanto que tivemos de contê-lo com uma corda. O estafeta pertencente ao 8º de Cavalaria de Bengala, que trazia nossas cartas de Kandahar até o acampamento, foi carregado pela torrente e se afogou, apesar de estar montado e de não ter nenhum rio permanente para atravessar. O alojamento dos praças e os prédios dos nativos foram inundados pela água, e quando ela se escoou ficou um mar de lama. Vi meu Sargento-Mor examinando todos os caroços de lama buscando uma de suas botas, que se perdera; ele ia percorrendo o campo com uma panela,

despejando água em cada bolo de lama como o jeito mais fácil de dissolvê-lo e mostrar seu conteúdo!

Uma noite, eu tinha de usar uma touca numa peça em que íamos representar. Eu tinha um dos meus velhos mapas do campo de batalha de Maiwand e pensei que serviria como uma boa armação para a touca, então eu o enviei ao alfaiate para que fizesse o serviço. Depois ele veio em contar que havia sargentos e mais um monte de gente querendo a armação da touca depois que eu acabasse de usá-la. De início, fiquei muito intrigado, mas descobri que a intenção era copiar o mapa da batalha a fim de enviá-lo para casa, para seus amigos.

A Artilharia tinha muita munição e não dispunha de meios para transportá-la na viagem de volta, então eles a usaram para praticar concentração de fogos sobre os muros da cidade deserta de Kandahar Antiga. Mandeí um desenho disso para o *Graphic* com o nome “um tiro de partida em Kandahar”. Abdurrahman, com 5.000 homens do exército afegão, estava acampado a uns 32 km de distância, esperando nossa saída para tomar posse de Kandahar, tudo bem arranjado pacificamente pelos oficiais políticos.

Uma noite, perto do fim do nosso período lá, soprou um furacão e choveu granizo pesadamente. Ouvi o oficial de serviço sendo chamado por volta da meia-noite, então me levantei e saí com ele, e descobrimos que quase todos os cavalos de minha tropa e da vizinha haviam escapado e estavam galopando por aí, no escuro. Uma barraca foi carregada pelos ares, voou por cima de uma tropa e caiu entre a minha e a próxima, e naturalmente aterrorizou os cavalos. Eles puxaram as suas cordas da cabeça e tornozelos e, com o chão molhado, puderam arrancar as estacas a que estavam presos, e estavam correndo por todo o lugar. Alguns deles tiveram o reflexo de entrar em forma junto com os outros cavalos e permanecerem assim até serem novamente presos; outros voltaram quando os corneteiros tocaram “forragear”, mas alguns tinham saído a correr pelos campos e os homens tiveram que sair para encontrá-los e reuni-los.

Por fim, todos foram recapturados, exceto um, o A-44, que era montado pelo Sargento-Mor Regimental (RSM) e, portanto, era um dos melhores animais do regimento. Eu estava muito ansioso por achar esse cavalo, então fiz um longo rodeando o campo, montando o meu *Dick*, a fim de ver se conseguia achar os rastros em algum lugar. Eu tinha praticado bastante a arte do rastreamento, e agora era capaz de pô-la em bom uso. Eu também havia ensinado a *Dick* alguns truques, entre eles o de ficar parado sozinho quando eu me afastasse dele e esperar a minha volta. Essas duas habilidades mostraram-se bem úteis nesta ocasião. Após alguma busca, deparei com o rastro de um cavalo que galopou afastando-se do acampamento. Segui este rastro por uns três a cinco quilômetros, até que ele chegou às montanhas, por terreno tão irregular e íngreme que preferi deixar *Dick* parado no ponto a que chegamos, no sopé, e prosseguir a pé atrás do fujão. Após algum tempo, avistei-o delineado no horizonte, bem na crista da montanha, e depois de um bom tempo cheguei ao local e encontrei-o ali, em pé, tremendo de frio, aparentemente atordoado e com um corte feio nas pernas feito pela estaca de metal que ainda pendia da corda presa ao seu pescoço. Foi dureza trazê-lo de volta descendo a encosta da montanha, mas consegui dar jeito, e fiquei muito feliz em poder conduzi-lo em segurança de volta ao acampamento. O Coronel também ficou muito satisfeito.

Um oficial subalterno do Exército Britânico tem grandes chances de cometer erros de julgamento precipitado, especialmente quando o que é de sua responsabilidade imediata está em jogo. Se posso confiar em meu diário, um pequeno problema de transporte parece ter-me feito produzir a seguinte observação pouco lisonjeira sobre os poderes governantes na Índia:

Estamos a caminho, descendo de volta de Kandahar. O Governo imundo nos enviou cá para cima com ordens de trazer o equipamento completo, o que significaria distribuir três mulas e meia por subalterno para o transporte. Agora, eles de repente nos dizem que temos de voltar em escala reduzida: cada mula deve carregar uns 80 kg, então nós subimos com 280 kg, e agora nos dizem que só podemos levar 80 kg, incluindo a barraca e meios de dormida pessoais – a barraca pesa uns

40 kg e o material de dormida, uns 20 – o que não deixa muita margem para três caixotes com uniformes, roupas, botas, livros, adereços do cavalo, bagagem dos serviçais, material de cavalaria, etc. Não é nem porque não haja animais de transporte suficientes, pois os pilantras safados estão se oferecendo para levar a tralha lá para baixo se pagarmos por isso! Me custaria mais ou menos 16 libras para levar as coisas que eu trouxe aqui para cima até Sibi, onde começa a ferrovia. No entanto, como solução, vou me desfazer do meu material velho, pôr carga no meu segundo cavalo de combate e comprar uma mula ou cargueiro para mim, e assim pouparei algum dinheiro; mas não é uma safadeza do Governo?

Foi no mínimo curioso para nós ler nos jornais de casa que a principal razão pela qual Kandahar ficou conosco por tão longo tempo era que os oficiais e praças gostavam tanto de lá que não tinham vontade de partir. Na verdade, o que ocorria era o oposto. Tanto oficiais quanto praças estavam ansiosíssimos por voltar à Índia e dar o fora daquele deserto insalubre. Para citar um exemplo, uma vez houve grande excitação em Kandahar porque haviam se passado três dias sem que o 11º Regimento tivesse alguma baixa. Entretanto, o equilíbrio se restabeleceu no quarto dia, com a morte de cinco homens. Nós do 13º tivemos sorte, perdendo apenas um homem enquanto estivemos lá, por pneumonia. O 11º perdeu uma média de um homem por dia durante todo o tempo que lá estive, e todos os outros regimentos também tiveram muitas baixas.

Quando, por fim, recebemos ordens de partir de Kokoran e Kandahar, o 13º foi designado para constituir a retaguarda e entrar em forma num determinado horário, de modo a sair de Kokoran imediatamente atrás da infantaria, mas o Coronel mandou-me encontrar a melhor estrada para seguir, e eu descobri que por um determinado atalho conseguiríamos abreviar duas horas de marcha. Então ele ordenou que o regimento retardasse sua partida de acordo com essa previsão. O General ouviu falar dessa ordem e perguntou o motivo. Quando o Coronel explicou, o General disse que seus oficiais de Estado-

Maior conheciam o território perfeitamente bem, e não teria dado a ordem de entrada em forma para aquele horário se fosse possível economizar tempo como o Coronel havia sugerido. O Coronel replicou da maneira mais polida, mas com o intuito de dizer que não lhe importavam quais eram as ideias que os oficiais do Estado-Maior tinham sobre o território, ele tinha informações melhores e propôs deixar seus homens e cavalos descansarem até o último minuto; e ele usou o meu atalho conforme eu indicara, e estávamos exatamente na hora certa no lugar indicado. Menciono este pequeno incidente porque é dele que eu dato minha última promoção pelas mãos de Sir Baker Russell.

No dia em que marcharíamos partindo de Kokoran, nossas sentinelas montadas seriam substituídas pelas do exército afegão de Abdurrahman, e era um curioso contraste ver os hussardos, que para esta ocasião se paramentaram completamente, sendo substituídos por guerreiros maltrapilhos que, quando de serviço, levavam guarda-chuvas para protegerem-se do sol. Depois de nos afastarmos certa distância, de repente eu me lembrei que havíamos deixado em nosso refeitório uma impressão colorida publicada no *Graphic* do quadro “Cerejas maduras”, de Millais. De algum modo, eu não queria que ela caísse nas mãos dos afegãos, então galopei de volta e trouxe-a comigo, e por um bom tempo depois disso ela ficou decorando minha barraca e meu bangalô; então, acidentalmente eu fui o último soldado britânico a sair de Kandahar.

A marcha descendo o território foi notável principalmente pelo número de tentativas das tribos das colinas de roubar cavalos, fuzis e munições dos militares. Os afegãos são ladrões maravilhosamente dedicados, e arriscam-se a qualquer coisa para obter um fuzil ou munição. Muitos deles entram no acampamento como espiões, trabalhando como cameleiros ou condutores de mulas. Procuram descobrir onde e como as armas são armazenadas à noite e fazem saber aos seus amigos de fora, e essa foi a causa de ocorrerem vários furtos sagazes de fuzis de tempos em tempos.

Em um regimento, os fuzis eram empilhados ao redor dos esteios das barracas, e então presos a eles por uma corrente que passava pelo

guarda-mato de cada arma e fechada com um cadeado. Nas grandes barracas de dois esteios, essa parecia ser uma excelente medida de segurança, especialmente com os homens dormindo ao redor na barraca e com as entradas fechadas. Mas os ladrões superaram o obstáculo. Com suas facas, eles cortaram todos os estais da um dos lados da barraca e deixaram-na cair em cima dos soldados adormecidos. Então, alcançando os fuzis por baixo da lona, eles simplesmente os puxaram pelo pé dos esteios caídos, ainda acorrentados juntos, saíram com os dois fardos, carregaram-nos em camelos e já estavam bem longe quando os soldados, debatendo-se, conseguiram sair de sob a armadilha de lona em que se acharam.

Noutra ocasião, num regimento que sofrera com esses furtos, os homens cavaram um buraco sob o chão de cada barraca, enterraram os fuzis neles e deitaram-se em cima, mas mesmo esta precaução não impediu os ladrões, pois, tendo descoberto exatamente onde os fuzis estavam guardados, eles cuidadosa e silenciosamente cavaram desde o lado de fora da tenda um pequeno túnel conduzindo até onde os fuzis estavam enterrados, e assim os subtraíram sem perturbar os homens que dormiam por cima.

Tendo visto na África do Sul o recurso para impedir que ladrões furtassem diamantes, que consistia em iluminar amplamente todo o lugar à noite, usei o mesmo princípio quando me desloquei com meu regimento pelo norte da Índia¹³². Os fuzis têm pouca utilidade para uma sentinela à noite, pois eles têm longo alcance e podem acertar um amigo ao errar um inimigo, por isso toda noite nós reuníamos os fuzis e os empilhávamos em frente à barraca da guarda, cobrindo-os cuidadosamente com lona. Um anel de lâmpadas era, então, instalado ao seu redor, e duas sentinelas postadas, armadas com espingardas carregadas com *slugs*¹³³, e com ordens de abrir fogo sobre qualquer um que entrasse no círculo iluminado. Isso teve o efeito desejado, uma vez

¹³² Este trecho, obviamente, já se refere ao segundo *tour* de B-P na Índia.

¹³³ Cartucho de espingarda com um projétil único, em lugar do chumbo granulado.

que não perdemos nem um único fuzil em nossa longa marcha, e ainda assim um regimento nativo, que compunha brigada conosco e tinha muitos homens com propensões similares, e que deveriam ser capazes de capturar seus ladrões, perdeu fuzis em mais de uma ocasião.

Durante nossa marcha de retorno, os afegãos nos deram um bocado de trabalho à noite. Eles eram capazes de rastejar para dentro do acampamento apesar de haver sentinelas a cada cem metros com dois ou três nativos de permeio, e de as barracas estarem montadas num quadrado com os cavalos e mulas no espaço interior. Em um acampamento, quatro fuzis e um heliógrafo foram furtados de uma tenda na minha tropa, que era habitada por quatro soldados de infantaria que nos estavam adidos. Mais tarde, um afegão galopou no meio da noite, cortou as cordas da cabeça e pé do cavalo do fim da linha e estava tentando sair com ele, quando dois dos nossos homens foram-lhe em cima, e ele galopou fugindo.

Nessa mesma noite, também tivemos furtados um camelo, um pônei e um burro. Na noite seguinte eu fiz serem colocados dois grandes cavalos nos flancos da linha de minha tropa. Um nunca queria sair da baia, sob nenhuma espécie de persuasão, a não ser que visse todo o resto da tropa indo; o outro era bem-comportado durante o dia, mas ficava louco de excitação à noite, e dispunha-se a relinchar, escoicear e morder qualquer um que se aproximasse dele. Daí, alguns ladrões tentaram cortar a corda para que eles se extrviassem durante a noite, mas não conseguiram nada com nenhum dos dois, e tiveram de bater em retirada com a aproximação da sentinela. Tiveram melhor sorte na Tropa E, onde cortaram a corda de um dos cavalos, quando a sentinela viu o cavalo andando mas não os homens, então chamou o sargento da guarda para avisar que um dos cavalos se havia soltado e estava se afastando das linhas. O sargento saiu e fez um desbordamento para alcançar o cavalo, e, para sua surpresa, encontrou-o nas mãos de três afegãos, que prontamente lançaram nele pedras, que o derrubaram. Entretanto, largaram o cavalo, que voltou direto para nossas linhas.

Tudo isso foi nas primeiras horas da noite. Acordei por volta da uma e meia da manhã para fazer a ronda dos postos de sentinela e, se possível, fazer um pouco de caça aos gatunos. Escondi-me num bom lugar entre dois cavalos e esperei uma eternidade, com a espada pronta; mas ninguém veio, então eu fui para outro lugar. Mal se teriam passado uns dez minutos, quando quatro afegãos foram avistados pela sentinela rastejando ao longo do campo naquele ponto, e o idiota não atirou neles; então, eu me recolhi, enojado, às três e meia. Entretanto, na noite seguinte, eu estava resolvido a pegar pelo menos um deles, e depois do jantar fui à minha barraca para buscar meu revólver. Eu estava examinando-o antes de municia-lo, a fim de verificar se estava adequadamente lubrificado, quando ouvi a sentinela próxima abordar alguém no escuro. Eu sabia o que aquilo significava, pois os afegãos costumam trabalhar em duplas; um deles rasteja fazendo-se ver pela sentinela e atrai sua atenção, enquanto o outro se esgueira por trás do homem e o esfaqueia, ou dirige-se ao cavalo e corta-lhe a corda, indo embora com ele. Quando corri para fora da barraca para ajudar a sentinela, apertei o gatilho, assim o acreditava, em seco¹³⁴, para ver se a arma estava funcionando bem antes de colocar nela os cartuchos. E, por Júpiter, funcionou bem mesmo! Para minha grande surpresa, ela disparou de verdade, e fui atingido na perna esquerda. Ao mesmo tempo em que isto acontecia, Tommy Tomkins, o praça de minha companhia tão aficionado por cadáveres, correu com seu grande fuzil e transformou em cadáver um dos dois afegãos, enquanto o outro dava no pé em segurança. Descobri mais tarde que meu serviçal havia carregado meu revólver, antecipando que eu poderia querer usá-lo, quando eu na verdade o havia desmuniciaado de propósito. O projétil entrou pelo topo da minha panturrilha, e instalou-se nalgum lugar lá embaixo, na região do meu calcanhar. O médico, depois de sondar em busca dele nove vezes, sem êxito, disse que não valia a pena o trabalho de operar para extraí-lo, já que onde ele estava não me causaria maiores desconfortos. O único

¹³⁴ Disparar em seco, bater em seco: disparar a arma sem ter um cartucho na câmara.

inconveniente é que eu tinha agora que viajar num *dhoolie*, isto é, uma maca coberta¹³⁵, em lugar de ir montado com o restante de minha tropa.

Na manhã seguinte, enquanto eu estava deitado em minha barraca esperando para ser embarcado em meu transporte, ouvi as vozes de dois dos meus homens ali por perto. “Soube da última, Tom? Mr. Poul atirou em si mesmo”. “Não diga! É mesmo?” “Sim, e o cadáver está aí dentro”. Então, houve alguns dedos mexendo nas amarrações de fechamento no fundo da barraca, no intuito de dar uma espiada, até que eu lancei a pergunta “Quem vem lá?”, e houve algum tropel assustado.

Por fim, chegou um dia em que era possível sentir o projétil dentro de minha perna. Era onde eu esperava encontrá-lo, logo abaixo da junta do tornozelo, e não onde o doutor me havia assegurado que estaria, perto do joelho. Após passar algum tempo apalpando com os dedos, o médico asseverou-me que seria necessária apenas uma operação muito simples e rápida para extraí-lo. “Uma incisão com o bisturi através da pele deve resolver”, disse ele. “Basta você espremer entre o polegar e o indicador, e o projétil espirrará para fora como um caroço de cereja”. Ele viria à tarde e me faria isso.

Pensei pouco ou nada sobre isso, até que o ordenança dele chegou com uma grande maleta de instrumentos, a qual ele colocou no meio do quarto, então preparou bacias, lençóis impermeáveis, esponjas e toda a parafernália de uma grande cirurgia. Então, o médico assistente chegou, e conversou sobre o clima tão longamente que eu comecei a perceber que havia alguma coisa séria por acontecer. Por fim, o médico apareceu: ele tinha ido almoçar, e quando ele almoçava, almoçava bem. Ele perguntou se estava tudo pronto e se eu queria clorofórmio ou não. Eu disse que certamente não, pois tratava-se de uma coisa corriqueira, como espremer para fora um caroço de cereja, e que eu gostaria de assistir a isso sendo feito. Um pouco constrangido, ele perguntou se havia *brandy* disponível. Eu disse: “Sim, mas eu não vou querer”. E ele: “Você não, mas eu, sim”. E ele bebeu! Não muito encorajador.

¹³⁵ Uma espécie de liteira.

O médico auxiliar, então, sentou-se em cima de mim, e o chefe pôs-se a trabalhar, enfiando-me o bisturi. Aparentemente, ele errou a pontaria na primeira vez, e enfiou-o de novo noutra lugar, e então começou o processo de “espremer para fora o caroço de cereja”. Ele descobriu que a bala não tinha nenhuma intenção de saltar fora como ele esperava, mas estava, na realidade, alojada por trás de um músculo estreito e tinha uma concha endurecida ao seu redor. Isto, certamente, demandaria um certo trabalho de mineração, com um instrumento parecendo uma colher de bordos afiados. Sua mão não estava lá muito firme, e ele ficava mergulhando no lugar errado e tentando corrigir a pontaria. Por fim, ele começou algo muito parecido com a velha atração de Moore & Burgess, “dez minutos de pura diversão sem vulgaridade”. Eu tinha posto a ponta do meu travesseiro na boca, e o serviçal vinha enxugar minha testa e me abanar, mas tudo acabou dando certo, e após muito espetar, cortar, cavar e puxar com pinças, o camarada triunfalmente segurou o projétil diante dos meus olhos. E eu estava felicíssimo por essa visão!

Sir George St John pôs-me para dentro da Residência em Quetta, e fez-me ficar confortável enquanto eu me recuperava de minha perna ferida. E nunca esquecerei meu primeiro dia em seu encantador jardim. Fui trazido para dentro em minha maca, e deixado no gramado, à sombra de uma árvore, para curtir a vida a sós. Por fim, vi, com alguma apreensão, um enorme leopardo espiando quietinho no meio dos canteiros de flores. De repente, ele me viu e, depois de olhar friamente para mim por alguns instantes, gradualmente agachou-se, cada vez mais baixo até ficar achatado no chão, e calmamente começou a me dar caça, rastejando cada vez mais perto, polegada a polegada, e cada vez mais devagar à medida que se aproximava. Parecia que tudo que eu via era uma horrível boca sorridente, com olhos verde-amarelados, e orelhas postas para trás, com uma ponta preta de cauda balançando para lá e para cá atrás do bicho. Enquanto isso, eu estava lá, deitado, perfeitamente indefeso na maca e fascinado de terror; pois, apesar de eu saber que era um animal domesticado, com esses gatos crescidos você

nunca tem certeza de onde está pisando. E ele vinha chegando cada vez mais perto! Então, ele pareceu enovelar-se, e de um salto ele estava em cima de mim, com todo o peso de um pesadelo. Deixei completamente de fingir ter sangue-frio, simplesmente berrei por socorro, com aquela cara sorridente a apenas uma polegada do meu rosto. Por sorte, a ajuda estava bem à mão, e o ordenança afegão de Sir Oliver, o mesmo que havia resgatado seu cachorro no campo de batalha de Maiwand, correu e agarrou o leopardo. Em segundos, eles estavam atracados e rolando um por cima do outro, no que aparentava ser uma luta desesperada, mas era, na verdade, só brincadeira, pois eles eram os melhores amigos. No entanto, para evitar a reincidência num incidente como esse, depois disso o leopardo ficou acorrentado à sua árvore, e eu me acostumei a olhá-lo por horas e tentar desenhá-lo em seus belos e graciosos movimentos e poses. Fiquei sinceramente triste quando algumas semanas depois ele, ao subir na árvore, ficou pendurado pela corrente e acabou morrendo enforcado.

Foi em Quetta que tive meu primeiro teste como esclarecedor. Alguns do nosso regimento receberam ordem para fazer o papel de força opositora em algumas operações noturnas para proteção do acantonamento, e nossas instruções eram para infiltrar-nos tão longe quanto pudéssemos e descobrir como as sentinelas, pontos de apoio e piquetes de vigilância estavam postados. Ansiosos por fazer bem as coisas, nós obviamente começamos no momento em que fomos autorizados a fazer a tentativa e levar a cabo nossa missão. Naturalmente, as sentinelas estavam muito atentas, e muitos dos nossos esclarecedores foram vistos pelas sentinelas e, em consequência, capturados ou repelidos. Alguns de nós conseguimos obter bastante coisa quanto à localização dos postos inimigos, e ficamos bem felizes em poder deitar e tirar uma pestana em pilhas de *bhoosa* (palha cortada). Acordando algumas horas depois, por causa do frio, pensei que poderia me aquecer fazer outra tentativa de obter mais informações. Sabendo bem onde as sentinelas estavam postadas, fui capaz de evitá-las e de rastejar por entre elas até um dos pontos de apoio.

Tendo tido toda a excitação na primeira parte da noite em repelir nossa força, eles aparentemente supuseram que havíamos batido em retirada para nossa proteção, e, portanto, a vigilância já não estava tão atenta quanto estivera na etapa anterior da noite. Por isso, não tive dificuldade em passar pelo ponto de apoio, e em manter-me atrás dele para descobrir a posição dos outros, e, por fim, ao seguir uma de suas patrulhas, descobri a localização exata da força de reserva. Tendo ido tão longe quanto pude, deixei minha luva debaixo de uma moita na margem da ravina pela qual havia chegado, e fiz o caminho de volta com meu relatório para o meu time, quando a madrugada vinha rompendo. Mais tarde, quando as disposições dos dois lados estavam passando pela crítica do General, foi expressa uma dúvida sobre se nossos esclarecedores haviam realmente obtido suas informações por observação pessoal direta ou se haviam simplesmente tentado adivinhar a localização dos postos, uma vez que os defensores fincavam pé em que era impossível aos esclarecedores passar pelos lugares que indicaram sem serem detectados. Assim, fui capaz de provar nossas afirmativas dando-lhes as direções para o local onde encontrariam minha luva.

Nessa época eu era um fumante, mas depois aprendi de alguns batedores norte-americanos o quanto ajudava em tais ocasiões ser capaz de farejar a localização dos postos inimigos e, assim, esgueirar-se por entre eles. Esses batedores não fumavam porque acreditavam que essa prática acaba por destruir ou embotar o sentido do olfato. Por isso, desisti de fumar e nunca mais voltei a fazê-lo desde então, e certamente descobri o valor de ser capaz de farejar um inimigo à noite; foi-me útil em mais de uma ocasião. Mas se é verdade que fumar torna a pessoa deficiente neste sentido, não posso afirmar.

CAPÍTULO X

A VIDA NAS MONTANHAS

Quando, afinal, alcancei a venturosa situação de ser capaz de dar dispensa a outros ao invés de eu mesmo procurar obtê-la, estabeleci como regra que, se um oficial subalterno desejasse ir a um posto nas montanhas para ter um pouco de alegria e vida social, e assim restaurar sua saúde e vitalidade, poderia ter até um mês para fazê-lo; por outro lado, se ele quisesse simplesmente ir para divertir-se fazendo caça de grandes animais ou explorando as regiões montanhosas da Caxemira, eu lhe concederia quatro meses, ou até mais se conseguíssemos funcionar sem ele nesse período.

Apesar de eu mesmo ter ido uma ou duas vezes para postos nas montanhas como Simla, Mussoorie ou Naini Tal, eu não poderia dizer que gostei desses lugares, exceto pelo clima e pelo maravilhoso cenário de montanha. Tudo isso poderia ser muito melhor aproveitado se fôssemos acampar e deixássemos de lado a formalidade engomada e o circuito de entretenimentos de sociedade. Ao mesmo tempo, a despeito do calor, da doença e da eventual morte súbita de companheiros, eu gostava dos verões passados na planície, com os esportes e os duros exercícios.

Meu primeiro encontro com Lord Roberts¹³⁶ foi em Simla, num baile na Sede do Governo, numa dessas ocasiões em que eu havia abandonado a vida de acampamento em favor da “formalidade engomada”. Nessa época, eu ainda não havia aprendido muitas palavras de hindustani. Meu colega me havia pedido para buscar gelo no balcão de refrescos, e eu estava lá tentando fazer o garçom nativo entender o

¹³⁶ Sir Frederick Roberts (1832-1914) combateu na Revolta dos Sipaios (1857-8), participando da tomada de Délhi e recebendo a *Victoria Cross* por bravura em Khudaganj. Distinguiu-se na Segunda Guerra Anglo-Afegã (1878-80), derrotando Ayub Khan na batalha de Kandahar. Comandante-em-Chefe das forças britânicas na Índia de 1885 a 1893. Em 1899, assumiu o comando supremo das forças britânicas na África do Sul, durante a Guerra Anglo-Bôer (substituindo o desastroso Redvers Buller), até dezembro de 1900, quando passou o comando a Kitchener. Em sua gestão como Comandante-em-Chefe das Forças Britânicas, de 1901 a 1904, fez serem adotados o fuzil Lee-Enfield e o canhão de 18 libras, e promoveu melhorias no treinamento dos militares. Morreu de pneumonia, quando visitava tropas indianas na França, durante a Primeira Guerra Mundial.

que eu queria, quando um desconhecido com jeitão de militar que estava ao meu lado deu a ordem ao sujeito em hindustani; então, gentilmente dando uma palmadinha no meu ombro, disse-me: “Meu jovem, você tornará sua vida aqui mais feliz se aprender um pouco da língua. Quem é você e onde está aquartelado?”. Agradei-lhe e dei-lhe meu nome, e não pensei mais no assunto; mas na manhã seguinte, recebi um bilhete de Sir Frederick Roberts dando-me o nome de um professor de idiomas nativos que poderia ajudar-me.

Muita gente não se preocupa em aprender hindustani, por pensar que muitos dos nativos serão capazes de entender o inglês, para todos os fins práticos. Isso acontece até certo ponto, mas muito poucas pessoas na Índia Setentrional que queiram um serviçal bom e confiável pegarão um que fale inglês. Por algum motivo desconhecido, a capacidade de falar inglês e a gatunice vêm juntas em um indivíduo. Vale a pena também conhecer a língua porque isso faz toda a diferença para o interesse, prazer e sucesso ao sair pelo distrito, seja para caçar com arma de fogo, caçar javali, desenhar ou apreciar panoramas. Se você for capaz de falar com os nativos, você pode obter bem mais diversão pelo seu dinheiro.

Uma das figuras principais em Simla nessa época era o Secretário Militar do Vice-Rei. Como toda a sua família, ele era um desportista selvagem, mas com o coração mais caloroso e gentil que se possa imaginar sob a casca. Quando fui para Simla, cheguei lá num *dhoolie*, doente e febril. Quando eu estava passando pela estrada junto à Sede do Governo, ele ficou sabendo que eu era um jovem oficial de um regimento de Cavalaria, mandou os padioleiros trazerem-me para sua casa, e lá ele me fez melhorar e cuidou de mim como um irmão, apesar de eu ser para ele um completo estranho.

Durante minha convalescença, ataquei alguns dos livros da biblioteca, e entre eles encontrei um volume de poemas de Lindsay Gordon. Alguns deles referiam-se a homens que tinham sofrido mortes violentas, e outros lidavam com o remorso que um homem sente por incidentes de seu passado. Estes trechos estavam sublinhados e marcados a lápis, com anotações mostrando que havia uma ligação

significativa entre eles e as pessoas fora das capas do livro. Vendo-me ler o livro certo dia, ele tomou-o de mim e deu-me outra cópia de presente. Vim a descobrir posteriormente que ele havia matado acidentalmente seu melhor amigo, um companheiro oficial, ao lançar-se sobre ele num folgado no caminho de casa após jogar polo, e que esse evento nunca saiu de sua mente. Apesar de externamente ele aparentar ser um sujeito bem-humorado e despreocupado, nunca conseguiu esquecer a morte de seu amigo e os sentimentos que ela despertou.

Em Simla, Agnew¹³⁷ – que nesse tempo era ajudante-secretário de Sir George White, o Comandante-em-Chefe – e eu fomos acampar nas montanhas. Por toda parte havia bosques de cedro-do-himalaia, com paisagens de tirar o fôlego de encantamento; e era um esplêndido exercício subir e descer as encostas buscando faisões. Era simplesmente maravilhoso! Sir George White subitamente apareceu em nosso acampamento um dia, totalmente sozinho. Ele tinha caminhado desde Simla, o que significava uma descida íngreme de uns 700 m, e depois uma subida igualmente íngreme de outros 700 m, num percurso de uns 19 km. Ele era ótimo no que se referia a exercitar-se, e costumava fazer seu Estado-Maior esgotar as pernas ao correr nas várias estradas nos arredores de Simla. Há um túnel através do qual a estrada principal atravessa a encosta num dado ponto, mas ele é tão estreito que precisa haver um policial postado em cada extremidade para fazer o tráfego passar alternadamente para um lado e outro. Por ocasião de uma grande festa ao ar livre, quando toda a sociedade de Simla em seus riquixás estava para passar pelo túnel, o policial parou-os e conteve o tráfego, e espalhou-se a notícia de que o Lord Sahib estava passando. É preciso esclarecer que “Lord Sahib” é o título dado pelos nativos ao Vice-Rei e ao Comandante-em-Chefe. Todos esperaram, ansiosamente, para ver um ou outro desses figurões passando com toda sua brilhante equipe; em vez

¹³⁷ Quentin Agnew, à época Capitão; B-P nesse tempo era Tenente-Coronel, comandando o 5º de Dragões da Guarda. Pelo que B-P conta em *Lições da escola da vida*, Agnew era um sujeito tão amigo de pilhérias quanto o Fundador do Escotismo, e foi seu cúmplice no episódio da “mistificação de Simla”, que ele relata naquele livro e neste, a seguir.

disso, veio pelo túnel uma única e solitária figura, um homem alto trajando camiseta e calças de flanela, correndo em mais de um sentido, e nem um pouco assustado por encontrar-se em presença da nata da sociedade de Simla, reunida como para recebê-lo. Era Sir George White.

Retornando de nosso acampamento para Simla, Agnew e eu descobrimos que haveria uma peça sendo levada no teatro naquela noite, então decidimos disfarçar-nos como dois correspondentes de guerra a caminho do front. Ele seria um inglês e eu, um italiano. Fizemos isso só para intrigar o grupo para cujo camarote fomos convidados. Sentamo-nos para jantar na casa de Agnew, usando nossos disfarces, e já se haviam passado mais ou menos três quartos do tempo da refeição, quando repentinamente o serviçal nativo dele teve um ataque de riso, pois tinha acabado de me reconhecer sob o disfarce, tendo até então acreditado que eu era um estrangeiro.

Fomos para o teatro, e para o camarote onde nossos amigos já haviam chegado e, obtendo a cumplicidade de um assistente-secretário do Comandante-em-Chefe, conseguimos que ele nos apresentasse como dois jornalistas que tinham cartas de apresentação para Sir George White, que esperava que eles nos recebessem e pusessem à vontade. Assim fizeram, e foram muito afáveis e encantadores para conosco, explicando todos os detalhes da vida na Índia em geral, e particularmente em Simla. Encorajados por nosso sucesso, persuadimos o ajudante-secretário a nos fazer circular entre os atos e apresentar-nos a outros amigos noutras partes da casa, e nenhum deles pareceu ter a menor suspeita sobre nós. Com maior audácia, fomos para a ceia na qual nós próprios seríamos os anfitriões e para a qual havíamos convidado nossos amigos. Nesse entretanto, escrevi um bilhete para um jovem oficial do meu regimento, que nessa ocasião estava em licença em Simla, pedindo-lhe que fizesse meu papel como anfitrião, porque eu estava empenhado em outras atribuições. Pedi-lhe que fosse particularmente polido com os dois jornalistas, um deles um italiano que tinha cartas de recomendação para mim. Ele foi *muito* polido! Quando chegamos à porta, ele não apenas deu as boas-vindas a Agnew em inglês elegante, mas virou-se para mim,

e no mais horroroso francês tentou apresentar seus cumprimentos. Isso quase acabou comigo. Apesar de eu ser capaz de controlar meus músculos faciais, as lágrimas afloraram por trás de meus óculos de aro dourado, e enquanto eu enxugava os olhos, ele perguntou, com extrema solicitude: “*Est que vous êtes malade aux yeux?*”. E eu respondi no meu melhor inglês italianado: “Sim, estou meio ruim dos olhos”. Daí por diante, este chiste tornou-se usual em Simla se você perguntava a alguém como estava se sentindo.

Tivemos uma ceia deliciosa com nossos amigos, conversando sobre todo tipo de bobagem com eles sem ninguém suspeitar de nada até o fim da refeição. Então fingi estar um pouco embriagado por tão bom entretenimento. As damas rapidamente se retiraram, e os homens já começavam a ficar hostis, quando arrancamos as perucas e nos revelamos. Deste relato pode-se ver que éramos capazes de ser bem frívolos, mas eu penso que de fato uns poucos dias disto fazem um bem tremendo a um homem, e eu estava às vésperas de retornar a Meerut para me acomodar à desgastante rotina de exercícios de inverno e trabalho.

Na Índia, como noutros lugares, pregar peças quebra a monotonia da vida, especialmente para a vítima. Dificilmente um camarada é alvo de trote sem ter dado alguma espécie de motivo; ou ele é sujinho é precisa ser lavado, ou tem algumas características que precisam ser moderadas. Levei muitos trotes e reconheço quanto bem isso me fez. Frequentemente ouço pessoas referirem-se a isso como assédio (*bullying*), mas pessoalmente eu nunca soube de se haver chegado a tal ponto.

Lembro-me de um jogo pavoroso que tínhamos na Escola de Tiro, em Hythe. Alguns de nós constituímos num “corpo de bombeiros” com o objetivo de salvar vidas no caso de um incêndio, e aproveitávamos todas as oportunidades de nos mantermos aptos para a ação por meio da prática. Tão logo víamos um grupo de oficiais confortavelmente instalado para jogar uíste na antessala após o jantar, ou reunido para jogar bilhar, um grito de “FOGO!” era dado, e imediatamente uma equipe designada para pegar a vítima corria e se posicionava debaixo da janela do refeitório,

enquanto a segunda equipe de resgatadores, gritando “Smith está em chamas!”, correria e agarraria Smith no meio de seus amigos, carregaria até a janela e o lançaria para fora, a fim de ser pego por aqueles que estavam embaixo. Nas muitas vezes em que fizemos isso, apenas uma vez aconteceu de termos jogado o sujeito pela janela errada; a equipe estava esperando na janela vizinha; eles não pegaram nada e ele teve uma queda feia. Mas nossa empatia não foi além de explicar-lhe que o engano foi nosso, não dele.

Eu cuidava de ser particularmente enérgico nesses resgates, de modo a evitar ser eu mesmo resgatado, mas acho que posso ter exagerado, pois uma vez, enquanto eu dormia deitado ao sol no gramado, alguns daqueles que haviam sido vítimas me deram caça e me capturaram e, antes que eu entendesse bem o que pretendiam, eles me amarraram a uma tábua, da cabeça aos pés, com uma corda passando por cada polegada do meu corpo. Puseram uma mordaca em minha boca, um lençol por cima de mim, e fui carregado até o Corpo da Guarda, com a informação a todos a quem pudesse interessar que eu havia caído de uma janela e quebrado o pescoço! Para acrescentar realismo à trama, eles haviam tirado minhas botas e meias, e deixado meus pés descalços aparecendo por baixo do lençol, e fui deixado por algum tempo estendido sobre a mesa até que alguém teve a curiosidade de olhar mais de perto, e percebeu que eu estava tentando fazer sinais de socorro com meus dedos dos pés.

Outro jogo novo e original foi introduzido no cassino dos oficiais por um irmão do nosso Coronel, que tinha vindo para ficar com ele. Acreditávamos que ele fosse um agricultor calmo e inofensivo de Behar, e assim ele aparentou ser ao longo da noite, durante e após o jantar, quando ele ficou nos assistindo fazer bobagens de várias formas para nossa própria diversão. Mas, evidentemente, o nosso jeito de divertir não o despertou como original, e então ele nos convidou para brincar o divertido jogo dos “Irmãos Saltadores do Bósforo”, e uma vez que ele nos mostrou, aderimos entusiasticamente a esse esporte. O jogo tinha bem poucas regras, mas um certo grau de etiqueta. O equipamento necessário

era colocar toda a mobília empilhada mais ou menos no centro do salão, com uma escrivaninha posicionada uns dois metros antes da pilha. Você devia então bater palmas três vezes – essa era a etiqueta do jogo –, e então correr até a mesa, e virar uma cambalhota por cima dela saltando para cima da pilha de móveis, gritando: “Eu sou um Irmão Saltador do Bósforo!”. E era isso. Bem simples, mas como doía quando você aterrissava em cima das pernas de uma cadeira ou do canto de uma mesa¹³⁸!

Outro sujeito com ideias originais, bem me lembro, apareceu uma noite no Curragh¹³⁹ para dar um pouco de emoção à vida após a refeição. Ele sugeriu que cada um de nós deveria pôr uma moeda do reino num prato, e então sair a campo para capturar ovelhas, e aquele que primeiro trouxesse uma ovelha para o *Mess* ganharia o total das apostas. De falar a fazer não demorou nada! Todos lançamos nossas moedas no prato e partimos, mas quando passávamos perto da cabana de um dos oficiais, ouvimos um triste balido vindo do seu banheiro, e descobrimos que ele já havia tido a precaução de assegurar-se uma ovelha antes de lançar a ideia da aposta. Naturalmente, libertamos a ovelha e destruimos seu alojamento; entretanto, ainda assim a ideia nos era atraente, e continuamos nossa caçada nessa noite escura e ventosa. Eu sabia que com um tempo assim as ovelhas gostavam de se reunir junto ao ponto de táxi coberto. Agarrei meu animal e, depois de infinito trabalho de puxar e pôr ao ombro, finalmente carreguei-o em minhas costas para o *Mess*, com prejuízo do meu uniforme, apenas para descobrir o refeitório com metade do espaço ocupado por lanosos e cheirosos monstros a balir. Não demorou muito para o lugar ser uma balbúrdia¹⁴⁰ de ovelhas com um bando de oficiais imundos e muito alegres contemplando suas capturas. Por azar, um de nós rasgou seu casaco no esforço, e, para que ele não se sentisse deslocado a esse respeito, a etiqueta determinou que todos os

¹³⁸ Esse divertido jogo é relatado em *Caminho para o sucesso*.

¹³⁹ Na Irlanda. Cabe lembrar que a Irlanda só se separou da Grã-Bretanha em 1922.

¹⁴⁰ Nota infame do tradutor: balbúrdia com ovelhas seria uma “balibúrdia”?

casacos fossem rasgados naquela noite. Bom trabalho para os alfaiates no dia seguinte!

Já que fiz uma digressão para os dias felizes no Curragh, outro incidente me vem à lembrança. Em certa época, os praças divertiam-se muito com a prática de construir pontes, e os oficiais, para não lhes ficarem atrás nessa arte, começaram certa noite, após a refeição, a construir uma ponte. Eles percorreram os seus próprios estábulos e os dos vizinhos e reuniram todo tipo de charrete e veículo que puderam encontrar. Então, subindo ao telhado de duas cabanas vizinhas, puseram-se ao trabalho de fazer uma passarela de uma à outra, composta por charretes. Trabalharam a noite inteira, e quando o dia clareou, haviam completado os arcobotantes, mas não haviam sobrado suficientes veículos completos para fechar o vão; ainda assim, foi uma bela tentativa, e foi feito registro fotográfico dessa obra de arte.

Recordando essas coisas, é surpreendente pensar que homens adultos podiam ser tão tolos, ou podiam divertir-se com esse tipo de bobagens. E, no entanto, posso apostar que não haja um homem vivo que tenha gostado tanto disso quanto eu.

“Ding” McDougal era célebre por sua originalidade e falta de gosto em praticar essas performances esquisitas. Lembro-me dele num grande baile na Índia, ficando em pé debaixo do candelabro no centro do salão de baile, e silenciosamente foi enrolando seu cabo de suporte durante um dos intervalos entre as danças. Quando a próxima dança começou, ele ficou no mesmo lugar, segurando o candelabro até que todos os casais estivessem animadamente participando, então ele o largou, e o candelabro girou a uma velocidade assustadora, espirrando cera de vela quente em todas as direções, nos ombros das mulheres e nos uniformes dos homens. Como o xingaram! Mas no fim perdoaram-no e riram do caso.

Ele também foi excelente num dia em que chegamos a um novo local de sede da unidade e fomos convidados a nos tornarmos sócios honorários do clube local. O secretário estava nos mostrando as instalações, e estávamos no salão de jantar, que dava para a antessala.

Nesta, achava-se sentado um dignitário da Igreja, com uma cartola que tinha a aba curvada e com cordões que iam da aba ao topo da copa. Isto atraiu a atenção de Ding. Ele foi até atrás do cidadão para examinar o chapéu mais cuidadosamente, e, tendo dado uma boa olhada, de repente esmagou-o na cabeça do seu usuário, e então correu para o salão de jantar e bombardeou-o com laranjas enquanto ele forcejava por tirar o chapéu de sobre os olhos. Claro que depois disso ninguém nos convidou a sermos membros do clube.

Ding sempre perturbava, especialmente no jogo de polo. Era um excelente jogador, e poderia ter sido inestimável para o regimento, mas ele nos decepcionou em mais de uma ocasião por trazer para o jogo um cavalo de corrida selvagem e agressivo que ele pretendia qualificar como cavalo para polo, ou vender como um que tivesse jogado polo na categoria superior. Jogar! Era quanto ele podia fazer para manter o bicho no chão – e ele era tão bom ginete como os melhores na Índia –, e menos ainda quanto a correr atrás da bola. Quanto a brincar, estava tudo muito bem para ele, mas não nos ajudava a vencer o jogo.

Mas eu era um que não podia ser encontrado para as graças da vida social quando havia uma chance de ir para o meio da natureza, e, como já contei, minha experiência nas estações de montanha não é muito grande. Numa ocasião, fui a Mussoorie, uma estação afastada, com uns 5 km de extensão, situada numa serra coberta de floresta. Os caminhos eram rudes, com areia e muita poeira; os resíduos das casas eram lançados pelas encostas; pequenas favelas malcuidadas estavam por toda parte, e havia odores por toda parte. A “sociedade” era extremamente misturada e incluía vários com nomes de som bem estrangeirado, que se adornavam com todos os enfeites em que pudessem pôr as mãos, em imitação de roupas chiques – com um olho especial para chapéus – e suas maneiras eram da mais alta classe. Havia comparativamente poucos ingleses.

Na noite da minha chegada, descobri que se esperava que eu comparecesse a um grande banquete maçônico, no qual eu fui convocado para fazer um discurso, e depois disso tinha de continuar sendo divertido

até a uma da manhã. Isso era só o começo. Convites choveram sobre mim para todas as noites da semana seguinte, sem falar nos cartões e nos bilhetes em que se lia: “A Sra. Fulana de Tal quer que eu o traga para o chá amanhã, etc.”. Eram todos muito gentis, e eu aceitava todos os convites com um sorriso, às vezes dois ou três convites para a mesma noite. Um dia, de acordo com o meu diário, parece que eu me lancei à missão. “Você aceitou todos esses convites”, eu disse a mim mesmo. “Você está comprometido com um jantar de despedida para o Coronel B. hoje à noite; foi-lhe pedido que viesse com um bom repertório de canções e números musicais; amanhã você tem que almoçar com a Sra. ***, tomar chá com a Sra. ***, jantar no ***. Você vai fazer tudo isso?” “Não!”, respondeu meu *alter ego*. “Pois bem, se não for uma pergunta muito indelicada, o que você vai fazer?”. “Vou dar uma sumida disso”.

Foi exatamente o que fiz. Lá fora, a natureza selvagem me chamava; meti meu equipamento na mochila, deixei um bilhete dizendo que eu havia ido para Chakrata, uns 60 km distante, e parti secretamente debaixo de um tremendo toró. Eu levava James (meu serviçal), *Special* (meu cavalo árabe), *Jack* (meu cãozinho), mais quatro *coolies*, carregados da seguinte forma: 1) minhas roupas e material de dormida; 2) minha caixa de despachos e cesta de itens do chá; 3) nossa comida e as panelas; e 4) material das montarias, cobertores, milho, etc.

Lá fomos nós caminhando rua abaixo, debaixo da chuva que nos deixou encharcados em cinco minutos. A trilha que seguimos tinha sido cortada numa encosta íngreme, sem visão nenhuma a não ser a dos redemoinhos de névoa e chuva. À noite, demos a sorte de encontrar um bangalô abandonado de um engenheiro de estradas; lá dentro fizemos uma bela fogueira, junto à qual sequei minhas roupas, degustei um jantar frio e dormi confortavelmente.

No dia seguinte, fui lembrado da civilização que havia deixado por um velho templo de ar pitoresco, tendo ao seu lado um prediozinho moderno semelhante a uma capela metodista, mas com uma tabuleta escrita “escola”. E eu pensava quanto o velho prédio era melhor que o novo. Para essas pessoas, nossos modernos esforços eram

desnecessários, seu velho estilo é mais de acordo com seu caráter e com o território. Eu creio que seria muito melhor converter nosso próprio povo a superar a bebida e a irreligião, do que converter os outros de uma fé que, por sua própria firmeza sobre o rebanho, é bem melhor que a nossa.

Nessa noite, dormi noutra cabaninha de engenheiro empoleirada numa localidade esplêndida, com vista para um vale profundo, com campos distribuídos em terraços escalonados, como degraus conduzindo das alturas até as profundezas abaixo. Permaneci aí um dia inteiro. Chuvas ocasionais e nevoeiros rolavam pelas montanhas e enchiam os vales, agora envolvendo-nos numa neblina branca, então abrindo-se em buracos através dos quais eu tinha espantosos relances de território verde, brilhante à luz do sol, espalhando-se lá embaixo. E assim prossegui, dia após dia, numa altitude de alguns milhares de metros.

Um dia, cheguei a uma casinha lindamente situada, a mais de dois mil e trezentos metros de altitude. Era bem limpinha, com uma sala de jantar no centro e um quarto com banheiro em cada ponta, com cozinha, estábulo, etc. O bangalô tinha vista atravessando uma pequena faixa de gramado, no qual *Special* pastava, para um profundo vale abaixo. Cadeias de montanhas elevavam-se umas sobre as outras até parecerem empilharem-se no céu, e se o tempo pelo menos se dignasse ser menos nevoento, eu poderia ter visto acima delas uma grande linha de picos nevados. Passei um encantador dia preguiçoso nesse bangalô, escrevendo e desenhando, com *Jack* sempre junto de mim. Era claro e quente, com o ar fresco e nenhum ruído a não ser o zumbido das abelhas (conseguimos um mel excelente da aldeia, uns 300 m abaixo), e o distante badalar de um cincerro, com um sibilar eventual da cauda de *Special*. Contemplando por sobre esses imensos morros, e olhando lá para baixo para os profundos vales entre eles, eu me sentia como um minúsculo parasita nos ombros do mundo. Havia uma grandeza em tudo isso que era capaz de abrir e refrescar a mente. Era como uma banheira de água gelada para a alma.

No dia seguinte, não me senti em condições de partir, então concedi-me mais um dia de feriado. Obtive uma esplêndida vista do

morro atrás do bangalô. Descobri que o que eu pensava serem gigantes (morros de 2300 m) eram meros anões e filhotes. Acima deles elevava-se uma multidão de montanhas muito mais altas, de mais de quatro mil e duzentos metros de altitude. E passou-me pela cabeça que mais além, acima delas desdobravam-se as neblinas brancas que encobriam os velhos maciços coroados de neve, de sete e oito mil metros de altitude.

É curioso como por sobre todos esses morros há inúmeras trilhas, e você encontra gente subindo e descendo por elas com enormes cargas às costas, geralmente embrulhos ou feixes ainda com as folhas, ou grandes lâminas de ardósia. Mas não creio que as estejam levando a algum lugar em particular. São como formigas indo para lá e para cá sem objetivo, com suas cargas. Eles vestem a parte superior do corpo em tecido grosseiro de lona e deixam as pernas desnudas para serem admiradas, pois são magnificamente feitas.

As damas do país vestem uma saia e um colete (geralmente sem botões) e um longo casaco de linho branco, com uma faixa ao redor da cintura, e em ocasiões normais um lenço amarrado à cabeça. Em geral, de maneira semelhante às mulheres montenegrinas, exceto pelo barrete.

O último dia em que lá estive foi uma ocasião festiva, com uma *matinée* acontecendo nalgum lugar, eu podia supor, pois todas as pessoas que encontrei usavam chapéus enormes. Coisas parecendo pequenas charretes sem rodas e feitas de novelos de lã vermelha com asas brancas de linho estendendo-se atrás – uma espécie indescritível de chapéu. Como frequentemente acontece, tal como em Malta, por exemplo, apesar de os homens frequentemente terem boas feições, as das mulheres não o são.

Quando chove, os nativos em geral usam telhados ou envelopes sobre si, em lugar de guarda-chuvas. Essas coberturas têm o formato de um envelope, com um lado e uma extremidade abertos, e com uma cobertura de folhas grandes dispostas como escamas de peixe. O usuário anda com a parte de cima apoiada em sua cabeça, deixando ambas as mãos livres. Se em pé, apoiada na extremidade aberta, faz uma guarita; se apoiada no lado aberto, faz uma tenda de abrigo. Eis aí uma dica para

a Companhia de Equipamento Militar – já foi aproveitada para os Escoteiros.

Uma noite, após um bom banho e uma deliciosa muda para roupas secas de flanela, dei um pulo lá fora para dar outra olhada no velho templo ao lado da capela metodista. Vi também o mestre-escola da aldeia – um nativo, do tipo untuoso, vestindo trajes europeus, andando pela aldeia com um guarda-chuva, mas tendo na mão sua *lota*¹⁴¹ de bronze. Mais uma vez, um exemplo de tentativa de misturar o velho e o novo.

Enquanto eu admirava o velho templo, um nativo com ar de estudioso se aproximou e queria conversar, então eu perguntei se ele sabia quão velho era aquele templo, e ele respondeu: “Senhor dos pobres, ele tem muitos anos”. Então eu apontei alguns painéis entalhados e perguntei o que significavam as diversas figuras representadas neles. “Essa, poderoso senhor, é a figura de um homem. Já esta outra não é de um homem, mas de um pássaro”. “Sim, isso eu consigo perceber por mim mesmo. Mas elas não têm história? Por exemplo, o que o pássaro está fazendo?” “Nada, Alteza: não há história sobre essas figuras. Talvez aquele-que-é-meu-pai-e-minha-mãe prefira agora olhar para algo mais interessante, nossa moderna escola?”. “Ah, caia fora daqui”!

Em verdade, com bom tempo, esta pequena aldeia, tão perto de Mussoorie, daria a um artista um ótimo tema para um retrato – os telhados estendidos com franjas de madeira sustentados por numerosos caibros, os ricamente coloridos trabalhos em madeira das sacadas e seus entalhes e sombreados. As casas são como grandes casas de boneca, muito pequenas para ficar de pé dentro delas; e para olhar para fora das seteiras que constituem as janelas do andar superior, os moradores sentam-se no chão.

Eu estava preocupado com o pobre *Jack*, que estava muito mal com uma tosse; cada acesso parecia que ele ia sair do corpinho. Fervi um pouco de aveia e fiz uma grande compressa quente numa toalha, com a

¹⁴¹ Espécie de pequena chaleira com um prolongamento com um furo, usada para higiene ou para descongestionamento nasal.

qual embrulhei-o todo. Também pus aveia aquecida numa bolsa e fiz que ele inalasse o vapor. Ele levou a coisa numa boa, choramingando no primeiro golpe de calor, mas acomodando-se para aguentar quieto, coitadinho. No dia seguinte, enviei-o adiante em seu “trole de viagem”, um cesto acolchoado com feno e coberto com um impermeável, transportado nas costas de um *coolie*, com um bilhete para o mordomo do clube dos oficiais dizendo o que fazer para cuidar do bichinho.

Mesmo da varanda deste bangalô as montanhas ao redor eram uma beleza de se ver. Nuvens grossas se apoiavam nos topos, mas as encostas mais baixas eram de um colorido maravilhoso; púrpura, azul, violeta, que dificilmente se poderia exagerar na pintura, mas que eu reconhecia estar além da minha capacidade tentar reproduzir. As encostas mais próximas eram exatamente como veludo verde amontoadado, enquanto a uns trezentos metros mais abaixo ficava o rio.

Antes de eu partir, disseram-me que “o caminho não tinha nada de atraente”, nenhuma das habitações era “o que poderíamos chamar situada em lugar bonito, exceto talvez Churani Pani”, e Lakwar, aquela em que eu me encontrava, era considerada “positivamente rude”. Bem, dentro dela era escuro, mal ventilado e cheio de moscas; mas a paisagem da varanda era bonita o suficiente para mim. Um homem a quem eu havia confidenciado minha intenção de dar uma escapada de Mussoorie riu quando eu disse que pretendia levar uns seis dias entre ida e volta, e ofereceu uma aposta de que eu estaria de volta em três ou quatro dias; mas ao final de oito dias eu lamentava estar já tão perto de casa; na verdade, se não fosse por *Jack* e a incerteza quanto às notícias (tais como saber se eu ainda estava no comando do Distrito), eu estaria bem propenso a continuar por lá por mais alguns dias.

Em meu tempo livre, eu estudei hindustani, e já era capaz de ler e escrever razoavelmente bem.

Quando, por fim, retornei ao clube e à civilização, foi para encontrar quatro telegramas, dez ofícios e quarenta e quatro correspondências pessoais esperando por mim. “Que estopada!”, foi o

comentário que fiz, segundo meu diário, e assim retornei da natureza selvagem, livre em espírito e bem vigoroso na mente e no corpo.

CAPÍTULO XI

TIGRE, TIGRE, DE BRILHO CHAMEJANTE

Quando já fazia uns cinco anos que eu estava servindo na Índia, comecei a pensar no futuro. Algum dia eu poderia morrer, e apareceria no outro mundo como um tolo completo se, ao ser-me perguntado se eu havia gostado de caçar tigres quando estive na Índia, eu tivesse de confessar que, em todos os anos em que lá estive, eu nunca provei esse esporte.

Abril é o mês da caça ao tigre. É também o mês da caça ao javali, e até então eu só me dedicara a este último esporte. Então, decidi sair do meu costume de “espetar o porco” e passar um período na sela. Apareceu-me uma excelente oportunidade, pois uma equipe estava indo para o Nepal, equipe essa que, no ano anterior, teve diversão excepcionalmente boa, abatendo mais de trinta tigres numa quinzena. Sir Baker Russell tinha feito parte dessa equipe, mas desta vez ele não podia ir, então eu fui encaixado na sua vaga.

Em 12 de abril de 1898, parti de Meerut e cheguei a Bareilly na manhã seguinte. Com a costumeira perversidade do sistema ferroviário da Índia, o trem que me levaria desse lugar para Pilibhit, na fronteira do Nepal, havia partido meia hora antes que o meu trem chegasse, o que me condenou a esperar mais de dez horas pela próxima composição. Entretanto, a demora não me incomodou tanto, pois me deu a oportunidade de rever meus amigos nessa estação, incluindo Smith-Dorrien¹⁴², do Regimento de Derbyshire, que acabara de retornar do front em Chitral e estava de partida para o Egito, onde ia servir. Não direi que

¹⁴² Horace Smith-Dorrien (1858-1930) foi um dos poucos britânicos sobreviventes da batalha de Isandlwana, em 1879 (na rebelião zulu liderada por Cetshwayo); apesar de um ano mais novo, era mais antigo que B-P (entrou no Exército no primeiro semestre de 1876); combateu na batalha de Omdurman (Rebelião dos Dervixes, Sudão, 1898); combateu também na Guerra dos Bôeres e, quando comandou o II Corpo de Exército em 1914, nos lances iniciais da Primeira Guerra Mundial, conduziu com êxito os movimentos retrógrados em Mons e Le Cateau. Comandou o II Exército, em Flandres, até ser substituído, em maio de 1915, por outro amigo de B-P, Herbert Plumer. Foi Governador de Gibraltar. Faleceu em consequência de ferimentos sofridos em um acidente automobilístico.

ele era um baita dum sortudo, porque eu sentia que, de todos os homens, ele era um que merecia progredir [Nota do autor: escrito antes desta guerra (Primeira Guerra Mundial)].

Durante os poucos dias que ele estava passando com seu regimento entre as duas campanhas, ele trabalhava duro pelo bem-estar dos seus homens, montando a cafeteria e a cantina, bem como o clube de ciclismo, por meio dos quais ele podia prover boa saúde e diversão. Fiquei feliz por ter a chance de ver como ele lidou com essas coisas, e depois aproveitei muitas de suas ideias para fazer algo parecido no meu próprio regimento. De fato, providenciei, ali mesmo e naquela ocasião, a compra de uma dúzia de bicicletas, pretendendo dar início ao nosso grêmio regimental de ciclismo, que veio a se tornar um grande sucesso, porque nós o desenvolvemos de modo a tornar-se uma unidade de mensageiros; isso produziu uma considerável economia de esforço sobre os cavalos, e tornou-se um meio bastante eficaz de conduzir comunicações de serviço.

Em Bareilly, juntei-me a dois outros membros da equipe, o Major Ellis e o Major Olivier, ambos do Corpo de Engenheiros Reais, ambos experientes na caça ao tigre. Poucas milhas adiantes, juntou-se a nós McLaren¹⁴³, do meu antigo regimento, e St John Gore, do 5º de Dragões da Guarda, completando-se o nosso time.

Pelo resto da viagem, nós três, os neófitos, ouvíamos, cheios de curiosidade, Ellis e Olivier contarem “causos” da caça ao tigre e seus perigos, cada qual buscando sobrepujar o outro com uma história mais maravilhosa quanto a aventuras e escapadas por pouco. Quando eles nos levaram a um estado de plena vibração, alguns de nós se voluntariaram para caçar codornizes para o jantar, enquanto os demais fosse caçar tigres e, sendo de disposição modesta, concordei em ficar tomando conta do acampamento para todos, já que me parecia que numa selva tão cheia

¹⁴³ Kenneth McLaren (1860-1924), amigo de B-P desde sua chegada ao 13º de Hussardos, em 1881; esteve com B-P em Mafeking, ocasião em que foi ferido e aprisionado. Ajudou na condução do acampamento experimental Escoteiro em Brownsea Island, em 1907. Sem parentesco próximo com Sir William McLaren, que doou o dinheiro com que se adquiriu e reformou Gilwell Park.

de tigres como esta aparentava ser, você tinha todas as chances de dar de cara com um tigre mesmo quando estivesse meramente caçando codornizes. De minha parte, eu preferia não mexer com quem estivesse quieto.

Chegamos ao fim de nossa viagem por ferrovia no fim da tarde, e descobrimos que nosso fiel servidor, que havia sido enviado antecipadamente com nosso material de acampamento, já tinha o jantar pronto para nós bem junto da linha, e após mais algumas histórias sobre caça ao tigre, recolhemo-nos para a noite. O tempo estava quente, e dormimos ao ar livre, isto é, dormimos tanto quanto os berros dos animais nos permitiram. Na manhã seguinte, partimos para nosso acampamento, que encontramos instalado num rancho temporário de guarda de gado, já dentro do Nepal. Sempre se pode ter confiança de que os serviçais nativos acharão o pedaço de chão mais sujo do território para instalar o acampamento! Se não conseguirem encontrar um curral, eles escolherão uma aldeia nativa, e em pouco tempo você se torna um profundo conhecedor de odores.

Bala Khan, um cavalheiro local e desportista, reuniu-se a nós ali. Ele relatou haver uns doze tigres circulando pelo distrito, mas provavelmente não acharíamos nenhum na incursão de amanhã. Durante o jantar, alguém observou que eu estava vestindo as cores do MCC (Marylebone Cricket Club) sem ter direito a isso; mas o “Garoto” [McLaren] explicou que eu provavelmente *pertencia* a outro MCC, o Margate Cycling Club! Era m enorme prazer estar em mangas de camisa, usando chapelão, acampado novamente. Nosso equipamento individual era muito parecido, especialmente no que dizia respeito a coberturas grossas nas costas para proteger contra insolação e acaloramento, uma precaução grandemente necessária.

Como metade dos nossos elefantes ainda não havia chegado, saímos com os quinze que tínhamos, cada um num *howdah*, em cima de um elefante. Um *howdah* é uma espécie de cabine feita de canas, com um assento para você e outro atrás para um nativo. É provido de cabides para as armas, bolsas para munição, etc. Meu armamento em geral

consistia de um fuzil .500 Express, e uma Paradox, espingarda calibre 12, disparando projétil único. O restante do equipamento levado no *howdah* era um *chagul*, ou odre de água, cheio de chá e suco de limão; um cobertor no qual me enrolar no caso de ser atacado por abelhas; um guarda-chuva, luvas, e óculos com lentes azuis para proteção contra o sol, uma camisa seca, uma toalha, uma câmera e um livro de desenhos, uma vara de medida de uma jarda, e uma faca de esfolar.

Lá fomos nós, atravessando terreno muito parecido com os campos com capões de vegetação da Inglaterra; mas sem os rebanhos de cervos, e com o cheiro do capim fluorescente, um cheiro parecido com o do poder que algumas mulheres usam; lembrou-me imediatamente de ***; muito bem, prossigamos. Todo este território esteve debaixo d'água durante as chuvas, num raio de 16 km e numa profundidade de até 4 metros. Tudo verde, selvagem e parecendo cheio de caça, lembrando muito a Mashonalândia¹⁴⁴.

Num pequeno arraial de choupanas de guarda de pasto, os nativos, mulheres e homens, saíram animadamente para conversar, e contaram-nos que naquela manhã haviam visto um tigre nas imediações.

Entramos na floresta de *sal-trees*, com seus longos troncos, ramos curtos e folhas verde-claro grandes e novas, e quando chegamos a um córrego pantanoso com vegetação tropical de cana-da-índia, samambaias e juncos, tomamos posição para ver se encontrávamos um tigre. Gore, Olivier e eu nos colocamos, eu no córrego, eles nas margens. A linha de elefantes começou a bater o mato subindo desde uns 1600 m rio abaixo, o “Garoto” avançando em um flanco, o Khan no outro, e Ellis cuidando do alinhamento.

Ali ficamos por uma hora – vigiando. O revirar de uma folha, ou o farfalhar das pombas verde-pavão espicaçava nossa excitação. Mas nada de tigre. Afinal, pudemos ouvir a linha de elefantes rompendo mato, mas muito cuidadosamente. Então, novamente, silêncio. De repente, um rugido ensurdecador – um trombetear de elefantes – gritos de *mahouts*

¹⁴⁴ No atual Zimbabwe.

[condutores] – “bang”, faz um fuzil – tagarelice – ordens gritadas – aí vêm os elefantes – *crash, splash – bang, bang* – alguma coisa rompe o mato cruzando à minha frente e então, cinquenta metros à minha frente, um grande, enorme tigre salta animadamente atravessando a trilha. Abri fogo em sua direção enquanto ele desaparecia dentro da floresta, então virei meu elefante e pus-me a segui-lo a toda a velocidade. Vi-o trotando, cauda elevada, e ele parecia grande mesmo, a entrar num capão de mato alto. Novamente entramos em forma a fim de batê-lo para fora, três de nós indo adiante uns 800 m enquanto a linha vinha batendo o mato. Por fim, nós, que estávamos adiante, ouvimos um tiro de fuzil, e logo um segundo. Os *mahouts* gritaram uns para os outros e ficamos sabendo que o bichão tinha feito meia-volta e atacado a linha de elefantes, e foi abatido pela arma de Ellis.

Já eram três da tarde e, enquanto os *mahouts* envolviam o tigre numa grande rede (o único jeito de prendê-lo adequadamente, e ele era realmente grandalhão) e o içavam para um elefante cargueiro, nós nos instalamos para almoçar frango frio, limonada e soda. Encontramos nosso novo acampamento instalado num *knoll* [outeiro] na floresta de *sal-trees*, com uma nesga de visão das montanhas por entre as árvores. O local era conhecido como Sinkpal Guree; Stinkpal¹⁴⁵ seria mais adequado. Voltaire disse: “O corpo do inimigo morto sempre cheira bem”. Ele não deve ter sentido o cheiro de um tigre no dia seguinte ao seu abate. Na manhã seguinte estávamos praticamente todos de acordo em deixar nosso belo acampamento por esse motivo.

Quando se fazia necessário mover o acampamento, selecionávamos um lugar e deixávamos o resto por conta de nossos serviçais nativos. Quando terminava a batida, nós nos dirigíamos ao novo local e encontrávamos tudo pronto. As barracas e a parafernália que levávamos iam em nossos camelos e carros de boi, bem como nossa água potável (nós trazíamos nossa própria água, em reservatórios de metal).

¹⁴⁵ B-P faz um jogo de palavras com *stink* (fedor).

Durante a noite desse segundo dia, os elefantes que faltavam chegaram ao acampamento, o que era bem satisfatório, já que significava melhores chances no esporte. Para contrabalançar essa boa sorte, constatamos que Ellis parecia muito apagado e cansado; ele tinha um pouco de febre, e teria de passar o dia acamado, no acampamento. Nós outros partimos com vinte e sete elefantes, sob um sol de rachar. Nossos elefantes cargueiros nos transportaram primeiro, o que era bem mais confortável que ir num *howdah*, para distâncias mais longas, tanto para o elefante quanto para o homem. São elefantes cobertos com grandes mantas acolchoadas amarradas às costas, e que são usados para bater a selva e transportar a caça que foi abatida.

Apesar de os dias aparentarem ser longos com tão poucos momentos de caça, na realidade não o são. O sol é abrasador, e os elefantes se movem devagar; mas eles são tão interessantes de se observar que o tempo passa sem que a gente perceba. E também, ficamos na constante esperança de encontrar um tigre, e há uma infinidade de cenários maravilhosos à nossa volta.

Os pequenos terrenos cultivados têm *machans*, plataformas elevadas das quais os nativos vigiam suas plantações e rebanhos contra os animais selvagens. Os nativos destes lados têm aparência mais feroz que os das planícies, os homens com fartas cabeleiras; entretanto, suas cabanas são muito mais organizadas e confortáveis, com uma pequena varanda na frente, paredes de adobe bem limpas, e um pequeno *hall* porta adentro, com um quarto abrindo para cada lado.

Ao chegar à floresta, desmontamos de nosso elefante cargueiro e embarcamos nos *howdahs*. Novamente, o mesmo plano de bater a selva, dois de nós postados na foz de um córrego pantanoso, os restantes elefantes batendo em linha em nossa direção. Essa espera por um tigre “dá uma emoção”, como diria um francês, especialmente quando a linha vem se aproximando e você ouve os elefantes quebrando as árvores pequenas e ramos mortos, com um barulho semelhante ao de disparos de armas de fogo, de modo a assustar os tigre, e então eles chegam à

vista numa linha cerrada e formidável, que *deve* empurrar o bruto em sua direção, se ele estiver lá.

Desta vez, não estava; mas no último momento, quando a linha estava a uns meros 30 metros de mim, uma pantera saltou perto de Gore, que pespegou-lhe dois tiros no capim alto; mas apesar de voltamos a bater o mato em sua busca, não a vimos mais. Então afastamo-nos uns 3 km, e paramos para almoçar na margem de um rio, onde nossos elefantes se banharam enquanto curtíamos o cenário e uma brisa fresca.

Ao pôr-do-sol, encaminhamo-nos para a base, fazendo “caça em geral”. Ao bater um trecho de mato, tivemos chance de atirar em muitas galinhas do mato, semelhantes às da Inglaterra. Elas cacarejam e resmungam do mesmo jeito, exceto que elas fazem *cock-a-doo* em lugar de *cock-a-doodle-doo*, e voam como os faisões. Pegamos sete delas. Nesse caminho de volta, meu elefante teve um espinho enfiado num pé. Ele parou e manteve a pata levantada, e não queria se mover enquanto o *mahout* não descesse e fosse lá examinar. O *mahout* viu o estrepe, mas ele estava partido muito rente no pé, então não tinha como sacá-lo fora. Ele então disse ao elefante que estava tudo bem, e o grandalhão voltou a seguir o caminho alegremente; chegamos ao acampamento já escuro, em meio a uma multidão de vaga-lumes a dançar. Como Sir Baker Russell não havia vindo para esta caçada, os demais companheiros começaram a me tratar por “General Sahib”. Mas numa noite Olivier veio para o jantar vestindo um casaco de veludo preto! Não podíamos viver nesse nível de sofisticação. Na verdade, eu não tinha nenhum casaco para vestir no acampamento, por isso senti que não tinha a menor condição de fingir ter uma posição tão elevada perante um rival desse calibre, e decidi por renunciar.

Apesar de o sol ser muito quente durante o dia, ainda assim o ar era fresco quando soprava uma brisa, enquanto à noite fazia um friozinho. Pus um cobertor por volta da meia-noite e adicionei um *resai* (colcha) mais ou menos às três da manhã.

Certa manhã, antes do desjejum, o “Garoto” e eu saímos num elefante cargueiro até a aldeia vizinha, Dais, para ver como as pessoas lá

viviam e se haveria alguma curiosidade que valesse a pena comprar. As casas são muito arrumadinhas e limpas, por dentro e por fora. Têm divisórias que separam os diversos cômodos, um dos quais é a cozinha, muito bem arrumada e na qual, todavia, não gostam que entremos. Eles tinham umas poucas armas de antecarga, e algumas espadas de baixa qualidade. Eles não queriam saber de vender suas ferramentas de trabalho usuais, machados e foices, mas o “Garoto” conseguiu um cinferro, e eu obtive uma clava entalhada e uma lamparina de ferro de formato esquisito. Demos a eles duas rupias pelo lote completo, o que os fez sorrir e examinar as rupias como se nunca as tivessem visto. As mulheres e crianças eram bem amigáveis, e, depois de superar a timidez inicial, aglomeravam-se e sorriam ao nos verem tão interessados em suas miudezas domésticas. Estas pessoas têm os olhos achinesados dos *gurkhas* e tibetanos, mas o talhe mais alongado dos hindus. As mulheres usam duas tranças enroladas nas têmporas.

Nesse dia, batemos um grande brejo ao sul do acampamento, onde as gramíneas e as taboas se estendiam por uma área tão extensa e eram tão grossas e altas que os elefantes frequentemente sumiam de vista no meio delas. Foi durante o retorno ao acampamento que ocorreu um incidente que quase trouxe um fim brusco ao meu diário e à minha vida. Outro caçador, que seguia me acompanhando em seu elefante, estava levando seu fuzil atravessado, no *howdah*, e acidentalmente disparou. Para minha sorte, eu era magro, e o projétil passou pela minha frente, sem atingir meu corpo. Penso que não nasci para ser baleado acidentalmente¹⁴⁶, pois essa não foi a primeira vez em que escapei de um fim como esse. Além dos costumeiros quase-acertos incidentais do tiro real no quartel, tive outras experiências. Uma vez, uma mula me errou. Sou provavelmente o único homem que já foi alvejado por uma mula., apesar de muitos já terem experimentado escapar por pouco da ação de asnos. Havíamos acabado de enterrar um soldado morto em combate nos montes Matopo, e seu fuzil tinha sido amarrado à sela de carga de uma

¹⁴⁶ Descontando-se o tiro dado no próprio pé, no Afeganistão, já mencionado no capítulo IX.

mula; mas ninguém havia notado que o fuzil estava carregado e engatilhado¹⁴⁷. Percebemos isso alguns momentos mais tarde, quando a mula, andando, passou por um arbusto e um galho se prendeu ao gatilho do fuzil, fazendo-o disparar, e o projétil passou “entre minha orelha e meu crânio”, como dizem os zulus quando querem indicar uma situação em que escaparam por pouco. Quando eu estava constituindo uma força para a defesa de Mafeking, fui fazer uma inspeção sobre ordem unida e exercícios de tiro. Eles foram submetidos aos comandos de “Preparar”, “Apontar” e “Fogo”. Dos deles foram além do mero movimento, eles realmente dispararam, por terem se esquecido de descarregar os fuzis após uma lição anterior sobre como municiar. Como não aconteceu de eu estar diante de alguma dessas armas que atiraram, não me aconteceu nada. Mas os atiradores receberam uma grande carga – de conselhos.

Uma noite, ouvi um ruído terrível, que achei que era meu ordenança limpando a garganta, então eu gritei para ele em termos contundentes o que pensava dele e seus ancestrais, e o que faria se ele não se movesse para locais mais distantes para dar seu concerto. Não houve resposta até a hora do desjejum, e então o coitado do Ellis perguntou com toda gentileza por que deveria ser chamado “barulhento”, uma vez que não tinha como evitar estar com febre.

As moscas eram um tremendo aborrecimento, chegando a certa vez forçar-nos a mudar o local de acampamento. Nas refeições, era uma situação de ter uma das mãos conduzindo a comida para a boca enquanto a outra afugentava momentaneamente as moscas. Alguém, que teve a ideia de fazer estatísticas sobre as moscas, descobriu que se você matar dois bois e der um a um leão para comer e o outro a um par de moscas, as moscas e sua descendência disputarão uma corrida apertada com o leão, ambos os partidos levando mais ou menos dois dias para cumprir a tarefa. Tal é a taxa de crescimento entre as moscas.

¹⁴⁷ Carregado: com um cartucho na câmara. Engatilhado: com o cão puxado à retaguarda, pronto para ser liberado pela ação do gatilho e percutir a cápsula do cartucho.

Permanecemos neste acampamento em particular por três dias e havia bem mais de um par de moscas residindo lá quando chegamos.

Geralmente meu parceiro nas saídas era o Garoto. Os livros que ele havia trazido como leitura de passatempo no acampamento e no elefante eram muito instrutivos, tais como o Almanaque Britânico. Ele sempre trazia observações grandemente instrutivas, mas nem ele, nem nós, nem nossas enciclopédias eram capazes de responder a Bala Khan quando ele nos lançou esta simples questão: “Quão distante é a Lua da Terra?”. A maioria de nós sabia a distância até o Sol, e os livros davam a distância de todos os planetas, mas nenhum dava a da Lua.

Batemos um trecho de selva de beira-rio que parecia promissor, mas sem resultado, e depois alguns brejos, mas sem encontrar nem um sinal de tigre. O capim estava mais alto, farto e verde este ano que o usual; geralmente a maior parte dessa vegetação já está queimada em fins de abril. No caminho para nosso novo local de acampamento em Toti, sofri uma grave perda: o velho cinto que eu usara na Matabelelândia. O furo em que eu o usava daria fartas informações sobre a grande quantidade de exercício e a pequena quantidade de comida que tínhamos, e a conseqüente redução de minha “capacidade de retenção”.

Também no acampamento de Toti, eu definitivamente renunciei à minha posição de “Sir Baker Russell”, e então fizeram de mim o médico da expedição. Pus-me a trabalhar em Ellis com um Pó de Dover e folhas de mostarda, tendo diagnosticado sua febre como gripe, dando na manhã seguinte Sal Pirético. Para Olivier, prescrevi três gotas de clorofórmio em meia garrafa de água gasosa, para dor de cabeça sem febre; mas desconfio que ele não tenha tomado tal medicação. Um dos carreteiros, em cujo auxílio fui chamado, descobri-o deitado coberto com um lençol. Davam-no por morto, por ter uma carreta caído em cima dele. Não encontrando ossos quebrados, fiz para ele um linimento de vinagre e uísque e dei-lhe uma pílula de podofilina¹⁴⁸. Ele acabou por recuperar-se de tudo isso.

¹⁴⁸ Medicamento tópico, usado no tratamento de verrugas.

Nossas partidas aconteciam invariavelmente em horários tardios, já que tínhamos que esperar pelo retorno dos *shikaris* (caçadores), que saíam ao alvorecer para buscar rastros de tigres e então retornar com as novidades. Certa manhã, eles encontraram rastros frescos de dois tigres. Chegamos ao local, um *nullah* na floresta que parecia bastante propício, e o batemos com todo cuidado, mas nada saiu. Então tentamos um segundo *nullah* ainda melhor, no qual dava quase para sentir que deveria ter um tigre. Vimos rastros frescos em muitos lugares, mas de tigre nem mesmo um relance.

Após o almoço, reformamos a linha na floresta e atravessamos reto, batendo alguns bocados de juncos que pareciam promissores no caminho. Eu me movia a meio caminho à frente, quando um grito vindo da linha nos alertou que um urso fora visto. Nesse momento, eu estava numa ravina profunda com lados íngremes. Meu *mahout* olhou ansiosamente ao redor, buscando uma boa rota de saída e, não vendo nenhuma, pôs *Dandelion*, meu elefante, para abordar diretamente, e começamos a escalar. Segurando-me firmemente dentro de meu *howdah*, eu não conseguia ver nada à frente, até que, de súbito, *Dandelion* parou e ficou firme como uma rocha, sustentando-se numa posição quase perpendicular. Eu sabia que, com *Dandelion*, “congelar” desse jeito era como um *setter* tomando a posição de “apontar”, e significava que caça fora levantada. Levantei-me de um salto e, de início, não conseguia ver nada, até que uma moita de pelos movendo-se pelo topo da barranca acima de mim mostrou-me por onde trotava um grande urso negro. Atirei nele com a Paradox a uns 40 m de distância e ouvi o impacto do projétil a atingi-lo. Ele caiu por um momento, levantou-se de novo e ia se movimentar quando mandei nele o conteúdo do segundo cano; então ele fez uma cambalhota, e veio rolando, passando perto de nós, até parar no fundo do *nullah*. Ainda assim, ele fez mais um esforço e eu disparei outro tiro (que errou!), e mais um, que o acertou no ombro, perto de onde pegara o primeiro; meu segundo tiro tinha-o atingido no pescoço. Então, desmontei do elefante e fui examiná-lo. Era um urso negro bem grande, medindo bem uns 2,40 m, com um belo pelo. Depois disso, o mundo me

parecia mais alegre, e eu apreciei plenamente a vista dos seus despojos pelo restante do caminho de volta, instalados num elefante cargueiro.

Fazia-se evidente que as cheias ou alguma outra coisa haviam mudado muito este território desde o ano anterior. O diário de Smith-Dorrien sobre a excursão de seu grupo dá conta que, além de um total de vinte e três tigres, eles todos os dias alvejavam alguns antílopes, além de vê-los em quantidades inumeráveis. Quanto a nós, só veríamos cinco ou seis num dia inteiro. Um bicho que eu via todos os dias, e gostaria de pegar, era uma pombinha-do-mato muito bonita, que eu nunca tinha visto antes em lugar nenhum. Vivia apenas na floresta pantanosa mais densa, e era muito tímida. Geralmente, fugia no momento em que os elefantes começavam a batida, e raramente se via mais do que uma numa batida. Frequentemente eu me via tentado a atirar nela quando vinha zunindo, mas não era permitida “caça geral” durante uma batida de tigre, e não vi essa pombinha em outras ocasiões.

Depois do jantar, nosso curtidor estava nos mostrando os ossos pequenos, dos quais se dizia serem ossos alares primitivos, que ele havia cortado do tigre do dia anterior, quando um desses ossos caiu no chão. Por muito tempo procuramos no capim com uma lanterna, mas em vão, até que, pondo-me de quatro, brinquei de cachorro e, após farejar um pouco no local, achei o ossinho faltante. Dizem que esses ossos alares primitivos indicam a conexão do tigre com o grifo¹⁴⁹.

Nossa falta de sorte levou-nos a fazer um conselho de guerra, e a decisão foi de nos mudarmos para Calcutá (não a cidade de Calcutá), a dois dias de marcha do Acampamento Akadbully, onde estávamos, pois lá a selva tinha passado por uma queimada e sabia-se que andavam por lá dois tigres. Apesar de não estarmos obtendo a caça que esperávamos, estávamos aproveitando muito o tempo, que passava muito rápido. Cada dia era exatamente igual ao anterior, e essa era nossa rotina, conforme registrei em meu diário. Ao alvorecer, acordávamos e tomávamos chá, enquanto fazíamos gozações uns dos outros e curtíamos o ar fresco. A

¹⁴⁹ Criatura lendária, alada, com corpo de leão (ou de tigre) e cabeça de águia.

área ao redor era cheia do ruído de pássaros, especialmente com a galinha-do-mato tornando-o mais civilizado com seu cacarejo. A paisagem azul, enevoadada, era muito boa também. Por volta das oito íamos tratar de vestir-nos e de tomar o desjejum ao ar livre. Por volta das nove, uma calmaria morta caíria sobre a floresta, e o sol já estava no alto e bem forte. Meia hora depois, vinham os elefantes com *howdahs* para perto de nossas barracas, a fim de serem carregados com armas, reservatórios de água, etc. então vinham os elefantes cargueiros, nós montávamos e partíamos, sombrinhas abertas e óculos de sol vestidos. Ellis e o Khan iam num elefante, Gore e Oliver noutro, e noutro, eu e o Garoto.

Era a pior parte do dia. Das dez ao meio-dia era aquele calor úmido no ar parado, sem a menor brisa. Uma hora de marcha, aproximadamente, nos levava ao provável esconderijo. Aí, subíamos aos *howdahs* e começava a batida. Parecia um jogo. Como em todos os jogos, inclusive o do serviço militar, você tem que jogar para o seu time, e não para si mesmo. Uma linha de doze elefantes cargueiros batia a cobertura. As duas armas dianteiras, ou “paradas”, seguiam adiante para defrontar o tigre e impedi-lo de fugir para a frente. Duas armas laterais serviam principalmente como “paradas” em todos os possíveis pontos de escape nos flancos. Armas na linha serviam para evitar que ele fugisse pela retaguarda. A chave do sucesso era mantê-lo dentro da área até que as armas fizessem um círculo cercando-o e ele não pudesse escapar. Fizemos tudo muito bem, mas só ficava faltando ter o tigre para pôr no centro.

Os elefantes movem-se bem lentamente na selva, de dois e meio a cinco quilômetros por hora, por isso gastava-se muito tempo indo de uma área de batida para outra.

Pelas duas da tarde, parávamos para almoçar sob uma árvore. Um elefante transportava a caixa de comestíveis e bebidas, clarete e duas garrafas de água gaseificada por homem, e *gelo*, que obtínhamos a cada dois ou três dias vindo da ferrovia, quase 50 km distante. O almoço nunca levava mais do que uma hora, e então voltávamos a bater até o pôr-do-sol. Então, de volta ao acampamento para o chá. O Khan então sentava-

se conosco para bater papo e beber água gaseificada e gelo, enquanto tomávamos *bitter* de angostura e soda. Depois do chá, banho, jantar às sete e meia e às nove íamos para a cama.

Durante as batidas do dia eu usava um lenço molhado sob o chapéu e mantinha a nuca bem fresca, o que é importante quando o sol é tão quente que suas armas ficam quentes demais para segurar sem luvas. Você não pode levar uma sombrinha enquanto caça, dá muito na vista.

Olivier nos deixou de manhã cedo no dia 24, pois sua licença estava acabando, e para marcar sua partida, Ellis, que vinha melhorando aos poucos apesar de minha medicina, agora estava se queixando de sentir-se muito fraco e derrubado. Então, nós o deixamos no acampamento com mosquiteiros e um livro, e com ordens de mudar-se para o novo acampamento depois que passasse o período mais quente do dia. Claro que, no fim das contas, ele começou a atirar dali mesmo.

Os homens desta parte do país são bem-feitos, não tão atarracados quanto os gurkhas que alistamos em nossos regimentos, mas com os mesmos traços achinesados. Suas vestimentas mostram a simetria dos seus membros de todas as formas. Ao aproximar-se do local de acampamento à tarde, Bala Khan fez contato com uma aldeia onde vivia um bom *shikari* local. Esse homem, um gurkha bem-humorado e bem alimentado, estava encantado em nos ver, já que um tigre havia matado uma de suas vacas no dia anterior e outra no dia antes desse. Ele habitava a mais ou menos uns dois quilômetros dali, num barranco, e bebia num determinado córrego. Ele conhecia tudo sobre ele, e trepou num elefante para mostrar o caminho. Que mudança ele trouxe para nós! O dia já não era tão quente, o caminho já não era tão longo. Estávamos muito bem acordados. Quando chegamos à floresta, ele nos mostrou o córrego onde o bichão bebia, como uma prova do que dissera. “Onde é o covil?”, perguntamos. “Oh, por ali”, ele replicou, apontando uma direção geral na floresta. “E onde nos devemos postar?” “Oh, em qualquer lugar. Ele passará do mesmo jeito. É um tigre cheio de confiança, esse. E o

maior que vocês já viram”, etc., etc. Desnecessário dizer que batemos e batemos repetidas vezes e nunca vimos nem traço dele.

Depois nos mudamos de Daka-ki-garhi para Calcutá, Ellis indo com a bagagem. Essa Calcutá era uma grande planície aberta, ao sul da floresta em que estivéramos. O povo era mais parecido com os hindus comuns, viviam em miseráveis cabanas de palha, tinham menos gado e mais plantações do que nossos vizinhos anteriores. A planície era pontilhada por solitárias árvores de *peepul*, e grandes formigueiros, de um e meio a quase três metros de altura, semelhantes aos da África do Sul. Lamentei ver as montanhas voltarem a sumir na distância.

É maravilhoso como o *mahout* conduz seu elefante. Ele o faz avançar enterrando os dedos dos pés atrás da orelha do animal, faz parar entrando com o *ankus* (gancho) na testa do elefante e puxando-o para trás; bate nele com a parte chata do *ankus* no lado da cabeça quando o corrige, e faz muito por vozes de comando.

No dia 6, Ellis partiu para Bareilly, incapaz de melhorar no acampamento e evidentemente precisando de melhor medicina do que a que eu era capaz de lhe proporcionar; não tinha como obter médico melhor.

Um dia, montamos em nossos elefantes e, para variar, batemos do lado de fora da floresta, num pântano que se estendia por cinco ou seis quilômetros acompanhando a borda da floresta. Tinha uns duzentos ou trezentos metros de largura, com juncos de três a quatro metros de altura, em muitos lugares com atoleiros perigosos. Tendo batido várias vezes sem resultado, lá íamos nós, cansados, a caminho de bater o mesmo trecho novamente. Por fim, eu me sentia desesperançado, e cabeceava no meu *howdah* enquanto *Dandelion* marchava lentamente para nosso posto, quando de súbito fui acordado pelo estampido de um fuzil, logo seguido por outros, vindos dos que vinham atrás de nós. Eis o que aconteceu. Um tigre, farto de ser caçado por nós, resolveu trocar de lugar, e silenciosamente seguiu nossa procissão através da planície.

Aconteceu de o Khan vê-lo, e ele e Gore saudaram a fera com uma salva¹⁵⁰ a duzentos metros, a que o tigre respondeu com uma torcida de rabo e um sorriso, enquanto deslizava para dentro da selva e se punha ao fresco.

Fervendo de fúria impotente, pusemo-nos ao trabalho e pusemos fogo no trecho de selva em que se escondeu, e esperamos que ele saísse, mas era uma tarefa sem esperança num enorme atoleiro. Como fogueira, foi um sucesso. A floresta pegou fogo, e dava uma bela vista desde o acampamento. Gore observou: “Por Júpiter! Teremos de repor seis Nepais, tão certo como a morte”. Esclareço: é costume por lá que, quando por seu descuido, você danifica algum material, você pague seis vezes o seu valor para a substituição.

Após retornarmos ao acampamento, entre o chá e o pôr-do-sol, nós três, acompanhados por Bala Khan, saímos para caminhar e atiramos em algumas codornizes. A caça à codorniz é um excelente passatempo, mas esses patetas que me acompanhavam tinham de fazer palhaçada da coisa, fingindo que estávamos atirando em tigres. Quando uma codorniz caía, atingida, você podia ouvir: “Pelo amor de Deus, não vá a ele a pé. Espere até os elefantes chegarem”, e por aí ia. Até mesmo o Khan entrou no espírito da brincadeira. Eu esperava um pouco mais de sensatez do Garoto, pois ele era capaz de jogar golfe sem nem precisar vestir polainas, o que é bem mais do que eu era capaz de fazer.

Sentimos muito a falta de Ellis com seu sotaque escocês e seu típico: “Agora, o que vou lhe contar é verdade, Johnnie. Restam apenas três sardinhas para vocês cinco, então não adianta alguém querer pegar mais do que o seu justo quinhão, ou não haverá suficiente! Eu ficarei com uma e a divisão ficará mais fácil para vocês quatro”.

Não teríamos mais suas guloseimas surpresa, que haviam sido trazidas especialmente para o agrado de Sir Baker Russell. Uma noite, tivemos tortas recheadas com geleia de damasco; elas haviam se esmigalhado durante a viagem, transformando-se numa massa compacta, e servida bem quente. Por sorte, jantamos ao ar livre e não

¹⁵⁰ Disparo simultâneo de várias armas de fogo.

tínhamos tapete, podendo dizer como o Dr Johnson à sua anfitriã, quando se viu às voltas com uma xícara de chá superquente: “Um tolo, madame, teria engolido isso”. Um tolo poderia também engolir as ostras que apareceram em nosso cardápio noutra noite, mas seria um tolo de grosso calibre.

Enquanto sentado no *howdah* durante uma batida, pode-se ser visitado por vários personagens curiosos: aranhas com pintas douradas, aranhas de corpos alongados com uma marca como de aquarela, aranhas com cor de opala, louva-a-deuses aparentando serem galhos secos e um, para mim, tipo novo de louva-a-deus, que batizei “louva-a-deus interessado”, porque ele fica olhando ao redor; todos esses e muitos outros apareciam, sem falar em moscas, pulgas, besouros e carrapatos.

Em 30 de abril, estávamos de volta à civilização, e nossa caçada estava terminada. Chegamos à casa de Bala Khan em Sherpur antes do meio-dia, e lá ele nos pôs à vontade pelo resto do dia. A casa apresentava uma pequena sala quadrada, cheia de candelabros e lâmpadas e bolas de vidro colorido, com pequenos quartos ao redor. Almoçamos, cochilamos e conversamos com o Khan e seus filhos. Um deles falava inglês e volta e meia lançava-nos uma frase como “O vento agora sopra furiosamente”.

Em Puranpur o Khan e seus filhos acompanharam-nos para o embarque no trem, depois de sermos por ele condecorados com colares de ouropel e de termos nossos lenços perfumados com essência de sândalo. Quando na casa do Khan, notamos que a estação quente realmente havia começado, mas por termos passado tanto tempo ao ar livre, já nos havíamos aclimatado. Agora que estávamos numa casa e olhávamos para a claridade lá fora ou saíamos para ela, percebíamos que o verão tinha se instalado.

CAPÍTULO XII

CONFUSÃO NA FRONTEIRA

Como nação, temos muita sorte por ter uma área de treinamento de tanto valor para nossos oficiais como a Fronteira Noroeste da Índia¹⁵¹, com inimigos vivos e reais, sempre prontos a dispor-se a dar-nos instrução prática, no campo, de tática e estratégia, transporte e suprimento, sanitarismo e serviço médico, e tarefas de Estado-Maior em geral. Se Waterloo foi vencida nos campos desportivos de Eton, há diante de nós muitas vitórias que terão sido obtidas no campo mais prático da Fronteira Noroeste.

Metade dos nossos bons militares fez seu nome, em primeiro lugar, nesta arena. Os críticos adoram descer a ripa em nossos “generais sipaios¹⁵²”, mas apesar de suas táticas não serem as mais adequadas para uma guerra europeia, eles de todo modo aprenderam a lidar com homens em circunstâncias difíceis. Eles tiveram de adaptar seu senso comum à situação; foram postos diante de intrincados problemas de organização e suprimento, e acima de tudo aprenderam a conhecer a si próprios na prova da guerra real, que não pode ser imitada nem nas melhores manobras. Aqueles capazes de aguentar o teste têm de ser, por isso, os melhores soldados para qualquer campanha. Durante o último século¹⁵³, raramente passou um ano sem que tenha havido alguma luta nessa fronteira.

Um defensor da paz chegou a sugerir que, visando a pôr fim às numerosas guerrinhas que nos entretêm em diversas partes do nosso

¹⁵¹ Afeganistão.

¹⁵² Havia uma certa rivalidade entre oficiais “europeus” e “indianos”, ou “coloniais”. Os “europeus”, afeitos à vida urbana, aos salões, às escolas militares, aos jogos de guerra com situações hipotéticas considerando exércitos europeus, regularmente desdobrados e engajados, “conforme o manual”. Os “coloniais”, treinados em operações predominantemente do tipo policial, ou combatendo contra forças com armamento mais rudimentar, porém muito mais flexíveis, tendo que aprender a “se virar” com recursos locais, desenvolvendo maior iniciativa e maior proximidade com os subordinados por compartilharem as mesmas provações.

¹⁵³ Século XIX.

Império, todo oficial, ao ingressar no serviço ativo, receber uma meia dúzia de medalhas de guerra, e lhe iria sendo retirada uma para cada campanha em que ele subsequentemente tomasse parte. A ideia na mente desse criador era que as guerras aconteciam porque os oficiais buscavam oportunidades de caçar medalhas.

Difícilmente se pode dizer isso no caso do território Afridi e seus vizinhos. As pessoas por lá simplesmente vivem para combater. É seu único prazer e sua única ocupação, e seu único passatempo para relaxar. Em consequência, isso significa prontidão constante e constante eficiência por parte de nossos soldados, preparados para se lançarem em ação com o mais curto aviso, a fim de protegerem as tribos leais. Até o político mais otimista hesitaria em presumir que na Índia haveria um aviso prévio de seis meses para treinar nossas forças. É graças a essa prontidão e eficiência por parte de nossas forças de fronteira que os frequentes levantes dos montanhesees são prontamente esmagados no momento da eclosão, antes que possam se tornar um incêndio com o qual se teria logo de lidar, no caso de seguir uma política de “esperar para ver”. O cidadão britânico médio dificilmente percebe o quanto deve às forças de fronteira por manter a estabilidade do seu mercado financeiro na metrópole.

Lembro-me de estar sentado na muralha do Forte Jamrud, na entrada do Passo Khyber, numa noite calma e pacífica. De repente, o estampido de um fuzil ecoou pelas encostas ao redor, seguido de outro, e mais outro.

“Que se passa?”, perguntei, com alguma excitação.

“Ah, são apenas as mulheres daquela aldeia ali que estão descendo para pegar água no córrego. Os sujeitos da outra aldeia estão atirando nelas; fazem isso quase todo dia. É que existe uma rixa de muito tempo entre eles. Isso já vem de anos”.

Era típico do território que essas aldeias, distantes entre si uma milha ou duas, apesar de estarem ambas sob proteção britânica, estivessem sempre trocando tiros. Caminhos abaixo do nível do solo foram cavados por ambas as tribos para seus respectivos pontos de coleta

de água, com o intuito de proteger os aguadeiros, e o trabalho destes era constantemente feito debaixo de fogo.

O Forte Jamrud estava plantado lá, como um policial, vigiando mas não interferindo, a menos que eles realmente violassem a lei. A única lei que eles entendiam e respeitavam era que a Estrada do Governo, a Grande Estrada Ininterrupta, era terreno sagrado. Ela passava entre as duas aldeias, e no momento em que algum dos aldeões de qualquer lado pusesse o pé na estrada, ele estava em terreno sagrado e não podia ser alvejado.

Este incidente é meramente típico da atmosfera de combate sem repouso, na qual todos os membros das tribos da fronteira são criados e crescem.

Para muitos, poderia parecer que a vida do militar seja um contínuo ciclo de esforços para encontrar práticas esportivas e se divertir. Poucas pessoas percebem que essa profissão é, ao mesmo tempo, uma em que há fatura de trabalho duro mesmo nos tempos de paz.

Trinta anos atrás¹⁵⁴ as coisas eram diferentes, uma vez que o oficial era então meio que um amador, e essa forma de pensar tradicional ainda subsiste fora do Exército. Seus subordinados eram homens com longo tempo de serviço, treinados para a vigorosa disciplina pelo ajudante e pelos sargentos mais antigos. Os oficiais em comando confiavam em seu ajudante, e os demais oficiais, em seus sargentos para conhecer o trabalho e fazer que ele fosse feito. Em muitos regimentos, não era considerado de bom tom demonstrar interesse muito evidente no trabalho, e falar de trabalho à mesa podia levar a uma multa. Mas os homens eram vivos nas formaturas e desfilavam sincronizados como um relógio. As coisas mudaram desde então. O oficial agora é um soldado profissional. Ele tem, desde os postos mais baixos, responsabilidade sobre seus ombros. É sua culpa se seus homens ou seus cavalos não estão adequadamente treinados, ou demonstram ineficiência nas manobras; ele tem consciência disso e trabalha o tempo todo, estudando

¹⁵⁴ Lembrando: esta obra foi publicada em 1915.

e instruindo, e orgulha-se com os resultados que alcança; assim, o dever vem primeiro em sua programação, e o lazer vem depois. O resultado é um exército de especialistas entusiasmados, acostumados a agir por sua própria iniciativa, tanto no campo quanto no quartel. Tenho de admitir que os homens são melhores cavaleiros, melhores operadores de armas, melhores esclarecedores, e de melhor comportamento que seus predecessores, apesar de eu ter gostado muito destes e lamentar sua partida¹⁵⁵.

Um típico conflito de fronteira foi aquele no território Buner. Em 5 de janeiro de 1898, parti de Meerut, indo meramente como aprendiz para o *front*. Foi uma longa e fria jornada para o norte, passando por Umballa, Lahore, Rawalpindi, até Nowshera.

Na minha viagem de ida, no trem, paramos por volta das cinco da manhã, junto a uma pequena estação à beira da estrada, onde os trens de ida e de volta cruzavam seus caminhos. Na cabana que servia de salão de repouso, sentei-me para tomar um café com um estranho que estava fazendo o caminho de descida. Ele estava bem queimado de sol, barbudo e de cabelos compridos, usando um velho capacete bastante surrado, *poshteen* (casaco de pele nativo) e roupas interiores bem gastas. Em nossa apressada e improvisada refeição de três minutos, seus borzeguins me indicavam que ele era um irlandês, enquanto ele mesmo de contava que vinha da Pérsia¹⁵⁶ Central, e estava muito feliz em voltar novamente à civilização. Então, um apito soou e ele correu para fora para pegar seu trem, que ia partindo. “Pague minha conta para mim, meu amigo, e boa sorte para você”, gritou ele enquanto corria pela plataforma. Lá um cão amigável correu para cumprimentá-lo. “Por Deus, que bicho mais bonitinho”, disse ele, e, pegando o animal pelo cangote, ambos se lançaram para dentro do trem e se foram – ele, mais rico em um desjejum e um cachorro, tudo liberado, grátis e sem custar nada.

¹⁵⁵ Estas palavras estavam no prelo antes que a presente guerra irrompesse [Primeira Guerra Mundial], e os resultados até o presente momento não me encorajam a mudar nem uma delas.

¹⁵⁶ Irã.

Os primeiros sinais da guerra fizeram-se notar em Jhelum, onde o típico oficial subalterno britânico de serviço entrou no vagão com capacete, pistola, *poshteen*, cachimbo e perneiras, mas por uma vez sem um fox-terrier a acompanhá-lo. Levava seu rolo de cobertores e uma *Union Jack*. Enquanto eu tentava deduzir a razão para ele levar a bandeira, se para um general ou para um funeral, ele pediu-me para dar-lhe licença de recolher-se para dormir, pois ele estava bem cansado – havia trazido para a retaguarda o corpo de Hickman, morto num combate lá no Khyber dois dias antes, e agora estava retornando para Peshawar.

É sempre interessante notar a atitude do subalterno em geral quando há uma chance de lutar. Mesmo o mais jovem torna-se uma espécie de veterano em seus maneirismos, lacônico, com um certo grau de severidade de propósito em sua conduta. Por outro lado, quando você encontra um grupo de homens conversando sabiamente sobre a guerra, estratégia e táticas, mas particularmente do serviço que viram, você pode ter certeza de que não são combatentes.

Em Mardan, fiquei sabendo que o general Bindon Blood e sua coluna haviam marchado no dia anterior para Katlunga, a caminho do território Buner, e que a estrada era uma mera trilha. Deixando meu ordenança e a bagagem no Dak Bungalow em Mardan, tomei um *tum-tum*, espécie de charretinha, para Katlunga. Foi difícil achar um condutor que me levasse; eles tinham medo de haverem pequenos grupos inimigos na área, ou que atirassem neles quando chegassem perto das montanhas. Por fim, consegui um homem que fosse para lá, mas depois de tentar por uns dois ou três quilômetros, descobri que ele não conseguia pegar seu cavalo para irmos. Por sorte, a esta altura dos acontecimentos, uma charrete de aparência bem desgastada, com um condutor afridi de olhar selvagem, veio sacolejando vazia da direção de Katlunga. Sendo-lhe prometida tarifa dupla, ele topou levar-me lá, mas ele acrescentou que nada no mundo o convenceria a ir além, nem mesmo 100 rupias. Eu não disse nada. Em Katlunga, descobri, como esperava, que Sir Bindon havia prosseguido naquela manhã para Sanghao,

próximo do passo que ele atacaria ao alvorecer do dia seguinte, distante uns 18 km.

Então, Beatty (o Oficial de Transportes) serviu-me chá, enquanto seu ordenança alimentou o miserável pônei do meu *tum-tum*, e partimos novamente. O coitado do condutor agora sentia muito por si mesmo, e dizia que esta noite seria a sua última neste mundo. Se o inimigo não nos alcançasse no caminho e o fizesse em pedaços – ele parecia não se importar com o que me poderia ocorrer –, o frio, de qualquer forma, daria um fim a ele. Animei-o tanto quanto pude, dizendo-lhe que só poderia morrer uma vez, e que esta não era uma má oportunidade, e que se chegássemos ao acampamento eu o presentearia com um dos meus próprios cobertores, o que depois fiz – meu querido velho tapete marrom. Foi uma viagem terrível, com o pônei meio morto, condutor apavorado, charrete caindo aos pedaços, estrada ruim e cheia de solavancos, além do risco de encontro com os ghazis.

O sol se pôs, a lua subiu, e nós lá fomos aos trancos, fatigantemente; mas eu gostava daquilo. Por fim, bem perto das montanhas, vimos uma fumaça que saía do nosso acampamento, e, ao mesmo tempo, as fogueiras dos bivaques inimigos cintilando ao longo das alturas, o que me acelerou a pulsação de prazer; mas o condutor simplesmente gemeu desesperançado. Faltando mais ou menos um quilômetro e meio para o acampamento, o pônei arriou, e eu acabei de chegar a pé, com o condutor carregando meu equipamento de dormida.

Sir Bindon foi muito gentil. Instalei-me na barraca de Frase, e conheci Fitzgerald (dos *Blues*) e Bunbury (Oficial de Assuntos Políticos) ao jantar. No acampamento estavam duas brigadas (Generais Jeffrey e Meiklejohn), incluindo os *West Kents*, os *Bufs*, a Infantaria Ligeira das *Highlands*, o 20° e o 21° de Infantaria do Punjab, o 16° de Infantaria Nativa, a 10ª Bateria de Campanha da Artilharia Real, duas baterias de montanha, um pequeno grupamento de Cavalaria do 10° de Lanceiros e Guias, e um batalhão de Sapadores Nativos.

Enquanto jantávamos – bang, bang, bang! –, o inimigo atirava no acampamento, de suas posições nas elevações próximas. Ninguém

parecia dar muita bola. Esse tipo de diversão é o que se chama “tiro de inquietação”. A cada dez minutos eles nos davam algo como uma dúzia de tiros, aos quais às vezes se respondia com uma salva dos fuzis Lee-Metford de algum dos nossos piquetes. Alguns tiros caíam entre nossos cavalos, mas sem produzir dano.

Às dez, recolhemo-nos, e dormi como um anjo, apenas para uma vez ficar semidesperto a ouvir os *snipers* ainda em sua diversão; mas não nos fizeram mal. Um gaiato chegou a sair da barraca e gritar para os atiradores: “Mirem um pouco mais alto, seus ***!”

Era uma manhã clara, fria como champanhe gelado. Claro que nossa primeira preocupação ao acordar foi verificar se o inimigo ainda conservava a intenção de manter o passo em seu poder. Fraser pôs o nariz para fora da porta da barraca, enquanto eu passava a cabeça por baixo da lateral onde estava deitado. Contra a linha do horizonte podíamos ver seus estandartes, então havia uma boa promessa de luta.

Não esperei pelo toque de alvorada para me levantar, nem demorei a me vestir, uma vez que já estava parcialmente vestido. Enquanto tomávamos o desjejum, as tropas da vanguarda já estavam com suas colunas deixando o acampamento. Esclarecedores da Cavalaria primeiro, depois a Artilharia de Campanha, Sapadores para fazer passagens, etc., cada qual dando vivas aos outros ou a si mesmo.

O território Buner, que Sir Bindon ia atacar, separava-se do nosso por uma alcantilada serra, com montanhas transponíveis em três ou quatro lugares, e ainda assim por trilhas bem difíceis. O General havia enviado pequenas forças contra cada passo simultaneamente, para fazer fintas e, se considerassem factível, invadir o território em diversos pontos. Ele selecionara o passo de Sanghao para o ataque principal, porque oferecia melhores condições para o apoio de fogo da Artilharia. Apesar de ser chamado de passo, não era mais que uma trilha para pedestres, que atravessava uma garganta estreita de uns 800 metros de extensão e depois virava à direita numa pequena bacia nas montanhas e seguia em ziguezagues para os pontos mais elevados.

O inimigo tinha a posse das alturas em seu lado da bacia, e propusemos fazer do lado de cá nossa posição de Artilharia, enquanto a Infantaria atravessaria a garganta e escalaria as outras elevações, ao mesmo tempo que um batalhão (o 20º de Infantaria Nativa) subiria a montanha à nossa esquerda, de modo a capturar o pico, a 800 metros de altura, e a partir daí fazer fogo de enfiada sobre o inimigo.

O local da ação distava pouco mais de quilômetro e meio de nosso acampamento, e estava tão frio que preferimos ir caminhando em lugar de a cavalo. Encontramos as baterias de montanha movendo-se logo à nossa frente, e a Infantaria Ligeira das *Highlands* acompanhando-nos, com os gaiteiros tocando animadamente e os homens dando vivas. Agitação suficiente para enfraquecer o ânimo dos Buners antes mesmo de se disparar um tiro. Súbito, “bum!”, fez a primeira peça; a Artilharia de Campanha entrou em ação às nove em ponto, e começou a bombardear os estandartes agrupados na linha de crista. Esses estandartes eram compridas bandeiras triangulares com uns 4 metros de altura, com tufos de pelo negro na ponta do mastro.

Por fim, subimos uma encosta pedregosa, com vegetação de pequeno porte, em frente à posição inimiga, de onde tínhamos excelente visão da área. Eles estavam a uns 1200 metros de distância, e algumas centenas de metros mais alto, com uma encosta pedregosa, exposta e íngreme levando até suas posições, na qual nossos homens tinham muito pouca cobertura contra os seus disparos. O inimigo fizera parapeitos de pedras e pequenas fortificações (*sangars*) nos melhores pontos de suas posições, e podíamos enxergar suas cabeças olhando por cima das amuradas ao longo da linha. Na verdade, eles estavam todos do lado de fora na face da montanha até o momento em que a Artilharia abriu fogo.

Cerca das 09:30h, as baterias de montanha haviam escalado nossa encosta com suas mulas e entraram em ação logo acima de onde estávamos, enquanto os *Bufs* escalavam a mesma colina para um local de onde pudessem lançar salvas de longo alcance para atingir os *sangars* inimigos. Com todas as três baterias em ação, havia uma barulheira infernal; cada descarga estrondeava e ecoava ao redor de toda a bacia de

montanhas, e os obuses explodindo do outro lado duplicavam o ruído. Com dezoito peças disparando uma após a outra, o trovão era incessante. A prática que eles fizeram também era excelente: cada disparo explodia diretamente contra um *sangar* ou sobre um grupo de estandartes, e aos poucos o inimigo foi ficando mais tímido de se expor. Mas logo que havia uma pausa no tiroteio, as cabeças apareciam de novo. Aqui e ali um homem subia numa pedra e agitava sua espada e arengava para seus companheiros ou gritava contra nós, enquanto outros nos *sangars* se levantavam e recarregavam seus longos *jezails*¹⁵⁷ de antecarga¹⁵⁸.

Eles faziam alguns disparos contra nós aqui e ali, mas a distância era muito longa para eles; ainda assim, achávamos melhor não ficar muito agrupados ao redor do general, quando alguns projéteis passavam assobiando por cima de nós. Era interessante ver quão friamente o inimigo encarava o fogo de Artilharia, com os obuses explodindo perto ao seu redor; evidentemente eles observavam os canhões, e assim que uma disparava eles se abaixavam até que o projétil tivesse explodido, e então levantavam-se de novo, como numa caixinha de surpresa. Vi um ou dois serem atingidos quando faziam isso.

Durante esse bombardeio preliminar de Artilharia, a Infantaria, quase sem ser notada pelo inimigo, ia-se esgueirando para a bacia abaixo, atravessando a garganta: primeiro o 21° de Punjabis, depois a Infantaria Ligeira das *Highlands*, depois os *West Kents*, e por fim o 16° de Infantaria de Bombaim; mas eles levaram mais de *duas horas* para percorrer esses *800 metros* de um estreito e rochoso desfiladeiro, que havia sido barricado pelo inimigo. Enquanto isso, a cerca de um quilômetro e meio à nossa esquerda, o 20° de Infantaria Nativa (afridis) tinha sido enviado para escalar as montanhas e fazer um ataque de flanco contra as posições inimigas. Eles partiram às nove; mas, apesar de serem

¹⁵⁷¹⁵⁷ Mosquetes.

¹⁵⁸ Diz-se da arma que é carregada pela boca do cano. Quando a arma é carregada pela culatra, diz-se que é de retrocarga.

bons montanheses, já passava das onze antes que eles chegassem à crista e estivessem prontos para sua ação.

Houve uma pequena pausa no fogo da Artilharia por volta das 11:30h, quando o General, do seu posto de observação, vendo que estava tudo pronto, deu sinal para começar o ataque. Como se ao pressionar m botão, fizemos o resto. Os West Kents subiram para fora da bacia na extremidade direita, para o assim chamado passo, no flanco esquerdo do inimigo. O 21º de Infantaria do Punjab e a Infantaria Ligeira das *Highlands* começaram a escalar a face central da posição, enquanto o 20º, na montanha, avançou contra o pico que era mantido pelo flanco direito da força inimiga.

O inimigo imediatamente respondeu à ocasião. Novos estandartes começaram a aparecer por toda parte, saindo de seus esconderijos por trás da crista, até que havia vinte e nove deles drapejando na brisa. Os homens amontoaram-se dentro dos *sangars* e começaram a disparar com seus mosquetes longos contra as tropas lá embaixo. Então, um ou dois deles saíram, escolheram grandes pedras e empurraram-nas para que viessem rolando pela íngreme face da montanha. Era fascinante observar uma dessas rochas rolando, cada vez mais rápido, arrancando lascas de outras pedras ao passar por elas em sua louca descida, então dando um salto por cima de um penhasco de uns 30 metros e aterrissando entre as pedras de um curso d'água, indo cada vez mais rápido até estar voando pelos ares, e mergulhando para fora de nossas vistas dentro de uma ravina, para reaparecer um segundo depois, abrindo caminho para baixo, batendo de um lado para o outro pelo *nullah*, até sumir de vista na densa vegetação da grota abaixo de nós.

Os soldados, alertados quanto a essa brincadeira de rolar pedras pela experiência em combates prévios, sempre procuravam ficar longe das ravinas, mas isso também atendia aos propósitos do inimigo, porque, mantendo-se nos trechos salientes, as tropas necessariamente expunham-se ao tiro de fuzil. Mas desta vez o inimigo não teve chances iguais com seus fuzis, uma vez que nossos canhões e nosso tiro de longo alcance da Infantaria dispararam com redobrado vigor. Agora o ataque

havia começado, e não deu ao inimigo nem um segundo de trégua. Eles não podiam aparecer com as cabeças por sobre um *sangar* sem receber tiros, e agora nossas tropas haviam obtido o alcance preciso.

Em certo ponto da luta, alguns inimigos em um dos *sangars* ficaram de pé e começaram a, descoberto, atirar e rolar pedras contra o 21º, sem voltarem a se abrigar. Algumas peças de montanha deram-lhes a devida atenção, e uma granada explodiu bem em cima do *sangar* e outra, um momento depois, bem em frente. Três homens saltaram para fora do *sangar* e correram, por entre a fumaça e a poeira, descendo pela face da montanha, em direção aos nossos homens. Então, dois deles pararam, correram ao longo da encosta e voltaram correndo rumo ao outro lado da crista; mas o terceiro homem continuou. Era uma visão esplêndida, com suas roupas largas roupas azuis esvoaçando atrás de si e uma grande espada faiscando em sua mão. Ele saltitava rapidamente de um ponto a outro, sempre descendo. De início pareceu que ele estava procurando uma pedra grande para fazer rolar, mas ele passou direto por ela. Chegando a uma espécie de precipício, ele parou por um momento para encontrar um caminho para continuar a descer; então, após cuidadosamente desescalar, ele retomou seu saltitante ritmo de corrida. Agora já havíamos entendido que sua intenção era descer e atacar os soldados britânicos com as próprias mãos. Nesse entretanto, borrifos de poeira brotavam perto dele: eram nossos homens a atirar nele, mas isso pareceu não o afetar em nada. De repente, ele parou e diminuiu a velocidade. Tinha sido atingido. Parou por um minuto, e então, rasgando um pedaço da roupa, ele fez uma atadura ao redor do joelho ferido. Então, apanhando novamente sua arma, lá vinha ele de novo, sacudindo ameaçadoramente sua espada e ansioso por chegar até nós. Era uma visão impressionante, a desse camarada ousado, encarando bravamente a morte certa por sua fé. Súbito, ele tombou para diante, fez uma cambalhota por cima duma rocha e parou, num montinho enrodilhado – morto!

Agora começou uma grande fuzilaria lá no pico, no flanco direito do inimigo. O 20º ali perto nos sinalizou que o inimigo ainda mantinha o

pico, e agora eles o estavam expulsando de lá. Infelizmente, não conseguíamos ver nada da luta, que acontecia além da crista; mas podíamos ouvir os vivas e os gritos, e o bater dos tambores que o 20° levava.

Então, rompeu um grande tiroteio no outro flanco da posição: os West Kents estavam chegando ao topo do passo, que estava barricado e em mãos do inimigo. Entretanto, os canhões não demoraram a limpar o caminho, com algumas granadas bem colocadas, fazendo-as cair uma atrás da outra no ponto exato.

Daí, reiniciaram-se as salvas de fuzis, altas e distintas nos picos elevados, e logo vimos nossos homens não apenas na crista, mas também no lado inimigo dela. Um ou dois dos estandartes na parte central do dispositivo começaram a se mover; desapareceram abaixo da linha do horizonte, e não voltaram a se levantar. Logo, outros se seguiram, e em pouco tempo nenhum mais estava à vista. O 20° à nossa esquerda e os West Kents à direita, que agora coroavam o passo, disparavam salvas para o vale atrás da posição. O inimigo havia partido. Por todo o local, davam-se vivas.

A Infantaria Ligeira das *Highlands* e o 21° ainda estavam se esforçando morro acima, mas chegaram à crista minutos antes das duas da tarde, e ainda lançaram mais algumas salvas.

Os canhões, como que em concerto, elevaram um bocadinho mais a boca dos canos e mandaram suas granadas por cima da crista, para explodirem bem no vale além, no meio do inimigo em fuga.

Descemos para a bacia, onde encontramos um ordenança com sanduíches e bebidas; o hospital de campanha ali relatou que até então não registrara baixas nossas. Então empreendemos a subida pelo caminho dos West Kents. Já estava lotado com carregadores transportando os cobertores e casacos para os regimentos que foram à frente, a fim de possibilitar aos homens bivacar para a noite. Mulas tentavam subir, mas descobriu-se que elas não tinham condições de passar. Os Sapadores, também, estavam trabalhando na trilha, então estávamos todos bem engarrafados. Escalando pedras, rastejando sob

arbustos, subindo, e bufando como uma orca, consegui até progredir bem, e em coisa de uma hora eu estava no topo do passo, com bem meio quilo a menos de tecido adiposo, mas com um grande sentimento de prazer ao observar bem dentro do território Buner.

O inimigo fugiu para fora de nossas vistas, levando consigo os mortos e feridos – manchas de sangue nas pedras indicavam que eles tinham alguns – e os West Kents já estavam uns 3 km dentro do vale, em perseguição, e ocupando uma grande aldeia, que eles descobriram cheia de suprimentos, ovelhas, etc.

Descendo pela vertente para voltar ao acampamento, achei-a bem íngreme. Segui em grande parte o caminho do ghazi que atacara encosta abaixo; era maravilhoso como ele tinha conseguido avançar tão depressa. No lugar em que ele tivera que ir devagar, tive que me manter agarrado até pelas pálpebras, e o colega que vinha após mim disse que o lanço era todo muito perigoso, e tirou suas botas para fazê-lo. Mesmo assim ele não obteve êxito até ser, assim o creio, passado a braço por quatro sipaios¹⁵⁹.

Fui para o lugar onde meu amigo, o ghazi, caíra e lá o encontrei, um sujeito de boa aparência dos seus trinta anos; ele tinha sido ferido primeiro na coxa direita, depois no rosto. Foi um verdadeiro herói. Eu até meio que o invejei, pois foi o homem mais corajoso que já vi. Dois sipaios do regimento que o alvejara desceram para dar-lhe uma olhada, e prestaram o que considerei um belo ato silente de respeito por um inimigo valoroso, ao estendê-lo deitado e colocar seu manto sobre ele. Parecia estranho para mim, enquanto tinha a impressionante visão do homem que deliberadamente cortejara a morte por sua fé, encontrando-a, ouvir “Tommy Atkins de Borough Road¹⁶⁰” dando vivas aos seus parceiros na colina ao lado.

¹⁵⁹ Soldado de infantaria nativo.

¹⁶⁰ “Tommy Atkins”, ou simplesmente “Tommy”: nome genérico pelo qual se refere ao soldado britânico.

Depois de um bocadinho de trabalho desescalando a encosta, afinal cheguei à bacia, que agora estava entupida com as mulas de transporte, todas forçadas a retornar do passo até que a estrada fosse feita. Entrei no fluxo de retorno e passei pela garganta da entrada. Apesar de estar no meio das mulas, não havia perigo de tomar coice, pois não havia espaço para elas escoicearem.

Saí novamente para ver os regimentos retornando ao campo ao som dos tambores e dos vivas, tão felizes quanto podiam estar. O 20º entrou com três estandartes e uma espada. Esta eles tomaram de um ghazi que os atacara e que eles capturaram. Eles não atiraram nele, mas deixaram-no chegar bem em cima deles, então vários homens pularam-lhe em cima e o desarmaram. Os sipaios estavam satisfeitos consigo mesmos, mas chateados com a Artilharia, que, segundo eles, atirara demais e afugentara o inimigo, sem dar à Infantaria chance de ir a ele com as baionetas. O inimigo deixou vinte mortos e sessenta feridos.

Tivemos apenas uma baixa, um homem da Infantaria Ligeira das *Highlands* que levou um tiro no peito, mais um homem e duas mulas que caíram no precipício e morreram. Um oficial foi atingido em seu binóculo e um sipaio foi nocauteado por uma pedra. Essa ausência de baixas deveu-se ao trabalho da Artilharia, que em momento algum permitiu ao inimigo ajustar seus tiros.

Nessa noite, tive por leito uma maca do hospital, em lugar do chão como na noite anterior, e procurei dormir bem depois de um dos mais excitantes dias que vivi por um longo tempo, e não me desapontei. Nem sequer me virei até a alvorada; então, me levantei e, depois de uma caneca de chocolate, estava a caminho de casa antes que os outros estivessem de pé. Chegaram notícias durante a noite de que a Cavalaria havia ultrapassado o próximo passo (Pirsan) sem problemas e estava profundamente dentro do território inimigo. Enviei meus cobertores na sacolejante charrete em que viera, e fui montado no cavalo do General até Katlunga, tendo um ordenança sower como escolta e para levar o cavalo de volta.

Esse foi o tipo de dia de campo que é um exercício frequente para as tropas naquelas regiões, e já vem sendo assim por bem uns cem anos. Desde Peshawar como centro, participei de muitas ações assim no Passo Sanghao, em Malakand, no Vale de Bara, etc. Na semana antes de eu chegar a Peshawar, os habitantes tinham sido perturbados por um bocado de tiroteios durante a noite, e a explicação matinal para isso era que um grupo de afridis havia cercado o Corpo da Guarda de um dos regimentos e tentado atacá-lo, de modo a obter alguns fuzis. Mas a sentinela estava alerta demais para o gosto deles: correu para dentro da sala da Guarda e bateu a porta no nariz dos incursores. A guarda prontamente abriu fogo contra os atacantes através das janelas, ao que eles replicaram por algum tempo, e então consideraram mais recomendável dar no pé para suas montanhas antes que tivessem sua retirada cortada.

Peshawar, sendo tão central para as incursões e rixas da fronteira, é muito pouco perturbada pela guerra. Uma tarde, eu estava assistindo a um torneio de tênis lá, com algumas senhoras, enfermeiras e crianças. O estrondo de canhões podia ser ouvido dos passos distantes, e passou por trás de nossa arquibancada uma procissão de *dhoolies*, macas e ambulâncias trazendo mortos e feridos do campo. Mas isso gerou muito pouca excitação, e a partida continuou sem interrupção, pois, para os presentes, aquilo era um incidente cotidiano.

CAPÍTULO XIII

O POVO DA SELVA E ALGUNS OUTROS

O pior pesadelo que posso imaginar é uma Índia sem animais, sejam eles domésticos ou selvagens. Existe um estereótipo muito popular de que o único interesse de um esportista em aves, animais e peixes seja como objetos de sua sanguinária habilidade para matá-los. Um caçador de animais grandes deve conhecer muito sobre os hábitos dos bichos que rastreia, e não demora a tornar-se muito interessado neles como tendo personalidades próprias. Já contei alguma coisa sobre a notável personalidade do porco selvagem – aliás, jamais perdoarei o Sr Rudyard Kipling por ter deixado de fora do *Livro da jângal* a merecida menção ao rei do território sobre o qual ele escreveu. Apesar de já ter dado muito espaço ao javali em meus escritos, mas não mais do que ele merece, pode ser interessante mostrar aqui outro aspecto de sua notável personalidade.

Certa ocasião, fui proprietário de um jovem javali, que, à falta de nome melhor, batizei *Algernon*. Ele vivia solto no meu setor do acantonamento e, apesar de estar cercado por homens e cavalos todas as horas do dia, ele nunca demonstrou qualquer disposição para tornar-se manso. É verdade que ele vinha para fora quando alguém punha comida para ele, e creio que ele era capaz de distinguir entre um homem branco e um negro, pois, quando eu lhe oferecia alimento, ele vinha bem desconfiado, dava uns bocados na comida e afastava-se correndo. Todavia, quando era meu criado nativo que punha a comida, a ferinha vinha direto para cima dele, dando golpes cortantes em suas pernas com as pequenas presas, e afastando-o entre muitas gargalhadas antes de sentir-se suficientemente seguro da situação para degustar sua refeição.

Era interessante ver esse pequeno futuro combatente treinando e desenvolvendo suas capacidades galopando dum lado para o outro em círculos, especialmente fazendo oitos passando por um velho toco de árvore, no qual ele costumava fazer cortes com as presas ao passar, primeiro à direita, depois à esquerda, de modo que ele era capaz de dar

um golpe cortante certo quando passando a toda a velocidade. Ele era também esplendidamente ativo ao saltar cercas nos lotes.

Tínhamos uma velha égua inglesa que passava parte do dia pastando no acantonamento. Era uma caçadora de javalis excepcionalmente boa, devido ao seu natural ódio pelo porco, que era tão grande que ela não precisava ser guiada nem esporeada quando em caçada; ela queria pegá-lo por seu próprio ânimo, tanto quanto pelo proveito do cavaleiro. Quando essa égua via *Algernon* brincando no terreno, ela ia a ele com toda a velocidade e raiva de que era capaz, e creio firmemente que *Algernon* curtia a diversão de tê-la em perseguição e fazer dribles. Ele fazia curvas, e voltas, e saltos, e passava por cercas impossíveis para confundi-la, e ela o perseguia, as orelhas para trás e mostrando os dentes, ansiosa por patea-lo e mordê-lo se apenas conseguisse alcançá-lo, o que ele cuidava de fazer que ela jamais conseguisse. Mas *Algernon*, apesar de sua astúcia e de seu jeito divertido de ser, teve um fim trágico. Vários cães do regimento se reuniram numa malta quando estavam num dia de exercício de campo e caçaram o pobre *Algernon*. Ele evidentemente combateu bravamente contra eles, mas ficou sangrando tanto e sofreu machucados tão severos, que tivemos de abreviar seu sofrimento. Isso foi feito, não com uma pistola ou porrete, mas sim, como um devido tributo à sua raça, com uma lança a atravessar-lhe o coração.

Serpentes são um dos grandes problemas da vida na Índia na estação chuvosa. O alagamento as expulsa de suas tocas, e elas costumam preferir uma casa sequinha antes que um jardim molhado. Frequentemente no verão, quando faz um calor de rachar, elas gostam de deslizar para o fresco e úmido banheiro, deitando-se ao longo da sua banheira. Se elas fossem inofensivas, não seria problema, mas na grande maioria dos casos são parceiros incomodamente venenosos. A cobra-capelo (*naja*) é bastante comum, e também a *krait*, um camaradinho fininho de hábitos bastante ativos. A *krait* tem o desagradável costume de deitar-se estendida perfeitamente alinhada com a borda de um tapete, então você não a percebe até o momento em que pisa nela ao ir para a

cama! Ela é muito esperta para escalar uma porta semiaberta espremendo-se entre a porta e o alizar, e lá ela se estende ao longo do topo da porta, e cai em cima de você quando você fecha a porta. Um dia, de manhã cedo, quando um mensageiro nativo foi abrir a sala do ordenança, deu com uma *krait* enroscada na maçaneta. Ele só descobriu quando empunhou a maçaneta e foi picado. Morreu em poucas horas.

Um dos nossos serventes do hospital, dormindo em seu catre do lado de fora por causa do calor, foi encontrado morto na manhã seguinte com um braço inchado e dois furinhos nele, mostrando onde a cobra, que aparentemente queria dividir a cama com ele, havia-o picado.

Houve um grande burburinho no meu setor certa noite, e um dos meus cavaliços foi trazido para dentro da casa para receber atendimento médico. Ele tinha posto a mão num buraco na parede onde guardava a escova do cavalo, e foi mordido por uma cobra que havia se aninhado ali: uma cobra imensa, a julgar pela dor da picada. Fazer um corte e sugar a picada foi tarefa de um instante para mim – exceto pelo fato de eu ter alguém para fazer a sucção em meu lugar. Então eu, com relutância trouxe minha preciosa garrafa de *brandy* e despejei um pouco por sua garganta, e fiz que ele andasse para um lado e para outro, com ordens para que lhe batessem e o mantivessem acordado a qualquer custo. Foi-lhe dado mais *brandy*, e o resultado foi que, ao invés de mostrar quaisquer sinais de estar morrendo, ele entrou no estágio da inspiração para cantar, depois tornou-se abusivo, e por fim queria lutar com quaisquer seis homens, brancos ou negros, que se dispusessem a encará-lo. Como ele agora parecia numa condição bastante promissora para a sobrevivência, deixamo-lo e saímos à caça da serpente para matá-la. Batemos e espiamos pelo buraco sem resultado, e por fim, após busca rigorosa, descobrimos ali um pequeno escorpião que tinha sido a causa de todo o barulho. A sob que o cavaliço levou não foi de todo com a intenção de salvar sua vida, mas de certo modo de obter um retorno pela garrafa de *brandy* perdida para mim e da perturbação e ansiedade que causou.

Na Índia, os meus melhores amigos eram os cavalos que tive e cavalguei. Se você quiser saber que grau de inteligência e esportividade um cavalo pode alcançar, tem de jogar polo ou caçar javalis. Quem nunca perseguiu um javali pode tender a considerar o cavalo como mero peão no jogo, participando apenas em virtude da condução pelo ginete; mas, como penso ter demonstrado num capítulo anterior, o cavalo é capaz de deliciar-se plenamente com o esporte.

Os cavalos têm suas idiossincrasias, tal como os praças e os subalternos, e quanto mais você se torna parceiro do seu cavalo, mas você aprende sobre seu caráter. Meu segundo cavalo de combate, *Clown*, era muito animado, mas ele tinha um ponto fraco pelos montes de pelos em seus calcanhares, que o faziam parecer-se a um cavalo de tração, e ele se opunha fortemente a qualquer tentativa de cortar ou arrancar tais pelos. Certa manhã, dei ordem a três cavaleiros para que fossem a ele e fizessem isso, de modo a torná-lo apresentável. Enquanto eu tomava o desjejum no *Mess*, um cavaleiro veio correndo dizer que *Clown* estava morrendo. Saí para vê-lo e encontrei-o deitado, desacordado em sua baia. Ele tentou tudo que pôde para impedir os homens de aparar-lhe o pelo e por fim tentou, aparentemente, saltar fora de sua própria pele, e ao fazer isso bateu violentamente com a cabeça na parede, o que o atordoou. Um dos cavaleiros, em vez de ficar alarmado, resolveu tirar proveito da situação: “Vamos lá, turma, vamos cortar-lhe o pelo enquanto ele está abobado”, e assim o fizeram. Ele recuperou a consciência uns quinze minutos depois, e foi conduzido cambaleando como se estivesse bêbado. Por algumas semanas tivemos de aplicar água fria em sua cabeça, até que se recuperasse completamente; mas ele havia fraturado o crânio, e podíamos sentir a parte quebrada em sua testa.

Pouco tempo depois, *Clown* se desgraçou ao matar um dos cavaleiros de Christie com um coice no baço. Fui ao bangalô de Christie para vê-lo e ele disse: “Venha dar uma volta comigo, e meu cavaleiro levará *Clown* de volta ao seu bangalô”. Nessa ocasião eu estava em pé atrás do cavalo, meus braços apoiados em sua garupa, olhando pelo seu dorso, sem ninguém a segurá-lo, pois ele era o animal mais quieto que se

podia imaginar, e nunca tentara escoicear com a sela. Saímos para dar uma volta, e quando voltamos, ouvimos que o cavaliço havia sido escoiceado por *Clown* e estava muito mal. Mais tarde, morreu. Todos concordamos que o cavaliço devia ter feito algo extraordinário para assustar o cavalo a esse ponto.

Uma vez, tive um cavalo que tinha sido treinado por um nativo. Era um excelente caçador de porcos, mas odiava que lhe pusessem o bridão, e lutava como um selvagem quando alguém tentava colocar. Descobrimos que o único jeito era derrubá-lo antes de fazer esse trabalho, e então sentar sobre sua cabeça, abrir-lhe a boca e forçar a embocadura por entre seus relutantes dentes. Depois disso, e uma vez que você o montasse, era uma montaria encantadora e um excelente caçador de javalis. Mas ele tinha um perverso toque de vilania selvagem; apesar de, ao longo do tempo, eu ter caído de muitos de meus cavalos ou com eles, esse era esperto demais para ele mesmo cair, e esse temperamento desagradável me impressionou de tal modo que, de minha parte, nunca ousei cair dele por medo que ele me comesse. Quando perseguindo um javali, ele parecia ansioso por dar vazão a toda sua ira sobre ele, e seguia cada curva e volta, tensionando cada nervo para alcançar e matar essa presa.

Certa ocasião, comprei uma égua com base na descrição do anúncio. Ela chegou de trem, com um bilhete do seu dono anterior dizendo que seu único problema era ser difícil de montar, por ser muito nervosa. Como ela vinha de dois dias de viagem, encaixotada durante a maior parte do tempo, eu já tinha a expectativa de que a dificuldade de montá-la não teria diminuído de forma alguma. Mas fiquei um bocado surpreso em descobrir que, apesar de se enrijecer e ter olhado para mim apreensiva pelo canto do olho, ela até aceitou ser montada bem calmamente e sem se mover. Instalando-me confortavelmente na sela, pensei: “Parece que seu último dono não tinha aquele algo indefinível que liga um amante de cavalos à sua montaria, aquela simpatia mútua que faz sentir – bem, acho que podemos prosseguir agora”. A égua continuava em pé, firme como uma rocha, então eu lhe dei apenas um leve toque com os calcanhares, sinalizando-lhe para se mover. Ela pôs-se em

movimento conforme esperado, e eu também: esse vínculo indefinível parecia ter-se liberado. O que se seguiu não é fácil de explicar, pois foi tão repentino!

De qualquer maneira, no instante seguinte eu me encontrei no chão, e em pé perto de sua cabeça; e então ela enlouqueceu. Não satisfeita em me desmontar, ela queria completar a tarefa e ver-se livre da sela. Que momentos vivi! Não entrarei em detalhes, mas tivemos dez minutos de pura diversão enquanto ela dava vazão a um pouco de sua histeria, na mais plena e profunda prática do corcoveio. Quando terminou, nós a exercitamos até ela se cansar e ansiar pelo repouso. Depois ensaiei montá-la, e depois de ter lutado um bocadinho, consegui instalar-me na sela e ela se moveu dócil como uma ovelha. Dia após dia tivemos a mesma peleja para montar: dois homens a continham, nós lhe vendávamos os olhos e a alimentávamos com cenouras por um tempo, mas montar era sempre uma performance vulcânica. Mas ela nunca mais repetiu a parada rígida e os violentos corcoveios do primeiro dia, e a partir do momento em que eu estivesse em suas costas ela era um excelente animal de combate, com personalidade, mas sensível, inteligente e dócil.

Uma vez, quando eu tinha saído a cavalgar na planície, tive de desmontar para apanhar alguma coisa, e veio-me à mente o pensamento: “E agora? Como vou voltar a montá-la sem ajuda?” No entanto, fiz a tentativa, e ela ficou até firme e quieta, e por fim descobri que toda a causa do problema inicial em montar era que ela detestava ter a cabeça contida por outras pessoas. É fato que ela não era lá tão gentil quando algum estranho queria montá-la, mas não fazia objeção ao seu tratador, ao cavaleiro ou a mim. Portanto, não era muito diferente de Bucéfalo, como descrito por um antigo historiador.

Sobre o cavalo de Alexandre, Bucéfalo, conta-se que, estando sem quaisquer arreios, aceitaria qualquer homem sobre suas costas; mas depois de selado e arreado, não aceitava ninguém senão Alexandre, seu amo. Pois se algum outro se oferecesse para montá-lo, ele começava por assustá-lo com seus fortes relinchos e o esmagaria com os cascos se não fugisse.

Quando Alexandre estava fazendo a guerra na Índia e cavalgando esse cavalo numa certa batalha, praticou muitos atos de valor, e, por sua própria imprudência, caiu numa emboscada de seus inimigos, de onde não teria saído vivo se não fosse pelo vigor de seu cavalo, que, vendo seu amo malparado com tantos adversários e recebendo ele mesmo tantos dardos, com violência abriu caminho pelo meio dos inimigos, tendo perdido muito sangue através de muitas feridas, estando a ponto de morrer pelo sofrimento, nem assim interrompeu seu percurso até colocar seu amo em segurança, fora da luta, depondo-o no chão; feito isso, seu espírito se libertou e ele morreu, como que se reconfortando com esse serviço, de que por sua morte salvou a vida de tão nobre rei. Por isso, quando Alexandre conquistou a vitória, nesse lugar em que seu cavalo morreu fez erigir uma cidade, dando-lhe o nome de “Bucéfalon”.

Um canteiro de melões tem apenas uma utilidade, até onde sei, e é a de curar um cavalo nervoso de seu desassossego. Vi isso acontecer pela mão de Gopi Singh, ajudante-de-campo de sua Majestade, o Rajá de Dholepore. Ele estava cavalgando um cavalo nervoso, manhoso, que, considerando o calor da manhã, era, como o descreveria o soldado britânico médio, “um problema regular”. Por fim, sua paciência chegou ao fim, e ele disse baixinho: “Vou dar um susto neste bruto para se aquietar”. Apanhando-o pela cabeça, lançou-o contra uma cerca baixa que circundava um canteiro de melões; o cavalo escapou da cerca, mas afundou-se pesadamente entre os melões. Gopi pareceu aterrissar de pé, livre do cavalo, ainda empunhando as rédeas, e em poucos segundos pôs o cavalo de pé novamente, montado na sela e trazendo-o de volta por cima da cerca. Pelo resto da cavalgada o cavalo ficou manso como um caneiro.

Parece-me que a verdadeira chave para o trato com cavalos é um amplo conhecimento da psicologia da sua montaria. Assim como uma mulher, um cavalo está sujeito a mudanças de temperamento, e, a continuar com a analogia, é preciso persuadi-lo com sutileza e um conhecimento do que tem maiores chances de fazer bem e ao mesmo tempo, de causar o menor ou nenhum dano.

Na Índia, quando alguém tem um cavalo ou outra propriedade da qual queira se desfazer, põe um anúncio nos jornais, dando todos os detalhes, como natureza, qualidade e preço. Este sistema é largamente empregado na Índia, mais que na Inglaterra, e como o anúncio quase sempre traz o nome do anunciante, negociações justas e satisfatórias para os envolvidos costumam ser o resultado. Devido às grandes distâncias entre as estações, grande parte das compras e vendas acontece pelo correio. Assim uma variada, e frequentemente curiosa, correspondência vem para quem ofereceu seus pertences às atenções do público. Há não muito tempo, era raro que alguém anunciasse um cavalo para venda sem receber como resposta um comunicado de algum idiota inofensivo anglo-indiano, com o estranho hábito de lançar uma cadeia de perguntas sobre todo cavalo que via anunciado para venda, tais como: “Ele tem as patas traseiras brancas? Tem focinho branco? Ele anda para trás?”, e outras questões esquisitas desse tipo, que em algumas situações devem ter sujeitado esse camarada a muita gozação.

Tenho à minha frente uma troca de correspondência ocorrida entre certo cirurgião-mor desportista e uma senhora igualmente esportista. O médico havia anunciado um cavalo para venda como “um baio, de boa descendência, de certa idade, bom na travessia de campo e na caça ao javali, caçador veloz, acredita-se que bem sólido, preço 200 rupias”. A possível amazona imediatamente escreveu: “Favor definir a cor e sexo do cavalo que está anunciando, e diga-me, ele não tem vícios, truques ou manias quando arreado? Você diz que ele é de certa idade; qual idade, ao certo? Ele se movimenta livremente e de boa vontade? Tem pele limpa e boa saúde? Tem algum defeito no corpo? Há alguma possibilidade de redução no preço? Você é capaz de dar a sua palavra de que ele será bem adequado? E quem vai pagar o frete ferroviário?”.

Este tipo de inquérito poderia fazer muitos vendedores recuarem, mas o médico logo percebeu o tratamento adequado a dar, e respondeu da seguinte forma: “Senhora, em resposta À sua carta do último dia 9, que o meu baio, que fez vinte anos na última primavera, é quando arreado tão dócil quanto uma ovelha, mas pura energia quando selado. Tendo

sido vencido um ataque de *Acaris scabiei*, sua pele é tão sem manchas quanto a do cordeiro das narrações, e quanto à saúde, ele não sabe o que é dispepsia. Seu único defeito é ter a cauda torta. Quanto à sua descendência, ele é filho de *Will-o'-the-Wisp*¹⁶¹ e *Brian Boriuhe*. Para um cavalo com suas características, não posso pensar em aceitar alguma redução. Espero ter o prazer de enviá-lo à senhora, sou seu servidor, etc.”.

Quanto ao camelo¹⁶², pouco pode ser dito em seu favor. Ele não é dos bichos mais adoráveis que haja por aí. “Ele é um demônio, um avestruz e um órfão, tudo numa criatura só”. Ele tem, entretanto, uma qualidade suprema: a filosofia. É o mais impassível dos seres, aparentando ser totalmente indiferente ao que se passa ao seu redor, de tal modo que ele pode ruminar o capim e enrolar os beiços em desprezo dos homens. Recebia ferimentos com calma filosófica, meramente manifestando-se com um grunhido ou um gorgolejar aborrecido ao descobrir ter sido perfurado por uma bala, e esse é o único sinal que ele dá. É um animal extremamente útil na guerra.

Outro animal valioso para fins de tração de material em tempo de guerra é o boi. Ele tem as características de impassibilidade do camelo, só que ainda um pouco mais. Ele nem mesmo resmunga quando perfurado. O boi é inestimável para levar ao local de ação os canhões que os elefantes carregaram até o teatro de operações; pois o elefante, a despeito de seu tamanho, é inútil “quando os canhões começam a cantar”.

Da longa associação com o boi – e cheguei uma vez a dar uma palestra sobre o assunto –, estou convencido de que ele veio ao mundo para procurar por um lugar adequado onde deitar e morrer. Quando ele está puxando sua grande e antediluviana carreta de madeira, com suas grandes rodas rangentes, ele o faz de forma desinteressada, a uma milha

¹⁶¹ Versão britânica do Boitatá.

¹⁶² Ou o dromedário. Os britânicos usaram ambos. Apesar de o camelo predominar na Ásia, eles também por vezes levavam dromedários.

por hora, com o focinho perto do chão, sempre procurando pelo tal lugar. Quilômetro após quilômetro, dia após dia, às vezes por anos a fio, ele pacientemente cumpre essa missão, sem se abalar com o que acontece à sua volta, até que um dia ele encontra o local. Não há excitação, nem vivas, nem grandes movimentos: ele simplesmente deita-se, masca o capim e quietamente morre, inteiramente alheio a pontapés e torções da cauda. Ele está apenas cumprindo seu destino.

O Marajá de Patiala apresentou-nos a uma nova forma de esporte quando nos proporcionou uma exibição de caça ao gamo com guepardos. O guepardo é exatamente como um galgo com a pele e a cauda de um leopardo, e com cabeça de gato. Ele é transportado num carro de boi, com os olhos vendados por um capuz de couro. Quando se avista um gamo, a carreta é conduzida lentamente ao redor dele, numa espiral que vai se fechando. O gamo não desconfia da carreta, e pode deixá-la chegar a uns 50 metros. Então, tira-se o capuz do guepardo, o tratador gira sua cabeça em direção ao gamo e ele é solto. Ele imediatamente desliza para fora do carro e anda em direção ao gamo com um passo rápido e flexível, e, chegando a uns 30 ou 40 metros da presa, lança-se à corrida a uma velocidade incrível, perseguindo o gamo, que não é nada lerdo, em grandes e sinuosos saltos, até conseguir saltar sobre suas costas e, mordendo-lhe o pescoço, matá-lo.

Na primeira corrida, nosso guepardo, correndo “com tudo que tinha”, tropeçou e deu uma cambalhota ao dar com um murundum, e isso do deixou tão abalado que pelo resto da noite ele correu mal. Numa corrida o guepardo alcançou o gamo e, saltando em suas costas, derrubou-o; mas perdeu a “pega” e escorregou, e o gamo levantou-se e ganhou distância antes que pudesse ser alcançado. Quando o guepardo descobre que o gamo levou a melhor, ele interrompe a corrida da forma mais desanimada, e não faz nenhum novo esforço para pegá-lo. O tratador então vem atrás dele, oferece-lhe uma cuia de sangue ou um pedaço de queijo, e assim o recaptura.

Um dos pequenos prazeres da vida em acantonamentos na Índia é o esporte da caça ao antílope negro; proporciona salutar exercício com

um objetivo, e boa carne e belos chifres como recompensa por um trabalho bem feito. Para muitos, parece haver uma mesmice nesse esporte que leva a um fastio depois de algum tempo; mas eu, particularmente, nunca deixei de apreciar a prática de tocaiar no campo. Uma vez, em Muttra, pretendi caçar um antílope negro dentro de um quarto de hora a partir do momento em que saísse de casa. Parecia ser impossível se eu seguisse os caminhos usuais dos arredores, mas, ao invés de fazer isso, desci até o leito do rio atravessando até algumas ravinas na barranca oposta. Ali, uns dez minutos desde a minha partida, apareceu um belo antílope. Era na estação chuvosa, quando o capim está comprido e bem verde, e eu havia tingido minha roupa cáqui num belo verde-oliva para combinar com o ambiente. Eu me esgueirava cautelosamente em direção à minha presa, quando ouvi uma espécie de ronco atrás de mim. Dando uma espiada por cima do ombro, descobri que estava sendo seguido por um *chinkara*, ou veado-das-ravinas. Sua curiosidade tinha sido despertada ao ver o que ele pensava ser um grande tufo de capim a mover-se. Fazendo uma rápida meia-volta, fiz um apressado disparo instintivo, que, por sorte, atingiu-o no coração. Tinha uma cabeça esplêndida, que, quando foi medida, mostrou-se quase um recorde para a Índia. Foi um tremendo golpe de sorte tê-lo tão próximo da casa e sem ter precisado eu mesmo tocajá-lo.

Dos antílopes que cacei, nenhum me deu maior satisfação que aquele que peguei quando em marcha com meu regimento. Lá adiante na planície em que estava nossa estrada, podíamos ver um belo antílope que se mantinha adiante de nós enquanto avançávamos, evidentemente bem vivo e bem surpreso com nossa presença ali. Cavalguei em sua direção, com alguma esperança de atirar nele com minha pistola, mas ele não queria me deixar chegar perto de jeito nenhum, e havia pouca ou nenhuma cobertura para minha aproximação. Entretanto, num certo ponto da planície havia um par de pilares de tijolos sustentando uma roldana acima de um poço, e consegui dar jeito de fazer essa estrutura ficar entre mim e o antílope, encobrando-me de sua visão. Galopei tão rápido quanto pude até o poço e desmontei. Olhando cautelosamente à

minha volta, vi o antílope de pé a uns 80 metros de mim, de frente para mim e olhando suspeito para a cobertura atrás da qual eu estava escondido. Fiz pontaria e abri fogo, e o antílope virou-se e saltou para fugir, galopando uns poucos metros e então saltando por cima de um muro baixo de adobe. Virei-me de imediato e montei meu cavalo para ir atrás dele, mas quando o procurei com os olhos após montar, não vi o menor sinal dele no campo, e, dirigindo-me para o muro, descobri-o caído, morto, logo ali do outro lado. O tiro havia entrado pelo ombro, e o projétil se espatifou, alcançando o coração.

Uma vez obtive um tiro de sorte e atingi um grande antílope negro, quando cavalgando de volta para casa após escurecer. Era lua cheia, e o bicho atravessou correndo a estrada à minha frente e parou, olhando enquanto eu passava. Fiz pontaria tão bem quanto a claridade me permitia, sendo difícil alinhar a alça e massa de mira, e por sorte meu disparo matou-o. Minha sorte também não me faltou quando, noutra ocasião, eu estava perseguindo uma pequena manada de gamos, e de cima do cavalo atirei em um bem no momento em que um gamo menor passou entre nós. O gamo menor se enovelou, morto, atingido através do pescoço, e eu olhava, lamentoso, para o gamo maior que galopava para longe, quando de repente ele também caiu embolado. Minha bala havia atravessado o pescoço do primeiro gamo e atingido o que estava atrás; desse modo, peguei dois com um só tiro¹⁶³.

Frequentemente os bichos da selva mostram algo que, se não é capacidade de raciocínio, certamente chega bem perto. Lembro-me bem de uma pantera cuja estratégia quase lhe salvou a pele. Durante uma caçada ao tigre, uma pantera foi vista junto à linha da batida, mas bem no final ela fez meia-volta entre os elefantes. A linha fez meia-volta, e nós, atiradores dianteiros, fomos adiante para esperá-la na extremidade oposta da cobertura. Eu me posicionei numa barranca alta do rio. Com a aproximação da linha, a pantera foi assinalada logo à frente dela e vindo em nossa direção. Por fim, eu a vi, ou ao menos o lugar onde ela estava,

¹⁶³ Nota do tradutor: parece lorota de pescador.

com o capim movendo-se e apenas um ligeiro perfil de suas costas, enquanto ela trotava entre mim e a próxima arma.

Fazendo nossos elefantes avançarem a toda a velocidade, entramos pelo mato e logo nos posicionamos cercado o terreno aberto no lado da terra. A linha dos elefantes da batida entrou em forma no outro lado, e logo o Sr Pintado foi visto movendo-se à frente deles e em nossa direção. Não dava para distinguir suas pintas; ele se parecia muito mais com um grande gato amarelado, quase como uma leoa. Por algum tempo eu não podia atirar, pois o bicho estava posicionado em linha direta entre mim e os elefantes. Quando ele se moveu para o flanco deles, abri fogo, e quase ao mesmo tempo Gore, que estava mais perto dele, também disparou, e ele caiu embolado.

Todos os elefantes puseram-se em volta e pudemos admirar sua bela pele pintada enquanto ele dava uns estrebuchos finais. Para assegurar-se de que ele estava morto, meu *mahout* jogou seu *ankus* em cima do bicho um par de vezes, recuperando-o ao puxar pela correia, e ele não se moveu. Como ele ainda dava os engasgos, abrimos um dos lados do círculo de elefantes para que alguém lhe desse um tiro final como *coup de grâce*. Alguém, que não era eu, atirou e errou; pelo menos o tiro varou-lhe a orelha. A pantera, então, percebendo que seu truque não funcionou como esperava, levantou-se e pôs-se a trotar para longe. Outro tiro disparado contra ele irritou-a, e ela virou-se e avançou contra nós. Mais um tiro a fez dar uma cambalhota, mas continuou vindo; então, dois tiros simultâneos a derrubaram, morta. Se ela não tivesse resolvido voltar-se contra nós, seu truque com toda probabilidade lhe teria salvado a vida.

Uma vez, quando caçando e espetando o porco perto de Meerut, um nativo deu-nos informação de que havia uma pantera numa certa área de macega que ele nos indicou. Deixem-me dizer aqui qual a diferença entre uma pantera e um leopardo. Esse é um frequente tema de discussão entre pessoas que se deleitam com história natural. Minha versão, e ela é bem satisfatória para o uso cotidiano, especialmente porque ela leva a manter o foco no ponto em que começa a discussão, é

o seguinte: o gênero dos dois animais é o mesmo, mas a pantera, que vive à farta nas planícies, torna-se grande e gorda, enquanto o leopardo, levando uma vida dura nas montanhas e penedos, permanece magro e ativo. A técnica mnemônica para isso é que a pantera, sendo grande e gorda, resfolega; enquanto o leopardo salta de pedra em pedra.

Isto foi uma digressão. Voltemos à minha história. Conduzimos nossos elefantes rumo à macega onde foi dito que a pantera estaria. Então, ao fazermos a varredura, meu elefante deu uma refugada brusca e parou, farejando com a tromba. Olhando para o capim lá embaixo, de repente notei um flanco peludo e pintado ao longo de um tufo de capim; parecia-se com a pata dianteira da pantera, e mexia-se como se estivesse para iniciar a corrida, então fiz pontaria rapidamente e disparei meu fuzil para dentro do capim imediatamente atrás, de modo a atingir o corpo do bicho. Sem resultado. A coisa continuava a contorcer-se e quando finalmente se moveu, vi que era um filhote de pantera bem novinho, capaz apenas de rastejar. Então, desmontei de meu elefante e o apanhei, levando-o para casa comigo.

O filhote cresceu e se desenvolveu e tornou-se como um gato, favorito entre todos, especialmente com meu filhote de fox-terrier. Esses dois passavam a maior parte do tempo brincando, rolando um sobre o outro, com intervalos nos quais deitavam-se profundamente adormecidos para se recuperarem. Com o tempo, o gatinho foi crescendo e ficando bem avantajado, com grandes patas espalhadas e fortes mandíbulas, e com o dobro do tamanho do cachorro. Então suas brincadeiras começaram a resultar frequentemente em ganidos por parte do cachorro. As mordeduras do filhote começaram a ficar muito dolorosas para ele, assim como para mim, e minhas mãos logo ficavam perfuradas e arranhadas por esses carinhos.

Então ele chegou à fase de ser caçado pela própria cauda. Ele corria pelo jardim a toda a velocidade, e para dentro da casa, e para cima da mesa da minha sala de estar, ventando, varrendo tudo em seu caminho, e então com um salto por cima do sofá ele aterrissava em cima do tapete, a repuxá-lo com as garras, e então para fora da janela como um

relâmpago amarelo, para a varanda e a minha mesa do desjejum, onde a louça quebrada o afugentava num pânico fingido de volta para o jardim. Eu nunca conseguia ficar bravo com ele, fazia-me rir tanto! Em momento algum ele estava de moral baixo. Ele costumava sair a passeio comigo e os cachorros; mas à medida que ia ganhando idade, em lugar de ficar mais obediente, como os cães, ele se tornava cada vez mais selvagem e rebelde.

Uma vez, num desses passeios, encontrei-me com algumas senhoras que conhecia. Fiquei conversando com elas, tendo a pantera e os cães a meus pés. Então a brisa alcançou o laço de fita que enfeitava o colete de uma delas, o que logo atraiu o interesse do Sr Pintado. Ele enfitou as orelhas, pondo a cabeça de lado enquanto contemplava fascinado o laço balouçante. “O que é isso?”, pensou ele. “Está vivo? Não. Sim, deve estar. Acredito que essa coisa está gozando da minha cara”. Pit-chumm!, e ele de repente deu um salto, com unhas e tudo, para cima da fita. A dama, com um grito de susto, afastou a saia do caminho. Isso foi demais: ele pôs-se ao trabalho para unhar a coisa toda, com ânimo, e não sei onde ele teria parado se eu não o puxasse à viva força pela coleira. Mas, apesar desses pequenos surtos, ele encantava a todos nós. Pouco depois, eu tive de partir da Índia, e ofereci minha adorável pantera a qualquer um que quisesse ficar com ela, dando 24 horas de teste para quem se candidatasse a adotá-la. Muitos tentaram, mas ninguém quis ficar com ela permanentemente, então acabei por vendê-la para Jamrach¹⁶⁴.

¹⁶⁴ Charles Jamrach (1815-1891), famoso comerciante de animais exóticos em Londres.

CAPÍTULO XIV

“O ELEFANTE É UM CAVALHEIRO”

De todos os animais da Índia, nenhum supera o elefante em personalidade, e, portanto, ele merece um capítulo só para si.

Nunca consegui atirar num elefante. Estive entre eles na selva, e tive de lidar com elefantes domesticados. Gosto de vê-los, gosto de usá-los, mas meu respeito por eles é grande demais para eu me permitir atirar em algum deles. Parece-me uma impertinência pôr fim a uma velha e sábia criatura de cento e cinquenta anos de idade e de tão maciças proporções. Ele é um elo com tempos pré-históricos, e eu tenho tanta disposição de atirar num elefante quanto de explodir a Torre de Londres. Fiquei muito feliz em ter apoio nessa ideia por parte daquele esplêndido jovem caçador e explorador, o falecido Boyd Alexander. Ele também confessou detestar atirar num elefante, e quando ele realmente fez isso, seu remorso por trazer a morte a algo tão grandioso levou-o a nunca mais querer repetir tal experiência.

Há algo inexplicavelmente humano na mente e nas ações de um elefante, e ninguém reconhece isso mais completamente que os *mahouts*, os homens que cuidam deles, cuja influência sobre esses grandes animais é notável. Se alguém tiver dúvidas sobre isso, basta ir a Burma¹⁶⁵ e ver os elefantes empilhando teca, para ter a impressão de que eles têm uma mente matemática e uma noção de arrumar as toras com absoluta simetria e de aplicar sua força da melhor forma para equilibrar e alavancar os pesados troncos.

A aliá que usei no Nepal tinha um nome que se assemelhava a “*Dandelion*¹⁶⁶”, assim, sempre a chamei por esse nome. Era um animal muito bom de se montar, e parecia sentir prazer em levantar você em sua tromba para colocá-lo em suas costas, e então levá-lo com o maior cuidado, ainda que com rapidez e facilidade, através da selva. Ela estava

¹⁶⁵ Atual Myanmar.

¹⁶⁶ Dente-de-leão (flor), em inglês.

sempre dançando uma espécie de giga alternando de uma pata para outra. Quando não estava assoprando ou lançando poeira sobre os ombros, ela ficava afugentando as moscas com um ramo de árvore. Rápida e incansável, ela nunca ficava quieta; mas no momento em que a caça era levantada, ela “congelava”, e ficava firme como um rochedo.

Não importava qual fosse a natureza da caça, pavão ou chacal, perdiz ou tigre, tudo era igual para ela; e andando pela selva ela não temia nenhum deles. Um tigre ferido podia atacar, rugindo e unhando, e saltar em direção à sua cabeça, mas ela se aguentava firme como uma rocha. Ela só temia um animal, e era o javali. Bastava-lhe farejá-lo, ou ouvi-lo correndo pela vegetação baixa, que ela fazia meia-volta da maneira mais elegante e dava o fora na maior pressa, em busca de segurança.

O elefante é um nobre animal para transporte, já que é capaz de carregar pesos enormes e arrastar cargas que fariam rebentar muitos cavalos. Mas ele tem suas limitações quando em serviço. Ele come muito, e sua alimentação é cara. Quando ele tem uma assadura no dorso, é algo enorme para se lidar; e quando ele morre, dá um trabalhão para as devidas providências sanitárias. Um elefante morreu em Kandahar em 1881, e até hoje ainda não consegui apagá-lo da memória em minhas narinas. Ele era grande demais para ser removido, então tentaram cremá-lo, mas só conseguiram tostar algumas partes dele. O restante, tentaram sepultar construindo pirâmides de terra por cima dele, mas, com o passar dos dias, descobriu-se que a terra não era suficiente para esconder o que havia ali por debaixo. Quando o vento virou e deu na direção de Kandahar, chegou-se a levantar a questão de ser a cidade evacuada ou não. Por fim, alguns espíritos aventureiros foram enviados, com pedaços de algodão-pólvora nas pontas de varas, os quais eles introduziram em locais estrategicamente escolhidos da carcaça, e explodiram-na em pedacinhos. As diferentes parcelas foram, então, atreladas a camelos e arrastadas para lugares onde poderiam ser enterradas separadamente.

Muitas vezes pensei, quando na caça ao javali competindo pela Taça Kadir, como um elefante se assemelha a um navio, do ponto de vista de um espectador. O grande mar de capim alto, com distantes renques de árvores em cada margem do rio Jumna, poderia muito bem ser o Tâmisia em Nore, com uma fresca brisa a atravessá-lo. Então vem um elefante atravessando, apenas sua parte superior visível acima do capim, balançando e passando pelo meu cavalo tal qual um veleiro passando por um pescueiro. Quando você está montado no elefante, ele se parece ainda mais com um navio, pois ele balança ao avançar pelo capim, e de tempos em tempos lançando água pela tromba. mesmo quando parado, ele continua balançando e arfando como um navio fundeado recebendo a brisa. Quando você vai passar do seu elefante cargueiro para um com um *howdah*, eles são conduzidos lado a lado, e enquanto eles balançam juntos você transpõe de um para o outro, como quando passa de uma lancha para um navio maior. Quando o elefante anda na selva, se você ficar em pé no *howdah*, é como se estivesse em pé na ponte de comando de um navio. De início é difícil manter o equilíbrio, mas depois de pegar o “jogo de pernas”, você percebe a diferença quando pisa em terra firme novamente ao fim do dia. O chão parece arfar e jogar, e você anda como se tivesse bebido um bocado de vinho.

Os elefantes são muito espertos ao encarar terreno ruim. Eles empurram para abrir seu caminho através da selva aparentemente impenetrável. Em lugares onde árvores novas estão crescendo próximas entre si, ele apenas vai de testa contra elas ou as balança com a tromba e as lança arrebatando-se com um estampido semelhante a um tiro de pistola, de modo a abrirem sua própria trilha.

Quando chegam a um *nullah* profundo, eles delicadamente deslizam para dentro dele com as patas dianteiras, ajoelhando-se com as patas traseiras até se assegurarem do equilíbrio. Ao sair, inverte-se o processo, ajoelhando-se com as patas dianteiras e ajudando com a tromba; e com isso, frequentemente parece ao homem no *howdah* que o filme está passando de trás para a frente. Eles usam a tromba como se fosse uma quinta perna, especialmente se em terreno atolado. Quando

um elefante atola, lança-se um mourão para ele e ele caminha para fora por cima dele como se fosse na corda-bamba.

Uma vez em que estávamos caçando javalis, um dos nossos homens caiu com seu cavalo no capim denso e alto. Ao recuperar-se, ele não conseguia encontrar sua lança. Um elefante foi trazido, e foi-lhe mandado procurar pela arma e, depois de muito fungar e farejar com a tromba naquela mataria, ele por fim levantou o objeto e entregou-o ao seu *mahout*. Mas a ponta da lança havia quebrado e continuava sumida. Novamente ele foi mandado procurar, e por um longo tempo ele buscou sem resultado, mas, no fim das contas, para nossa surpresa, sua tromba se elevou segurando a ponta de lança desaparecida. Não sei como o *mahout* transmitiu ao animal a ideia do que queria que ele encontrasse, pois nem ele nem o elefante puderam ver o material; só podiam achá-lo por outros sentidos.

Espertos e astutos como são, os elefantes são ao mesmo tempo estranhamente tímidos. Lembro-me de uma vez, quando passando por uma estrada nas vizinhanças de Lucknow com meu pequeno fox-terrier, encontramos um rajá de alto nível, montado num enorme elefante coberto de tecidos coloridos e enfeites de ouro. Lá vinha ele, com grande majestade, os nativos com um tremendo ar de soberba olhando de cima para baixo para o homem branco. Mas eles não contavam com o cãozinho. Assim que *Jack* viu esse monstro gigantesco aproximando-se de mim, correu para ele latindo e rosnando. O elefante estacou e refugou violentamente, quase derrubando toda a parafernália que carregava; então, fazendo meia-volta com incrível rapidez, deu no pé a passo acelerado pela estrada afora, levantando poeira, sem dar a menor bola para os chutes, batidas e xingamentos de seu *mahout*.

Os elefantes não são totalmente respeitosos com pessoas, assim como nem sempre estão em seus dias de bom comportamento. Às vezes eles ficam *mast*, ou seja, meio loucos, por um dia ou dois, e nesses casos não há como contê-los. O pior é que frequentemente o surto vem sem aviso. A Duquesa de Connaught teve uma experiência desagradável desse tipo na Índia. Sua Alteza Real, com Lady Baker Russell, seguia montada

num elefante para assistir a uma caçada ao javali, e tudo estava correndo bastante bem, quando, do nada, sua montaria pôs na cabeça que já tivera o suficiente daquele tipo de diversão e ia procurar algo mais excitante por sua própria conta. Um elefante tem uma cabeça bem grande, e quando ele põe uma cisma lá dentro, precisa de muitas batidas para tirar essa cisma. O *mahout* tentou fazer isso com o *ankus* que usa para dirigir o animal. Mas desta vez não deu certo, e o elefante começou a desviar-se para outra direção. Em resposta ao grito de alarme do *mahout*, outro elefante foi rapidamente lançado em perseguição e, por sorte, alcançou o fujão antes que ele ganhasse velocidade, e assim as damas foram passadas com segurança de um transporte para o outro.

Não foi uma experiência das mais prazerosas, porque, apesar de um passeio num elefante fugitivo num campo aberto poder ser uma aventura excitante (se não alarmante), trazia todas as probabilidades de catástrofe num território cheio de florestas, onde ele poderia vir a correr entre as árvores, como era o caso ali. Por sorte, as damas saíram do episódio sem nada mais grave que alguns minutos de sobressalto. O elefante prosseguiu e ficou ausente sem autorização¹⁶⁷ por algumas horas, antes de ser recapturado e trazido de volta.

Um elefante jamais irá para terreno inseguro sem antes testá-lo muito cautelosamente. Assim, se você tentar passar com ele por uma pequena ponte, ele vai parar e testar muito cuidadosamente com a tromba para ver se ela lhe parece firme o suficiente para suportar seu peso, e ainda assim ele porá um pé à frente com muita cautela para testá-la antes de se permitir colocar todo seu peso sobre ela. Do mesmo modo, ao cruzar um rio, ele toma todos os cuidados para não ir parar num ponto de areia movediça.

Quando meu regimento estava em marcha nas proximidades de Délhi e estávamos vadeando um rio, aconteceu que um dos elefantes que levavam a bagagem sentiu-se afundar na lama. Tomado de pânico, ele

¹⁶⁷ AWOL, *Absent WithOut License*: situação na qual o militar está ausente do quartel sem estar devidamente autorizado para tal, o que, obviamente, constitui transgressão disciplinar.

agarrou o *coolie* mais próximo, que estava atravessando junto a ele, e com a tromba enfiou-o debaixo de seus pés. Rápido como um raio, ele pegou outro, e ainda mais outro, e colocou-os debaixo de si para se dar um piso mais seguro. Ele matou os *coolies* e salvou a si próprio. Mas, como costuma ser o caso quando um elefante se põe em desgraça, ele foi julgado por uma espécie de júri de *mahouts* e eles o condenaram a usar uma tornozeleira com correntes, bem pesada, em cada uma de suas patas dianteiras pelo resto de sua vida natural, uns cem anos ou coisa assim.

Uma vez eu vi um elefante ser açoitado. Estávamos descansando, no calor do meio-dia no acampamento, e este elefante estava em pé, preguiçosamente mascarando cana-de-açúcar enquanto seu *mahout* estava deitado no chão, ao seu lado, dormindo. Por algum motivo o elefante não gostava desse homem e, percebendo a oportunidade, subitamente bateu com seu grande pé para cima dele, com a intenção de esmagá-lo. Para sorte do homem, ele estava deitado alguns centímetros além do alcance da pata do elefante, então, em lugar de atingi-lo em cheio, apenas tirou um bife de uma coxa. Imediatamente levantou-se um escarcéu no campo, e o elefante foi preso e escoltado para fora entre dois outros elefantes, e amarrado a uma árvore a alguma distância dos demais. Então, os outros dezenove elefantes foram postos em forma numa longa fila, e cada um deles foi armado com uma curta seção de corrente, que ele segurava com a tromba; então eles se puseram em marcha, passando pelo criminoso, e cada um, ao passar, girava a tromba e dava no culpado um tremendo golpe com o pedaço de corrente. Alguns deles pareciam fazer isso com um jeito peculiar de vicioso prazer, o que o fazia contorcer-se.

Os elefantes são usados para tracionar os pesados canhões da artilharia de sítio nos deslocamentos por estrada, mas, como eu comentei anteriormente, eles não são confiáveis em ação, já que, devido à sua timidez, têm uma forte inclinação a fazer meia-volta e fugir com os canhões bem na hora em que se quer que eles avancem.

Um combate entre elefantes tem algo de estupendo. Não é algo que qualquer ser humano tenha o privilégio de ver na selva, mas é uma forma de entretenimento usualmente oferecida por rajás para divertir seus

convidados nas grandes ocasiões. Imagine uma profunda arena entre as muralhas exteriores de um palácio nativo. O topo das muralhas em toda a volta está coroado por uma multidão de observadores em suas melhores roupas, que cintilam ao sol em brilhante contraste com as sombras da muralha e a arena vazia abaixo. Esta última é simplesmente um pátio com piso de terra, com um pequeno monte numa das extremidades. O monte é uma espécie de pedestal, somente com amplitude suficiente para um elefante posicionar-se sobre ele. É o “santuário”. Os animais parecem entender que quando um deles busca refúgio ali, ele não deve mais ser atacado; ele entregou os pontos e se reconheceu como derrotado.

Muitos elefantes precisam receber doses de *arak* (aguardente de anis) pouco antes de serem trazidos para a arena, de modo a desenvolver suficiente espírito agressivo para a disputa. A dosagem tem de ser bem ajustada de acordo com o temperamento do sujeito, tal como ocorre com os humanos. Conheci um jogador nº1 no polo, que jogava com ousadia se tivesse tomado um cálice e meio de vinho do Porto; um cálice era pouco para animá-lo, dois cálices faziam-no ficar sonolento. Assim acontece com o elefante – substituindo a palavra “cálice” por “garrafa”.

Então, os grandes portões se abrem e um monstro cinzento sujo entra, balouçante, abanando as orelhas e movimentando-se de maneira indecisa ou descompromissada através da arena, parando aqui e ali para olhar em volta, com um ar irritado, para ver se não há como sair desse lugar. Nesse entretempo, um segundo combatente entrou sacudindo-se na arena, procurando encrenca e sentindo-se insultado pela presença do outro. Balançando as caudas e meneando suas cabeçorras pesadas, ambos carregam um contra o outro, numa corrida desajeitada até que colidem no meio do ringue, testa contra testa, com um grande ruído surdo.

Por um minuto ou dois eles empurram, puxam e sacodem, cada qual tentando lançar o outro em recuo, as trombas tateando o tempo todo tentando agarrar o pescoço ou a pata dianteira do oponente. Então eles recuam um passo e se lançam novamente um contra o outro, num choque pesado e seco em meio a uma nuvem de poeira que agora os

envolve. Ambos têm grandes presas, que foram cortadas num comprimento de uns 60 cm e tamponadas com um trabalho ornamental em metal, para prevenir que se perfurem mutuamente. Entretanto, no impacto da colisão, uma grande lasca de marfim de destaca de uma das presas, e em pouco tempo fica evidente que o elefante que sofreu essa perda percebeu a vantagem que isso lhe trouxe, pois ele agora contava com uma ponta aguda para sua presa, e começou a fazer todo o esforço possível para tirar partido disso e, batendo com sua tromba para impedir qualquer tentativa de agarramento por parte do outro, dirigiu todas as suas energias para espetá-lo no olho com sua nova arma ofensiva.

Seu adversário rapidamente avalia a ameaça e encolhe a cabeça e a gira, e faz tudo que pode para agarrar o agressor, para salvar-se. Em poucos minutos, pequenas faixas escuras cintilam úmidas ao sol ao escorrer por sua face; sua cabeça apresenta um corte e sangra devido ao ataque; mas então ele consegue uma pegada firme com a tromba no pescoço do oponente, e, fazendo força para ajoelhar-se, pela força de seu peso arrasta o outro para baixo. A luta então torna-se uma disputa de agarramento entre os dois monstros, apertadamente travados na tromba um do outro, sobre os joelhos dianteiros, empurrando e balançando com seus poderosíssimos quartos traseiros, cada qual esforçando-se por desequilibrar o outro. O balanço, os puxões e os empurrões continuam interminavelmente. Dá para imaginar quantas toneladas de energia estão sendo usadas entre eles.

Por dez minutos a tensão entre os dois titãs continua, ora sobre os pés, ora sobre os joelhos, até que, pouco a pouco, o esforço vai se espaçando. Eles se separam por um minuto, com as cabeças abaixadas. O de presa aguda lança-se à frente novamente, e o de presas bôtas, virando a cabeça para evitar novo corte, e acaba recebendo a carga de lado, o que o faz girar parcialmente. Seu atacante é rápido em perceber isso, e mantém a pressão contra suas costelas numa tentativa final de derrubá-lo. O outro cede terreno, cambaleando, mas consegue evitar cair; mas sente que já teve o suficiente, pois o espírito, em ambos os sentidos da palavra, está esmorecendo. Ele se apressa em direção ao santuário e

o escala, fatigadamente, enquanto o outro, em pé, fica apatetadamente a assistir.

A luta terminou, os portões são abertos e entra uma multidão de homens armados com tochas flamejantes na ponta de varas e longas lanças, para conduzir os dois elefantes contra o muro da arena. Do topo da parede, os dois *mahouts* descem suavemente para as costas de seus respectivos animais. No momento em que eles se encaixam nos pescoços de seus elefantes, toda chance de problema se dissipa, suas montarias são novamente dóceis à razão e debandam obedientemente para seus estábulos.

É difícil dizer o que o elefante pensa de tudo isso. Sua face e seu olhar dão muito pouca indicação do que se passa dentro daquele grande cérebro, mas não se pode evitar sentir que, afinal, foi-lhe imposta uma indignidade, e que o espetáculo todo, apesar de interessante de assistir, é cruel. Especialmente se imaginarmos as dores de cabeça que os lutadores devem ter no dia seguinte!

CAPÍTULO XV

A HOSPITALIDADE E AS TRADIÇÕES DOS NATIVOS

Um assunto interessante para mim na Índia era o estudo dos próprios nativos, e a sua variedade não tem limites. Para começar, há os nobres nativos e os rajás, e alguns deles eram camaradas encantadores. Há também um grande número de Estados na Índia governados por seus próprios rajás ou príncipes nativos, sob suserania britânica; e na maior parte deles um método atualizado de administração vem sendo adotado, com todos os aperfeiçoamentos modernos para educação, sanitarismo, indústrias, artes e ciências, em lugar da antiga tirania e extorsão que geralmente prevalecia. No todo, os nativos nesses Estados parecem ter melhor comportamento do que aqueles que estão mais diretamente sob nosso governo. Há muitas pessoas que gostariam de ver toda a Índia governada por príncipes nativos dessa mesma forma, pois acredita-se que desta forma não haveria causa para descontentamento ou agitação.

Bhurtpore, que não é distante de Muttra, onde estávamos aquartelados, era um desses Estados governados por nativos, e o rajá, com hospitalidade típica, deu aos oficiais do regimento um convite permanente para ir a Deeg ou Bhurtpore sempre que estivessem a fim de espetar o porco¹⁶⁸, colocando casa, criados e comida à sua disposição nessas ocasiões. Em certa ocasião, o Duque e a Duquesa de Connaught fizeram uma visita a Deeg, e foram entretidos pelo rajá com aquilo que um nativo considera a mais elevada forma de esporte, que é a luta entre diferentes espécies de animais, começando com narcejas, prosseguindo para perdizes, galos, carneiros, antílopes negros, búfalos, cavalos e elefantes. O rajá tinha também sua própria brigada de Cavalaria, uma unidade forte, que ele mesmo treinava e comandava, gastando boa parte dos seus dias com os serviços de cavalaria e administração regimental.

Aquela vizinhança era das melhores para a caça ao javali, porque era terreno difícil, bem selvagem e cheio de porcos, e porcos de uma

¹⁶⁸ Caçar javali com lança.

espécie particularmente combativa, de modo que nunca tínhamos um dia sem pegar nada, e nenhum dia sem considerável excitação. Havia também um grande lago em Bhurtpore com uma estrada em aterro atravessando-o. esse lago tinha muita caça de pena, e caçar por lá era extraordinariamente bom quando o rajá fazia que as duas extremidades do lago fossem batidas simultaneamente por elefantes vadeando entre os juncos e taboas: patos, marrecos e narcejas voando para lá e para cá, de uma ponta à outra sem irem a lugar nenhum. As espingardas à espera no aterro obtinham farto material. A chave para o sucesso no tiro ao pato lá era ter cobertas de linho para os canos das espingardas, para evitar o brilho do sol refletindo-se neles, o que assustava os patos, afugentando-os para longe da arma. Eles não se importam com o homem, mas se incomodam com o brilho. Lembro-me de um caçador que, tendo deixado de lado esta precaução, não conseguia entender por que nenhum pato chegava perto dele, enquanto continuavam a deslizar próximo a armas que não estavam distantes. As aves eram tão persistentes em evitá-lo, que ele desistiu dessa tarefa tão improfícua e simplesmente deitou-se de costas e atirou para o ar, simplesmente para ter alguma coisa para fazer. Em dado momento, quando ele estava fazendo isso, aconteceu de um magote de patos passar voando bem por cima dele, e três deles foram atingidos no pescoço¹⁶⁹. Ninguém estava mais surpreso que o próprio atirador, e a surpresa desse abate compensou-o largamente da primeira parte da caçada.

Outro príncipe com o qual ficamos foi o Marajá de Patiala, um importante Estado sikh cuja leal adesão ao Governo Britânico em 1857 foi fator da maior importância para tornar possível o cerco e a tomada de Délhi¹⁷⁰. O marajá vive num grande bangalô moderno, cercado por belos

¹⁶⁹ Geralmente, caçam-se aves usando espingardas, armas longas de alma lisa, que disparam cartuchos com vários grãos de chumbo, que têm um certo espalhamento; em lugar de alvejar um ponto específico, eles cobrem uma área, sendo, assim, menos difícil acertar num alvo em movimento (como uma ave em voo), e mesmo em mais de um alvo, estando eles próximos entre si.

¹⁷⁰ Baden-Powell refere-se ao Motim dos Sipaios (1857-58), no qual a batalha de Délhi foi uma importante vitória estratégica para os britânicos.

jardins de flores, plantados de forma muito parecida com a dos europeus. Tinham também um toque nativo, já que alguns dos canteiros tinham mosaicos feitos de pedaços quebrados de vidro preto e branco, ou os restos de garrafas de uísque e de água mineral. Em suas terras, ele tinha um clube com salão de jantar, salão de bilhar, banhos, sala de fumar e quartos, inteiramente projetado para entretenimento de hóspedes europeus. Havia extensos estábulos e canis, um haras moderno, e um campo de críquete com arquibancada. Todo o lugar, jardins e prédios, é iluminado com luz elétrica. A direção é de um secretário inglês e um treinador profissional de críquete.

O marajá e seus oficiais são todos gente boa, bem-humorados, sikhs cavalheirescos, e receberam-nos com hospitalidade amigável. Muitos falavam bem o inglês, e geralmente vestiam roupas de montaria inglesas, exceto pela cobertura: todos eles usavam o característico turbante sikh de linho torcido, em delicados tons de rosa ou lilás. Estes oficiais, apesar de não fazerem as refeições conosco, juntavam-se a nós à mesa no fim da nossa refeição com muita camaradagem, mas comer ou beber conosco iria contra os preceitos de sua religião. À noite, eles vestiam uniforme militar, muito parecido com o britânico, mas novamente usando turbantes. Um deles, um velho Coronel de Artilharia, era, por sua boa natureza e popularidade geral, alvo de muitos gracejos com os restantes. Ele apareceu depois do jantar em belos trajes nativos, em vez de uniformizado como os outros. Em consequência, todos pegaram no pé dele e procuraram olhar por baixo do seu belo traje para verificar se ele realmente não estava com o uniforme por baixo.

Para diversão, eles nos proporcionaram um excelente dia de caçada ao javali, emprestando-nos cavalos e lanças. Minha opinião sobre o cavalo que me deram é que foi o melhor que já montei para caçar javali, e o marajá depois presenteou-me com a lança que usei, com o acréscimo de uma faixa de prata registrando os resultados do dia. Ele próprio saiu conosco, mas não levou lança, porque disse que não seria justo ele participar, porque conhecia bem demais cada palmo do território, mas

levava na mão uma clava com ponta de ferro para proteger-se no caso de algum javali voltar-se contra ele.

O velho e gordo Coronel, a quem haviam apelidado Hathi, ou elefante, era tão bom caçador quanto qualquer outro, a despeito de sua idade e peso, e Preetab Singh, um dos generais do marajá, era também um esplêndido cavaleiro na caça ao porco. Ele escapou por pouco de uma queda feia numa das corridas, pois ao galopar através do capim alto num campo, ele de repente saiu em cima de um poço aberto, mas seu cavalinho foi rápido em percebê-lo e saltar por cima no impulso da corrida. Em um dia e meio de caçada que tivemos lá, pegamos vinte e um javalis, dos bons e grandes. Um particularmente bem-feito media quase um metro de altura por 1,90 m de comprimento, 1,50 m de circunferência, 35 cm de antebraço e pesando uns 160 kg.

Nessa noite, após o jantar, fomos convidados a ir ao palácio do rajá, e ele nos recebeu em sua câmara de audiências, um amplo salão vazio, com centenas de candelabros pendurados, cujo valor dizia-se ser algo como cem mil libras. Havia também grande quantidade de relógios, mas nenhum deles funcionando. As paredes estavam decoradas com pinturas a óleo alemãs com molduras douradas, e figuras tiradas de edições natalinas de jornais ilustrados. Em outra sala havia material, em grande parte ainda embalado, de uma loja de ferragens inglesa que havia sido comprado por um marajá anterior quando visitou a Inglaterra. Ele fez isso para impressionar o dono da loja com seu grau de nobreza e dignidade.

Na outra extremidade do salão, uma espécie de palco baixo tinha cortinas e estava fracamente iluminado por lanternas nativas, e fortemente perfumado com almíscar, que os nativos apreciam imensamente. Quando estávamos todos sentados, os visitantes ingleses na fileira da frente, com Sua Alteza e os oficiais civis e militares nativos atrás, as luzes foram apagadas e a cortina se abriu para o *nautch*, ou balé nativo, acontecer no palco. Uma dama nativa apareceu, toda vestida em musselina amarela e pesadamente ornada com adereços de prata nos pulsos e tornozelos. Ela era jovem, e até onde se podia ver através da

maquiagem, bem bonita, e conseguiu pôr graça no que, de outro modo, seria uma performance bem pouco artística e muito insossa. Mal e mal poderia ser chamada dança, segundo os padrões ocidentais, pois é apenas uma série de fantásticos empurrões e contorções e movimentos de braços e mãos, o corpo apoiado e volteando sobre a almofada do antepé, com os pés raramente deixando o solo, mas também batendo no chão e fazendo os pequenos guizos dos tornozelos soarem. Os movimentos são extremamente lentos, e a única coisa que nos mantinha acordados era o coro de senhoras nativas mais idosas e de menor beleza, que uivavam desmedidamente no fundo do palco, acompanhando tambores, gongos e flautins.

Muitos dos príncipes nativos e seus oficiais falam inglês, e a conversação com eles não apresenta dificuldades, mesmo para o mais jovem subalterno; mas com o nativo comum, o oficial tromba com o muro de uma língua estrangeira. No entanto, com o soldado britânico, é uma espécie de tradição que a língua não seja empecilho para seu trato com outras raças, e é surpreendente ver a facilidade com que ele consegue se fazer compreender. Vi homens que foram capazes de passar em provas difíceis de hindustani clássico fracassarem em obter de um nativo o brilho nos olhos que indica a compreensão. E de repente, um soldado ou graduado que não chega a saber uma dúzia de palavras do idioma tomaria a si o problema e num instante a face do nativo se abriria em sorrisos garantindo um pleno entendimento. É um dom peculiar do soldado britânico poder imediatamente fazer-se entendido pelos nativos em qualquer parte do mundo em que esteja servindo. Nos Mares do Sul, China, Estados Malaios, etc., “inglês misturado” tornou-se o idioma universal. É até mesmo a língua oficial nas perdidas colônias alemãs da Melanésia¹⁷¹.

Militares têm uma espécie similar de jargão, ou forma de se expressar que faz o que querem dizer ser entendido onde os linguistas

¹⁷¹ Na Primeira Guerra Mundial, ou em decorrência dela, os alemães perderam suas colônias na África (Camarões, Tanzânia, Namíbia, por exemplo) e no Extremo Oriente (Tsingtao e as Ilhas Carolinas, por exemplo).

altamente educados fracassam. Duas observações que ouvi certo dia, quando estávamos levantando acampamento para sair de Maiwand, ficaram marcadas em minha memória. Steevens, o garçom do nosso *Mess*, ao ver um nativo encarregado de três mulas cargueiras sobrecarregando uma delas com parte da bagagem, deu-lhe uma bronca, dizendo: “Escute aqui, Johnnie, você não vai colocar *sub* (toda) a maldita tralha em *ek* (um) só, vai?”. Grayland, um soldado da minha tropa, que acredito originalmente ter sido cigano, estava percorrendo o local do acampamento naquela mesma noite, dizendo aos nativos que acompanhavam os acampamentos: “Algum de vocês, camaradas, teria visto meu *chota* (pequeno) *ubble-bubble* (apelido britânico para o narguilé) por aí?”. Como os nativos, que não sabiam nada de inglês, conseguiram entendê-lo parece incompreensível – mas eles entenderam.

Um dos segredos de nossa bem-sucedida gestão na Índia é a cuidadosa observância dos direitos dos nativos, individuais e coletivos. Apesar de já ter sido de outro jeito, mesmo os mais jovens entre os oficiais britânicos são tão rigorosos nesta direção quanto os mais importantes dos medalhões. Por outro lado, o nativo pode ser tão bom esportista quanto qualquer outro, e nada me deu prova disso mais conclusivamente que um velho afegão grisalho, que, pouco depois da Guerra Afegã, provou que o espírito dos montanhistas durões não tinha sido diminuído em nada pelas derrotas que eles haviam sofrido.

A alguns quilômetros de Quetta, descobrimos entre as colinas um adorável valezinho, onde havia algumas pequenas aldeias e várias hortas e pomares. Alguns de nós fomos para lá num domingo, para um piquenique. Após nos instalarmos confortavelmente num belo pomar junto a um riacho cantante, estávamos desembrulhando nosso almoço, quando alguns homens da aldeia vieram até nós, tendo à frente um velho afegão de barbas brancas. Ele, calmamente e baixinho, mandou-nos “dar o fora dali”, pois era sua propriedade e ninguém tinha negócio algum a fazer ali. Isso foi meio que afrontoso para nós, que pensávamos que, como havíamos conquistado o país após dois anos de luta na Guerra Afegã, não tínhamos a menor disposição de fazer a vontade dele, e assim lhe

dissemos. Ele, no entanto, nem se abalou, e disse que, apesar de termos conquistado o país coletivamente, não havíamos conquistado a ele, individualmente. Isso nos deu uma ideia que então propusemos a ele: que um de nós lutaria com ele, ou com algum de seus homens, e o vencedor teria o direito pleno de usufruir do lugar por aquele dia. Para nossa surpresa, ele prontamente aceitou, e ofereceu-se para, ele mesmo, lutar com qualquer um de nós que quisesse ser seu oponente. Naturalmente, o mais forte dentre nós deu um passo à frente e aceitou o repto. Tiveram uma grande disputa, mas nosso homem não se deu bem. O velho de barbas brancas revirou-o em meio minuto, e repetiu a vitória na segunda tentativa quase tão depressa. Então, obedientes ao nosso pacto, começamos a juntar nossas coisas e preparar-nos para sair dali; mas foi então que o velho afegão mostrou ser um cavalheiro, pois, tendo provado que era ele o dono do lugar, agora dava-nos permissão para ficar ali pelo dia, e foi um dia muito feliz. Lembrando do anúncio então em voga nos ônibus de Londres falando do lugar onde se poderia passar um dia feliz, batizamos o vale como Rosherville. Durante a tarde, os aldeões nos desafiaram para uma competição de tiro, e trouxeram seus longos *jezails*¹⁷². Estas armas têm mais ou menos 1,80 m de comprimento, com coronhas fartamente ornamentadas e um par de hastes com dobradiças na parte frontal da arma, aptas a servir de apoio quando o atirador se agachava para atirar¹⁷³. Seu alvo era um pequeno buraco redondo recortado na face do penhasco, no qual se colocou uma pedra. Seu objetivo era derrubar a pedra do buraco com as balas, e nisso eles obtiveram sucesso com bastante frequência, até um alcance de uns 150 metros, e nós com nossos Martinis e fuzis de caça tínhamos de atirar tão cuidadosamente quanto possível para obter resultados como os deles. Ao longo do dia, experimentamos atirar com as armas uns dos outros, mas nenhum dos lados conseguiu se dar muito bem com as estranhas armas do outro.

¹⁷² Mosquetes.

¹⁷³ Um bipé improvisado, como em muitos fuzis modernos, especialmente os modelos para *snipers*.

No que tange à arma dos afegãos, a dificuldade estava em ser ela uma arma de pederneira – o disparo só acontecia algum tempo depois de você ter puxado o gatilho –, o que era uma provação para os nervos e para manter o corpo estável. Ainda assim, nossos oponentes ficaram muito satisfeitos conosco quando lhes mostramos que podíamos atirar bastante bem; mas sua admiração cresceu muito mais quando começamos a alvejar pedras mais distantes na encosta, que estavam além do alcance eficaz das armas deles. Achamos que eles eram uns caras bacanas, e partimos de lá como grandes amigos ao final do dia.

Entretanto, raramente se pode confiar nesses montanheses, e não foi muito tempo depois de nossa visita que um oficial da guarnição, quando foi a essa localidade, foi assassinado pelos aldeões.

Quando em Narkanda, eu costumava sentar-me na pequena praça do mercado da aldeia e ouvir os velhos contando histórias para os demais. Uma noite, eles me perguntaram sobre os russos, que nessa época andavam ameaçando os territórios além do Himalaia. Evidentemente, eles tinham ouvido dizer que os russos escravizavam as pessoas e as açoitavam, e esperavam que esse nunca viesse a ser o seu destino. Então, um deles contou-me como, pela tradição, eles sabiam que os russos haviam se esforçado para invadir a Índia atravessando alguns passos ao norte de sua aldeia, e apontou na montanha do lado oposto o local onde os russos haviam tentado passar, mas foram forçados a recuar pelos aldeões, que subiram a pontos mais elevados nas encostas e lançaram pedras a rolar para cima deles. O velho contou, com algum orgulho, que, se eles tentassem novamente, a atual geração de aldeões os trataria do mesmo jeito. Ele contou que no fim das contas esses mesmos russos tomaram outra rota e, afinal, desceram pelo Vale do Swat e atravessaram o Punjab até o rio Beas. Constatei, então, que os “russos” de quem eles estavam falando eram, na verdade, Alexandre o Grande e seu exército.

Há muitas tradições e contos sobre Alexandre ainda circulando entre os nativos. Uma que é citada pelo Sr Haughton em seu *Folclore da Cachemira* tem a intenção de relatar a morte de Alexandre. Ele era muito devotado à sua mãe, e quando estava morrendo fez alguns pedidos

especiais à sua gente. Um era que, quando morto, ele deveria ser carregado através da sala do Tesouro, nu, com ambos os braços abertos. Outro, que sua mãe deveria dar um banquete para aqueles que não tivessem perdido um filho ou algum dos pais. E, em terceiro, que ela deveria relatar, no sétimo dia, junto à sua tumba, os nomes daqueles que tivessem vindo ao banquete. Essas ordens foram fielmente cumpridas, e então é que se entendeu qual era a razão para elas. Quando carregaram o corpo na sala do tesouro, descobriram que era impossível passar pela porta com os braços abertos, e tiveram de quebrar parede nos dois lados para dar espaço suficiente. Isso permitiu que uma grande multidão de curiosos pudesse enxergar dentro do depósito do Tesouro, e perceberam, desta exibição, que, mesmo que um homem consiga juntar todos os tesouros do mundo durante sua vida, ele sai dela tão nu e de mãos vazias como quando nasceu. Foi uma lição para que não se preocupassem em acumular riquezas. Sua mãe, ao buscar por aqueles que não tivessem perdido parentes para que viessem ao banquete, logo descobriu que não existia nenhuma pessoa assim, e que, portanto, ela não era a única em sua dor por perder um filho; e ele ateu de confessar, ao rezar junto ao túmulo de Alexandre, que seu pesar era igual ao de quaisquer outros.

Nossa cavalaria nativa na Índia é constituída, como o mundo todo sabe, por soldados por nascimento e criação, esplêndidos como ginetes e espadachins. Um ponto entre outros nos quais eles diferem dos nossos cavalarianos regulares é que eles têm permissão de manter suas espadas sempre afiadas; assim, eles estão acostumados a ter uma arma perigosa nas mãos, e sabem manuseá-la com segurança para si próprios e sua montaria; e eles aprenderam a arte, nada fácil, de mantê-la sempre afiada como uma navalha. De fato, eles costumam dizer que uma coisa verdadeiramente ruim é “uma desgraça tão grande quanto ter uma espada bôta”. No período em que estão fora da formatura, a espada é tirada da bainha e cuidadosamente envolvida em musselina com óleo, e pendurada de tal forma que nada possa afetar o gume.

No feriado semanal, a maioria dos regimentos de cavalaria nativa pratica esportes equestres, dos quais *tent-pegging*¹⁷⁴ e o uso da espada formam as principais competições. Foi deles que aprendemos o esporte do *tent-pegging*, que se tornou tão universalmente popular nas armas montadas do Exército. Eles são particularmente bons com as espadas, especialmente em cortar ovelhas ao meio, o que exige considerável habilidade, muito mais do que força, para obter sucesso. Eles têm um grande número de cortes¹⁷⁵ em seus exercícios que chegam a ser desconhecidos no rol de exercícios de espada britânicos. Um deles é particularmente perigoso, pois o espadachim só o desfere após ter passado por seu adversário, dando um corte reto, preciso e forte de cima para baixo sobre o ombro do oponente, com resultado geralmente fatal. Foi como proteção contra este corte em especial que nossos cavalarianos na Índia passaram a usar cotas de malha¹⁷⁶ de aço cobrindo os ombros. No meu regimento, acrescentamos esse corte ao nosso repertório, usando como simulacro de oponente um manequim de argila macia.

A habilidade com a espada é muito popular entre os nativos, e num grau possivelmente insuspeitado pelos europeus na Índia. Só em Meerut havia três escolas de esgrima na cidade dos nativos, e somente graças à gentileza do nosso superintendente da polícia, que por ter passado a vida entre eles conhecia bem estas coisas, é que nos foi dado obter que alguns dos seus mais habilidosos expoentes nessa arte viessem dar uma demonstração em nosso aquartelamento. Foi um verdadeiro abrir de olhos para todos nós constatar os vários tipos de fintas, cortes e guardas em que esses homens eram mestres. Vez por outra nossos homens

¹⁷⁴ Nome dado a jogos de destreza equestre consistindo geralmente de apanhar algum pequeno objeto no chão ou suspenso, que pode ser um espeque de barraca (*tent-peg*), uma argola, ou qualquer outra coisa, com a mão ou com arma branca (lança ou espada); o jogo da argolinha, ou *justa* (vir a cavalo e passar a ponta da lança por uma argola suspensa), é uma das variações.

¹⁷⁵ Golpes dados no combate com espada: verticais, horizontais, transversais, paradas, desvios...

¹⁷⁶ Peça de proteção, constituída por um “tecido” de elos metálicos. Frequentemente era usada sob a armadura, protegendo principalmente as juntas. Havia vários tipos: a loriga era uma espécie de túnica; a coifa era usada na cabeça; a peça a que B-P se refere provavelmente assemelhava-se a um xale, enfiando-se pela cabeça e cobrindo os ombros e as escápulas.

vaiavam alguns golpes como “trapaça”, mas quando lhes explicamos que era esse tipo de coisa que eles viriam a enfrentar se nós em algum momento tivéssemos de lutar “pra valer” contra esses homens, eles perceberam que os exercícios de espada na forma prescrita para o soldado britânico eram meramente um conjunto de princípios gerais, que não necessariamente atenderiam a qualquer tipo de ataque a que pudéssemos nos expor. É bem conhecido, e típico, o caso do cavalarião retornando da carga em Balaclava¹⁷⁷ e explicando como foi ferido. Ele disse: “Quando me encontrei com o russo, dei nele o corte número 2, e em lugar de aparar com a guarda número 3, ele veio me dando um corte número 1, e é claro que ele me feriu, o pobre coitado”!

Havia um corte favorito entre os nativos, no qual seu oponente parecia bater com força em seu tornozelo, e então, com uma destra torção do pulso, metia a espada pelo lado posto do seu pescoço, o que deixaria assombrado um homem acostumado a somente oferecer certas guardas a certos cortes conhecidos.

Outra arma peculiar nas mãos das tropas nativas é o aro de aço com uma borda afiada, que os sikhs usam ao redor do seu *puggaree*¹⁷⁸. Eles são capazes de arremessá-lo com grande força e precisão a uma distância considerável, com o gume para a frente. Na prática esportiva eles geralmente usam como alvo um tronco de bananeira posto verticalmente no solo. E essa arma é capaz de cortar o tronco ao meio.

Contei que os cavalarianos nativos são cultivados para este tipo de vida desde a infância, e pode-se perceber a verdade dessa afirmação quando se percorre o território onde eles são recrutados. Ao passar por alguma aldeia ou acampar perto dela, os velhos vêm dar as boas-vindas ao regimento e fazer um pequeno discurso de saudação para o

¹⁷⁷ Provavelmente B-P se refere à Carga da Brigada Pesada, na Batalha de Balaclava, 25 de outubro de 1854. A Carga da Brigada Pesada e a “Fina Linha Vermelha” do 93º Highlanders foram as ações que ganharam a batalha, mas foram ofuscadas pela estúpida, desnecessária e desastrosa Carga da Brigada Ligeira que se seguiu. Na Carga da Brigada Pesada houve choque entre forças de cavalaria; a da Brigada Ligeira foi através de um vale, contra as baterias de canhões russos.

¹⁷⁸ Faixa que fica ao redor da copa do chapéu.

Comandante. Haverá muito poucos entre os anciões de barbas grisalhas que não tenham medalhas no peito a mostrar que combateram pelo Império. Os homens mais jovens geralmente são soldados em licença, ou rapazes que pretendem tornar-se soldados. Todos eles tomam conta dos cavalos do regimento e tratam de escová-los e alimentá-los. Os meninos menores vêm confraternizar com os soldados, esperando obter o melhor de todos os agrados, que é ser autorizado a ir montado em um dos cavalos até o local de aguada e trazê-lo de volta. Os líderes da aldeia usualmente têm uma pequena tenda, ou *shamiana*, na qual recebem os oficiais, fazem seus discursos de saudação, e oferecem doces e refrescos. Ninguém deixa de ser tocado pelo bom sentimento de lealdade e camaradagem do qual são possuídos estes servos do Rei¹⁷⁹.

O soldado nativo é particularmente interessante durante as manobras. Apesar de, como um verdadeiro oriental, ele geralmente disfarçar seus reais sentimentos, quaisquer que sejam, sob uma máscara, nesta ocasião ele esquece, na excitação do momento, que é um jogo de faz-de-conta, e mostra um pouco do espírito combativo que fica o tempo todo oculto sob sua aparência subserviente. Durante as manobras de Attock, a companhia de afridis de cada batalhão de infantaria foi deixada livre nas montanhas para atuar como figuração inimiga contra nós, usando suas próprias táticas originais de combate em montanha. Vestiram seus próprios trajes típicos, e, uma vez chegados lá em cima, eles se comportaram exatamente como se em operações reais contra um invasor. Em certa ocasião, subi com eles para ver como desenvolviam suas táticas, e foi uma experiência extremamente interessante. Num dado momento chegou a se tornar excitante, pois depois de disparar seus fuzis com cartuchos de festim contra as colunas de tropas regulares no vale lá embaixo, eles começaram a ficar com mais sede de sangue ao ver que seu fogo não causava impressão no inimigo. Os soldados começaram, lentamente mas com determinação, a escalar as alturas que estavam

¹⁷⁹ Cabe lembrar: nos dois períodos em que Baden-Powell serviu na Índia, foi durante o reinado da Rainha Victoria; de 1901 a 1910, do Rei Edward VII; e, na ocasião em que este livro foi escrito (1915, segundo ele), o Rei era George V.

guarnecendo. Atrás deles estavam alguns de seus tocadores de tambor, e eles começaram a bater cada vez mais alto e mais furiosamente, gritando seus cantos de guerra e gradualmente induzindo a excitação em toda a linha de fogo, até que, esquecendo que não era guerra de verdade e que eles não eram afridis livres, começaram a deslocar grandes rochedos e a rolá-los encosta abaixo contra as tropas que avançavam. Isto era manobra prática com uma vingança! Quando os gurkhas vieram, mantendo a pressão do ataque morro acima contra os afridis, um gigante com nariz aquilino perto de mim, com os olhos brilhando e os dentes luzindo num sorriso de ira, lançou uma grande pedra para baixo, contra os fuzileiros que avançavam. Ela foi saltando de um lado para outro, e por fim triscou a cabeça de um pequeno gurkha, fazendo um corte em seu escalpo. A ação do gurkha foi típica. Até aí ele viera animadamente resfolegando a subir a encosta, ajoelhando-se para atirar quando lhe mandavam, e avançando com os demais em boa ordem. Agora, isso tinha acabado. Ele ficou em pé por um momento e olhou para cima, com o sangue escorrendo pela testa, e com um sorriso raivoso na face; e, enquanto ele tateava pelo cinto com as mãos, ele parecia dizer: “Isso tira você do jogo, seu porco”! Então, tendo a mão encontrado seu *kukri*, a grande faca curva, ele o colocou entre os dentes e continuou a subir pelas pedras, com uma tal velocidade que logo chegou à crista. Houve um corre-corre dos afridis a se juntarem para fazer-lhe frente, todos largando os fuzis e sacando as facas. Em poucos minutos poderia ter havido picadinho de carne, mas por sorte um oficial nativo afridi manteve a cabeça fria. Empurrando seus homens de volta, ele ordenou ao gurkha, como oficial, para fazer alto, meia-volta e retirar-se. Então, apanhou um calhau e lançou-o contra seu próprio tamborileiro, que ainda estava tocando e lançando gritos de guerra a plenos pulmões. Dessa forma, ele o silenciou e pôs fim ao incidente.

Em manobras perto de Aligarh, deparamos com um grupo de prédios em poder de infantaria nativa. Alguns esquadrões de cavalaria nativa desmontaram, a fim de atacá-los a pé. Aumentando a excitação, eles atacaram até os muros, onde, em vez de receberem os disparos de

alguns cartuchos de festim por cima da cabeça “para marcar a situação”, como diria um árbitro, eles foram recebidos com uma saraivada de calhaus para marcar mais seriamente. A isto eles responderam prontamente, “jogando o mesmo jogo”. Quando se teve a oportunidade de ver quão facilmente os homens podem perder a cabeça, mesmo num jogo de guerra, é que se pode aquilatar como a sede de sangue pode se apossar mesmo dos mais pacíficos e menos emotivos quando “a coisa real” é ativada. Lembro-me de umas manobras bem tranquilas, nas quais meu regimento teria de fazer um ataque contra um batalhão de *Highlanders*; estes, por algum motivo, não gostavam desses ataques e, em lugar de recebê-lo tomando a posição de tiro ajoelhado, como se espera que façam de acordo com as regras, um ou dois deles calaram baionetas, contrariando todas as ordens para as manobras, e correram adiante para fazer frente à carga de cavalaria com uma contra-carga de infantes por sua própria conta. No momento em que eles fizeram isso, o mesmo entusiasmo¹⁸⁰ tomou conta de seus camaradas, que correram adiante numa grande onda de homens raivosos e a lançar gritos de guerra. O 13º pareceu ter de imediato sido contagiado, e, em vez de frear, como deveriam fazer ao chegar a uns 100 m de distância, os homens logo desembainharam as espadas e avançaram a toda, para fazer uma carga de verdade. Foi apenas a mais forte intervenção do oficial, aliada a uma torrente de palavrões, que os deteve em cima da hora.

Uma dessas rixas entre regimentos, que começam com esse tipo de pequenos incidentes, quase teve início nesse mesmo combate entre um distinguido regimento de infantaria e o meu¹⁸¹, porque um dos nossos esclarecedores tinha sido capturado por dois homens da infantaria montada. Os ânimos em ambos os lados foram se exaltando, nosso soldado recusou violentamente ser feito prisioneiro, e quando tentou se evadir, um dos infantes atirou nele com um cartucho de festim, mas de tão perto que o rosto ficou cheio de grãos de pólvora que entraram na

¹⁸⁰ A lendária “fúria *berserker*” dos celtas.

¹⁸¹ O 13º de Hussardos.

carne. O hussardo foi levado para o hospital, e foi só devido ao tato e à gentil atenção que lhe foi dada pelos oficiais do outro regimento, que os maus sentimentos foram superados e nenhuma rixa resultou.

As cargas entre corpos de Cavalaria frequentemente chegam mais perto da realidade do que se pretendia, devido às densas nuvens de poeira em que operam, e lembro-me de certa ocasião em que, carregando contra um regimento de cavalaria nativo, quando avançávamos com toda a poeira subindo diante de nós, o “inimigo” achou melhor declinar de nos fazer frente, e estavam se virando para retrair, quando repentinamente caímos em cima deles no meio de nossa carga. Em vez de frear, os homens esqueceram-se que era “de mentirinha” e, percebendo a oportunidade, assim o pensaram, deram mais impulso e chocaram-se com o esquadrão que fazia a conversão, atropelando vários deles ao atingi-los pelo flanco. Tudo terminou em um ou dois segundos, com nossos homens saltando dos cavalos e ajudando a levantar aqueles que haviam atropelado. Por sorte, ninguém morreu, apesar de uma boa quantidade ter ficado consideravelmente avariada. Mas não havia como negar a exaltação do momento, o gosto da guerra, apesar de estarmos em paz.

Falando de tambores, é estranho o efeito que o som do tambor tem sobre homens de praticamente qualquer nacionalidade sob o sol. Deve ser uma criatura bem esquisita um sujeito cujo coração não se agite ao ouvir os tambores nas ruas de uma pacífica cidade na Inglaterra. Eu posso dizer de mim mesmo, agitado por um bando de Escoteiros com nenhum instrumento melhor que uma dúzia de latas de querosene percutidas em tempo e harmonia perfeitos.

Na Índia, conhece-se o estranho efeito do envolvente som dos tambores nativos a bater no bazar¹⁸² distante. Entre os árabes, o troar de seus tambores no acampamento e os gritos dos flautins produzem uma estranha música que agita os caracteres geralmente impassíveis desde as profundezas. E na Costa Ocidental da África, grandes troncos

¹⁸² Bazar, no Oriente, é mercado de rua, feira livre.

de árvore escavados são usados para dar sons percutidos, capazes de serem ouvidos na floresta e na savana, e levam sua mensagem longe e amplamente, para a guerra ou para a paz, para alertar ou para dar as boas-vindas.

Quando em manobras, para o transporte, dependemos fortemente do carro de boi nativo, de duas rodas. Ele é um projeto quase pré-histórico, mas é esplendidamente bem equilibrado, e capaz de transportar pesadas cargas. É também bastante pitoresco, apesar de esta qualidade não ter nada a ver com seu reiterado uso para fins militares.

Apesar de ser um bom, e às vezes esplêndido, soldado, o nativo ocasionalmente tem pequenas fraquezas que chegam a ser constrangedoras para seus oficiais. O 15º de Lanceiros de Bengala é um regimento de beluchis moltani, camaradas de aparência selvagem, com cabelos compridos e grandes bombachas amarelas enfiadas nas botas. Há também uma piada sobre eles, segundo a qual, apesar de via de regra eles se manterem perfeitamente em ordem num desfile, ou em marcha, se alguma caça cruza seu caminho, a tentação é grande demais para seu instinto caçador ser contido, e eles tendem a sair das fileiras e sair em disparada na perseguição.

A maioria dos regimentos de Cavalaria nativos têm dez oficiais brancos e dezessete oficiais nativos; *ressaldars* são os capitães das companhias, e *jemadars*, os tenentes. Os homens pagam pelos seus próprios cavalos, armas e arreamentos depositando 250 rupias no Fundo Regimental ao serem incorporados. Muito poucos dos oficiais nativos recebem diretamente o comissionamento como oficiais, a maioria o obtém após ter servido nas fileiras, como praças. Eles têm suas próprias barracas e criados, mas não têm refeitório. Quando saem para caçar ou coisa semelhante, vestem as roupas simples dos nativos.

Os nativos aderiram, com grande entusiasmo, a muitos jogos e passatempos britânicos, e os jogadores de críquete persas são, por certo, bem conhecidos na Inglaterra. O polo e a caça ao javali são jogos preferidos tanto pelos nativos quanto pelos britânicos. Muitos são bons no tiro em caça grossa. O Rajá de Dholpur era um exímio atirador com o

fuzil: acertar moedas lançadas ao ar era moleza para ele, e um dos seus passatempos prediletos era sentar-se sob uma árvore e alvejar garrafas que eram lançadas ao ar de uma posição atrás dele. Mesmo a Rani, sua esposa, saía do isolamento dos aposentos femininos para mostrar que também era uma excelente atiradora.

Entre o povo das classes mais humildes, em todo lugar é comum ver nativos de todos os tipos e tamanhos a jogar futebol.

Na grande Escola Missionária na Caxemira, onde há seiscentos alunos, os garotos praticam vários tipos de esportes britânicos, incluindo o boxe, e eles também adotaram a prática do treinamento dos Escoteiros; frequentemente tenho notícias deles a fazer “boas ações”, ajudando os mais pobres, salvando vidas e prestando serviços ao Estado.

Há uma vida muito interessante abaixo da superfície, quase totalmente desconhecida dos europeus. Lembro-me de uma vez, quando em manobras perto de Délhi, ter visto curiosas chamadas de chacais pelos *Jogis*, uma tribo nômade de ciganos de olhar selvagem. Após terem ocultado a si próprios, seus cães bem treinados e nós no capim alto, um deles foi para uma clareira e, sacudindo um maço de folhagem, imitou os gritos de dois chacais a lutar. Foi tão parecido com a realidade, que em poucos minutos um chacal veio em disparada para juntar-se à briga. No momento em que ele apareceu, o homem se aplastou, de bruços, levantando poeira para se disfarçar. O chacal correu para dentro da nuvem de pó e, antes de tomar consciência da situação, os cachorros foram soltos contra ele desde seus esconderijos circundando o local. Um chacal é esperto demais para se deixar apanhar em armadilhas comuns.

Os *Jogis* também gostam muito de praticar uma forma de esporte bem mais perigosa, que é a caça ao crocodilo. Eles constroem pequenas jangadas, constituídas principalmente de molhos de juncos e ramos de arbustos. Nessas embarcações malucas, armados apenas com um grande e pesado arpão e machados, eles incursionam em águas percorridas pelos crocodilos, e quando encontram algum, deixam a embarcação derivar silenciosamente até chegar ao alcance, e então lançam o arpão contra ele. Os resultados às vezes são um triunfo para os caçadores, às vezes

para o crocodilo, mas em todo caso uma coisa é certa: a experiência é sempre excitante.

Outro povo interessante, dentre essas tribos nômades, são os ladrões de gado, que exercem sua atividade em várias partes de Bengala¹⁸³. Sua principal oportunidade é quando os rios estão na enchente. Eles, então, reúnem um rebanho inteiro de gado de uma vez e o conduzem direto para dentro do rio, e o fazem atravessar a nado para sair do alcance dos perseguidores. Frequentemente, nos rios maiores, onde há muitas ilhas, eles são espertos demais para simplesmente nadar para a margem oposta. Nestes dias em que há telefone e telégrafo, a polícia de um distrito, ao ter notícia de um furto de gado, pode avisar aos do outro lado antes mesmo que os ladrões ponham o pé na margem oposta, mas com ilhas para ajudá-los, os meliantes podem passar dias e até semanas passando de uma ilha para outra, preferencialmente à noite, até se porem fora do alcance da perseguição. Isso envolve muita ousadia, vigor físico e capacidade de natação da parte deles, mas ainda assim a vida aventureira os chama, e mesmo os garotos mais novos tomam parte nas incursões e cavalgam no lombo das reses quando na travessia dos rios.

Outro tipo interessante de foras-da-lei nos grandes rios da Índia até recentemente eram os piratas do Jumna e do Ganges, e suas ações foram tão habilmente empreendidas que eles as levaram por anos sem despertar suspeitas das autoridades, e foi apenas nos últimos cinco anos que a polícia pôs a público e pôs fim às suas malfeitorias. Os relatórios do Sr Bramley, o Sherlock Holmes da Polícia Indiana, sobre esse tema são de intenso interesse e sua leitura é como a de um romance. A grande maioria dos barcos licenciados, dos quais há uma quantidade imensa nestes grandes rios tinha sido contratada e trabalhava para a quadrilha, que tinha uma organização amplamente disseminada. Durante anos, a barca fazia seu trabalho eficazmente, levando pessoas e bens para lá e para cá, e então, por ocasião de alguma grande feira ou festival talvez,

¹⁸³ Atual Bangladesh.

estando com superlotação devido ao evento, o barco soçobrava e todos a bordo se afogavam, assim se presumia. Mas no fim das contas transpirou que nessas ocasiões os tripulantes sempre davam jeito de se salvarem.

Na realidade, eles tinham peles de cabra cheias de ar, prontas para funcionar como boias para sustentá-los e a todas as joias e dinheiro que eles haviam recolhido dos passageiros antes de retirar os tampões e fazer o barco encher-se de água e afundar no meio do rio.

Não raro, supõe-se que os criados nativos na Índia sejam os piores vagabundos, e de fato eles o são, a menos que você consiga bons servos; mas quando eles são bons, são excelentes. Você pode confiar a eles todo o seu dinheiro e pertences valiosos e, apesar de eles poderem roubar outros em seu nome, são completamente honestos para com seus senhores. No trabalho, são pacientes e espertos. Seu *kitmutgar*¹⁸⁴, com três tijolos como fogão e um bocado de excremento de vaca como combustível, cozinhará para você um jantar no acampamento tão bom quanto o que você teria numa cozinha bem equipada em casa. Seu cavalição correrá quilômetros para tratar do seu cavalo ao fim de uma cavalgada, e preferirá dormir na baía do que viver numa casa separada. As qualidades do seu ordenança brilham quando você está doente, e ele demonstra ser um capaz e atencioso enfermeiro.

Lembro-me de uma vez em que aconteceu um furto em meu ambiente doméstico, e ao chamar “doméstico” eu o faço com razão, porque era necessário ter-se pelo menos uma dúzia de sujeitos cuidando do lugar, porque o varredor jamais sonharia em trazer água para o banho, nem o fariam seu ordenança ou seu *kitmutgar*. Seu cavalição cuidará do seu próprio cavalo com devoção, mas não trará o capim, o que precisa ser feito por outro homem (o capinador), e assim por diante. A natural sindicalização de especialistas na Índia decorrente do sistema de castas é muito mais estrita nesta servidão do que sua imitação artificial nos países ocidentais.

¹⁸⁴ Criado doméstico.

Eu havia perdido trezentas rupias, que tinham sido guardadas numa bolsa, dentro de um armário no meu quarto. Nenhum dos criados sabia nada sobre isso quando perguntei, mas era óbvio que nenhum estranho podia ter entrado sem que eles soubessem, então, em lugar de mandar chamar a polícia, eu invoquei a assistência de alguém que é muito mais temido pelos nativos: o adivinho. Crê-se que seus poderes de detecção são os de alguém dotado de uma segunda visão. Seu *modus operandi* costumeiro é fazer todos os suspeitos sentarem-se em círculo, e dá, a cada um, um pequeno punhado de arroz para mastigar. Ao ser dado um sinal, cada homem cospe fora seu bocado e este é examinado pelo adivinho. Ele imediatamente aponta o culpado. Diz-se que quando um homem está em estado de grande tensão suas glândulas salivares fazem greve, e conseqüentemente o homem cuja consciência não está muito limpa lança arroz seco neste tipo de ocasião, e, portanto, é facilmente identificado.

No meu caso, porém, o adivinho disse que, como um primeiro passo, ele ia ter uma reunião de oração com os criados em uma das casas deles, para implorar à divindade que explicasse o que havia ocorrido com o dinheiro, e se ela não conseguisse revelar, o próprio adivinho aplicaria o ordálio¹⁸⁵, que não falharia em mostrar o delinquente. Mas a reunião orante deu conta de resolver o caso. O adivinho, então, veio a mim e disse que o deus havia tornado evidente que eu estava levantando uma acusação falsa. Todos os criados eram leais a mim; o dinheiro nunca fora roubado, mas estava lá na casa. Foi provavelmente obra de algum *djinn*¹⁸⁶ ou diabrete travesso, que havia entrado durante a noite e transferido meu dinheiro do armário para o estojo da minha espingarda, onde agora eu devia encontrá-lo. E assim aconteceu. Obviamente, o adivinho foi embora enriquecido com pagamento dobrado – um de minha parte e outro da parte dos meus gratos servos, com quem ele se conluiara.

¹⁸⁵ “Julgamento de Deus”, muito usado na Idade Média ocidental, com testes como submergir o acusado, fazê-lo andar sobre brasas, submetê-lo a um combate, ou outras do gênero.

¹⁸⁶Gênio, duende.

A fidelidade dos criados nativos para com seus amos brancos foi submetida ao seu maior teste e comprovada em muitos casos durante o Grande Motim¹⁸⁷, quando, com risco às suas próprias vidas, eles ocultaram mulheres e crianças brancas de homens de sua mesma cor e crença. O Motim, é preciso lembrar, irrompeu num certo regimento de cavalaria nativa estacionado em Meerut, e um ponto interessante para nós do 13º era que Sir Baker Russell, nessa época, havia entrado no Exército nos Carabineiros, que eram o regimento britânico nessa mesma localidade. Os Carabineiros tinham acabado de chegar à Índia, vindos da Inglaterra, quando irrompeu o motim, e naturalmente estavam pouco à vontade, com oficiais que não sabiam nada do país e homens que eram quase todos recrutas novatos e armados com espadas cegas. Não é de se espantar que eles pouco pudessem fazer para evitar que os bem-equipados esquadrões nativos escapassem para Délhi após haverem assassinado seus oficiais britânicos. Uma lição disso para mim foi que os regimentos britânicos na Índia deveriam manter suas espadas afiadas, prontas para a ação, ou como segurança contra tais levantes, e quando comandei um regimento, tomei o cuidado de que assim fosse feito. Só então percebi que com os meios de que eu dispunha levaria quase três semanas para tornar todas as armas do regimento funcionais. Nem bem eu acabara de completar esse trabalho, quando veio uma ordem peremptória do escalão superior determinando que eu embotasse as lâminas novamente, porque a afiação das espadas reduziria o tempo de vida útil das espadas, cuja expectativa era calculada em torno de vinte a vinte e cinco anos! Fiz embotar algumas, mas como eu mantinha um dos meus quatro esquadrões sempre em apronto para ação imediata, umas cento e vinte espadas estavam sempre prontas para o emprego.

Uma das causas do Motim, que foi explorada pelos seus líderes, foi que os cartuchos de pólvora que os homens usavam para municiar seus mosquetes eram embrulhados em papel que tinha sido impermeabilizado com sebo de vaca. Esses animais são, como se sabe, considerados

¹⁸⁷ Revolta dos Sipaiois, 1857-58.

sagrados na Índia. O fato de os homens terem de morder a ponta do cartucho para liberar o conteúdo a ser carregado na arma foi alegado como sendo intenção secreta dos britânicos destruir a casta dos soldados nativos ao fazê-los comer algo do animal sagrado, o que os mandaria a todos para a Gehenna¹⁸⁸.

O desprazer dos brâmanes até por tocar em couro é tão grande que, ao calçá-los, eles sempre os pegam com um pedaço de tecido para evitar o contato direto, tal como a ponta do seu *puggaree* ou a fralda da camisa.

Ao mesmo tempo em que se deflagrava a rebelião em Meerut, um pequeno *chapati*, ou bolo, era levado por todas as aldeias do norte da Índia. Ninguém sabia o que significava aquilo, mas tomaram como um sinal de que estavam sendo convocados para participar de algum grande evento. Quando tiveram notícia do Motim, eles naturalmente inferiram que esse devia ser o tal evento, e muitos foram levados a tomar parte nele. Fenômenos desse tipo já ocorreram no país noutras ocasiões, mas sem resultado. Lembro-me de quando a impressão com lama de uma mão humana podia ser vista em toda parede vazia, mas ninguém, nem mesmo os detetives nativos, conseguiram saber o que significava. Supunha-se que o sinal vinha de algum lugar no norte da Índia para o *chowkedar*¹⁸⁹ da aldeia. Ele só sabia que sua tarefa, ao receber tal sinal, era retransmiti-lo aos *chowkedars* das três aldeias vizinhas. Divulgado desta forma, o sinal se espalhava com a maior rapidez pelo território.

Voltando a falar da fidelidade dos criados: quando de meu retorno à Índia, após doze anos de ausência, meu antigo ordenança veio a bordo e encarregou-se das minhas coisas sem nem uma palavra de aviso precisar ser dita de parte a parte.

¹⁸⁸ Inferno. Aqui B-P mistura um pouco as coisas, pois a noção de inferno é dos muçulmanos, não dos hindus. De todo modo, um impulsor do Motim foi a informação de ser a impermeabilização dos cartuchos feita com sebo de boi (sagrado para os hindus) ou banha de porco (impuro para os muçulmanos). Os hindus acreditavam, ainda, que atravessar o mar destruiria sua dignidade de casta (e os britânicos moviam suas tropas para qualquer lugar do Império). Além disso, os sipaios tinham que pagar pelo transporte de sua bagagem, quando a unidade era movimentada.

¹⁸⁹ Encarregado da ação policial.

CAPÍTULO XVI

O CHAMADO DA CAXEMIRA

Há épocas na vida de todo homem em que todo o seu ser clama por um intervalo seguro de não fazer nada em particular, ou, pelo menos, de não fazer nada que tenha importância. Em nenhum lugar isso é sentido de forma tão aguda como na Índia. Você começa a ter uma sensação de desgaste, e instintivamente você olha ao redor buscando um antídoto. Se o chamado da vida selvagem se faz ouvir, a coisa mais acertada a fazer é submeter-se a ele e obedecer, pois para muitos é o único antídoto eficaz para a estafa. É assim para mim. Pensei muito na Caxemira no verão de 1898 e, curiosamente, pouco depois eu estava prostrado por um ataque dessa estranha doença. Decidi fazer uma viagem à Caxemira, ficar à toa nas terras baixas, com o objetivo de obter um mês de completo ócio e mudança de clima – e consegui.

Para curtir o ócio, é preciso estar confortável, e para ficar confortável é preciso dedicar muita atenção aos detalhes do equipamento de campo. Muita gente fala de “suportar as durezas” no acampamento; suportar a dureza não existe senão para os ignorantes. O campista experiente sabe o que levar e sabe também que o necessário é às vezes algum luxo. Nesta viagem em particular, levei comigo o seguinte:

- Roupa de cama.
- Um terno
- 3 pares de botas de caça (1 par com solado de fibra vegetal),
1 par de chinelos.
- Barraca para mim, barraca para criados.
- Cama.
- Mosquiteiro de cama e mosquiteiro de cabeça.
- Luvas velhas para mosquitos.
- Água de Luce, Izal (muito útil)¹⁹⁰.
- Carabina e cartuchos.

¹⁹⁰ Água de Luce: considerada medicamento contra picada de serpentes; Izal: antisséptico.

- Espingarda calibre 12
- Binóculos.
- Câmera fotográfica.
- Maleta de remédios, contendo óleo de rícino, quinino, etc., para os nativos.
- 4 caixas de suprimentos, incluindo 12 latas de sopa, salame bolonhês, chá, chocolate, manteiga, leite, biscoitos, 12 potes de geleia, banha, 3,5 kg de farinha, 3,5 kg de açúcar, biscoito de cachorro, velas, barras de sabão, fósforos, 1 garrafa de *brandy*, 4 de uísque, fermento.
- 4 lonas impermeáveis, poncho, manto, guarda-chuva.
- Banheiro desmontável.
- Mesa desmontável.
- Cadeira desmontável.
- Vara de pescar e fisga.
- Filtro.
- Cadeados.
- Lampiões para vela, lanterna olho de boi, castiçais com globos.
- Panelas.
- Louça, talheres, cutelaria, toalhas de mesa, abridor de latas, saca-rolha, marreta e cinzel.
- Livros: gramática hindustani, história inglesa.
- Fósforos especiais.
- Machado e enxada combinados (pode ser obtido em Srinagar).

Só descobri quando já era tarde demais que eu devia ter levado remédios para os aldeões, especialmente unguento para assaduras, quinino e espongeopilina¹⁹¹. Um guarda-sol de artista teria sido também

¹⁹¹ Extrato de tamarindo, usado em cataplasmas para combater o reumatismo.

benéfico, e correias por dentro do casaco para prendê-lo aos ombros teriam sido bons acréscimos ao meu conforto pessoal.

Parti de Murree em 1º de agosto, na *tonga* do correio, rumo à Caxemira, uns 250 km distante. O único outro passageiro era um cavaleiro nativo funcionário da Alfândega na Caxemira, um camarada muito decente. Ele se sentou com seu criado no banco de trás. A *tonga* é uma charrete de duas rodas, tracionada por dois cavalos, um entre os varais e o outro preso externamente, como se faz na Hungria. Os cavalos são trocados a cada 10 km, e quase sempre são chacoalhantes, escoiceadores ou mancos. Nosso condutor de rosto entalhado, um velho montanhês com a barba tingida de vermelho vivo, dirigia os cavalos com a maior serenidade, tratando cada qual segundo seu temperamento. Mas as pequenas e sujas *tongas* e os subnutridos, perigosos e sofridos cavalos são uma vergonha para um governo civilizado, ou antes para uma população civilizada, porque somos nós, viajantes, que deveríamos insistir em que as coisas fossem feitas de melhor forma. As *tongas* e a estrada para Mussoorie são uma vergonha, a ferrovia para Naini Tal é igualmente péssima; tudo pior do que no mais selvagem sertão da África do Sul. Na Índia, se as coisas têm alguma espécie de movimento, parece que é para trás; mas o jeito de fazer no país é deixar correr e largar as coisas para que os nossos sucessores cuidem de introduzir melhorias.

Entretanto, desconfortos menores logo são esquecidos diante de tais paisagens. Uma vez alcançadas as margens do Jhelum, a estrada segue sempre acompanhando o rio, que nos primeiros 60 a 80 km corre num profundo vale entre as íngremes elevações cobertas de arbustos ou parcialmente cultivadas. Tem uns 100 m de largura, e uma contínua sucessão de corredeiras. Gradualmente, o vale se estreita para tornar-se uma garganta, as elevações tornam-se montanhas, e o rio, uma torrente entre precipícios. As águas estavam cheias de toras flutuantes, vigas e troncos de árvores, tudo sendo levado rio abaixo para as planícies. Num certo ponto, onde havia um grande redemoinho fazendo-as girar, vimos

homens nadando em *mussuks* – peles de ovelha cheias de ar¹⁹² – pescando algumas das toras. Trabalho excitante nessas corredeiras, e não pouco perigoso.

A estrada é cortada nas encostas das elevações e corre acompanhando o rio. Após a longa descida desde Murree, ela é plana e bastante boa para percorrer de bicicleta. De fato, não fosse pelo calor do vale no meio do dia, ir de bicicleta seria a forma mais agradável de fazer esta parte da viagem. A estrada deve ser bem cara de se conservar, pois quase a cada quilômetro encontramos desbarrancamentos sobre ela e desmoronamentos dela, resultantes das chuvas recentes. Em um lugar em que ela cruzava um grande barranco, a ponte havia sido levada pelas águas. Um grupo de *coolies* estava trabalhando, fazendo uma via temporária. Uma grande rocha ainda bloqueava o caminho, e fizemos os homens explodi-la com uma carga de pólvora, e vários deles pegaram nossa charrete, desatrelaram os cavalos e puxaram-na através do trecho ruim. Dei aos homens uma rupia, e dois meninos, que ajudaram gritando estímulos para os homens, ganharam meio *penny* cada. Eles tinham verdadeiro interesse em seu trabalho.

Paramos para passar a noite no *dak bungalow* de Garbi, tendo percorrido 163 km desde as duas da manhã. Esses *dak bungalows*, que pontilham o trajeto a cada 20 ou 25 km, são muito acolhedores, limpos e bem situados; são casinhas que têm um cozinheiro e suprimentos prontos para servir.

Em Garbi o rio é atravessado por uma ponte de corda. Você tem de andar pisando em uma corda, tendo uma corda de cada lado acompanhando como um corrimão. E fica aquela coisa toda a balançar com você em cima, com a torrente a correr lá embaixo, de tal maneira que não apenas muitos turistas se acham incapazes de atravessar por uma construção tão maluca, mas também até mesmo alguns nativos não se aventuram a fazê-lo. O truque é ir bem devagar e manter o olhar num ponto à frente. Há duas ou três pontes deste tipo ao longo deste trecho

¹⁹² O meio de auxílio de flutuação que no Brasil conhecemos como pelota.

do Jhelum, somadas a outras de modelo diferente. Uma destas, por exemplo, consiste de uma única corda na qual está pendurado um gancho, que sustenta um aro de corda. Você enfia a perna pelo aro e, sentado dessa maneira, se puxa para o outro lado pela corda de travessia.

Outra ponte, em Uri, é simplesmente uma escada de corda sem corrimão, lançada horizontalmente através do rio. Ela ajuda no trabalho da mãe-natureza ao matar pelo menos um viajante por ano. Guias sobre rotas da Caxemira informam, no topo da lista dos percursos: “há pontes neste trajeto”. A um primeiro olhar, você imaginaria que a rota com pontes seria a boa para pegar, mas na realidade significa justamente o contrário; há muitos turistas que não têm a cabeça pronta para encarar tais pontes, e que preferem usar as estradas onde não há pontes.

Cedo na manhã seguinte, continuamos nossa viagem pelos 100 km restantes até Maramoola, com a paisagem ficando cada vez mais bela e selvagem à medida que avançávamos. Montanhas magníficas e encostas com florestas de cedros, penhascos escarpados e torrentes borbulhantes, e a paisagem bucólica dos vales, com fazendas e plantações entre as colinas e com o rio largo e calmo pelos últimos dez ou treze quilômetros.

As pessoas que encontramos variam muito na aparência e na vestimenta; talvez o rosto semelhante ao do judeu e as volumosas roupas brancas predominem entre os homens; mas há alguns semelhantes aos lépidos e bem-proporcionados franceses ou italianos. Ocasionalmente, pode-se encontrar um gigante, com espessas sobrancelhas e barbas negras, que mais parece propenso a cortar sua garganta do que à convivência pacífica. Conheci um camarada alto, bonitão, cujo rosto me pareceu familiar. Tive um impulso de chamá-lo “Senhor”. Foi então que me ocorreu que eu tinha diante de mim uma cópia do Príncipe Louis de Battenberg¹⁹³. As mulheres são muito delicadas e de aparência refinada.

¹⁹³ Almirante-de-Esquadra Louis Alexander Mountbatten (1854-1921) – o nome Battenberg foi mudado para Mountbatten à época da Primeira Guerra Mundial, quando o que era germânico passou a ser inimigo. Casou-se com uma neta da rainha Victoria, e veio a ser pai da rainha Louise, da Suécia, e de Lord Louis Mountbatten, Visconde de Burma (1900-1979); avô materno do príncipe Phillip, marido da rainha Elizabeth II.

Algumas vivem de boca aberta, como se fossem tuberculosas. Outras usam o cabelo em coque por baixo do lenço e assemelham-se às judias de Túnis. Vi uma garotinha usando uma touca sobre um cabelo tremendamente rebelde. Outras usavam o cabelo separado em vários cachos e rabos-de-cavalo. Mas todas elas se assemelham em uma coisa: não primam pela higiene. As crianças são menos sujas que os mais velhos porque não estiveram por tanto tempo na terra para estarem tão cobertas por ela. São criaturas bem-humoradas, confiantes e encantadoras.

Em Baramoola, entra-se no Vale da Caxemira, uma planura com uns 50 km de largura, pela qual flui o Jhelum. É cercada de montanhas por todos os lados. Srinagar, a capital, fica a 80 km subindo o Jhelum a partir de Baramoola.

Baramoola é uma cidadezinha situada onde o Jhelum passa a ser um largo e lento rio, correndo desde o platô aberto do Vale da Caxemira. É um grande lugar sujeito a terremotos, e acostumado a ser destruído por eles. Ouvi em algum lugar que o último terremoto havia causado avalanches que expuseram uma grande quantidade de terreno como a argila azul diamantífera de Kimberley¹⁹⁴. Procurei por toda parte por isso, mas sem sucesso, e talvez tenha perdido a maior chance de minha vida para ficar rico. A arquitetura constitui-se de casas de madeira sem nada de especial, mas os cheiros são uma característica impressionante, de modo algum comum. A ponte de troncos, que aqui atravessa o Jhelum, é bem singular, e me lembrou da Ponte Gálata em Constantinopla, como um lugar interessante para sentar e ver passar a curiosa variedade de transeuntes.

Em Baramoola encontrei meu *doonga*, um barco semelhante a uma grande canoa de fundo chato, tudo pronto sob o comando do barqueiro Ahmed. James, meu cozinheiro, que tinha seguido para lá uma semana antes, estava lá com meu cachorro *Jack* e os gêneros alimentícios. Meus tripulantes, diferentemente dos demais, não tinham suas famílias a

¹⁹⁴ Cidade na África do Sul. Quando da eclosão da Guerra Anglo-Bôer, em 1899, os bôeres impuseram cerco às cidades de Mafeking (onde estava B-P), Ladysmith e Kimberley.

bordo, o que para mim foi uma enorme bênção; doutra forma, haveria contínuas fofocas e discussões. Do jeito que estava, sempre que eles queriam fumar e conversar, iam para o barco da cozinha¹⁹⁵ sentar-se com os outros criados, e assim eu podia gozar de bastante tranquilidade. No fim das contas, eles demonstraram ser bastante limpos. De fato, jantando como eu fazia, em minha bela mesinha em absoluto silêncio, o rio a correr ao alcance de minhas mãos, montanhas, árvores e o belo luar, parecia que eu havia alcançado meu ideal de “um tempo agradável”.

Assim que meu bagageiro se apresentou, dei ordem de partida rumo a Srinagar. Enquanto o gongo na Chefatura de Polícia batia as cinco horas, eu ouvi o zunido do nosso cabo de atracação de proa ao ser desamarrado do cais e lançado sobre o convés. Então, afastamo-nos deslizando sem fazer ruído, com dois homens na barranca puxando o barco com uma corda.

O rio Jhelum tem uns duzentos metros de largura, com margens cobertas de grama verde, e corre através de território plano e cultivado. Fazendas, aldeias, gado, pomares em ambos os lados, e árvores como noqueiras, plátanos e álamos ajudam a enfeitar a paisagem, e além de tudo, de cada lado, mais recuadas, ficam as montanhas, sobrepujadas ainda pelos picos nevados. Um sol quente e o ar fresco. O que mais se poderia querer?

Pelo meio-dia, o rio chegou ao Lago Woolar. Um belo lago com uns 25 km de largura, mas perigoso por causa das repentinas tempestades, com ondas suficientes para afundar um *doonga*. Consequentemente, os barcos costumam cruzar um trecho pequeno dele e seguir pelo “Canal” Naroo, um córrego que atravessa pântanos e águas cobertas por nenúfares. Nestas plantas flutuantes, é possível ver um pássaro que pode ser um cruzamento de pêga com faisão, com um toque de pomba misturado.

¹⁹⁵ B-P estava com dois barcos: o *doonga* em que ia e outro, onde ficava a cozinha e que alojava os criados.

Consegui que Ahmed fizesse para mim uma fisga, ou lança de pesca, nativa, e quando atravessando os trechos rasos eu consegui pegar alguns peixinhos, pesando perto de meio quilo cada, mas muito ossudos. Muitos anos atrás, quando eu fazia travessuras no porto de Portsmouth, aprendi o valor de lancear os peixes. Tainhas são muito saborosas, mas são muito tímidas e difíceis de pegar com anzol e linha. Vez por outra podem ser apanhadas com um pedacinho de isca, e às vezes com uma mosca branca. Mas em Portsmouth, ao fundear nosso barco ao longo das velhas paredes de pedra, sempre conseguíamos pegá-las com a fisga quando elas vinham alimentar-se junto ao fundo dos velhos navios, e pela prática frequente, nós nos tornamos bastante bons nesse esporte.

Isso me colocou em boa condição quando cheguei à Caxemira, pois aqui descobri que os nativos faziam coisa bem parecida. Em pé na proa do barco, com uma lança longa e leve na mão, enquanto o barqueiro nativo vai conduzindo o barco lentamente, você espia para dentro da água até enxergar um peixe, e então, com um lançamento suave e bem mirado você pega sua presa. Ao encontrar outro pescador aficionado perto de meu acampamento certo dia, desafiei-o para uma disputa, ele pescando com sua vara e anzol, e eu com minha lança. O resultado foi que ele pegou maior quantidade de peixes, mas eu consegui um peso maior.

Os mosquitos nestes pântanos são de espantar pelo número, tamanho e voracidade, para não falar na audácia. Eu usei luvas, mosquiteiro e dois pares de meias, e a tripulação acendeu uma fogueira produtora de fumaça. Então eu consegui passar com relativamente poucas picadas, mas os tripulantes propriamente ditos estavam num contínuo estado de estapeamento, coceira e xingamento. O ruído dos mosquitos ao pôr-do-sol parecia o de uma estação ferroviária na qual alguns trens estejam prontos para partir.

A paisagem em geral lembra a do norte da Itália, enquanto o rio em si me lembrava continuamente o Tâmis. Os esplêndidos e gigantescos plátanos pareciam olmos de longe, e eles ficavam mais bonitos de perto, devido à sua bela copa de folhas serrilhadas.

Bem antes de alcançar Srinagar, pudemos ver Hari Parbat, sua cidadela, mas nenhum sinal da cidade propriamente dita até já estar nela. Isso é um pouco decepcionante. O rio corre por três quilômetros direto pelo meio dela. Há algumas casas de madeira bem desgastadas, seus telhados cobertos com terra e, conseqüentemente, com vegetação crescida em cima, e janelas com treliça entalhada, o que é bem pitoresco, mas são invariavelmente cobertas com jornal pelo lado de fora, descaracterizando o seu desenho. As paredes das margens e os degraus estão apinhados de barcos e balsas, carregando uma enorme população ribeirinha. Aparentemente, todas as crianças vivem num estado de banho. Para além da cidade, por uns dois quilômetros e meio o rio passa pela parte britânica de Srinagar, com álamos e plátanos-orientais à farta. *Villas* inglesas junto ao caminho de sirga¹⁹⁶, barcos-casa e *doongas* perlongando as margens, tudo isso faz o lugar ficar parecidíssimo com Teddington, desde que você desconte a paisagem de montanhas ao fundo.

Antes de alcançar esta parte do rio, saímos para um canal lateral que nos trouxe ao *Chinar Bagh* (bosque de plátanos), que era o local de acampamento designado para os solteiros. Devo explicar que em Srinagar havia dois locais de acampamento, um para os casados e outro para os demais. Desencorajava-se misturar os pousos. Sendo solteiro, eu obrigatoriamente tinha de ir para o *Chinar Bagh*, onde encontrei a margem toda tomada por *doongas* de outros, cujas barracas haviam sido plantadas na margem sob as esplêndidas árvores. Os caxemires levam a vida com muito bom humor. Durante toda a noite, entre as cinco da tarde e as nove e meia da noite, que era a hora de deitar, passou por nós uma cadeia contínua de barcos cheios de gente indo para casa, vindos de uma saída para o lago Dal, a maior parte das pessoas cantando, algumas das canções tendo um refrão bastante agradável.

De *Tak-i-Suleiman* (a Cadeira de Salomão), uma colina de uns 250 metros comandando a cidade e o Vale da Caxemira, com um velho templo

¹⁹⁶ Sirga é a corda pela qual se reboca um barco a partir da margem; caminho de sirga é um caminho ao longo das margens de um rio ou canal, pelo qual uma embarcação pode ser puxada por animais ou pessoas nas margens.

budista no topo, pode-se ver um esplêndido panorama de planuras assemelhando-se às do Norte da Itália, tendo sempre as montanhas ao redor. A cidade de Srinagar aparenta ser muito pitoresca, com seus campanários de muitos templos e o rio fluindo pelo seu centro. O lago Dal, composto principalmente de pântanos, é onde Noor Mahal viveu suas cenas de amor, brigas e reconciliação com o Imperador Jahangir. Lá estão também as hortas do mercado de Srinagar, espécies de jangadas feitas de ramos e plantas aquáticas, tais como as hortas flutuantes da China, onde se cultivam excelentes legumes, tomates e outras hortaliças.

O Jhelum rodeia o sul de *Tak-i-Suleiman* numa curiosa série de volteios, que dizem ser de onde as padronagens dos xales caxemires derivaram.

O bairro europeu é ao pé do *tak-i-Suleiman*, e consiste de umas quinze ou vinte casas, *villas* inglesas em belos jardins, mas muito escondidos por árvores para o meu gosto. O povo de Srinagar é louco por avenidas margeadas por álamos, e elas seguem em todas as direções. Toda divisa de terreno é um renque de álamos, plantados distando uns 60 cm uns dos outros, e chegando a uma altura de 20 a 25 metros. Passando por entre as casas, pode-se descobrir belos gramados verdes por toda parte, flores inglesas nos jardins, e as árvores nos pomares carregadas de pêssegos, maçãs, peras e ameixas. Em nosso jardim, um esplêndido plátano-oriental fazia sombra à mesa de desjejum de uma família, onde uma senhora de cabelos brancos arranjava flores. Pessoas dos barcos no rio estavam morando em barracas em todo o lugar. Havia duas igrejas, uma biblioteca de assinaturas, um campo de polo, campos de golfe e canis com uma matilha de cães de caça! Tudo bem à mão para a Residência, onde morava o Coronel Sir Adalbert Talbot, Residente Britânico.

Por que um Residente britânico? Bem, aqui vai uma versão bem condensada da história da Caxemira¹⁹⁷.

¹⁹⁷ Que, no século XXI, ainda é disputada entre Índia, Paquistão e China.

O Vale da caxemira era originalmente um lago onde o Demônio (chamado Zaludban) morava. Kashapa, neto de Brahma, visitou o território e, encontrando ali o Diabo, sentou-se por mil anos em devoção e obteve que os deuses o ajudassem a expulsar Zaludban, o que ele conseguiu por meio da drenagem do lago através da garganta em Baramoola. Daí o território veio a ser chamado Kashap Mir (Terra de Kashap). De início, foi um território hindu, depois os rajputs governaram por 633 anos até 3121 a.C. O país é velho: os caxemires ainda cantam os amores do Rei Bambro e Lolare, que viveram ao redor de 2000 a.C. Asoka conquistou o país em 1394 a.C. e introduziu o budismo. Srinagar foi fundada aí pelo ano 500 d.C. O território tornou-se muçulmano no século XIV (1323 d.C.), e os hindus foram forçados a mudar de religião¹⁹⁸, então até os dias de hoje seus descendentes ainda respeitam os hindus. O imperador Akbar conquistou a Caxemira em 1587, e as coisas permaneceram assim sob os mughals até 1752, quando os pathans¹⁹⁹ tomaram a região. Em 1819, os sikhs²⁰⁰ obtiveram a posse. Após a batalha de Sobraon, os britânicos concordaram, mediante indenização, em reconhecer a independência da Caxemira, mas sob suserania britânica. O valor da indenização foi de 750 mil rupias. Um Residente é designado para observar que o marajá se comporte, e para agir como conselheiro no desenvolvimento do país.

Enquanto estive acampado no *Chinar Bagh*, sofri o assédio de bandos de joalheiros, vendedores de xales, sapateiros, criados, etc. Mas eu estava atarefado e mal-humorado. Uma vez em terra, designei um dos meus homens para avisá-los para ficarem longe de mim, e quando eles rodearam meu flanco e vieram acompanhando os barcos, joguei água neles. Por fim, eu fraquejei o suficiente para conversar com um homem que tinha fotos do lugar para vender; num minuto, quatro ou cinco outros barcos nos alcançaram, e como abutres os comerciantes me cercaram, e

¹⁹⁸ Ou por ameaça de morte, ou por impostos mais altos que eram cobrados dos não-muçulmanos.

¹⁹⁹ Tribo oriunda do Afeganistão.

²⁰⁰ Seguidores da religião fundada pelo guru Nanak.

puseram suas mercadorias sobre a grama para me tentar, e havia algumas coisas realmente belas, e eu certamente tinha um ou dois presentes para levar, e – bem, eu cedi!

O homem que negociou comigo fez que seus *coolies* mantivessem peças de tecido estendidas ao nosso redor, de modo a impedir aos comerciantes rivais verem a quanto montavam nossas transações. Era um negociante muito esperto. Tendo descoberto antecipadamente quem eu era, ele começou por perguntar sobre muitos amigos no regimento. Então, como que sem querer, ele apresentou algo parecido com o que ele fizera para um deles, e então pensou que talvez eu pudesse gostar de ver uma peça semiacabada que ele estava fazendo para o Duque de York. Ele ia fazer outra peça semelhante, porém menor, para pôr na loja. Ele a enviaria para mim em Meerut para eu examinar e, se eu gostasse, poderia ficar com ela, devolvendo se não gostasse, e assim por diante.

Encontrei o seguinte registro em meu diário na data de 7 de agosto: “Uma das muitas noites pelas quais se pode ser verdadeiramente grato e feliz por estar vivo”, que mostra que tive muito gosto na beleza que me rodeava. Quando isso foi escrito, eu estava sentado sob os ramos de minha árvore gigantesca, com a minha esquadra – eu tinha acabado de incorporar um bote, que trouxe o número de embarcações para três²⁰¹ – atracada junto à barranca, minha mesa de jantar e a cama instalados ao ar livre, sobre o aveludado gramado da margem do rio, sob essas mesmas árvores. O sol a se pôr e as montanhas ao redor fizeram o melhor que puderam para satisfazer meus olhos, e foram plenamente bem-sucedidos. Do mesmo modo, James também fez o seu melhor para satisfazer minha “capacidade”, com um picadinho de carneiro, pêssegos assados e uma garrafa de vinho caxemir, também obtendo êxito, ainda mais porque foi tudo acompanhado de uma toalha de mesa limpíssima e guloseimas.

Na manhã seguinte, visitamos as ruínas em Pandritan, o pequeno templo no tanque amarelo, cujas portas com pinturas de trevos

²⁰¹ Lembrando, as outras duas eram o *doonga* de B-P e o da cozinha.

intrigaram os antiquários, mas coincidem com as minhas ideias de antiquário, qualquer que seja o valor delas. Aliás, ambos os guias que li fazem referência a esse mistério, mas nenhum informa que uma das quatro portas tem um Buda esculpido dentro do trevo. Esta vila foi originalmente a capital da Caxemira, mas foi destruída por ordem de Abimanyu, uma espécie de Nero, capaz de pôr fogo a uma cidade simplesmente para seu prazer. Há também um gigantesco ídolo de um *lingam*²⁰² (quebrado), e os pés de uma estátua sentada que deve ter tido uns seis metros de altura.

Encontrei um nativo muito cortês nos campos, e ele me informou que meus barcos não estavam muito distantes. Ele comerciava com entalhadura em madeira, e, tendo recebido notícias da minha viagem, seguiu-me. Seu barco, cheio de amostras, foi trazido para perto. Suas peças eram muito atraentes, e, mais uma vez, eu cedi à tentação.

As pessoas neste lugar devem ser muito felizes, e aparentemente o são, pois de todos os lados eu ouvia gente a cantar; até os mosquitos cantavam. Uma possível razão para essa felicidade é que os caxemires não têm conflitos de consciência. Eles admitem para si mesmos que são mentirosos e ladrões. Há um provérbio nativo que diz: “Se você encontrar uma cobra, não a mate; mas se encontrar um caxemir, aí é outra conversa”. Outro diz: “Muitas galinhas numa casa deixam-na em desordem; muitos caxemires num território estragam-no”.

Partir de manhã era uma operação lindamente simples. A rotina era eu levantar-me ao raiar do dia, enquanto minha tripulação fazia suas preces, um olho no Paraíso e o outro em mim. Assim que eu saía da cama, as preces terminavam, minha cama era embarcada no *doonga*, e antes que eu tivesse começado minha toalete a bordo, as estacas de atracação já haviam sido recolhidas e nos púnhamos a caminho. O barco da cozinha, então, vinha acostar-se, e meu cozinheiro vinha a bordo. Então, *Jack* e eu descíamos a terra e caminhávamos por um par de horas.

²⁰² Peça em formato de pênis.

Depois, um banho, roupas limpas e o desjejum, e então instalávamo-nos para o dia.

As barqueiras da Caxemira são famosas por sua beleza. Vi centenas delas, mas devo ter perdido as afamadas. Elas eram bonitas de certa maneira, com feições fortes e corpos fortes e, como mencionei antes, bem pouco higiênicas, como ciganas. Vestiam-se com um camisolão sujo, muito grande para elas, com um pano branco (?) sobre a parte de trás da cabeça. Algumas usavam um pequeno turbante vermelho debaixo desse pano. Elas trabalham do mesmo jeito que os homens nos barcos, pegando turnos na propulsão do barco (com uma vara), no reboque e mexendo no leme, como também trabalham as crianças.

Os barqueiros têm uma compleição física esplêndida, e são geralmente camaradas gentis, respeitosos e inteligentes. Meus dois auxiliares eram muito capacitados: eram capazes de cozinhar, tomar conta de minhas roupas e calçados, entre outras coisas, e os dois rapazes sob comando deles eram bons no trabalho duro, bem-humorados, e seu maior prazer era carregar minha lança quando estavam rebocando, e procurar por peixes que dessem sopa quando passávamos por eles.

A varanda do meu *doonga* era um lugar agradável para passar um dia feliz. Eu podia ficar sentado ali por horas e apreciar a paisagem continuamente a mudar. *Jack* também gostava, deitando com a cabeça pela borda do barco, olhando para a água²⁰³. Me agradava tão pouco a ideia de essa vida embarcado chegar ao fim, que dei ordem à minha tripulação para irmos bem devagar, e assim adiar um pouco mais o inevitável.

Em Bidjbehara, que achei muito tentadora para resistir e onde paramos por um dia inteiro, nosso simpático bosque foi invadido, ao anoitecer, pelo Residente da Caxemira e seus meios de acampamento, com mais ou menos uns quarenta mil *coolies*, bagagem, escolta, acompanhantes e penduricalhos.

²⁰³ Tal qual um cachorro moderno, com a cara para fora da janela do carro.

Logo em frente ao local em que atracamos havia um templo hindu. Eu tinha interesse em observar a forma como se portavam os devotos, então peguei meu bote e remei sem ser notado até bem perto, sob a barranca, e pus-me a ouvir o que diziam. Um sacerdote veio até eles enquanto faziam sua refeição do meio-dia. Ele falou, de início não diretamente para eles, mas antes *diante* deles, continuamente reiterando um tema: “A vida é vaidade, o grande rio fluindo é como o Destino da Vida; suas águas rolam incessantemente, sem serem abaladas pelos desejos, orações ou lágrimas dos homens; quieto, mas irresistível; calmo, porém inescrutável”. Eles pareceram esquecer sua refeição à medida que esse impressionante refrão começou a tomar sua atenção.

“Sim, irmãos”, ele prosseguiu, “olhem para essas palhas, essas bolhas carregadas pela correnteza. Que somos nós senão algo como elas? Carregados pelo Pai Destino, o Grande Rio, desde onde? Não importa. Para onde? Não sabemos. Então, de que nos serve ter ambições, amores ou ódios? Podemos nós, meras palhas mover o curso do Grande Rio para adequar-se aos nossos ínfimos propósitos? Não conseguem ver, meus irmãos, o poder do grande Deus? Sim, em seu coração vocês começam a compreender a grandeza Dele e a sua própria insignificância. Ele vem a vocês; ele vem” ...

Sim, Ele vem, ou a coisa mais próxima Dele vem. Um turista inglês, câmera fotográfica na mão, nariz para o ar, entra no local, andando pelo meio da assembleia como se eles fossem poeira, e começa a tirar fotos do melhor dos ídolos.

Quebrou-se o encanto. Pobre velho sacerdote, quase senti a dor dele. Todo seu ardor inspiracional caiu por terra. O desencantamento foi completo. As mulheres cobriram os rostos para não serem vistos pelo homem branco, e os homens recomeçaram a comer e a tagarelar uns com os outros sobre as várias experiências que tiveram com os “*sahibs* viajantes malucos” que encontraram.

Por fim, cheguei a Kunbul, o porto de Islamabad. Meu plano geral agora era deixar minha esquadra ali como uma base de suprimentos, enquanto eu fazia curtas viagens para as montanhas que nos rodeavam,

e que ofereciam as mais tentadoras paisagens para serem verificadas mais de perto. Em Islamabad, uma cidade de tamanho razoável, suja, é claro, mas não tão fedorenta quanto a maioria delas, havia grande quantidade de peregrinos hindus acampando por um dia em seu caminho de retorno da caverna de Amarnath, entre eles faquires ou mendigos religiosos, vestidos das formas mais singulares. Em Bawan, na entrada do Vale de Liddar, montei meu acampamento em um bosque de imensos plátanos, com um córrego gorgolejante a atravessá-lo. Ao entrar no bosque vindo da claridade do sol, pareceu-me bem escuro sob as árvores. Eu disse “acampe”, mas minha mesa de desjejum estava aberta no terreno, e minha tenda não tinha sido montada. O clima era perfeito, suficientemente quente durante o dia para você se manter à sombra, e frio o suficiente à noite para você usar um cobertor ou dois. Minha cama foi instalada sob uma árvore para proteger-me do luar e do orvalho, que era bem pesado.

Minha “equipagem” agora se constituía de onze carregadores, a quatro anás (seis *pence*) por jornada de marcha de 20 km, meu bagageiro e meu cozinheiro. Tínhamos de levar toda a comida conosco, e assim eu tinha um bando de galinhas, cada carregador levando uma na mão durante a marcha! São belos e fortes sujeitos, que transportam grandes cargas, que eles acomodam numa bem-feita armação de varas dobradas amarradas com cordões, que eles confeccionam em poucos segundos tirando-as da casca dos arbustos próximos. Todos eles têm perneiras de faixas. Suas cargas eram loteadas da seguinte maneira:

O nº 1 levava meu equipamento de dormida e minhas roupas;

O nº 2 carregava a caixa de despachos e os cobertores dos criados.

O nº 3 levava as panelas e equipamentos de cozinha num *kiltee* (cesto)

O nº 4 levava suprimentos.

O nº 5 carregava a barraca.

O nº 6 levava meu material de banho e miudezas em geral.

O nº 7 levava minha mesa e minha cadeira reclinável.

Finalmente, o nº 8 carregava minha cesta de marmitas.

Foi mais ou menos por essa época que cheguei à conclusão de que deveria me casar. Senti agudamente a necessidade de uma esposa que fosse capaz de desenhar paisagens²⁰⁴. Havia mais do que a capacidade de um homem para tentar retratar a natureza aqui, especialmente se esse homem não é muito bom em desenhar paisagens ou árvores.

O ribeirão que corria através do bosque em que acampamos em Bawan tinha uma origem bastante curiosa. Quando Kashapa terminou sua prece de mil anos de duração ele estava em Bawan, fazendo o jejum, e aconteceu que ele tinha um ovo na mão quando ele viu a água, na qual vivia o Demônio, escoando-se para fora do Vale da Caxemira. Excitado, ele gritou: “Por Deus! Acabamos com o Demônio desta vez!”, ou algo parecido, e lançou o ovo no chão. Deve ter sido meio fraco, pois desenvolveu-se num corguinho, que veio alegremente fluindo desde então.

O *hambardar* (líder) da aldeia e também o guia (autodesignado) para as ruínas têm livros de visitantes muito interessantes, que lhes foram passados por seus ancestrais; nestes estão os autógrafos de John Lawrence, Hugh Gough, Neville Chamberlain, Dighton Probyn, Hardinge, o então Tenente Frederick Roberts²⁰⁵, Lord Lansdowne, e outros, datando desde mais ou menos 1830.

É curioso quão confortável e simples se torna o deslocamento uma vez que toda a equipe tenha se acostumado a essa rotina. Bastava-me dar uma voz de comando, “James”, e tudo se punha em movimento.

Quando a estrela d’alva começava a se esvanecer na aurora, eu acordava e chamava: “James!”. *Jack*, que esperava por isso, pulava para cima da cama e se espreguiçava, e voltava a dormir. E eu também – por uns sete minutos.

Então James aparecia com uma bandeja de uvas e desaparecia. Todos os meus criados, após um longo e cansativo treinamento, haviam

²⁰⁴ B-P faz uma nota dizendo que precisou revisar seu padrão de qualidades desejáveis numa esposa (é preciso lembrar que, quando trabalhou neste livro, ele já estava casado com Lady Olave).

²⁰⁵ Futuro Marechal-de-Campo, sob cujas ordens B-P serviu.

chegado ao jeito de fazer aquilo que eu queria e *nada além*, desaparecendo em seguida, em lugar do costumeiro sistema de ficar rodeando o amo esperando ordens. Enquanto eu comia as uvas, e *Jack* as cascas, o criado ia aprontando minha água quente e material de higiene do lado de fora. Então eu me levantava e me vestia, ao tempo em que a mesa, instalada sobre uma grande lona impermeável como um tapete ao ar livre, era posta com chocolate, ovos e torradas.

Durante o desjejum, as barracas foram desmontadas e empacotadas e enviadas à frente na estrada, assim como o restante do equipamento. Cada carregador conhece seu próprio fardo, recolhe suas coisas assim que elas estejam liberadas, empacota tudo e põe o pé na estrada. Um homem espera para pegar a mesa, cadeira, tapete e equipamento de chá. Tudo está feito em coisa de quinze minutos, e *nem uma palavra é dita*.

Minha cesta de piquenique é na verdade uma cesta de chá; tem uma chaleira e uma espiriteira, o que me permite preparar meu próprio chá. Tem espaço suficiente para a comida que eu queira levar. Acrescentei ao seu equipamento uma caixinha de alumínio que guarda torradas ou biscoitos, e uma outra contendo sal e pimenta misturados.

O carregador dessa cesta leva também uma camisa limpa e uma muda de alpercatas e meias, e é aí que mora o meu segredo das caminhadas: uma muda de equipamento dos pés. Eu era conhecido em Charterhouse por jogar futebol com dois pares de chuteiras²⁰⁶, um par calçado e o outro à espera para ser trocado no intervalo do primeiro para o segundo tempo. Sempre considerei uma troca de equipamento dos pés (calçado ou meia) como o item mais importante numa longa caminhada.

Os nativos parecem ter olhos nos joelhos, ou pelo menos os joelhos parecem ser a primeira parte deles a sair do caminho de *Jack* quando ele corre à frente para verificar a estrada para mim. Chegando à fila de

²⁰⁶ Do que se apura lendo biografias de B-P (inclusive a autobiografia), essa era a menor das excentricidades pelas quais ele era conhecido: desenhista, caricaturista, ator, imitador... fora a sua própria atuação durante as partidas de futebol, jogando como goleiro.

homens, ele procura pôr as patas dianteiras sobre o testa²⁰⁷, rindo duma orelha à outra mas sem latir. O sorriso basta. Os joelhos se afastam da sua trajetória²⁰⁸, e *Jack* segue trotando, dono da rua. O único sinal de felicidade que ele dá são duas abanadas do rabo, como se me desse uma piscadela de olho. Então ele segue trotando acompanhando, como se andando de lado, suas patas traseiras fazendo um caminho meio que paralelo ao das dianteiras, uma orelha virada, e a cabeça abaixada. Não me venha dizer que um cachorro ao fazer isso não está fazendo uma profunda reflexão consigo mesmo!

Depois de andar uns 16 km, eu procuro por um lugar para fazer alto. Um que proporcione: 1) sombra o dia todo; 2) um córrego; 3) uma paisagem. Ali eu tomo banho, mudo de roupa, faço um piquenique, leio, escrevo e desenho até umas 15:30h. Então, faço chá, depois empacotamos as coisas e nos deslocamos para onde eu devo encontrar o acampamento instalado e outro chá pronto. Daí vêm banho quente, jantar, cartas e, por fim, dormir.

Um dia, olhando para meu mapa, pensei como seria bom sair do caminho batido e ver algo das montanhas de Dedhoof Nag. Encontrando um nativo, perguntei-lhe se ele conhecia algum caminho que subisse aquela montanha. “Sim, claro”, ele respondeu. “O senhor gostaria de ir caçar?” “Não, só olhar”. “Bem, é uma pena, porque numa montanha atrás dessa, vários cavalos foram recentemente mortos por ursos”. Um bom nome para um lugar onde se poderia esperar encontrar os restos mortais de um cavalo. Ele era um caçador, no momento desempregado, então eu o contratei naquele local e naquela hora, e fiz meus planos de acordo com a nova situação. Mandei um *coolie* de volta com um bilhete para nossos barqueiros, para que enviassem para cima armas, munições, roupas quentes e barraca para os criados. Enquanto isso, marchamos mais uns 10 km subindo o vale do Liddar entre montanhas nevadas, picos ásperos,

²⁰⁷ Primeiro homem duma coluna de marcha.

²⁰⁸ Assim, o cachorro não consegue se apoiar no humano.

encostas cobertas de cedros e um rio a rugir abaixo. Já estávamos subindo para um lugar mais alto no mundo e já começava a fazer frio.

A paisagem onde o vale do Lunghni se junta o do Liddar é absolutamente perfeita. Instalamos o acampamento ali e determinei-me a sentar e apreciar a vista, ou antes as vistas, pois para cada direção em que se olha, elas são esplêndidas, mas impossíveis para eu pintar. À tarde, visitei os campos perto de Shukoti, para ver onde os ursos tinham andado a operar nas plantações.

Nessa noite, com meu guia de caça, Samud Khan, fui para um campo muito frequentado por dois ursos, e instalei-me ali à espera deles por metade da noite; mas nenhum deu o ar da graça. Era uma bela noite, e eu estava muito interessado em ver toda a encosta acesa com pequenas fogueiras feitas para manter os ursos afastados das plantações, com um homem de serviço, sempre indo de uma fogueira à outra para alimentá-las, gritando o tempo todo.

Meia hora depois de sairmos do lugar, os ursos vieram e fizeram sua refeição a uns meros dez metros de onde estivéramos sentados a esperá-los!

CAPÍTULO XVII

UM CAÇADOR COMO MÉDICO DE POSTO DE SAÚDE

Cada curva do caminho no vale do Liddar nos trazia algo novo e encantador no que concerne ao cenário. Um dia, descobri uma floresta de cedros-do-himalaia cobrindo um grande anfiteatro de encostas de montanhas. Havia milhares deles, cada árvore muito parecida com as outras, compridas, simétricas, copadas, impressionantes à sua própria maneira como as montanhas em si mesmas. Aqueles avoengos picos de topos brancos, olhando à distância em fria sublimidade através das eras, ficam bem fora do alcance de nós, pequenos parasitas a rastejar a seus pés. Mas os cedros-do-himalaia são mais deste mundo, assemelhando-se a um corpo de granadeiros do Exército, em forma, na posição de “sentido”, esperando por ordens. Podia-se imaginar que, a uma palavra de comando, eles se poriam em movimento.

Empacotamos o material e partimos, subindo o vale do Lunghni, primeiro acompanhando a esplêndida correnteza, entre belas paisagens de bosques, atravessando o rio por cima de um tronco caído, por sobre o qual *Jack* rastejou em verdadeiro terror; então, por sua própria conta ele atravessou de volta e para o outro lado de novo. Repetiu isso umas duas ou três vezes até ser capaz de fazer sentindo-se seguro. Subimos, mantendo bom ritmo de marcha, por uns 1400 m através da floresta, com os cedros em rígida posição de “sentido” enquanto passávamos. Bem cansativos os últimos 1600 m, não tanto por eu estar gordo e fora de forma, mas por causa da altitude, algo entre 3000 e 3300 m. Samud Khan tinha pernas horrivelmente longas, e o passo de um galgo na correia numa caça ao veado. Fiquei muito feliz ao constatar que conseguia manter o passo com ele muito melhor do que eu esperava neste meu primeiro dia de caminhada verdadeira depois de um longo tempo.

Vimos muitas belas flores silvestres no caminho: anêmonas roxas, margaridas de cor lilás, bocas-de-leão, capim pé-de-galinha amarelo, e uma imitação inferior em cor-de-rosa da orquídea-do-cabo (*Disa uniflora*) – mas, ainda assim, uma linda flor. Nenhuma delas tinha os nomes das

flores que lhes dei, mas pareciam-se com elas na floração. Havia também miosótis, copos-de-leite, dentes-de-leão, campânulas azuis, centáurea-azul, sempre-vivas, girassóis anões, e muitas outras.

Essa minha futura esposa terá de ser capaz de desenhar os efeitos de luz do pôr-do-sol nas montanhas e na floresta. São maravilhosos. Quisera eu poder dar-lhes uma ideia de como são.

Prosseguimos nossa marcha subindo o vale do Lunghni – a mais bela das caminhadas que já fiz quanto a paisagens. Para meu azar, este ano, as montanhas que costumam estar cobertas de neve estavam quase sem nada. A trilha era difícil, e bem íngreme em certos trechos. Com esforço, chegamos a 3300 m de altitude, e logo em seguida descemos uns 300 metros, depois gradualmente fomos subindo de volta esses 300 metros e mais. Em certo ponto, vimos que um tornado havia derrubado centenas de cedros, e era uma trabalhadeira danada passar por cima dos troncos caídos.

Ao chegarmos ao local escolhido, encontrei minha barraca montada, a mesa do chá instalada, e o banho pronto (a céu aberto), e, após ter bem aproveitado tudo isso, sentei-me, primeiro desenhando e depois simplesmente apreciando a paisagem, com total desconsideração pelo monte de cartas que eu deveria estar escrevendo; mas não me importei.

Nessa noite, ao pôr-do-sol, os elementos tentaram conjurar uma tempestade. Nuvens enrodilharam-se sobre as montanhas e tornaram o céu rosa-salmão de um lado e do outro um profundo azul metálico. Então grandes chumaços de nuvens brancas vieram atravessando com toda sorte de cores de luz nelas, enquanto o trovão ribombava por trás do cenário. De repente, o céu se abriu e deixou as estrelas tomarem sua vez de se mostrarem.

Após um agradável jantar (durante o qual passou voando uma galinhola), sentei-me junto duma bela fogueira de troncos, na minha confortável cadeira com braços, com *Jack* deitado ao lado, excitado em ver as fagulhas voarem. Meu lampião pendia do meu bastão de caminhada, e com sua luz pude ler, com muito gosto, os poemas de Omar

Khayyam, que eu possuía em edição bilíngue, persa e com a tradução de Whinfield. Minha confortável cadeira era uma de muitas coisas que me foram dadas por amigos que fizeram essa viagem tão completamente prazerosa. Minha luneta era a maravilha para todos, e tal como a esposa de Selous²⁰⁹ em *Tempestade e sol na Rodésia*, era “a um tempo meu principal conforto e minha maior ansiedade”, pois eu morria de medo de perdê-la. Estava destinada, algum tempo depois, a ser-me de valor inestimável na Guerra Sul-africana²¹⁰. Então eu me casei: lua-de-mel no Saara, correia mal presa, maleta virada durante o deslocamento, lá se foi a luneta! Não adiantou refazer o caminho, lamentar, praguejar. Foi-se!

Em dias chuvosos fazíamos pouco progresso, pois os carregadores tinham dificuldade em avançar no chão escorregadio. Quando a neblina se agarrava nos picos das montanhas, o restante do terreno parecia-se com as charnecas escocesas, e a ilusão era ajudada por um teixo-anão a crescer entre os rochedos, e uma flor silvestre carmesim exatamente igual à da urze, que se via por toda parte.

Por entre os amontoados de rochas vivem inúmeras marmotas, bichos marrons e pretos do tamanho de gatos grandes, e muito tímidos. Samud Khan e eu fomos atrás delas com uma espingarda e conseguimos pegar três. Têm uma boa pelagem, mas essas que pegamos aparentemente estavam na época de muda de pelos, então não estavam muito boas para fazer pelegos.

Agora estávamos perto de Dedhoof Nag, e descobrimos que o relato sobre ursos-vermelhos era exagerado: apenas um havia estado por lá, e levaria muitos dias para apanhar o seu rastro. Eu não tinha licença para caçar ursos-vermelhos, apenas os ursos-pretos, e nessa época do ano as peles dos ursos-vermelhos também não estavam em muito boas condições. Meus suprimentos não durariam muitos dias mais, e as

²⁰⁹ Frederick Courteney Selous (1857-1917), caçador, explorador e conservacionista, que conviveu com B-P durante a rebelião matabele de 1896-7. Morreu em combate contra os alemães, na campanha da África Oriental.

²¹⁰ Guerra dos Bôeres, 1899-1902.

dificuldades da estrada já nos haviam atrasado dois dias em nossa programação. Essas considerações foram determinantes para deixar o urso-vermelho seguir seu caminho – e ele o fez. Decidi não ir para Dedhoof Nag, mas acampeei junto ao entroncamento para Islamabad, e os suprimentos na serra de Liwapatur, e propus irmos em busca de ursos-pretos na outra encosta dessa serra.

Durante a noite caiu uma chuva torrencial, que induziu vários pôneis da montanha a virem buscar refúgio sob a aba da minha barraca, e entre as cordas de estaiamento. Meus pobres carregadores estavam dormindo a céu aberto, sem nada além de seus cobertores. Eu sabia que não tinha como coloca-los todos dentro de minha barraca, e o aroma de mesmo uns poucos deles faria necessário que eu fosse para a chuva. Então, decidi deixar as coisas correrem até de manhã, quando me propus dar-lhes um dia extra de pagamento para dar-lhes algum conforto. Mas eles não precisavam de muito conforto. Todos eram tão bem-humorados e conversadores quanto possível, e não mencionaram a chuva até que lhes perguntei se não se haviam molhado. “Oh, sim, um tantinho, mas não podemos esperar sempre estar secos, e sempre tomamos uma esquivada nesta velha montanha”. Eles se divertiam em ver meus criados das planícies, que se encolheram dentro de sua barraca e envolveram em tecido suas cabeças quando a chuva começou. Quando ela caiu com vontade, eles correram para fora e se ocuparam em não fazer nada com meus estais de barraca até que suas miseráveis roupas de linho estivessem completamente ensopadas, então eles se amontoaram juntos de volta dentro da barraca, e desenvolveram uma tosse parecendo do além-túmulo, pela qual acabaram tendo de receber doses de óleo de rícino. Não há nada como óleo de rícino pra tratar desde uma dor de dente até uma perna quebrada²¹¹.

O silêncio das montanhas é notável. Não há aves, não há árvores para farfalhar a ramagem, e estávamos alto demais para ouvir os sons do

²¹¹ No exército Brasileiro, nas décadas de 1980 e 1990, as panaceias eram Benzacetil (penicilina), injetável, e ácido acetilsalicílico (comprimidos), também para tratar da unha encravada ao AVC.

vale lá embaixo. A íngreme serra pedregosa que ficava acima do nosso acampamento costumava estar coberta de neve; mas o único sinal de neve que vimos desta vez foi uma pequena geleira pela qual passamos. Ao alcançarmos o topo, descobrimos que era verdadeiramente um topo. Não foi o caso de descobrir, como acontece com tanta frequência, que haveria ainda outro rochedo ou crista para superar. Aqui, de repente, diante de você havia espaço, nesta ocasião todo coberto de nuvens, mas aqui e ali encontrava-se uma fenda mostrando o território mais adiante, espalhando-se como um oceano verde-esmeralda e azul-pavão, com o horizonte lá em cima no céu, a mais extensa vista que já apreciei. Estávamos a uns quatro mil metros de altitude. Fiquei bem esfalfado nas últimas centenas de metros, meu coração bombeando feito louco até eu quase me sentir enjoado. Então, fizemos a descida por uma encosta bem íngreme, passando por um terreno recoberto de rochedos entre penhascos, e com ocasionais vislumbres, por buracos entre as nuvens, do território lá embaixo.

Eu havia começado a caminhada com borzeguins britânicos, mas logo troquei pelas alpercatas, que são excelentes calçados nesse terreno tão pedregoso.

Depois de uma hora e meia, vimo-nos novamente entre os bosques de cedros e a “bela” paisagem, correntezas trovejantes, bosques, capinzais e samambaias, típicos da encosta sul de Liwaputur. Tomei o desjejum no bosque de cedros, logo acima de um riacho de montanha, sendo meu menu constituído de frango grelhado, ovos pochê, e, claro, pêssegos cozidos.

Sempre que possível eu enviava minha bagagem e minha barraca para o local de acampamento que eu havia previamente selecionado, com ordens de não acampar a menos de 1600 metros de qualquer aldeia. Assim, evitava-se cheiros, águas de má qualidade, e visitas de chefes com presentes de frutas ruins, pelas quais esperavam *bakshish* (gratificação, gorjeta) e alguma carta dizendo que eles lhe haviam prestado excelentes serviços.

Saindo dos cedros para árvores mais comuns, descemos para uma atmosfera mais quente e menos rarefeita. Por fim, o vale se abriu um pouco e a trilha ocasionalmente se tornava plana por algumas centenas de metros. Vimos vacas, crianças, campos de milho, capim e flores silvestres até a altura da cintura. Esparsas, por ali, havia árvores – nogueiras, amoreiras, ameixeiras, pereiras e macieiras. Havia uma ou duas pequenas aldeias, uma das quais, chamada Hamgalpao, era o lar de Samud Khan. Aqui seus irmãos e sobrinhos vieram ao nosso encontro, todos eles *shikaris*, com seu irmão Sabhana sendo um dos mais famosos e celebrados, acabado de chegar de Ladakh. Eles me mostraram meu local e acampamento, um local adorável, com minha barraca localizada num outeiro gramado rodeado por árvores. Um riacho de montanha gorgolejava a uns poucos metros, e nele eu me banhei. Na outra margem do riacho, que cruzei com o auxílio de um jovem, à sombra entre duas árvores frondosas vizinhas, cheguei à minha mesa, cadeira, caixa de documentos e rede de deitar. Ao sentar-me, olhei para cima, onde a montanha ocultava sua cabeça nas nuvens. “Bicho rabugento”, resmunguei, “Por que você não se expõe para ser observado”? O “bicho rabugento” acabou se mostrando ao pôr-do-sol.

Certa manhã, eu saí cedo com meu *shikari* e um morador local, a fim de tocaiar um urso que o morador disse que vinha pela trilha todas as manhãs, ao romper do dia. Claro, ele não veio, mas encontramos seus rastros quando clareou, por onde ele havia passado durante a noite, a menos de 150 m de minha barraca.

Após uma caneca de chocolate, parti para a colina acima de meu acampamento, e depois de um trecho bem puxado, o *shikari* pôs-me “onde três ursos tinham sido mortos no ano passado”. Então, quarenta batedores vieram bater a selva subindo pela encosta até onde eu estava posicionado. O que saiu foram apenas duas pombas.

Daí, outra subida, para um local ainda mais alto na floresta, com o mesmo resultado. Comecei a ver que não havia ursos. Já era meio-dia, então tomei meu desjejum, decidindo que já havia tido suficiente exercício desse tipo para o dia, e que deveríamos ir descendo com calma

até o acampamento, que já estava uns quinhentos metros abaixo de nós. Mas o irmão do *shikari* disse: “Agora eu sei onde os ursos estão; apenas um pouquinho mais para cima. Está um dia quente, e eles subiram para pegar um tempo mais fresco”.

Primeiro descemos uma pirambeira, uma rampa de capim escorregadio. Ir descendo, descendo, descendo, era horrível. Então retomamos a ascensão, que é sempre aborrecida, mas eu já estava pegando meu ritmo, e minhas pernas estavam por tal modo musculosas que meus desenhos podem bem mostrar em que se tornaram.

Chegados ao topo de uma garganta, toda numa floresta, tomamos posição numa saliência estreita em uma pedra bem alta com vista para baixo, os dois *shikaris* e eu. Eu havia “derretido” tanto que desejava trocar de camisa pela terceira vez. Sem ter mais nenhuma seca, vesti o casaco por cima da minha pele e pus a camisa estendida por cima do chapéu para secar. Sentei-me então bem em cima da rocha, enquanto os batedores vinham subindo pela floresta, gritando e assobiando estridentemente. “Pontos de parada” foram posicionados de cada lado da garganta, com armações de galhos entre as árvores no intuito de impedir que os ursos escapassem por algum dos lados.

Súbito, o “ponto de parada” de um dos lados começou a gritar; houve um barulho de ramos partidos e uma tufo de pelos preto veio balançando-se a descer pelo lado do vale, através da vegetação baixa, num passo bem rápido, bem direto na direção de nosso rochedo – um urso rude, desgrenhado, e meio crescido. Eu disse ao *shikari*: “Ei, olhe, garoto, estamos aqui!” “Sim, eu sei”, foi sua resposta sem se impressionar. “É justamente o motivo de eu ter vindo”. E ele subiu, determinado, e no momento seguinte estava na saliência conosco! Não havia espaço para nós todos ali, então o velho *shikari* que estava mais perto dele deu-lhe uma no cocuruto com seu bastão de caminhada, logo seguida por outra no lado da cabeça, que lançou o pobre garoto de lado no espaço, e ele caiu com um “thud” pesado e um grito como um ganido, na vegetação baixa que havia abaixo de nós. Ele ainda era jovem demais para caçar.

Não demorou para ouvirmos mais gritaria dos “pontos de parada”, e um grande urso se fez visto esquivando-se pelo meio dos arbustos. Tinha conseguido passar pelo meio deles. Mandeí um par de tiros em sua direção só para mostrar que o havia visto, mas não o atingi. Então, os batedores chegaram cada vez mais perto, fazendo uma barulheira horrível, assobiando, gritando, batendo em troncos ocos que davam um “bum” maravilhoso, e um sujeito com voz de touro lançava sem cessar um grito de gelar o sangue, “oola – oola!” Fez grande efeito, pois, de repente, da vegetação diante de nós, a uns oitenta metros, saiu um grande urso-preto, correndo em nossa direção. Abri fogo, e ele deu uma cambalhota, com um grito. Mas num segundo estava de pé novamente, e correndo em direção aos batedores. Enquanto ele escalava a margem do córrego, dei-lhe outro tiro que o fez cair para trás. Mas ele tornou a se levantar e disparou direto no rumo da linha de batedores, de modo que não pude atirar novamente e ele passou por entre eles. Então começou a diversão. Tirei minha camisa e parti junto com os *shikaris* a segui-lo morro acima. Pegamos seu rastro, com manchas de sangue, e o seguimos, morro acima, morro abaixo, atravessando arbustos, passando por cima de rochas, perlongando encostas escorregadias. Era exercício com sabor de vingança. Num certo ponto, a encosta estava coberta por uma lama preta escorregadia. Cedeu com o meu peso, e lá fui eu morro abaixo a sessenta mil quilômetros por hora. Por sorte, um *shikari* estava logo abaixo de mim, estava com o bastão bem apoiado no solo e os joelhos flexionados, e eu fui direto em cima dele, a deslizar sentado, o que me deteve. Mas as minhas costas... num momento, branquelo, no outro um estudo sobre o entalhe por fricção na pele nua.

Muito bem, tivemos uma longa caçada, e então, depois de uma reunião em conselho, os *shikaris* chegaram ao consenso de que meu grupo deveria descer, circundar o sopé da montanha e subir até um certo esporão, e os batedores viriam conduzindo o urso até mim. Eu estava tão cansado que mal daria conta de descer, e quanto a subir o esporão depois de todo o esforço descendo, seria demais. Sentei-me e olhei desesperançado para o terreno. Então tentei um ou dois passos subindo,

e consegui chegar bem ao local indicado, troquei de camisa novamente, mas nada de urso. Por fim, meu *shikari*, que tinha continuado a subir o esporão, desceu e me disse que havia seguido montanha acima até umas grandes cavernas onde parecia que o urso teria entrado. Acenderam fogueiras para fazê-lo sair com a fumaça, mas as cavernas eram muito profundas.

Minha velha perna baleada²¹² estava agora dolorida demais para me levar por um metro a mais que não fosse na direção do acampamento. De alguma forma consegui descer o morro, de volta à minha barraca, após um dia de exercício verdadeiramente puxado. Calculo que tenhamos feito bem uns 32 km, a maior parte do trajeto subindo.

Tive um bocadinho de agitação no córrego, quase quebrando o nariz contra o fundo. Perdi a conta do número de repetições que fiz de pão na chapa com manteiga e mel, xícaras de chá, maçãs e uvas. Eu estive fora das quatro da manhã às cinco da tarde rastreando aquele urso fujão!

O dia seguinte foi de descanso, apesar de eu não me sentir cansado e de a perna do ferimento se mostrar tão boa como sempre. Pelo correio inglês, cartas e jornais haviam chegado na noite anterior, e, estando sem sono, fiquei sentado metade da noite lendo tudo. Eu estava naquela condição em que se está cansado demais para dormir. Uma caminhada noturna pelo vale atrás do meu acampamento era, exceto pela falta do dobre de sinos de igreja, tal qual um domingo no campo na Inglaterra. Enquanto eu desenhava sua casa, uma mulher atravessou o campo de milho e, não fosse por seu rosto e roupas sujas, poderia parecer-se bastante com as figuras da filha do Faraó²¹³ que se vê em caixas de chocolate, baldes de carvão, etc.

Meus *coolies* fizeram para mim um par de *chaplis*²¹⁴ a partir de um longo cordão, feito do capim que crescia ao redor. Eles serviram, bem

²¹² Resultado do acidente relatado no capítulo IX, quando B-P literalmente atirou no próprio pé.

²¹³ Provavelmente a mencionada no livro bíblico do Êxodo.

²¹⁴ Alpercatas.

confortáveis (depois que você se acostuma com eles pinicando entre seus dedos), e apesar de eu não poder caminhar pelo teto com eles, eu tinha confiança de que poderia andar numa janela de vidro plano com eles, tal era a aderência. Foram os melhores calçados que já tive.

Dois dias depois, tivemos outra batida atrás de ursos. Fomos mais longe e seguimos pela crista de uma bela serra uns mil metros acima do acampamento. Há um registro de lacônica alegria em meu diário, que diz: “Que vistas! Um longo dia, esplêndido exercício (sempre trocando de camisa)”. O único urso que vimos foi aquele que eu havia ferido, e ele se enfiou em sua caverna, de onde não conseguimos tirá-lo, nem com pedras, nem paus, nem fogo; nem podíamos enfrentá-lo lá dentro – era um buraco estreito entre rochas, com ramificações por dentro da encosta. Sabhana provou ser um excelente companheiro, muito inteligente e espirituoso. Ele mantinha os batedores às gargalhadas com suas piadas.

Os poucos dias seguintes foram dedicados inteiramente às batidas de urso e ao desapontamento. Uma vez, dedicamos um dia inteiro a perseguir um desses cabeludos, no qual não consegui acertar um tiro. Era um figurão, bem grande e forte, que, quando pressionado, voltava-se e atacava a linha de batedores. Por duas vezes ele esteve perto de mim, apesar de invisível no meio do mato; mas o seu galope pesado era tal qual o de um cavalo de charrete quando ele punha na cabeça de galopar pelo seu território.

Uma noite, no meio do jantar, um nativo veio correndo do campo, atravessando o córrego, para dizer que um urso tinha acabado de entrar na sua plantação. Lá fomos Samud Khan e eu. Eu, em meu uniforme de noite, pois sempre janto vestido assim. Percorremos todo o campo do sujeito, mas nada de urso. Então começou a chover e voltamos ao acampamento encharcados. Então mudei de roupa e jantei novamente.

Nada em particular aconteceu nos dias seguintes. Choveu e eu aproveitei o isolamento da minha barraca com uma bela fogueira à porta. Então tivemos outra batida de urso e admirei as nuvens a rolar ao redor das montanhas e o terreno amarelo e lilás embaixo; mas nada de ursos.

Também li um pouco, inclusive a palestra do Coronel French²¹⁵ sobre Manobras de Cavalaria, no livro *Strategy and its teaching*, de Henderson, só para me lembrar que eu era um militar, tanto quanto um vagabundo. Então, precisei praticar um pouco de medicina. O pobre *Jack* estava sofrendo com um olho. De fato, pensei que ele o tivesse perdido, por causa de um espinho ou coisa assim. Lavei-o com chá, e depois com uma loção, e foi melhorando, e *Jack* pôde voltar a curtir a vida.

De quão longe se pode ver um homem? De minha posição na crista da serra certo dia, olhando para o Liddar, eu conseguia ver uma ponte sobre o rio, e duas ou três pessoas atravessando-a em momentos diferentes. Meu *shikari* tinha boa visão, mas só conseguia ver os pilares da ponte, e disse que a estrada, segundo ele pensava, tinha sido levada pelas enchentes. Apostei com ele uma rupia que a estrada estava lá. Minha luneta provou que eu estava certo. Com ela eu era capaz até de ver de que maneira tinham sido assentadas as pranchas do piso! Também apontei alguns bovinos que ele e seu assistente de início não conseguiram enxergar. Então competimos na contagem do gado, o que foi bem acalorado; mas no fim das contas eu ganhei a competição num truque, ao locar o pastor encarregado do rebanho. Todos o procuramos, em vão, até que eu notei uma moita na encosta logo acima do gado e, como Sherlock Holmes, deduzi que o homem gostaria de estar numa sombra e, ao mesmo tempo, numa posição com comandamento sobre o rebanho a seu encargo, então eu arrisquei e disse que o pastor estava junto à moita; e quando apontamos a luneta, constatamos que eu tinha acertado. A distância, segundo o mapa, era de uns cinco quilômetros.

Tinha muita coisa nesse lugar que me lembrava a Inglaterra. Além de mirtilo, nozes, rosas, teixos e outras, descobrimos melros gargalhando pela selva, e ao redor do acampamento pombas-do-mato que nunca

²¹⁵ Depois Marechal Sir John French (1852-1925). Serviu à Marinha Real de 1866 a 1870, depois à Artilharia da Guarda Territorial. Ingressou no Exército em 1874. Oriundo de Cavalaria como B-P, serviu na Índia. Participou da expedição ao Sudão na Rebelião dos Dervixes, fazendo parte da coluna que tentou resgatar o governador Gordon, em Khartoum (1884-85). Combateu na Guerra Anglo-Bôer (1899-1902). Foi Chefe do Estado-Maior Geral Imperial (1912-13). Comandou a Força Expedicionária Britânica (Primeira Guerra Mundial) até dezembro de 1915.

cessavam de dizer “*pleased to see you*”, muito gentil da parte delas; mas acho que não estariam tão felizes em me ver se soubessem que era só o medo de afugentar os ursos que me impedia de atirar em uma ou duas delas para comer. Frango, sempre frango, era a única carne que conseguíamos obter ali; não que eu me incomodasse, era tudo igual para mim, mas era “o mesmo”, sempre o mesmo.

Mandei meu ordenança adiante para descomissionar minha “esquadra”. Eu decidira não ir mais de barco, já que estava quase acabando o mês pelo qual eu os havia contratado. No dia seguinte, os barqueiros se apresentaram no acampamento “para se despedir”, isto é, para pegar alguma gorjeta, ou roupas usadas (das quais gostam muito, apesar de parecer que não as usam). Dei-lhes um velho relógio Bee, que quando novo valia uns três *shillings*, e que já não andava tão bem. Aquilo e um pouco de loção para os olhos de uma das crianças foi tudo que obtiveram de sua caminhada de quase 50 km.

O alvorecer era lindo de se ver, com o Pir Panjal²¹⁶ num vermelho flamejante bem antes que o meu lado do vale, situado na profunda sombra de suas montanhas, pensasse em acordar. Havia celeiros em quase todos os campos. Em seus telhados planos, os vigias viviam em pequenas cabanas de palha, e mantinham fogueiras acesas a noite inteira, e gritavam, assobiavam e tocavam trompas para afugentar os ursos; mas, como disse um dos homens, “Para quê? Os ursos vêm e comem à luz da fogueira, e se eu grito com eles, eles olham para mim e rosnam”.

Novamente me sentei, uma noite inteira desta vez, à espera de ursos, mas sem resultado. O *shikari* ficou muito infeliz, e para melhorar seu humor tive de simular que estava com muita raiva. Na verdade, eu não me importava, estava obtendo bom exercício e excelentes paisagens, que era tudo que eu queria; mas como eu não tinha jeito de explicar isso ao *shikari*, mostrar raiva era minha única opção.

²¹⁶ Cordilheira ocidental do Himalaia.

Por fim, parti do acampamento acima de Aieen e caminhei descendo para o Vale da Caxemira, para Achibal. Achibal é muito louvada nos guias de turismo, e em consequência decepciona um bocado. É um pequeno jardim dos prazeres ao redor de um tanque que recebe um volume de água que borbulha sob um rochedo. A principal e melhor característica do local é a excelente qualidade das frutas e hortaliças cultivadas pelo administrador – pêssegos, peras, ameixas e grandes tomates. Havia árvores frutíferas por toda parte. Eu vinha derrubando maçãs e peras com o meu bastão de caminhada à medida que vinha descendo.

Um dia, ao passar por uma aldeia onde deveríamos pegar nossos batedores, um homem foi trazido à minha frente para receber tratamento médico; ele, dois ou três meses atrás, tinha saído com um *sahib* à caça de ursos, e tinha sido mastigado por um deles. Aparentemente, o urso havia segurado a cabeça do homem com as patas enquanto arrancava-lhe um bocado da face, que incluía um olho, metade do nariz e parte da bochecha. Coitado! Parecia-se com W** quando fazia caretas. Dei-lhe uma solução de Izal à guisa de unguento, e um pouco de óleo de rícino para aplicação interna. Ele parecia estar bastante bem, mas não ficaria feliz se eu não lhe desse alguma espécie de remédio.

Passando pelo *ziarat* (zigurate, ou capela) defronte à aldeia, todos os batedores foram até lá e tocaram a soleira, evidentemente invocando a proteção do santo, o que não é muito frequente entre eles; mas com um lembrete tão impactante e perene na aldeia sobre as chances da vida humana quando na caça ao urso, eles ficaram mais propensos do que de costume a lembrar seus deveres para com seus deuses.

Nesse dia, batemos a encosta coberta de florestas de uma colina, e após algum tempo vi um urso a correr no meio do mato acima de nós, a uns oitenta metros. Dei-lhe um tiro que o fez enrodilhar-se sobre o nariz e então o fez vir descendo a galope em nossa direção. Parecia uma repetição exata daquele episódio com o outro urso, e vindo em direção à minha posição de espera. O *shikari* estava perto, com o seu bastão, mas o bicho passou logo abaixo, onde o terreno era tão íngreme que eu não

podia vê-lo. Então, por um instante ele se mostrou, ao saltar de uma moita para outra transpondo um córrego, e dei-lhe um tiro por reflexo, que o fez enrodilhar-se, mas pensei ter errado. Por sorte, poucos metros adiante ele entrou noutra riacho, do qual para sair ele teria de escalar a margem. Pude ver sua cabeça e ombros acima da barranca, e acertei-o com um belo tiro apoiado, que o jogou para trás com uma cambalhota e um ganido, para dentro do *nullah*. Como este era bem íngreme, seguimos caminhando fora das vistas para dentro do mato abaixo.

Meu auxiliar disse, mais com pena que com raiva, “*Bug gaya* (ele escapou)”. E na excitação do momento, eu falei em inglês com ele, dizendo: “Aposto o que você quiser que ele não conseguiu”. Eu sabia que aquele último tiro o tinha pegado de jeito.

Houve tanta gritaria vindo dos batedores lá embaixo que chegamos a pensar que o urso tivesse se colocado no meio deles. Meu *shikari* correu colina abaixo e eu atrás dele, mas meu auxiliar, com calçados comuns, vinha escorregando e tinha dificuldade em fazer o caminho; então, tomei minha arma de suas mãos e prossegui atrás do *shikari*. Lá estava ele, logo abaixo de mim, fazendo pontaria para dentro do mato com um velho fuzil que ele pegara de um dos batedores. Pensei comigo mesmo: “Esse sujeito vai perder o rosto: ou a arma vai deixar de disparar e o urso vai vir e arrancar um pedaço, ou ele vai disparar e explodir na cara dele”. A arma negou fogo, mas o urso não veio para fora; ele não podia – estava morto, e bem morto. Fiquei contente em constatar que meus três tiros o haviam atingido com bom efeito. O primeiro no ombro, esmagando a pata; o segundo nas costelas; e o terceiro varou-lhe o coração. Nada mau para o meu “fuzil”, que não era mais que uma carabina regimental comum. Mas desde a ocasião em que ferí meu primeiro urso, quando só tinha munição da cadeia de suprimento do Exército, eu havia enviado mensageiro a Srinagar em busca do “Whiteleys²¹⁷” da região, Samud Shah, e obtivera alguma munição “para esporte”, que fez toda a diferença.

²¹⁷ Loja de departamentos de Londres.

Enquanto eu desenhava o urso morto, houve uma gritaria dos batedores morro acima, para dizer que outro urso, “um monstro”, claro, havia passado pela minha posição original e fugido. Duas batidas não resultaram em nada, e então veio uma chuvarada, sob a qual nos retiramos para casa, encontrando tempo claro e ensolarado lá embaixo.

No caminho de descida, um dos batedores escorregou e deslocou o ombro. Foi trazido à minha presença logo junto ao *ziarat*. Fiz que ele se deitasse de costas, e descalcei meu pé direito, já que era o seu braço direito que tinha saído do lugar. A turma, ansiosa por ajudar, correu para meu outro *chapli* e descalçou-o também. Sentei-me ao lado dele, enfiei meu calcanhar em sua axila, e então fiz cabo-de-guerra com seu braço, enquanto o *shikari* o segurava no chão. O coitado não gostou nada do que estava acontecendo, mas num segundo tinha acabado, o braço voltou ao seu lugar com um *click*. A galera vibrou, ele desmaiou, sua mãe chorou. Então, levantou-se uma discussão sobre ele estar ou não morto; eles começaram a ficar excitados e a não gostar mais de mim, mas no meio dessa confusão ele se pôs sentado, olhando bovinamente ao descobrir-se bem, e nem a metade do herói que era um minuto antes. Depois, dei-lhe um pouco de óleo canforado para esfregar no ombro, e óleo de rícino – não, eu já estava começando a ficar sem óleo de rícino, então dispensei-o dessa medicação.

Apesar de eu só ter consertado o ombro deslocado às cinco da tarde, na manhã seguinte, antes de eu sair para a montanha às sete, pobres criaturas chegavam para serem curadas de suas diversas mazelas. Minha fama como médico já se havia espalhado. Estavam além do riso e do tratamento com óleo de rícino. Havia um coitado todo encolhido e contorcido devido ao reumatismo crônico, e que viera mancando por mais de seis quilômetros. Óleo canforado e bandagem de flanela foi o tratamento que prescrevi. Outro camarada jovem havia vindo carregado, um esqueleto a padecer com úlceras nas pernas. Evidentemente, ele já fazia tempo que se havia resignado a morrer, a melhor coisa para ele, mas os amigos o haviam incitado a voltar a pensar em viver porque havia na aldeia um homem branco com medicamentos

maravilhosos. Não foi apenas seu olhar ansioso que me chamou a atenção, mas o de sua mãe e das mulheres de sua parentela, que haviam violado o costume de esconder-se de um homem branco, e estavam rodeando por ali à procura de algum sinal de esperança. O que receitei foi uma solução de glicerina e ácido carbólico, além de meus bons votos. Outro paciente, um homem de aparência forte que estava cuspiendo sangue. Dei-lhe água gelada para beber e fiz que lhe aplicassem no peito e nas costas. Apenas desejei possuir um grande suprimento de remédios para dar assistência a esses coitados. O camarada do ombro deslocado veio sorrindo para me mostrar que agora estava tão forte quanto o outro.

No outro dia eu tinha mais pacientes. Outro caso de reumatismo demandou mais óleo canforado, flanela e suadouro. Um garoto com as faces emaciadas veio carregado, com um inchaço doloroso na coxa. Determinei que se aplicasse leite, compressas quentes e massagens suaves com óleo canforado. Um homem com uma ferida aberta no tornozelo recebeu uma solução de desinfetante. À noite, fui dar uma caminhada e lá veio um monte de novos pacientes: mais feridas, abscessos, olhos inflamados, reumatismo, febre... Acabei sendo considerado como alguma coisa entre um feiticeiro e um médico de posto de saúde.

Na caça ao urso, há longas esperas enquanto os batedores vão para seus lugares. De repente ocorreu-me certo dia que eu poderia escrever um livro sobre reconhecimento e exploração²¹⁸. Então, durante esses períodos de espera eu fui lançando no meu caderno títulos de capítulos, e finalmente temas de parágrafos. Em pouco tempo eu havia terminado de apresentar as chamadas principais, pronto para que um taquígrafo tomasse o ditado do desenvolvimento. Assim, matei dois pássaros com uma pedrada só: além de usufruir as etapas da caça ao urso, pus no papel algo que há muito tempo eu queria dar aos meus subordinados, e que mais tarde me renderia o valor de um cavalo para polo.

²¹⁸ Seria o manual *Aids to Scouting for NCOs and Men*, publicado em 1899 e, usado pelos garotos ingleses para brincar, veio dar origem ao *Scouting for boys*.

Como recompensa pelo meu atendimento aos doentes, no fim de um longo dia foi-me enviado pela Providência um urso bem grande. Veio, viu, venceu. Ele olhou para fora do mato, bem quieto, como faz um javali experiente, e começou a se mover como para passar entre mim e os batedores. Se eu esperasse o momento para atirar, eu corria o risco de atingir um batedor, então alvejei-o onde ele estava, olhando para mim, só com as orelhas e a testa acima do capim, e errei! Típico de mim! Muitas vezes consigo acertar uma ave em voo, mas nunca uma pousada. Assim aconteceu com o urso; quando ele se virou para correr para a selva, disparei um segundo tiro contra ele, que o atingiu na cernelha e o fez diminuir o ritmo e, quando ele pulou para dentro da selva, transformei seu pulo num mergulho, com um tiro de trás, e ele caiu morto alguns metros adiante. Quando cheguei onde ele estava caído, com os batedores tagarelando em volta, ele parecia um respeitável cavalheiro que por uma vez tivesse ficado encharcado de bêbado, e estava caído na sarjeta com suas belas roupas pretas, com uma multidão irreverente a zombar ao seu redor. Instintivamente, olhei em volta, procurando sua cartola e um táxi que pudesse levá-lo para casa.

Ao retornar ao acampamento, encontrei um monte de pacientes, inclusive dois novos de *outra* aldeia. Um era um caso de hepatite. Como eu não tinha podofilina, prescrevi óleo de rícino, compressas quentes e, como ele parecia triste, um pouquinho de uísque com água para ser tomado se a sua condição de casta o permitisse; se não, friccionar externamente! O outro tinha um abscesso feio no antebraço, no qual apliquei uma cataplasma feita de pudim de aveia, não tendo mais nada que pudesse adicionar. Em breve eu tinha vinte pacientes regulares em meus registros, e previ que eu tinha ou que ir embora do distrito ou começar o meu consultório. Eu não tinha ambição nenhuma de me tornar um médico da selva, ainda mais lembrando que minha profissão era de causador, e não curador, de ferimentos. Estas considerações, somadas ao fato de eu já ter batido a maior parte dos esconderijos da vizinhança, determinaram que eu mudasse meu acampamento para o próximo vale, outra parecida pequena bacia nas colinas chamada

Bringhin, que tinha uma paisagem quase idêntica à do vale onde operei meus milagres.

À minha chegada a Bringhin, o líder da aldeia me disse que tinha acabado de receber informação de que um *sahib* chegaria no dia seguinte para caçar neste vale, mas como eu já havia tomado posse, ele enviaria um mensageiro para detê-lo. Assim, essa minha mudança foi de muito boa sorte!

Meu ordenança tinha trazido, como parte do meu equipamento para esta viagem, um grande guarda-chuva, que eu havia usado no Nepal. Eu zombei dele de início por fazer isso, mas descobri que me foi um ótimo conforto em campo. Eu o amarrei ao meu bastão de caminhada, no “gramado”, e ele me deu sombra para escrever ou desenhar quando não houvesse árvores frondosas à mão.

Deliciosas maçãs e peras cresciam por aqui. Chego a me perguntar por que alguém não dá início a uma destilaria de cidra na Caxemira. Teria uma boa demanda para a bebida entre os regimentos na Índia!

Em resposta a mensagens que eu enviara dizendo haver ursos na minha vizinhança, o Major Heneage, do 5º de Dragões da Guarda, juntou-se a mim. De início, tivemos pequenas diferenças de opinião quanto à data. Não houve rancor, já que ambos ansiávamos por informação precisa. Pensei que era o 11º dia da expedição, e Heneage que era o 9º, então decidimos dividir a diferença e definir como o 10º dia. Como resultado, foi um dia que poderia perfeitamente ter sido deixado de lado, poderia muito bem ser lançado um véu de esquecimento sobre ele. Vi três ursos em diferentes momentos, e erreí todos eles. Claro que eu poderia dar mil razões para tê-los perdido, mas isso não altera o fato de eles terem ido embora, rindo do caçador. Dois deles cruzaram uma trilha estreita no mato em que que Heneage estava postado mais abaixo, então eu não podia atirar até que eles estivessem entrando no mato do outro lado da trilha. O *shikari* disse que eu acertei um deles na cabeça. Entramos na selva à sua procura, mas eu sabia que não tinha acertado, e de fato não o encontramos. Quanto ao terceiro, Heneage atirou nele e eu tentei

funcionar como arma secundária e errei! Depois disso, Heneage sabiamente disse: “Vamos conversar sobre botânica”.

Em antecipação por nossa ação conjunta, eu havia comprado uma ovelha gorda. Foi abatida, e nós nos banqueteamos. O menu foi: sopa; perna de carneiro assada; legumes, repolho, batatas, salada de tomate; sobremesa, pudim de ameixa, queijo, pêssegos, peras, uvas, maçãs, nêsperas, acrotes (caxemir para nozes); café preto, vinho, uísque escocês.

Um dia, o *lumbardar* (líder) da aldeia, Shah Wali Khan, apresentou-se como candidato para gorjeta ou medicamento; mas ele parecia ser um paciente caro. Era grande como um hipopótamo e pediu remédio para diminuir sua “corporação”. Eu disse que não tinha nada que pudesse atender ao seu caso. Ele disse que era tudo bobagem, o último médico que tinha vindo (ele me classificou como médico) havia-lhe dado quarenta e duas pílulas em um dia, e elas lhe fizeram um bem tremendo. Então eu lhe dei uma folha de mostarda, e imaginei que ela só seria capaz de cobrir uma percentagem ínfima daquele latifúndio. Eu esperava que seu espinho convencesse o velho de que lhe estava fazendo um baita benefício. No dia seguinte, ele veio e simplesmente descarregou sobre mim toneladas de agradecimentos e louvores; a despeito de suas camadas de tecido defensivo, sentiu a espetada da folha atravessá-lo, e já havia começado a fazer efeito: ele já se sentia mais magro e alguns quilos mais leve. As pílulas do meu antecessor tinham sido boas, mas não foram nada em comparação com este bocadinho de mágica que atingiu diretamente o coração do mal.

No dia que Heneage sabia ser o 13º e eu tinha a convicção de ser o 15º, mas que concordamos em chamar 14º, deixamos para trás Bringhin e seus ursos. Caminhamos 11 km até Pangut, onde pescamos, ele com vara e anzol, eu com físga. Após o desjejum, nós nos separamos; ele foi para Srinagar, enquanto eu dirigi meus passos para uma aldeiazinha distante uns 26 km, chamada Vernag, que é um antigo jardim de Jahangir²¹⁹ (1612) na extremidade do vale da Caxemira.

²¹⁹ Quarto imperador mughal (1569-1627), filho de Akbar.

Parei por um dia em Vernag para obter carregadores, um trabalho difícil, uma vez que a estrada de saída da Caxemira (via Jammu) era privada, propriedade dos marajás, e o Governador não era lá muito prestativo. É necessário obter uma autorização especial antes de você poder passar por essa estrada. Como ela passava por Sialkote, nosso futuro lar, eu queria ver, mesmo que qualquer outra rota fosse preferível. O marajá mora em Srinagar durante o verão, e em Jammu, perto de Sialkote, no inverno. Tive o azar de estar na estrada bem quando ele estava de mudança. Ele mesmo sempre vai pela estrada de *tonga*, pela qual eu viera; mas suas esposas, corte, acólitos e penduricalhos vão pela estrada em que eu ia voltar, e empregam todos os carregadores disponíveis.

Enquanto eu subia pelo Passo Banihal (3100 m), o tempo, que pelos últimos três dias tinha sido frio, nublado e chuvoso, como se envergonhado de seu comportamento para comigo, abriu-se num belo e radiante dia, e à medida que eu ia chegando ao topo do passo, uma maravilhosa vista do vale da Caxemira se desdobrou aos meus olhos, especialmente das montanhas mais além. Pelos últimos três dias, elas vestiram uma cobertura novinha em folha de neve, e estavam esplêndidas. Era uma visão memorável. Por fim, sem muita vontade, dei as costas a esse belo *finale* à longa sucessão de pequenas belezas que vi na Caxemira. E fui descendo os mil metros de encostas íngremes e sem árvores, que atravessam as montanhas de Jammu em direção à Índia.

A cada 300 ou 400 metros, há pequenas casas de pedra construídas para os nativos se abrigarem quando atravessam o passo no inverno, pois as ventanias e nevascas podem ser fatais. No passo, encontramos um homem muito velho e enfraquecido sentado ao lado da estrada, cantando preces bem baixinho para si mesmo. Ele se juntou ao nosso grupo por um tempinho, como o fazem os viajantes, e contou-nos que vinha caminhando desde Srinagar, 80 km distante, rumo a um Estado nativo distante uns dez dias de marcha para além de Jammu (isto é, nove dias de marcha, dezoito dele, de onde estávamos), para procurar seu filho, que o deixara um ano atrás. Primeiro, pensei em cumprir essa

tarefa para ele, usando o correio e o telégrafo; mas ele não sabia em que cidade ou aldeia seu filho poderia estar, e era meio nebulosa a informação sobre qual Estado. A casta o impedia de consumir meu leite ou carne de carneiro, então quando ele parou novamente à beira da estrada, eu o deixei a rezar, mais rico em dois *pence* e meus bons votos.

Na aldeia de Deogul (também chamada Banihal), fiz-me amado pelo Tehsildar ao tratá-lo por “Ap (vós)” em lugar de “Tum (tu)”, e por dar-lhe um aperto de mão²²⁰. Consegui, assim, que ele completasse minha equipe de carregadores (quatorze) para atravessar o Jammu comigo. Eu não estava mais dependente do acaso de obter homens em cada aldeia e podia acampar onde melhor me aprouvesse. Este Tehsildar contou-me que os britânicos tinham combatido uma grande batalha no Egito, na qual haviam matado vinte e quatro mil inimigos, e perdido doze oficiais e um punhado de praças. Eu não tinha visto jornais ultimamente, por isso fiquei meio cético; mas no fim das contas era verdade, e foi por esse modo que eu pela primeira vez soube da batalha de Omdurman, combatida e vencida por Lord Kitchener em 2 de setembro²²¹. O Tehsildar acrescentara uns dez mil às perdas do inimigo, mas isso era um mero detalhe. Uns 8 km depois de Ramsu, deitado sob um rochedo junto à minha barraca, tendo chegado antes de nós, estava meu velho amigo do Passo Banihal. “Cansado?” “Não, *Sahib*, passei a vida inteira caminhando, eu não me sentiria cansado agora. Mas ontem eu estava sem comida. Hoje, estou ótimo”. Isso me custou mais dois *pence*! O livro-guia diz que a distância de Ramsu a Ramban é de 21 km, Cowdra (o carregador da minha cesta de piquenique) disse que era de 42. Quando

²²⁰ B-P quis dizer que o sujeito se sentiu valorizado, porque o “tu” era usado ou com pessoas com quem se tem intimidade ou com os hierarquicamente inferiores.

²²¹ Em 1898. Decisiva na supressão da Rebelião dos Dervixes, no Sudão. Cerca de 26 mil britânicos, egípcios e sudaneses enfrentaram 52 mil guerreiros mahdistas. As baixas foram em torno de 50 mortos e 380 feridos do lado britânico e 12 mil mortos, 13 mil feridos e 5 mil capturados do lado mahdista. A rebelião recebeu seu golpe final na batalha de Umm Diwaykarat, em 1899. As metralhadoras Maxim e os canhões de retrocarga ingleses, além de seus fuzis de repetição, fizeram devastação entre os mahdistas. O então Tenente Winston Churchill participou dessa batalha, fazendo parte da carga do 21º de Lanceiros.

chegamos a uns 12 km, eu lhe perguntei quanto faltava. “Oh, uns 12 km”. E eu perguntei: “Então já andamos 30 km?” Ele respondeu: “Já andamos uns 13”. “Mas isso dá um total de 25 km, e você disse que seriam 42”. “Ah, deixa pra lá. Deus sabe a distância”. Esse é o seu modo geral de safar-se de uma dificuldade. Ele não sabe aritmética e não é bom em estimar distâncias, e quando fica apertado apela para o Criador. Descobri por experiência que a distância é de uns 32 km, num percurso fácil de caminhar, sendo os últimos 12 acompanhando as rampas verdes do ensolarado rio Chenab, um contraste com a tumultuosa torrente, com seus precipícios e os rudes pinheiros velhos na sombra da íngreme montanha acima.

Em Ramban dormi sob um telhado pela primeira vez nos últimos dois meses, na cabana de repouso, uma casa nativa limpa e vazia. Meu quarto tinha cinco janelas e duas portas, então eu não tinha do que me queixar quanto à ventilação.

Um dia, uma velha senhora passou por mim na estrada com umas frutas de aparência esquisita em seu fardo. Ela me deu duas, e já estava se reequipando e pondo-se em marcha antes que eu pudesse pagá-la. Mandei um mensageiro a entregar-lhe meio *penny*, e ele veio correndo de volta dizendo algo como: “Por Deus, você quer brincar de apostar quem pode ser mais generoso, moço?”, e começou a desembulhar o fardo de novo e me encher de frutas. Elas pareciam um cruzamento de maçã com uma pequena abóbora, e o gosto se assemelhava ao de uma maçã feita de madeira. São chamadas “bee”.

Curiosamente, sempre achei que quando numa verdadeira vida ao ar livre como esta, com fartura de exercício, eu precisava de bem menos comida e sono que de costume. O carregador da minha cesta de piquenique fez uma observação sobre isso certo dia, dizendo que sempre tinha pensado que a força dos *sahibs* a quem ele serviu vinha da quantidade de comida que ingeriam; mas a ele agora parecia que quanto menos eu comia, mais depressa eu caminhava.

Um dia, eu lhe contei que possivelmente eu poderia ir para a Inglaterra no ano seguinte, em lugar de vir à Caxemira. Ele prontamente

riu consigo mesmo; e quando eu lhe perguntei do que se ria, ele disse que muitos dos seus *sahibs* lhe haviam feito esse tipo de anúncio, e sua ida para casa sempre resultou em eles voltarem com uma esposa; e daí eles abriam mão das expedições de caça, e visitavam apenas os caminhos mais fáceis da Caxemira. Ele mesmo não se havia casado. Era muito caro, e ele estava economizando dinheiro para isso. Ele teria de dar de 120 a 200 rupias (dez ou doze libras) aos pais de uma jovem de padrão tal que pudesse ser recebida em sua família. Esse parece ser, de fato, um plano bem interessante, sob diversos pontos de vista.

O produto de exportação da Caxemira são as nozes, e os de importação, latas de querosene, quarenta e duas na carga de um carregador. Pode haver outros produtos, dos quais não ouvi falar. Encontrei centenas de carregadores transportando latas de querosene, mas não sei para quê, exceto que alguns templos hindus têm seu telhado feito com elas, para assemelhar-se à prata. Acredito que os ourives usam o restante para fazer objetos de “prata” para os visitantes ingleses.

Quando cheguei a Nagrota, foi com a consciência de que, para minha tristeza, seria meu último acampamento. Caminhei 8 km até Jammu, atravessei a cidade e mais uns 3 km atravessando a esplêndida ponte pênsil sobre o rio Tawi até a estação de trem, onde parei para passar o dia. À minha chegada, descobri que era 26 de setembro, e não 27, como eu havia pensado! De alguma forma, eu ganhara de novo um dia fora. Paguei meus quatorze carregadores a seis *annas* por dia, mais uma gorjetinha, bem como meus *coolies* fixos e meu *shikari*. Este último ficou ali em volta, como costumam fazer os caxemires, a ver se obtinha algum extra, como uma faca, lona impermeável, roupas, qualquer coisa. São uns tremendos pedinchões.

Então, enviei um bilhete ao Governador de Jammu e perguntei-lhe se ele podia ajudar-me com alguma charrete para rodar pela cidade. A resposta veio na forma de um bilhete cortês e um grande landau com dois criados e outros atavios, e passei em grande estilo. A cidade é muito limpa e bem cuidada, com muitos templos hindus bem conservados. O palácio fica num quarteirão grande, cercado por casas nativas de dois

andares com algumas boas sacadas. A praça é cheia de garotos de recado, cavalos, elefantes, etc., prontos para qualquer momento em que o rajá queira sair. A casa vermelha fora da cidade é o palácio do Príncipe Herdeiro.

Vi o Governador e agradei-lhe pela carruagem. James serviu-me meu último jantar na sala de espera, preparado na varanda, em um fogão feito em dois minutos com alguns tijolos e pedras. Então, parti no trem das dez da noite para Sialkote.

Minhas despesas durante essa viagem de dois meses somaram 616 rupias (mais ou menos trinta e nove libras). Os itens de despesa foram os seguintes:

Item	Rupias
Passagem de trem para Rawalpindi, ida e volta	90
Idem, para 2 criados	48
2 <i>ekkas</i> (troles) para Baramoola, para os criados	40
Assento na <i>tonga</i> , para mim mesmo	38
Comida no caminho, etc.	18
Contrato por 1 mês de um <i>doonga</i> e alimentação dos tripulantes	24
Contrato por 1 mês de um barco-cozinha e alimentação dos tripulantes	18
Contrato por 1 mês de um bote individual e alimentação dos tripulantes	5
Batedores para caça ao urso, 10 dias	70
Licença para a caça ao urso	21
Pagamento do <i>shikari</i> , 1 mês e meio a 20 rupias, e rações a 3 rupias	37
Pagamento de 4 <i>coolies</i> fixos a 6 rupias, e rações a 2 rupias	50
Pagamento de carregadores nos deslocamentos	22
Pagamento de carregadores de Vernag a Jammu	65
Custo dos suprimentos	50
Custo da comida	20
TOTAL GERAL	616

MINHAS DESCULPAS

Sim, a Índia é uma terra de mistério e romance sob sua aparência ressecada pelo sol. O homem branco moderno ali parece fora de lugar. Tommy Atkins bebe sua cerveja numa cantina que já foi um palácio real; o oficial subalterno caçando seu javali depara com a lápide de um Grão-Mughal; e até mesmo *Jack*, olhando para a mesquita de Shah Jehan, pensa: “Que lugar para caçar ratos”!

Sinto-me envergonhado. Terminarei este meu livro de memórias. Elas são para mim um dia de verão bem ensolarado e com poucas nuvens. Têm pouco valor para qualquer outra pessoa. Mesmo as suas lições sobre a vida militar podem estar ficando obsoletas, uma vez que, como Lord Sydenham fala sobre soldados que deixaram o serviço ativo, já estou, “se não obsoleto, no mínimo no caminho da obsolescência”. Mas, de qualquer modo, se o leitor teve a paciência de bracejar por todas estas páginas – de minha parte, eu geralmente só leio as páginas que estão à direita no livro –, pelo menos, terá aprendido que a narceja pode ser cozida no gim e que mostarda pode ser comida com pudim de limão!

POSFÁCIO

Chegamos ao fim das recordações de Baden-Powell, sobre seu tempo de serviço na Índia, a “joia da Coroa” do Império Britânico. Às vezes ficava difícil distinguir quando ele se referia ao seu primeiro período, como Tenente e Capitão, ou ao segundo, como Comandante de Regimento. Ao longo do relato, no entanto, não faltaram as paisagens exóticas e uma habilidade para contar histórias que nos coloca quase como participantes – sem contar as ilustrações, que cabe ao leitor conferir no original (que pode ser baixado do *The Dump*).

Caricaturista, imitador, trotista, caçador, esportista, desenhista e pintor, ator, explorador curioso e observador atento, várias faces B-P nos mostra. Era um sujeito que não tinha medo de pôr as mãos na massa para cumprir as missões; criativo e bem-humorado; atento ao bem-estar de seus subordinados; capaz de respeitar e admirar seus oponentes, e de fazer-se respeitar por eles. Um soldado que viveu sua carreira gostando do que fazia²²² e, mesmo, divertindo-se com isso. Um bom contador de histórias, não apenas ao redor dos fogos de campo, mas ao apresentar aos jovens uma possibilidade de terem suas próprias histórias para contar – não de logros e agravos a outrem, mas de boas ações, de dificuldades superadas, de habilidade, de justiça e de amizade. Um

²²² Há quem insista em chamar Baden-Powell “ex-general”, e em dizer que ele “deixou o Exército” ou que ele “queria o Escotismo sem nada que lembrasse o Exército”. Para começar, ele só seria “ex-general” se fosse expulso do Exército. Em todos os seus escritos, ele se refere ao tempo em que esteve na ativa como alguém que gostava do que fazia; no próprio *Escotismo para rapazes*, no mínimo nas edições até 1910, ele não deixou de indicar que era o Lieutenant-General Robert S. S. Baden-Powell. Quando ele fala, em *Lições da escola da vida*, da passagem da “primeira para a segunda vida”, em momento algum renega a feliz carreira e o grande aprendizado que o Exército lhe deu. Aliás, se tivesse renegado sua condição de militar, não se teria apresentado pronto a reverter ao serviço ativo quando eclodiu a Grande Guerra, em agosto de 1914. Do mesmo modo, seria incoerente vê-lo, aos 80 anos, fardado e a cavalo, participando de uma solenidade militar na Índia, com o seu velho 13º de Hussardos, quando a unidade se tornou mecanizada. Igualmente, o sistema de uniformes e distintivos, a formatura e a saudação foram inspiradas nos aspectos positivos do seu uso pelos militares: marco de identidade, construção do espírito de corpo, indiferenciação de classe social, marcos das conquistas do jovem, facilidade de observar e verificar as presenças, e uma evocação dos cavaleiros andantes ao levantarem a viseira do elmo para serem identificados.

homem que viu e viveu a guerra e quis aproveitar essa experiência na construção da paz.

Mais de cem anos depois, do conforto de uma poltrona, alguém poderia considerar que Baden-Powell foi um “opressor” ou “repressor” dos nativos. Ele era militar, cumprindo ordens dentro dos limites da legalidade; como integrante do “aparato repressor do Estado”, cabia-lhe manter a ordem nas regiões sob administração britânica e proteger os súditos que se mantivessem na observância da lei.

O serviço nas colônias foi benéfico a B-P de várias formas. Primeiro, porque era mais compatível com seu bolso; ele não teria como custear a cara vida de oficial do Exército na metrópole (uniformes, eventos sociais, etc.). Segundo, ajudou-o a desenvolver a aptidão e resistência físicas, bem como o olhar atento, a coragem e a astúcia que lhe seriam vitais em situações de combate. Terceiro, propiciou-lhe apreciar belas paisagens naturais. E finalmente, permitiu-lhe contato direto com uma enorme variedade de tipos humanos, culturas e concepções espirituais, o que bem pode ter sido o primeiro passo para a noção de “universalidade” do Escotismo, a mostrar que o “outro” não é necessariamente uma ameaça: pode ser um auxiliar para enxergarmos além das velhas verdades.

São lições ainda válidas, que nos são trazidas pelas lembranças indianas do “Toalha de Banho”. Saibamos aproveitá-las.

OBRAS COMPLEMENTARES

BADEN-POWELL, Robert Stephenson Smyth. **Lições da escola da vida**. Curitiba: Editora Escoteira, 2009.

_____. **Escotismo para rapazes**. Curitiba: Editora Escoteira, 2006.

_____. **The Matabele campaign, 1896**. London: Methuen & Co., 1897 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

_____. **The Downfall of Prempeh**. London: Methuen & Co., 1900 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

_____. **The adventures of a spy**. London: C. Arthur Pearson Ltd., 1924 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

_____. **Aids to Scouting for NCOs and Men**, revised and enlarged edition. London: Gale & Polden, 1915 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

_____. **Adventures and accidents**. London: Methuen & Co., 1934 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

_____. **Cavalry Instruction**. London: Harrison & Sons, 1885 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

SAUNDERS, Hilary St. George. **The left handshake: the Boy Scout Movement during the war, 1939-1945**. London: Collins St. James's Place, 1949 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

DAVID, Saul. **Military blunders: the how and why of military failure**. New York: Carroll & Graf Publishers, 1998.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

KNIGHTLEY, Phillip. **A primeira vítima: o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Criméia ao Vietnã**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

REYNOLDS, E. E. **Our Founder**, Patrol Books n° 19. London: Boy Scouts Association, 1960.

WADE, Eileen Kirkpatrick. **The Chief: the life story of Robert Baden-Powell**. London: Wolfe Publishing Ltd., 1975 (edição revisada) (capturado em www.thedump.scoutscan.com).